Eurico Santos
DA
EMA
AO
BEIJA - FLOR
F. BRIGUIET & C^IA EDITORES
cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

Da Ema ao Beija-Flor

Obras do mesmo autor

"VIDA DOS CAMPOS" — Vol. I — Rio — 1931.

"VIDA DOS CAMPOS" — Vol. II — Rio — 1932.

"NOSSAS FRUTEIRAS" — Ch. e Quintais" — São Paulo — 1932.

"O FRUTICULTOR MODERNO" — "Ch. e Quintais" — São Paulo — 1932.

"INIMIGOS E DOENÇAS DAS FRUTEIRAS" — "O Campo" — Rio — 1932.

"O QUE TODO O CRIADOR DEVE SABER" — Ed. Moderna — Rio — 1934.

"MANUAL DO AMADOR DE CÃES" — 2.ª Ed., 512 pgs. il. — F. Briguiet & Cia. — Rio — 1935.

"DICIONÁRIO DE AVICULTURA E ORNITOTECNIA" — "O Campo" — Vol. I — 448 pgs. il. — Rio, 1937 — Vol. II — 340 pgs., 1938.

EM PREPARO:

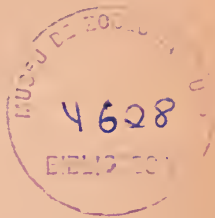
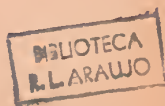
"OS PÁSSAROS DO BRASIL" — (Vida e Costumes) — F. Briguiet & Cia.

EURICO SANTOS

Do "Club Zoológico", da "Sociedad Ornitológica del Plata", da "Soc. Nac. de Agricultura", da "Soc. Bras. de Avicultura", da "Soc. Entomológica Brasileira", etc., etc.

Da Ema ao Beija-Flor

(Vida e costumes das aves do Brasil)

Desenhos de
MARIAN COLONNA

1938

F. BRIGUIET & CIA. — Editores
Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro

PREFÁCIO

Cada vez que abrires um livro, sempre aí encontrarás algo que aprender. (Inscrição da Biblioteca do Palácio Imperial de Pequim).

E' preciso estudar o Brasil, com seus encantos e as suas tristezas, para amá-lo concientemente; estudar a terra, os animais, a gente do Brasil.

Roquette Pinto.

Na distribuição geral das aves pela face da terra, ficou o Brasil com a parte do leão.

Das 7.220 espécies de aves que Sclater diz existirem no Globo, possue o nosso país 1.600 espécies, em números redondos.

Se quisesse esclarecer mais êsse aspecto, diria que, por exemplo, Portugal possue 310 espécies, a Alemanha 420, os Estados Unidos 760 e a nossa vizinha Argentina, 877.

Os algarismos atestam-nos riqueza incontestável.

Mas que sabemos nós da vida e costumes de tão copiosa multidão de formas e inumeráveis indivíduos?

O pouco, o pouquíssimo, relativamente, que nos contou Goeldi na sua inestimável e esgotada obra "Aves do Brasil" e as escassas informações de mais dois ou três divulgadores.

Tudo mais que se tem escrito no Brasil sôbre aves pertence á ornitologia pròpriamente dita, à sistemática.

Neste particular citarei, em primeiro lugar, entre os modernos, H. von Ihering e R. von Ihering, Emilia Snethlage, Alípio de Miranda Ribeiro e, mais recentemente, Olivério Pinto, que são os mestres incontestáveis da ornitologia brasileira.

Mas essa obra de sábios, tão louvável e valiosa, não se destina ao público em geral.

E' indispensável que entre aqueles sábios e o público se encontre um intermediário, que é o divulgador, gente ainda escassa e pouco estimada entre nós.

Pensei tentar a tarefa e escreví, como ensaio, **"Da ema ao beija-flor"**, ensaio que encontrou nos srs. F. Briguiet & Cia. editores entusiastas e carinhosos.

Há quem desadore histórias de bichos, receosos, talvez, de certos confrontos... Outros julgam-se ainda de origem divina e destarte crêem que um abismo separa os homens dos outros animais, quando, na realidade, não há entre êles senão, como diz Remy de Gourmont, **"un tout pettit ruisseau qu'enjamberait un enfant"**.

Não é para aqueles que escrevo, mas para os que amam a Natureza, lhe sentem os encantos e, como S. Francisco de Assis, conversam a irmã andorinha, o irmão lobo, na linguagem universal da bondade — um esperanto que seria capaz de fazer até com os próprios homens que se entendessem.

Pudesse eu contagiar aos meus leitores a admiração pelas aves, o interêsse pelos seus costumes e o respeito pelas suas vidas, tão sagradas quanto as nossas, e teria conseguido o principal desejo que me guiou, ao escrever êsse livro.

Procurei, quanto pude, tornar o assunto ameno, como convém a ésse gênero de divulgação, e é claro que não poderia aludir a todas as formas vivas que existem entre a ema gigantesca e o minúsculo beija-flor. Tratei do que me pareceu de maior interêsse, e a tal propósito posso valer-me de excusa semelhante ã que já fazia aquele pitoresco Pero de Magalhães Gandavo, na sua "História da Província de Santa Cruz":

"Doutras infinitas aves que há nestas partes, a que a natureza vestiu de muitas e mui finas côres, pudera também aquí fazer menção, mas como meu intento principal não foi na presente história senão ser breve e fugir de cousas em que pudesse ser notado de prolixo dos poucos curiosos, quís sómente particularizar estas mais notáveis e passar com silêncio por todas as outras, de que se deve fazer menos caso".

Tratando das aves que entre a ema e o beija-flor se encontram ordenadas pela classificação dos ornitologistas, terei de ocupar-me em seguida de toda uma ordem, tão interessante como numerosa — a dos passeriformes, os pássaros pròpriamente ditos.

A ordem é rica e não são poucos os pássaros, motivo pelo qual lhe será dedicado inteiramente um volume em elaboração intitulado: **"Pássaros do Brasil"**.

EURICO SANTOS.

I

A EMA

"Há emas tão grandes como as da África, umas brancas e outras malhadas de negro, que, sem voarem do chão, com uma asa levantada ao alto a modo de vela latina, correm com o vento como caravelas e, contudo, as tomam os índios a cosso nas campinas".

Frei Vicente do Salvador.

A ema, *Rhea americana*, a mais gigantesca das aves do continente americano, prima irmã do avestruz da África, pertence a um grupinho insignificante no conjunto da aviária, grupinho que não conta senão uma vintena de espécies.

Êsse grupelho de aves, de um tipo primitivo, ora em regressão, apresenta como característico principal um esterno sem quilha (1).

Tal caráter por si só as singulariza e insula da enorme classe das aves que possuem um esterno sempre provido de quilha.

A primeira grande divisão das aves origina-se desta particularidade.

Os ornitologistas dividem a classe das aves em duas sub-classes:

a) Aves de esterno sem quilha.

b) Aves de esterno com quilha.

No primeiro grupo estão o avestruz, a ema, casuar, o emêu e o quiví e, no segundo, toda a multidão de aves existentes, que são avaliadas em mais de 8.000 espécies (7.220 calculava Sclater). Certos ornitologistas, levando em conta as sub-espécies, calculam em 20.000 o total das aves do Globo.

Essa primeira e insignificante sub-classe recebeu a designação científica de *ratitas*, e a segunda, a de *carinatas*.

---

(1) Pelo osso do esterno das aves corre, longitudinalmente, uma como saliência mais ou menos resistente, que se denomina quilha, carena ou titela.

Em outras afastadas eras, em períodos geológicos distantes, êsse grupo era mais numeroso, como atestam os fósseis e subfósseis encontrados.

São, pois, aves todas, exceto o quivi, de grande estatura, e que, além da ausência de quilha esternal, possuem asas rudimentares incapazes de realizar o voo, funcionando apenas como balancins por ocasião das suas correrias zigzagueantes.

Os *ratitas* estão divididos em quatro ordens; delas, porém, só nos interessa a dos reiformes, na qual estão colocadas as emas.

Desta ordem existem duas famílias, com três espécies, ocorrendo uma só no Brasil: *Rhea americana*.

No Brasil é conhecida também com o nome de nhandú, e Marcgrav deu-lhe a designação de nhandùguaçú, naturalmente pelo seu avultado porte.

Posto que se aparente com o avestruz, *Struthio cametus*, L, dêste se distingue, não sòmente pelo tamanho, mas, o que é muito importante no ponto de vista zoológico, por possuir 3 dedos, enquanto aquele apenas possue 2.

Nhandú, seg. Batista Caetano, vem de *nhã* = correr + *tu* = estrepitante ou *nhã* = correr + *ub* = perna; a corredora, a que corre.

O aspecto exterior do nhandú é bem característico. O corpo é ovóide, e cônica a região posterior.

Quando desenvolvem a corrida, chegam a causar admiração pela agilidade e suas muito típicas cabriolas.

Os araucanos ainda hoje, em certas danças, arremedam os movimentos característicos do nhandú (2).

Observando juntos, macho e fêmea, é fácil extremar aquele, já pêla corpulência, já por ser um tanto mais carregada a côr negra, que por sua vez se apresenta em maior extensão pelas espáduas e pela parte posterior do corpo, o qual, aliás, é mais ponteagudo que o da fêmea.

As penas da garupa e do ventre são brancas; as de maiores dimensões, as das asas, em número de 130 a 140, para cada asa, são brancas, desde a parte em que nascem, até a metade, aproximadamente, sendo cinza escuro o restante e de comprimento de 60 cents., as maiores.

A direção destas penas é para cima e para trás.

As bárbulas das penas sem coesão entre si, inapropriadas para o voo, apresentam uma aparência filamentosa, sêca e suave. Quando o nhandú levanta as asas, deixa descoberta a garupa, tapizada de plumas brancas. Os casos de albinismo são freqüen-

---

(2) C. TESCHAUER — "Avifauna e flora nos costumes, superstições, lendas brasileiras e americanas" — P. Alegre — 1925.

EMA (*Rhea americana*)

tes, quer dizer que se encontram indivíduos inteiramente brancos, como já notára frei Vicente do Salvador.

Há, na mandíbula superior, uma espécie de dentes, em número de cinco, e três na mandíbula inferior.

O pêso de um indivíduo adulto oscila entre 26 a 36 quilos.

A disposição dos olhos e a depressão posterior da órbita permitem que êste animal veja para trás, facilitando-lhe assim a fuga, quando perseguido.

Vê nitidamente durante o dia, mas, na obscuridade, enxerga muito pouco.

Seu olfato não parece bem desenvolvido e de seu paladar outro tanto se pode dizer, pois ingere as mais estranhas substâncias, como seu irmão, o avestruz (3).

Costumes — Em estado silvestre, o nhandú vive em bandos, compostos de várias fêmeas, não passando de oito, capitaneadas por um só macho.

Quando outro macho surge no bando, trava-se entre êles uma tremenda luta, que termina pela morte ou fuga de um dos contendores.

A época dos amores começa em agosto, quando iniciam a confecção dos ninhos.

As fêmeas principiam a postura em agosto, pondo todas em um mesmo ninho.

Esse fato é bem do domínio da observação popular.

Num desafio de trovadores nordestinos, nesses batebocas poéticos, de repentistas sertanejos, aparecem estas duas quadrinhas:

Vou-lhe fazer uma pergunta,
Seu cabeça de urupema
Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema.

— Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só:
Põe a mãe e põe a filha
Põe a neta e põe a avó.

Chega-se a encontrar 40 ovos em um só ninho e até mais. Em domesticidade tem-se tido ensejo de verificar que cada fêmea põe 40 ovos; um ovo cada dois dias. Os ovos, que são gran-

(3) A essa particularidade se referira já, na "Imagem da Vida Cristã", Fr. HEITOR PINTO: "E assim como as emas, nam há ferro por duro que seja, que não digistão, assi os grandes sabios, nam ha tribulaçam por dura que seja que não esmoão..."

des, chegam a medir 145mm. × 80mm. e pesam 700 grs. em média. No estado silvestre, antes de fazer o ninho, põem isoladamente, aquí e alí. A êstes ovos, assim espalhados, dão o nome de *guachos* (4).

Abandonados êstes ovos e expostos às intempéries, se decompõem e, no devido tempo, o nhandú os quebra, atraíndo então grande quantidade de moscas, cujas larvas vão servir de alimento aos recém-nascidos nhanduzinhos.

Os filhotes são nidifugos; nascem cobertos de penas, revelando-se já exímios corredores. Ao fim de 2 semanas, êsse pinto já mede 1/2 metro de altura e corre mais velozmente que qualquer campeão de corrida a pé.

Incubação e criação natural — Da tarefa de chocar os ovos se encarrega o macho, que desde o início toma conta da postura, acondicionando melhor que pode o ninho e neste afã se revela muito circunspecto e extremamente cioso, não permitindo que ninguém se aproxime da localidade em que o mesmo se acha instalado (5). Quando acaso, na ausência da ave, às ocultas, se mexe nos ovos, por mais que se dissimule, o nhandú o percebe e desfaz o ninho a patadas (6).

Êste gesto não deve ser interpretado como uma manifestação da índole irascível da ave, mas como uma advertência de seu instinto de conservação, pois, vendo descoberto o ninho por

---

(4) Guacho se diz, no R. G. do Sul, do animal que não tem mãe, órfão e, assim, analògicamente, dos ovos abandonados. Quem acha, no campo, um ovo guacho, guarda-o em casa como talismã: atrái felicidade.

(5) O povo crê que o nhandú choca os ovos com os olhos. Crença igual corre entre coptas e arabes, em referência ao avestruz.

(6) BREHM nega isso e diz que se póde até retirar ovos, sem que o nhandú abandone a incubação. Há, entretanto, muitas observações que confirmam o abandono do ninho, logo que êle é tocado. O povo, novelista de desenfreada imaginação, crê até que um simples olhar para os ovos basta para que o nhandú abandone a ninhada, salvo se fizer uma "simpatia" que consiste em juntar em um nó três cerdas da cauda dum cavalo, ou outros não menos poderosos sortilégios. Os três nós devem ter relação com as três bolas dos "boleadores". Se essas imobilizam o nhandú na corrida, igualmente lhe hão de pear as pernas, para não destruir o ninho.

Mítica igualmente é a origem das "boleadoras". Elas vêm do tempo em que Deus e o Diabo andavam ás turras. Após o Demo se transformar em auimais diversos, e Deus, noutros tantos que o combatiam, acudiu a Satanás a artimanha de se transformar em veado (vejam só a quanto se arriscou o arcanjo das trevas) Deus, arreliado com essas diabruras, levantou os olhos para o céu e lá iam surgindo virginais e luminosas as Três-Marias.

Chamou-as e atando-as num pêlo de suas barbas, arremessou-as trás o velocíssimo veado, que, vencido, interrompeu a carreira. Foi assim que se inventaram as "boleadoras".

um inimigo misterioso, julga que êle surgirá a qualquer momento e o matará.

O instinto de conservação fala mais alto que o da reprodução.

O bando de fêmeas abandona o macho nas lides da incubação e logo outro macho o substitue. A duração da incubação é de 42 dias.

Nos primeiros dias, os pintos são amarelos com rajas negras.

Êstes pintos, a que os argentinos dão o nome particular de "charabón", são perseguidos por muitos inimigos naturais, entre êles os cachorros do mato, gaviões, etc.

Certos cachorros do mato, com aquela astúcia da sua parenta raposa, preparam surprêsas e, de improviso, surgem detrás de moitas e lá lhes cai nas garras um inocentinho, cuja carne tenra deve ser um manjar delicioso para aqueles carnívoros.

Quando o macho consegue descobrir em tocaia um dêstes criminosos, sai-lhe no encalço e pespega-lhe tal surra, de patadas, bicoradas e unhadas, que o malogrado se põe em fuga.

Os lagartos, que são grandes apreciadores de ovos, costumam visitar os ninhos e, quebrando os ovos com a cauda, regalam-se com o seu conteúdo.

Também com estes salteadores da prole ainda embrionária, trava o nhandú renhidas pelejas, de que sai vencedor.

Quando se defrontam dois bandos de "charabones" pageados, cada qual, por um macho, irrompe logo uma luta entre ês-tes exemplares chefes de família.

Enquanto a pintalhada tranzida se oculta na macega, os belicosos papás digladiam-se, sempre por amor à família, pois em ambos os lutadores arde o desejo de um só se desvelar pelo bando inteiro dos infantes.

E assim é, pois o vencedor reune os dois lotes de nhanduzinhos, que seguem pelo campo fora sob o olhar paternal e carinhoso do papai vencedor.

Criação em domesticidade — A exemplo do que se faz com o avestruz, bem se poderia criar nhandús em domesticidade, pois estas aves além de fornecerem plumas, ovos, pepsina, são muito ornamentais em parques e muito úteis no campo, onde devoram um sem-número de animais daninhos. O nhandú, infelizmente, não é ofiófago, como se supunha.

Neiva e Belisário Pena, que tiveram o ensejo de examinar o tubo digestivo de muitas destas aves, jámais encontraram cobras. (Mem. Inst. Osvaldo Cruz, fec. III — 1916).

A propósito de animais ofiófagos, registe-se, de passagem, que afora a mussurana, o cangambá e o acauã (gavião) na nossa fauna, todos os outros não devoram cobras venenosas. Vital Brasil diz que a siriema e o jaburú, o pavão e certos gaviões só comem cobras não venenosas. R. Gliesch observou uma aranha caranguejeira carregando um filhote de cobra.

Por motivo da exploração das penas, utilizadas especialmente na confecção de espanadores, o nhandú tem sido muito perseguido, quer no Brasil, quer na Argentina. Nos campos gerais do amplo vale de S. Francisco êles são tenazmente perseguidos (7).

Na Argentina, dizia Oudot, a desaparição desta ave está próxima, se não tomarem providência para impedi-lo; eram abatidas anualmente 200 a 300 mil.

No Brasil esta ave está escasseando, e no Paraguai, declara um naturalista, havia enormes zonas por elas habitadas, especialmente nas campinas regadas pelo Paraguai, mas a caça dizimou um número descomunal.

A caça do nhandú é, no R. G. do Sul e na Argentina, feita por meio de "boleadoras", que é um laço com bolas nas pontas.

O caçador, a cavalo, persegue êsse grande corredor e, uma vez lhe chegue próximo, lança a "boleadora", que, ao se enredar nas patas da ave, a imobiliza.

Na França já se pensou na aclimação do nhandú e tentou-a um certo Dubreuil, que o considerava uma ave decorativa.

Adquiriu uma dúzia de nhandús adultos, seis dos quais confiou a três fazendeiros normandos, a fim de os juntar aos seus rebanhos de carneiros.

Mas, apesar de tudo, a princípio nenhum dêsses homens quis tomar a sério a experiência, o que fez desanimar o dito senhor.

Em parte, tal insucesso foi motivado pelo seguinte fato:

Um dos fazendeiros sempre consentiu em tentar a experiência e levou dois nhandús, que juntou a um rebanho de cabras. Quando os dois se viram em liberdade, num prado imenso, começaram a correr, a dar voltas, numa dança terrivel. As cabras, assustadas, derrubaram a estacaria que as rodeava e fugiram em debandada. Algumas quebraram até as pernas, atemorizadas ao verem essas enormes aves brancas, aos pulos, a seu lado.

Escusado será dizer que o fazendeiro tratou logo de devolver os irrequietos nhandús ao seu amigo.

---

(7) "O Vale do S. Francisco", L. F. DE MORAES REGO — Rev. do Museu Paulista, t. XX, p. 690.

Convém recordar que Isidoro Geoffroy de Saint'Hilaire, em 1885, lembrava, na Soc. Nat. de Acclimatation de France, a criação do nhandú, cuja carne preconizava como alimento.

O sábio, naturalmente, não havia ainda provado tal carne, que não é utilizada senão raramente, na falta de cousas mais comíveis.

LENDAS

Certas nações ameríndias votavam simpatia aos nhandús. Os calchaquis, que habitavam larga zona ocidental da Argentina, perpetuaram na cerâmica uma infinidade de aspectos da vida dessas aves, desde as piruetas e cabriolas dos dias felizes, até as fugas desabaladas, os passos de capoeiragem, com que procuram defender-se dos perseguidores.

Ceramistas insignes, os calchaquis deixaram, em esboços admiráveis, que hoje ornam as paredes do Museu da cidade de Plata, toda a movimentada coreografia dos nhandús.

Pode dizer-se, escreve C. Teschauer (8), "que aqueles desenhos são fiéis reproduções dos costumes do nhandú, ora agitando as asas, ora enfunando a plumagem, ora virando a cabeça, dançando, imitando um grande novelo a correr como se quisesse reproduzir uma nuvem voando".

Os bororós também lhe apreciavam os hábitos e o estimavam tanto, que o colocaram entre os luzeiros do céu. Para êles, o cruzeiro simboliza o nhandú e as estrelas que se espalham em derredor são a matilha de cães que o persegue.

Curioso é registrar uma lenda oriunda dos íncolas de certa região da Argentina, lenda que mais não é que uma variante da do nosso muito conhecido mito do veado e do jaboti.

E' contada a história mais ou menos assim:

Encontram-se um dia, por acaso, o sapo e o surí (9).

Trocados os cumprimentos, o surí perguntou ao sapo se já tinha observado a velocidade de sua corrida.

O sapo desdenhoso, disse que sim, mas que, não obstante, era capaz de vencê-lo na corrida.

— Quem, você! Eu não corro, amigo, eu quasi voo.

— Ainda assim, não custa experimentar, volveu o sapo.

— Mas compadre, você saltando, com as suas perninhas, e eu correndo com essas pernaças e, ainda ajudado pelas minhas asas, não vê logo...

(8) Ob. cit.

(9) Designação quinchua do nhandú. Também tenho visto grafado churí e xurí.

— Não importa. Eu te ganharei na corrida, insistia o sapo.

— Aposta?

— Sim, todas as minhas jóias.

— Aceito, mas é um roubo que vou praticar.

Escolheram, então, um campo grande, muito próprio para corridas, e uma combuca para marcar a meta vencedora.

O sapo, muito astucioso, foi avisar os seus da aposta e, reünindo companheiros que se lhe assemelhavam, postou-os ao longo da pista e lá na meta vencedora, escondido na combuca, o mais vivo e o mais parecido.

O surí parte voando e vê, assombrado, por onde passa, um sapo saltando ao seu lado.

Eram os companheiros que estavam a postos, pelo caminho, para tapear o surí, durante a corrida.

Ao chegar ao poste vencedor, já lá encontra o sapo, que lhe grita de dentro da combuca.

— Alto! Cheguei primeiro.

E assim o surí foi enganado.

Sendo o nhandú uma ave de grande vulto e não pequenos préstimos, familiar aos íncolas de toda região sul-americana, natural é que figure em muitas de suas lendas.

E assim ainda registraremos mais essas:

Era o império dos incas um modêlo de govêrno; não se conhecia nem o dinheiro, nem o roubo e nem a mentira.

Como o império era vasto, inventaram o correio. Postilhões cruzavam as infinitas planuras da terra americana e percorriam os alcantilados precipícios dos Andes, transportando notícias dum a outro extremo do país.

Chegaram os europeus civilizadores e, suspeitando que os postilhões, que cruzavam a grande terra, fôssem portadores dos segredos dos tesouros escondidos, com tormentos queriam arrancar-lhes as reveladoras confissões. Para escaparem a êsses suplícios, os postilhões transformaram-se em nhandús, e até hoje, embalados nos sonhos dos tempos antigos, continuam correndo, na ilusão de que são ainda portadores de ordens ou notícias.

Acreditam também os guaranis num nhandú fantástico, vermelho, todo de fogo, o nhandú tatá, guardião dos tesouros naturais que o solo encerra.

Êsse ser mítico, por vezes, espaneja-se e, então, vêem-se, claramente, chamas rápidas e dançantes. Parece que a crença nasceu de fenômenos ígneos da matéria em decomposição, o fogo-fátuo.

* * *

O outro nhandú, (*Pterocnemia pennata pennata = Rhea Darwini Gould*), não ocorre no Brasil e sim na Argentina, Bolívia, Paraguai e Patagônia, onde é conhecido por avestruz petiça, nhandú pequeno.

Não é do plano desta obra tratar da avifauna exótica, mas julgamos interessante transcrever um trecho de Darwin a propósito dêste pequeno nhandú.

"Esta espécie é muito rara nas planícies vizinhas ao Rio Negro, porém abunda mais para o sul. Durante minha visita a Puerto Deseado, na Patagônia (lat. 48°), mister Martens matou uma fêmea de nhandú.

Examinei-a e cheguei à conclusão de que era um nhandú comum que se não havia desenvolvido por completo. Cousa muito estranha: não me ocorreu a idéia das "avestruces petizas" (10).

Fiz cozinhar a ave e a comemos antes de isso me vir á memória. Felizmente se havia conservado a cabeça, o pescoço e as patas, as asas e a maior parte das penas grandes e a pele.

Pude, portanto, reconstruir um exemplar quási perfeito, o qual hoje se acha no Museu da Sociedade Zoológica.

Gould, ao descrever essa nova espécie, fez-me a honra de lhe dar meu nome" (11).

---

(10) DARWIN alude que frequentemente os gaúchos lhe falavam duma ave muito rara, á qual chamavam "avestruz petiza".

(11) D'ORBIGNY, anteriormente, 1835, havia descrito a especie sob o nome **Pterocnemia pennata**. **Pterocnemia**, quer dizer, que tem canelas (tarsos), emplumados.

II

MACUCOS, INHAMBÚS, CODORNAS E PERDIZES

"Sus costumbres de vida y su reproducción ofrecen un campo interesante para el biologo. Para la Zootecnia presentan el problema de su domesticación y de una posible selección hasta transformarlas en una fuente de riqueza natural"

Jose Liebermann.

Grupo de aves próximo a desaparecer, se a domesticação não intervier para prolongár-lhe a existência.

Max Furbringer.

Os macucos, inhambús, codornas, perdizes, jaós e seus afins, outrora incluidos na ordem dos galináceos, constituem um grugo singularíssimo e não muito numeroso de aves exclusivamente neotropicais, denominado tinamiformes (12). Êsse grupo de aves, tão eminentemente americanas, oferece, como diz J. Liebermann, grande campo de observação e estudo, quer para o biólogo, quer para o zootecnista.

O autor citado, em notável estudo (13), informa que os tinamiformes "apresentam uma evolução regressiva, para uma fórma aberrante de aves, intensamente terrícola, com perda gradual da capacidade do voo".

Assinalou, outrossim, seu parentesco com as pequenas formas fósseis de *Stereornithes*, do tamanho das galinhas atuais,

---

(12) Assim se chamou a essa ordem pela latinização do nome das aves que os ameríndios, das Guianas, denominavam **inambú**. A latinização do nome tinamú, em **tinamus**, foi feita por HERMANN em 1783. ILLIGER havia dado o nome de **crypturus** a esse grupo, baseado num caráter natural das penas da cauda, que são curtas ou ausentes. E', realmente, lamentável que não prevalecesse tal designação, que já em parte retratava um dos caractéres mais ostensivos do grupo.

(13) **"Monografia de las tinamiformes argentinas y el problema de su domesticación"** -- Buenos Aires, 1936.

com asas curtas e inúteis para o voo. Isto somado a tantos outros caracteres de grupos diversos, como dos galiformes, raliformes e até apteriformes e reiformes, leva aquele autor a concluir que são formas ecléticas, primitivas e plásticas, de verdadeira transição e cuja posição na sistemática até o presente não se acha bem esclarecida.

Os caracteres mais ostensivos dos tinamiformes são: cabeça pequena, uropígio em via de desaparição total; falta de retrizes caudais, ou muito curtas quando existentes; bico ora reto, ora um tanto curvo e até muito curvo, com fossas nasais de localização diversa, consoante o gênero; fêmur parecido com o dos galináceos; esterno de raliformes; patas gralárias, ambulatórias, tarsos fortes, ora em placas exagonais, ora reticuladas, geralmente escuteladas na face anterior e reticulada na posterior, que pode ser lisa ou rugosa. Dedos, três ou quatro, longos e fortes, na maioria das espécies. O quarto, o hálux, é rudimentar em algumas espécies do gênero *Nothoprocta*, (que aliás não ocorre entre nós) e bem desenvolvido noutras.

Asas curtas e arredondadas no ápex; 10 primárias e 13 a 16 secundárias. As coberteiras caudais quási sempre recobrem as retrizes. Carne branca, como a das galinhas e mais saborosa que a destas. Côr geral, aperdizada, algo pedrês, leonada, com tinta negra, cinza, amarela, creme. Em algumas espécies é bem característico o azul escuro.

Manifesta-se em tais aves o mais evidente mimetismo defensivo, quer dizer que tomam uma coloração bem semelhante ao meio.

A faculdade mimética vai a ponto de, nas espécies que o macho incuba, a fêmea apresentar a coloração mais brilhante, sendo a do macho mais fosca.

Os tinamiformes acham-se espalhados por toda a região neotropical, mas a distribuição geográfica de cada espécie está limitada a determinadas zonas, como veremos ao tratar da descrição das espécies.

De 73 espécies hoje conhecidas 24 pertencem ao Brasil, distribuidas em 2 sub-famílias e 7 gêneros, seg. Alipio de Miranda.

Mas, enquanto os naturalistas desatinam, como anteriormente verificámos, em relação à classificação dêste grupo de aves, em que se confundem e mesclam caracteristicos de grupos vários e dissímeis como postos alí pelo gênio criador das espécies, no intuito de se divertir à custa dos pesquisadores da natureza, os epicuristas unánimes concordam em que macucos, nhambús, perdizes e seus afins vieram ao mundo para deliciar o paladar dos gastrônomos.

Nada iguala a um macuco preparado à francesa, dizia-me um velho amigo que, apesar das boas pançadas em que se meteu por êsse mundo, alcançou uma invejável idade, sem graves vexames por parte das vísceras menos nobres do organismo.

Se a gula é, como assevera a Igreja, um pecado, não me agradaria estar na pele daquele refinado amador de iguarias, mas, lá diz o Eclesiastes, na sua iluminada sabedoria. "Nada há de melhor sob o sol, para o homem, que comer, beber e gozar. Vai, pois, come teu pão com prazer e bebe teu vinho alegremente, que Deus já tem tuas obras por agradáveis".

Escudado em tal texto e sabendo comer com arte, adorando a cozinha francesa, a qual estava, em Roma, ainda em odor de santidade conforme sentenciava Pio IX (14), talvez que aquele "gourmet" se tenha havido menos mal na liquidação de seus pecadilhos.

Voltando às considerações anteriores, verificamos que, descoberto o valor culinário destas aves, estava-lhe decretado o extermínio.

O homem, caçando para se alimentar, jámais pôde acabar com uma espécie; quando, porém, o comércio, acenando com o interêsse do lucro, escolhe, na natureza, um "artigo" para suas transações e êsse recai numa espécie animal ou vegetal, deve-se-lhe recear a destruïção.

E assim foi. O interêsse humano declarou a mais desumana das guerras que já se moveram a um grupo de inofensivas criaturas. Da Argentina chegou a se exportar para os Estados Unidos, num curto período, 300.000 peças dessa caça (15).

O ornitologista Dabbene, que via, angustiado, tal devastação, conseguiu, com auxílio de outro colega norte-americano, o ilustre Chapman, a proïbição, por parte dos Estados Unidos, da importação dessas aves.

No Brasil, a caça, embora ainda não tão intensa, já tem pôsto em cheque a existência dêsse grupo de aves.

O nosso Código de Caça e Pesca, recentemente divulgado (Dec. 23.672, de 2 de janeiro de 1934) ainda não deu fruto e dificilmente o dará, na vastidão do nosso território, escassamente populado.

Os caçadores parecem endossar aquela velha frase, "depois de mim o dilúvio", pois usam as mais reprováveis práticas.

---

(14) "L'Art de Manger et son histoire" — MAURICE DES OMBIAUX — pg. 32 — Paris, 1928.

(15) J. LIEBERMANN — Ob. citada.

Ainda não faz muito, um graduado caçador (16). um alto personagem no mundo do tiro ao voo, escrevia: "Além do perseguidor humano, a codorna e a perdiz contam ainda com inúmeros inimigos, os animais daninhos e as aves de rapina, e constitue obrigação a qualquer caçador conciente mover-lhes uma guerra sem trégua. A raposa, o lobo, os gaviões de toda a espécie, os caborés, as emas, as seriemas, etc. devastam, de maneira assombrosa, os nossos campos e não se devem poupar cartuchos com *bandidos* dêsse quilate, todo tiro empregado em semelhantes *parasitas* salva a vida a incalculável número de codornas e perdizes".

Ora, por aí se vê o egoísmo do caçador.

Chora lágrimas de crocodilo, porque a seriema pilha alguns ovos das codornas ou lhes papa um pintaínho para viver.

Por êsse ato natural do granjeio da vida, merece que lhe chamem bandido e se implore o extermínio da espécie.

E que se dirá dum cidadão, já dispéptico de tanto comer, ocioso e "blasé", que se mete mato a dentro, armado até os dentes, e que num só dia mata mais caça que uma seriema durante toda a vida?

Êsse ser, quasi humano, não vai matar uma perdiz ou um jaó para a sua panela, o que seria natural, mas vai satisfazer um capricho esportivo, vai mostrar que é "ás" do tiro, o que não obsta a que se lhe enquadre melhor o título de "ás" da maldade. E não satisfeito de caçar perdizes, codornas e nhambús, recebe o conselho dum maioral da arte, para que não poupe tiro contra os "bandidos" dos caborés, dos gaviões, das emas e seriemas.

Assim, além de devastar a caça principal, visada por seu capricho, vai deixando sem vida, estirado pelo campo, por vezes ainda em torturante agonia, dezenas de outros animais pacíficos que pódem prejudicar a sua reserva de caça.

Não obstante as leis de caça e dado o valor destas aves, tem-se pensado não só em protegê-las, mas também em criá-las em domesticidade.

Os ameríndios do sul do continente, segundo Azara, criavam nhambús, prática que êsse mesmo autor testemunhou existir entre os primitivos colonos espanhóis.

Não fica sem registro o fato de europeus tentarem a aclimação dessas aves em suas reservas de caça, no velho mundo, tentativa que logrou êxito encontrando-se essas aves americanas em diversos países da Europa Central.

(16). BERNARDO JOSE' DE CASTRO — "Tiro ao Vôo", p. 229.

Vivem hoje em liberdade e reproduzem-se perfeitamente, informa J. Liebermann, na Alemanha, França, Bélgica, Galícia, Morávia e Holanda e, acrescenta o mesmo autor: "não há parque de caça de certa importância que não as tenha".

Ao tratarmos das principais espécies, aludiremos à sua criação e alimentação.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

MACUCO — Com este nome rotúlam-se cinco espécies de tinamídeos, sendo que sòmente uma espécie, *Tinamus solitarius,* ocorre da Baía ao Rio Grande do Sul, indo até Paraguái e Argentina, as outras encontram-se no Norte.

Fig. 1 — Macuco (Tinamus solitarius)

Essa espécie, que tem o tamanho de uma galinha, mede 48 a 50 cents. de comprimento e 26 cents. de asa; é de côr bruno avermelhada na parte dorsal, com manchas transversais negras.

A cabeça, em cima, é bruna, com manchinhas claras. Ao lado do pescoço, de cada banda, correm estrias amareladas. O lado inferior é cinzento amarelado, com faixas escuras na barriga e estrias longitudinais amarelentas nas coberteiras inferiores da cauda.

Peito e ventre, pardo acinzentado, com ondulações transversais de um amarelo ferugíneo. As rêmiges são negras, cauda curta, arredondada, embora relativamente desenvolvida, com as retrizes um pouco mais longas que as coberteiras. O bico negro, claro lateralmente.

Habita as matas, vivendo no chão, no granjeio da vida, alimentando-se de folhas, frutos e insetos. Gosta muito de laranjas e suas sementes, e aprecia os grãos de milho e trigo, de forma tal que, por vezes, molesta plantações, escavando a terra em busca do grão recém-plantado.

À noite, levanta voo, com rumor, e empoleira-se para dormir ao abrigo de possíveis inimigos. Êsse costume torna-o singular entre os demais tinamiformes, todos êles terrícolas.

O pio do macuco consta de uma simples nota prolongada e, muito raramente, solta dois pios seguidos, mas, quando se recolhe, à tarde, no seu poleiro para o sono noturno, emite três notas e, após essa despedida, emudece, despreocupa-se de tudo, e o caçador pode, então, desreceoso, aproximar-se dêle, sem maiores precauções.

Pelo correr da noite, costuma-se ouvir, raramente, um pio insulado do macuco. Dizem os homens do campo que a ave está sonhando e isto por vezes lhe revela o pouso.

Seu ninho é uma escavação muito rudimentar, feita no solo, onde a fêmea põe, entre setembro e outubro, 6 a 8 ovos, esferoidais, amarelados, seg. Liebermann (17).

H. Ihering registra 8 a 10 ovos, por postura, verde azulados.

São aves tímidas, mas, ao invés do que narram alguns autores, Liebermann (18) afirma que o macuco prefere morrer a abandonar os filhotes ou os próprios ovos.

Reduzir tão magníficas aves à domesticação é uma tarefa que se impõe a nós outros, sul-americanos, que, aliás, não realizámos ainda a façanha zootécnica de domesticar senão uma ou duas das muitas espécies silvestres que possuímos (19).

Tentativas diversas têm sido empreendidas, já por parte de naturalistas, na Argentina, já por homens simples do campo.

Os pintaínhos, mui graciosos e algo taludos, nascem com uma penugem acastanhada e ouro puro, exceto a cabeça, que é côr de canela clara, alindada por uma raia preta, ao centro e duas manchas, uma preta e outra branca na região do ouvido.

Infelizmente a criação de tão lindos pintos é difícil, e os filhotes, que os nossos caipiras apanham no mato, por maiores cuidados e desvêlos das galinhas amas, jamais se criam.

Bertoni obteve êxito criando-os com carne, e Ogoblin, com insetos, no Paraguai e Argentina, respectivamente.

Em cativeiro o macuco tem vivido alguns anos no Jardim Zoológico de Buenos Aires e 78 meses no de Londres.

Acabo, após escrito êsse trabalho, de tomar conhecimento da tentativa da criação de aves silvestres, feita, em S. Paulo, nos parques do Departamento da Indústria Animal. O autor do

---

(17) Obra cit.
(18) Obra cit.
(19) O pato comum e o irerê.

informe, Constantino Junqueira (20) dá sôbre o assunto os seguintes esclarecimentos:

"Para se ter o macuco em cativeiro é imprescindível que procuremos conservá-lo, tanto quanto possível, dentro de tais hábitos. Para tanto, o viveiro deve ser regularmente amplo, coberto de arvoredo e o piso recamado de folhas sêcas. Não devemos esquecer do indispensável tanque com as medidas de 0,50 × 0,50 × 0,10 provido de beiradas baixas e que contenha sempre água renovada e fresca, para os seus costumeiros e repetidos banhos.

O macuco não deve ser operado como a perdiz, porque tal operação dificultar-lhe-ia o hábito de pousar em poleiro. Assim, o viveiro deve ser coberto por uma tela colocada pör sobre as árvores, para evitar-lhes a fuga.

O macuco põe mais de uma vez por ano, sem muita preferência por êste ou aquele mês. Cada postura varia de 5 a 9 ovos. O ninho, feito no chão, é ordinariamente encontrado numa moita: às vezes, também encostado a um páu ou a uma pedra.

Os ovos são de uma bela côr verde-azulado, regulando o seu tamanho e conformação com os do pato. A incubação é desempenhada pelo macho que gasta 21 dias neste trabalho.

Os cuidados e alimentação são os mesmos dispensados às perdizes, diferindo sòmente na desnecessidade de serem cercados os ninhos, visto que os macucos já são criados, como acima ficou dito, em viveiros.

Atingindo os filhotes, a idade de 2 a 3 meses, devem ser mudados para outro viveiro, porque com tal providência os pais iniciam, dentro em breve, nova postura."

As quatro espécies do norte são: o *Tinamus serratus*, o macuco do pantanal, que apresenta a cabeça mais castanha e a parte ventral branco cinzenta; o *T. guttatus*, que mostra tracinhos escuros, desenhados na cabeça, garganta branca e numerosas manchas da mesma côr nas asas; o *T. tao*, que R. Ihering, descreve com dorso cinzento, riscado de linhas transversais pretas, tremidas e interrompidas. Há, ainda, *T. serratus ruficeps*, que é uma raça natural ou sub-espécie de *T. serratus* (21).

Os costumes variam pouco e todos são procurados pelos caçadores, que lhes apreciam a carne superior à das galinhas em quantidade e qualidade.

---

(20) **"Observações práticas, sôbre a criação de algumas aves indígenas em cativeiro"** — CONSTANTINO JUNQUEIRA — Rev. de Indústria Animal — S. Paulo, Janeiro, 1938.

(21) "O termo raça designa duas formas de agrupamentos de in-

A caçada a essa ave é repleta de emoções e põe à prova a paciência do caçador.

Êsse, geralmente, escolhe uma grande árvore, sempre que possível uma figueira brava (Urostigma sp.), dentre cujas sapopembas se esconde. Aí, piando macuco, atrai a cautelosa ave, a qual abate com tiro certeiro.

Olivério Pinto escreve: "Dos vários encontros com êle (macuco) ficou-me a impressão de que ali (nas florestas do Rio Jucurucú, Baía) até certo ponto se mostra descuidoso, talvez por não conhecer, suficientemente, o perigo que lhe é a presença do homem. Por duas vezes surpreendido por um no claro, da picada, atraído pelos araçás que juncam literalmente o chão, ao em vez de fugir com precipitação e tumulto, limitou-se a bater em retirada à minha frente, após haver-me fitado com natural espanto".

Mas o macuco não vem, assim, sem mais negaça, e francamente, ao apêlo traiçoeiro da morte, embora não seja dos mais desconfiados.

Ouvindo o pio, que imita a voz de seus irmãos, talvez o apêlo amoroso da fêmea, êle se aproxima cauto e precavido, rodeando o sítio, respondendo, ora numa direção, ora noutra, embuçado no mato, sem se mostrar. Êsse momento de espectativa põe em sobressalto o coração do caçador.

Por vezes, leva horas o piar mentiroso do homem para iludir a vigilante acuidade dos sentidos da ave e essa, bem avisada por seu instinto, desaparece. Não raro, a noite surpreende a porfia entre a astúcia humana e a congenial timidez da ave. E, então, impedida de ir mais longe buscar pouso, porque as sombras da noite ali a surpreenderam, alça o voo para o galho mais próximo, solta a sua saudação habitual e prepara-se para o sono.

Neste ensejo costuma o caçador abatê-la, ou, se não lh'o permite o lusco-fusco, monta guarda ao sítio e, pela manhã, quando a pobrezinha já é bem visível, com uma chumbada precipita-a ao chão sem vida.

Um dos mais pitorescos episódios dessas caçadas é quando o caçador, ao imitar o pio do macuco, ouve perto certo ruído e, palpitante de emoção, esperando vislumbrar a ambicionada ave, em lugar dela, aparece-lhe uma onça autêntica.

---

divíduos e, daí, as raças naturais, ou geográficas, e raças domésticas, ou artificiais.

Raças naturais ou geográficas correspondem, em geral, ás sub-espécies, geográficas ou variedades da Zoologia sistemática.

Há, no entanto, raças domésticas que são, na realidade, pura e simplesmente raças naturais ou geográficas".

O momento é épico demais para um Nemrod vulgar, mas não deixa de ser pitoresco, ao menos para nós outros, que o descrevemos, aqui de longe.

Tal ocorrência não é história de caçador, latim de caçador, como dizem os alemães, mas um acontecimento natural, pois as onças gostam muito da carne do macuco e andam-lhe sempre no encalço, e, o que é mais curioso, também imitam, um tanto canhestramente, o piar daquela ave.

INHAMBÚS e JAÓS — Cabem êsses nomes ou as suas variantes usuais: nambú, nhambú, e nada menos de quatorze espécies brasileiras, algo semelhantes no feitio, mas individualizadas pelo tamanho, colorido e desenhos que a plumagem oferece.

Fig. 2 — Inhambú chororó (**Crypturellus parvirostris**)

O povo do interior, onde estas aves são muito familiares, distingue-as por nomes particulares, na maioria herdados dos amerindios, que também as extremavam por caracteres vários.

Todas apresentam o cunho que singulariza a ordem; a ausência da cauda ou, então, uma caudazinha atoa, oculta pelas coberteiras.

O povo, ao observar êsse apêndice caudal, reduzido a tão insignificante cotozinho, pensou, lá com seus botões, que noutras eras os tinamiformes, muito serviçais e emprestadores, andaram cedendo as penas da cauda a outras aves pedinchonas, que lhas não devolveram mais e formaram o dito popular: "o nhambú de tanto emprestar ficou sem rabo".

Os dois sexos não se distinguem, sem o exame dos órgãos sexuais. Os costumes são análogos.

Vivem sempre no solo, caçando insetos e devorando sementes e frutinhas. No chão se aninham em toscas cavidades e aí põem, sem maiores cuidados, 4 a 6 ovos, geralmente entre a vegetação arbustiva ou gramíneas. Para dormir amoitam-se em pequenas macegas ou mesmo em rústicos ninhos de folhas sêcas.

Por meio de pios se entendem e se procuram no campo e nos bosques, pios êsses que são a linguagem de toda a ordem, mas

cada espécie tem seu dialeto, quer dizer, cada qual pia a seu modo.

Em geral é pela manhã e sôbre a tarde que se fazem ouvir, porém, durante o dia sempre têm qualquer cousa a dizer uns aos outros.

Notam-se nestes pios, ora uma escala ascendente, ora descendente, com ritmos diferentes.

O jaó, por exemplo, e os seus iguais do mesmo gênero, soltam quatro notas muito rápidas no final.

O homem do campo, habituado a interpretar as vozes da natureza, pelo pio costuma indentificar a espécie.

O nhambú saracuíra leva o sobrenome de chorona devido à intonação muito lamentosa de seu piar, como que chorando.

Ingênuas e simplórias, todas essas avezinhas suras são vitimas da gula humana e caem nas esparrelas mais rudimentares, armadas até pelos garotos do campo, terríveis nas suas expansões devastadoras, inimigos instintivos de todos os animais que os rodeiam, repetindo-os na fase infantil, os avitos e bárbaros instintos dos seus avoengos doutras eras, forçadamente caçadores.

Os caçadores profissionais perseguem estas aves e as demais do grupo, especialmente com auxílio dos cães perdigueiros, em cuja vanguarda está o Pointér.

Também usam caçá-las pela traição, emboscados em choças feitas de ramagens, ou trepados em giraus, atraindo-as por meio de pios, como descrevemos já, ao tratarmos do macuco.

Esse hábito de caçar à traição, disfarçado no mato, aprendemos com o nosso íncola, que se envolvia em ramagens verdes e assim iludia a caça.

A tal hábito chamavam "m̃baiá" (22).

Longe nos levaria e enumeração circunstanciada de todas as espécies. de inhambús, porém nem por isso deixaremos de dar uma rápida vista d'olhos às mais interessantes.

INHAMBU' GUAÇU' — (*Crypturellus obsoletus obsoletus*) — E' o maior entre os congêneres, alcançando 32 cents. de comprimento. Apresenta o dorso dum azul avermelhado, motivo pelo qual Azara lhe chamou nhambú azul. O peito e o abdome são dum vermelho forte.

E' uma caça estimada e por isso perseguida pelo povo sempre guloso da carne delicada de todos os tinamiformes. Sua postura consta de 4 ovos, de 50 × 35 mm., que apresentam côr parda

(22) No capitulo "As pombas silvestres" passaremos ligeira revista aos processos de caça entre os indígenas.

avermelhada ou chocolate pálido. O ninho é feito no chão como o do jaó. A incubação, que dura 21 dias, é levada a efeito pelo macho. Cria-se em domesticidade da mesma fórma que a perdiz. Distribue-se pelo Brasil, do R. G. do Sul à Minas. Na Amazônia, onde não ocorre a espécie, dão igual nome ao que nós aqui no sul conhecemos pelo nome de macuco.

INHAMBU' CARAPE' — (*Taoniscus nana*) — E' geralmente chamado codorna buraqueira, inhambú-í, de 17 a 18 cents. de comprimento e 25 a 26 de envergadura. A cabeça e dorso são amarelo pardo, com penas raiadas transversalmente de negro e bordadas lateralmente de esbranquiçado; garganta e parte média do ventre e uropigio brancos; parte posterior do peito, do ventre e flancos, raiada transversalmente de um escuro quasi negro.

Habita matas e capoeiras de vários Estados.

INHAMBU' CHITAM — (*Crypturellus tataupa tataupa*) — Esta espécie ocorre desde a Baía até a Argentina, onde é chamada *perdiz del monte, perdiz del hogar*. O colórido do dorso é bruno castanho, cabeça e pescoço são cinza escuro, garganta e o meio da barriga brancos; o resto do lado inferior cinzento, os lados da barriga e coberteiras inferiores da cauda pretas com orlas brancacentas.

Fig. 3 — Sururina (Crypturellus soui)

O bico é vermelho e as pernas avermelhadas.

Considera-se a menor espécie do grupo, não pesando mais de 200 grs. Vive bem em cativeiro e aqui já tem sido criada. Wilson da Costa teve ensejo de fazer chocar os ovos dêsse inhambú e conseguiu criar-lhe os pintos, aliás muito parecidos com os da galinha da Angola, exceto os pés que, são verdes. Põe várias vezes ao ano, em geral 4 a 6 ovos.

Na Argentina também têm sido criadas com êxito várias gerações no Jardim Zoológico de Buenos Aires, seg. J. Liebermann (23).

INHAMBU' CHORORO' — (*Crypturellus parvirostris*) — Parece-se com a anterior, mas seu bico é mais curto, avermelhado e tem

(23) Obr. cit., p. 44.

os tarsos de mais carregado vermelho. Pode ser criado em domesticidade.

INHAMBU' RELÓGIO — (*Crypturellus strigulosus*) — Tanto êsse como o inhambú saracuíra (*C. variegatus*) gozam da fama de cantar a horas certa se daí o nome popular.

As duas espécies aliás se parecem, apresentando os lados dorsais, inclusive as asas, escamados de preto, com a linhas divisórias amarelo avermelhadas; o pescoço, em cima, é castanho vivo, a cabeça cinzenta, o lado inferior mais cinzento e a garganta branca.

Habitam o norte do Brasil. A saracuíra, também chamada inhambú anhanga, põe de 4 a 8 ovos. Dêste gênero ocorrem algumas espécies próprias do norte, onde são conhecidas pelo nome de sururinas.

JAÓ — Temos no Brasil duas espécies, uma do centro, Mato Grosso e Goiás (*Crypturellus undulatus undulatus*), e outra do norte (*Crypturellus noctivagus*).

O. Pinto refere-se ainda a uma sub-espécie de Goiás.

A espécie aqui do Sul, que vai até o norte da Argentina, é a maior entre as suas congêneres.

Fig. 4 — Jaó (**Crypturellus noctivagus**)

Traz em seu nome científico um bom característico descritivo, pois é de côr geral escura e apresenta listras transversais, ora largas, ora estreitas. O bico é negro. Cabeça, na região frontal e no vértice com mancha marron azulada. Garganta manchada de branco. O peito com estrias tranversais amareladas. No dorso as estriações transformam-se em barras. Dorso marron com estrias transversais. Sôbre as asas a côr amarela intensifica-se. Penas primárias homogêneamente azues, secundárias e tetrizes com estrias amarelas transversais.

A espécie do Norte, mais conhecida por zabclé, é igualmente de côr geral escura, mede 40 a 50 cents. de comprimento, mostra

a côr geral escura com muitas rajas transversais negras, peito e ventre cinzento, puxando ao arruivado levando também raias transversais anegradas, bico escuro e tarsos amarelentos.

Habita a mata virgem e alimenta-se de sementes, bagas e insetos. Canta pela noite, e essa cantilena parece dizer jaó, jaó, ou segundo outros ouvidos, juó.

De todas as aves dêsse grupo parecem as mais domesticáveis. Os filhos dos colonos caçam-nas a laço e intrometem-nas no galinheiro, onde se acostumam logo com os demais parceiros; entretanto, em se oferecendo ensejo, fogem para o mato.

Diz Ihering que na quarta ou quinta geração os jaós estão aclimados perfeitamente.

Sôbre a criação do jaó, nos parques da Criação da Indústria Pastoril, Estado de São Paulo, diz C. Junqueira, anteriormente citado:

"Em cativeiro o jaó põe 3, 4 e até mais vezes por ano, de preferência entre o espaço de tempo que medeia de agosto a março. Cada postura consta de 2 ovos, um pouco menores do que os da perdiz, e diferem ainda dêstes na côr — rosado claro — e no formato — oval, quasi redondo.

A incubação é desempenhada pelo macho, durando esta 18 dias em um ninho feito no chão, mesmo porque o jaó nunca sóbe às árvores — nem mesmo para dormir. Os cuidados e alimentação devem ser os mesmos dispensados aos macuquinhos".

PERDIZES e CODORNAS — O aspecto exterior dessas aves levou espanhóis e portugueses a denominá-las perdizes e codornizes, por analogia a aves de igual nome existentes na Europa, da mesma fórma que chamaram raposa a certos canídeos, e tigre, ao nosso mui típico jaguar.

Os tinamiformes, em geral, apresentam certos característicos que os confundem e, assim, não é raro chamar codorna em certa região ao que em outra se denomina perdiz.

As nossas perdizes são duas: *Rhynchotus r. rufescens* e *R. rufescens catingae*.

A mais comum, a *R. rufescens rufescens*, é assim descrita por H. Ihering. "Ave grande, 35-42 cents. de comprimento. A cabeça e o pescoço são amarelentos, tendo a cabeça estrias pretas no vértice. O dorso e as asas são cinzento amareladas, com largas faixas pretas transversais. As rêmiges da mão são castanhas. A cauda é cinzenta com faixas pretas; o peito é avermelhado, a barriga amarelenta, com faixas brunas e alvacentas. O bico é cinzento com a base amarelada, as pernas são encarnadas escuras.

A fêmea é um pouco maior do que o macho. E' espécie da

Argentina, do Paraguai, do Brasil meridional e da Baía. O ovo é grande, avermelhado, roxo".

E' ave do campo e voa com dificuldade, e os indígenas chamavam-lhe nambú-peba, vocábulo êsse alterado, mais tarde, para inhambú-pé, inhambú-apé.

A redução das perdizes a domesticidade tem sido tentada e, em S. Paulo, a Diretoria da Indústria Animal vem conduzindo com êxito sua criação, segundo o testemunho de um técnico, Constantino Junqueira (24), que nos dá os seguintes informes:

"O período de postura destas aves, quando em cativeiro, varia de setembro a março, sendo que a média de postura de cada fêmea é de 25 ovos. Os ovos, de um brilhante esmalte côr de chocolate, têm o tamanho aproximado dos da galinha doméstica, diferindo dêstes na côr e no formato, visto como apresentam uma convexidade sensivelmente igual nas extremidades.

A incubação é desempenhada pelo macho, durando tal mister, 21 dias.

E' absolutamente necessário cercar-se o macho durante êste tempo, com uma tela fina que abranja o espaço de 1 metro quadrado, porque destarte evitaremos: — que as outras perdizes continuem a pôr ovos no mesmo ninho; que o macho seja perturbado e haja, assim, solução de continuidade nos trabalhos de incubação; que os ovos sejam bebidos por outras aves, quando o macho sai para se alimentar e espojar; enfim, tal providência é ainda necessária para evitar que os filhotes, logo após o nascimento se espalhem pelo gramado e conseqüentemente se pereçam. Êstes devem permanecer no ninho, pelo menos um dia, sem alimento. No dia imediato, devem ser colocados com o pai num viveiro com piso de areia e serem alimentados com ovos cozidos bem duros, picados bem miúdo e algum capim. Do 3.° dia em diante podemos proporcionar-lhes as seguintes rações: cânhamo moído em mistura com alpista, mandioca crúa, ralada, banana picada, couve picada e alho, uma vez por se-

Fig. 5 — Perdiz (**Rhinchotus rufescens**)

(24) Loc. cit.

mana: depois do 8.º dia adicionamos o milho às suas rações e, desta época em diante já estão aptos para gozar de liberdade num gramado baixo, onde não falte também um pequeno tanque, com profundidade aproximada de 6 centímetros, provido de água limpa e fresca para beberem.

E' de inteira conveniência que a amputação da asa seja feita no 2.º dia após o nascimento. Tal operação, de técnica simples, pode ser explicada em poucas palavras: Com um pedaço de cat-gut N.º O ou 1, prepara-se uma laçada corrediça que se enfia, auxiliado por outra pessoa, pela ponta da asa esquerda; aperta-se a dita laçada, puxando-se pelas extremidades do fio, precisamente em cima da primeira articulação, até que a asa resulte cortada. Conseguido o fim colimado, banha-se a ferida com uma solução de cura-azul Bayer a 4 %.

Dada a constituição delicadíssima dos filhotes, necessário, se torna que tal operação, em todas as suas fases, seja procedida com o máximo cuidado".

CODORNA — Recebem o nome de codorna e mais raramente codorniz, os tinamídeos, em geral, do gênero *Nothura*, que passamos a vêr:

CODORNA, ou CODORNIZ — (*Nothura maculosa maculosa*) — E' a de mais vasta distribuição, vindo desde a Baía ao R. G. do Sul, desbordando nossas fronteiras e indo ao Paraguai e Argentina.

Todas têm hábitos solitários e, embora sejam numerosas em um campo, nunca se juntam em grupos.

Acomodam seus ovos, de 5 a 10, em pequenos fojos, que encontram no campo.

Alimentam-se de insetos, especialmente, e também de sementes. Voam com maior facilidade que os demais da família. Parece que a plumagem cambia um tanto, por motivos de idade e até de estação. Seu mimetismo defensivo é enorme.

No entender de certos naturalistas, o gênero *Nothura*, pelos seus caracteres osteológicos, é entre os tinamiformes o que mais se aproxima dos galináceos.

A codorniz, também chamada *inhambú-í*, tem a côr pardo amarelenta na parte superior, e ostenta faixas transversais pretas no dorso; essa côr está localizada no centro da pena, e nos lados da mesma notam-se estrias amareladas.

As rêmiges são dum cinzento anegrado, com faixas amareladas; a garganta é branca, peito e pescoço bruno-amarelados, estriados de preto; a barriga amarelada.

CODORNA BURAQUEIRA — (*Nothura boraqueira*) (25) — Espécie do Norte e de todas a menor, não passando de 15 cents.
Tem o hábito de quando perseguida, ocultar-se em buracos do chão, hábito, aliás, igual ao da sua congênere do Sul, do mesmo nome, a *Taoniscus nana*.

CODORNA MINEIRA — (*Nothura minor*) — Assemelha-se a *N. maculosa*, mas a cabeça e o dorso são castanhos com faixas e salpicos negros. Sôbre as coberteiras das asas vêem-se faixas negras. E' espécie muito comum em São Paulo, Minas e Mato Grosso.

---

(25) BORAQUIRA escreveu Spix, naturalmente porque ouvir mal, da boca do povo, o nome vulgar que singulariza o hábito da espécie.

III

A UTILÍSSIMA ORDEM DOS GALIFORMES

"Dressez la liste des espèces domestiques utiles que nous possédons aujourd'hui, et vous reconnaîtrez que Gessner et Belon eussent pu, de leur temps, dresser cette même liste sans un seul nom de moins".

I. Geoffroy Saint-Hilaire.

Os naturalistas reuniram sob o nome de galiformes toda uma ordem de aves que apresentam certas analogias com a galinha comum (26).

Nesta ordem é que se encontram as mais úteis e prestimosas aves que o homem domesticou há centenas e centenas de anos, entre as quais ocupa o primeiro lugar a galinha comum (*Gallus domesticus*) e suas inumeráveis raças, bem como faisões, pavões, perús, etc.

Os galiformes brasileiros dividem-se em duas famílias: cracídeos e odontoforídeos.

Entre os das primeiras famílias enfileiram-se mutuns, jacús, aracuans, jacutingas, cajubins, e nos da segunda contam-se apenas quatro espécies vulgarmente chamadas urú, capoeira, corcovado.

Em geral, as aves da ordem dos galiformes, como é exemplo vulgar a galinha, têm vida eminentemente terrestre. Vivem no solo e comprazem-se em ciscar e esgaravatar o chão, em busca de vermes e larvas de insetos.

Tão característico é tal costume como aquele outro de se espolinhar na areia, o que constitue o seu banho sêco, um preceito higiênico que de ciência infusa conhecem como excelente para combater ácaros e piolhos das penas.

---

(26) Na antiga classificação de CLAUS, essa ordem tinha a denominação de galináceos e abrangia aves hoje distribuidas em ordens diversas.

Os outros característicos da ordem são as patas fortes, asas curtas e arredondadas. O dimorfismo sexual é acentuado, como testemunha, o galo e, sobretudo, o pavão, de indumentária imodesta e espetaculosa, em contraste com a modéstia da pavoa.

Os machos têm algo dos defeitos do homem: são rixentos, batalhadores e polígamos.

As lutas pela posse da fêmea travam-se, mal se defrontam dois pretendentes. O rival vencedor fica de posse da dulcinéia de crista, que, aliás, não manifesta ligar grande importância à peleja.

Parece que essa é a regra do mundo animal os dois sexos jámais se entenderão.

Os hábitos dos galináceos brasileiros mais numerosos, que são os da família dos cracídeos, diferem dos demais.

Habitam as árvores, e a própria conformação do pé, cujo dedo posterior se articula na altura dos três anteriores revela-lhes vida arborícola, pois a regra é, entre os galináceos, que o quarto dedo posterior se ache sempre acima dos três dianteiros.

O patrimônio das espécies domésticas, que o homem explora em seu proveito, naturalmente estaria grandemente enriquecido, se, em lugar de arborícolas, os mutuns e jacús, como os demais parentes, fossem terrícolas.

As dificuldades da domesticação devem necessàriamente provir daí, conforme bem notulou a naturalista E. Snethlage.

Não devemos, por certo, desistir do propósito de arrebanhar para o grupo das aves domésticas tão preciosos animais, cujos ovos são saborosos e a carne magnífica (26).

Em matéria de domesticação temo-nos limitado a usufruir o que herdamos dos nosso predecessores. I. Geoffroy Saint-Hilaire, escreve: — Após a época que recebemos da América recém-descoberta, três espécies igualmente úteis: o perú, o pato e a cobaia, qual conquista, verdadeiramente importante, fizemos nós da natureza selvagem que nos cerca? Nenhuma (27).

Na Europa, em épocas já afastadas, a domesticação do mutum e do jacú foi, por vezes, tentada.

Assevera I. Geoffroy Saint-Hilaire (28) que se criaram mutuns na Holanda, na Inglaterra e na França.

(26-A) ..."como os seus conhecidos companheiros da família levam na mata hábitos pacatos e sóbrios, suportando bem o cativeiro, onde ameúde se reproduzem, tudo fazendo crêr que um esfôrço bem conduzido seria capaz de fazê-los também aves domésticas de alto merecimento" (OLIVERIO PINTO — Os Mutuns do Brasil — Bol. Biologico, n. 3, 1935).

(27) "Accl. et Domestication des Animaux Utiles", 4.ª ed., Paris — 1861.

(28) Obra citada, pg. 77.

Um certo Barthélemy, em Marselha, chegou a criá-los em larga escala, mas igual êxito não obteve Pomme nos arredores de Paris, onde, aliás, a criação do jacú se realizou perfeitamente.

Um rico amador holandês, de nome Ameshoff, possuía uma verdadeira "menagerie" ornitológica e aí se encontravam mutuns e jacús que, no dizer de Temminck (29), se reproduziam como as galinhas comuns, a tal ponto que a mesa daquele amador se apresentava sempre provida abundantemente dêles.

Tal declaração é de encher de biles os fígados jacobinos. E não é para menos, pois, enquanto o bom do holandês engordava à custa da deliciosa carne dos mutuns indígenas, nós outros pagávamos caro, nos restaurantes, galos em "travesti" de perú e frangos caquéticos promovidos, sem merecimento, a capões.

Poder-se-iam citar outras felizes tentativas desta natureza, uma das quais foi levada a bom têrmo por uma das mais simpáticas figuras femininas do século XVIII, a linda imperatriz Josephina.

Esteta e amiga da natureza, a esposa de Napoleão viveu sempre entre plantas raras e animais exóticos, que mandava buscar pelos quatro cantos do planeta.

A ela se deve a introdução, na Europa, de muitas plantas preciosas, inclusive a Camélia, que o padre José Cammelius trouxera de Buen Retiro, na Espanha.

Em Malmaison criou Josephina um paraíso terreal, a um tempo jardim botânico e "menagerie".

Lá viveram, sob cuidados especiais, os mutuns que se haviam já criado nas colônias, em estado de domesticidade, onde se haviam reproduzido por posturas sucessivas, segundo reza uma notícia da época.

E' de lamentar que no estrangeiro já se assinalassem numerosas tentativas e entre nós se desconheça o que neste sentido se fêz, se é que se fêz.

Os raríssimos escritores que versaram a matéria aludem vagamente ao assunto.

Henrique Silva abona a citação de que o mutum fácil se domestica e que entre os amerindios se encontra em perfeita domesticidade.

---

(29) "Histoire naturelle des pigeons et des gallinacés" — t. II. p. 458.

(30) Sôbre as tentativas realizadas na Europa há um bom resumo na obra de REMY SAINT-LOUP, intitulada: "Les Oiseaux de Parc et Faisanderies" — Paris, 1895.

R. Ihering (31) escreve: "Os indigenas, muito frequentemente têm essas aves domesticadas e também em várias regiões da Amazônia os caipiras têm mutuns em seus quintais".

Martius viu os indígenas do Iapurá ir à cata de ovos de mutuns pelas florestas e pô-los, após, a chocar pelas galinhas comuns.

O príncipe de Wied faz igual afirmativa em relação aos mutuns do Espírito Santo, mas nenhuma destas tentativas foi levada a têrmo por quem soubesse expôr claramente os resultados e a maneira com que os logrou.

Dos jacús e jacutingas quási se póde dizer o mesmo, sendo talvez êsses mais aptos a se reproduzirem em cativeiro.

Até aquí nos temos referido à família dos cracídeos, que, como dissémos, diferem um tanto dos demais galináceos.

Já os urús (odontoforídeos) pelos seus hábitos terrícolas e pelo costume de remexerem a ciscalhada, cavando a vida, como aquí se póde dizer, ao pé da letra, com muita propriedade, aproximam-se dos galináceos paleárticos e neárticos. E' possível que nesse grupo mais facilmente se consiga a proeza zootécnica da domesticação.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

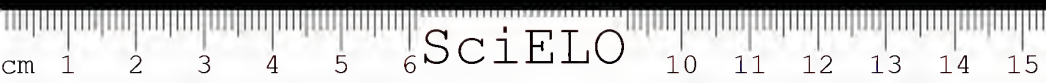
MUTUM — Sob esta denominação popular, bem como a de mitú, são conhecidas nada menos de oito espécies de aves da família dos cracídeos e do gênero *Crax*.

São todas de grande porte, carne alva, excelente, que constitue a desgraça da espécie e a delícia dos caçadores.

Habitam a mata virgem e, em geral encontram-se em pequenos grupos, mas, na época dos amores, cada macho se assenhoreia duma fêmea, que conquista, bravamente, aos demais concorrentes, internando-se, então, o par feliz, para o recesso da floresta, a fim de resolver, de bom grado, o acri-doce problema da reprodução da espécie.

A exemplo do perú, o mutum macho, costuma executar em derredor da sua companheira um bailarico de passos miúdos, que chamamos "roda".

Nesses meneios coreográficos semi-circulares, destinados a seduzir a fêmea, abre o mutum a cauda e ronca galanteios monossilábicos que aos nossos ouvidos moucos às harmonias zoofônicas soa à maneira do *tum tum* de jongo.

(31) "Chacaras e Quintais" — fev. 1935.

Aninham-se em árvores e seus ovos são brancos e granulosos, medindo, em média 86 mm. de comprimento por 60,5 de largura.

Em cativeiro põe em setembro e dezembro o mutum-açú, (*Crax blumenbachii*).

Os diversos mutuns são conhecidos por denominações populares, mas reina certa confusão nessa nomenclatura vulgar. Citaremos apenas os seguintes:

MUTUM PORANGA — (*Crax alector*) — Poranga, em língua geral, quer dizer bonito e é, realmente, linda essa grande ave de plumagem dum negro brilhante com reflexos purpúreos, barriga e coberturas da cauda inferior branca, a cera e a base do bico é de côr amarela. A fêmea, que é um pouco menor, tem a crista listrada de branco. O macho mede quasi um metro, incluindo a cauda que tem 34 cents.

Essa é a espécie cuja aclimação se tentou na Europa e a mais vulgar nos jardins zoológicos do mundo.

As tentativas de reprodução em cativeiro têm malogrado,

Fig. 6 — Mutum (**Crax alector**)

exceto a daquele afortunado holandês a que já nos referimos.

A alimentação natural dos mutuns é constituida de frutos, bagas, sementes, insetos, vermes, mas em domesticidade podem ser alimentados à maneira dos perús.

Na primeira infância os pintos precisam se lhes ministre rações de cupins, "ovos" de formiga, etc.

Segundo Temminck os mutuns vivem em boa camaradagem com as galinhas comuns e com elas se acasalam. Os produtos oriundos destes cruzamentos não são infecundos.

O mutum-poranga, e parece que os demais, a exemplo do galo doméstico, canta à noite, chegando uns a afirmar que o faz à meia noite e outros dizem (afirmação confirmada por Schomburk, na Guiana) que êle solta o canto precisamente no momento em que a constelação do Cruzeiro do Sul atinge o seu ponto culminante.

O mutum-poranga é espécie amazônica.

Fig. 7 — Mutum pinima
(Crax pinima)

MUTUM CAVALO — (*Mitu mitu*) — E', como o poranga uma espécie amazônica, mas do gênero *Mitu*, ocorrendo também em Mato Grosso.

Dos demais mutuns êle se distingue por possuir um topéte de penas que não se encrespam, como as dos outros.

Sua côr geral - negra azulada, ventre avermelhado, e ponta de cauda branca. Os indígenas da Amazônia dão-lhe o nome de mitú. E' ave dócil e fácil de ser domesticada, como se verifica entre os aborígenes da região acima citada.

Em certas zonas dão-lhe também o nome de mutum da várzea e mutum-etê, que é como se disséssemos, mutum verdadeiro.

MUTUM - PINIMA — (*Crax pinima = C. fasciolata*) — "Pinima" significa pintado. Realmente a fêmea, que é preta, mostra a crista listrada de branco e o peito amarelado, listrado de preto; na cauda preta sempre de ponta branca, muitas vezes notam-se também listras brancas. A barriga é amarelo ocre.

O macho de côr geral preta tem a barriga, as coberteiras inferiores da cauda, brancas. Na base do bico ostenta-se a côr amarela. O macho mostra-se um tanto maior que a fêmea.

E' espécie amazônica.

Na Amazônia ainda se encontram outras espécies, o urumutum, (*Nothocrax urumutum*) o menor dos mutuns, e que, em lugar de apresentar a côr geral preta, é vermelho acastanhado, finamente pintado de preto, com as retrizes laterais brancas.

A fêmea apresenta côr mais clara e é pintada de amarelado, sendo menor que o macho.

MUTUM VULGAR — (*Crax blumenbachi*) — E' de avantajado porte, 80 cents. de comprimento. Apresenta o topete típico do gênero *Crax*, o qual é constituído por penas crespas, dirigidas para frente.

H. Ihering descreve: "O macho velho tem adiante da fronte um lóbulo carnoso na base da maxila superior e outro em cada lado da base da maxila inferior. As penas erectas do vértice são pretas nos machos, e pretas com algumas faixas brancas, nas fêmeas.

O macho desse mutum é preto com lustro verde nas costas: a barriga, as coxas e coberteiras inferiores da cauda são brancas. A côr da membrana núa que cinge o olho é azul; as carúnculas da base do bico são vermelhas. Noto, no entanto, que aos nossos exemplares faltam as carúnculas, as quais, como Burmeister diz, só aparecem nos machos velhos. A fêmea difere do macho pela barriga e as coberteiras inferiores da cauda amareladas".

Essa ave se encontra da Baía até S. Paulo. O ovo desta espécie mede 84 × 57 mm.

Além dêsse, aqui no Sul se encontra outro de tamanho igual (*Crax fasciolata*), que é preto, com numerosas linhas transversais brancas, existindo, segundo Olivério Pinto, uma sub-espécie.

Olivério Pinto, num estudo sôbre mutuns, a que já aludimos, dá a seguinte chave para a determinação dos mutuns do Brasil.

CHAVE PARA A DETERMINAÇÃO DOS *MUTUNS* DO BRASIL

- Topete pequeno, de penas lisas, localizado principalmente na região occipital.
  - Loros e regiões peri-oftálmicas largamente desnudos; sexos dissemelhantes (**Nothocrax**).
    - uma só espécie do Alto Amazonas e Rio Negro . . . . **N. urumutum.**
  - Loros e regiões oculares perfeitamente plumados, como o resto; sexos semelhantes (**Mitu**).
    - maxila tumefata, com o culme enormemente elevado; extremidades das retrizes brancas (Amazônia, Guianas) . . . . **M. mitu.**
    - maxila não tumefata, culme pouco elevado; extremidades das retrizes côr de ferrugem (Bacias do Orenoco e do Rio Negro). **M. tomentosa.**
- Topete grande, de penas crespas, ocupando todo o alto da cabeça; sexos dissemelhantes (**Crax**).
  - plumagem negra não listada com o baixo abdome branco; penas do topete inteiramente pretas (machos)
    - maxila com tubérculo carnudo na base do culme e maxila com dois lobos membranosos ou barbelas (alto Amazonas, centro de Mato-Grosso) . . . . **C. globulosa.**
    - bico sem tubérculo nem barbelas
      - base do bico vermelha (leste do Brasil, do Rio ao sul da Baía). **C. blumenbachii.**
      - Base do bico amarela
        - bico mais fraco menos alto (?) (baixo Amazonas, norte do Maranhão) . **C. pinima**
        - bico mais robusto e alto (?) (sul e centro do Brasil, inclusive parte da Amazônia). **C. fasciolata**
  - plumagem mais ou menos listada transversalmente de branco-acaneiado; baixo abdome côr de canela; penas da crista em regra pintadas de branco (fêmeas)
    - retrizes com a ponta branca
      - retrizes listadas transversalmente de numerosas faixas . . . . . **C. fasciolata**
      - ditas de colorido uniforme (salvo a ponta) . . . . **C. pinima**
    - retrizes sem branco na extremidade
      - penas do topete com numerosas faixas brancas; coberteiras alares listadas de ocráceo . . . . **C. blumenbachii.**
      - topete sem pintas brancas distintas; coberteiras das asas não listadas . . . . **C. globulosa**

Em referência à criação de mutum em domesticidade nos parques de criação da Indústria Animal, S. Paulo, escrevia recentemente Constantino Junqueira:

"Vive o mutum, nos parques, em perfeita liberdade.

A época de postura destas aves, abrange de agosto a fevereiro. Quando chega o momento azado, incumbe ao macho confeccionar o ninho com gravetos, nas árvores cheias de cipoal. Feito o ninho, a fêmea nele deposita 2 ovos de casca branca, muito parecidos com os da jacutinga, porém um pouco maiores. O trabalho de incubação é realizado pela própria fêmea, em 28 dias.

Fato digno de nota é que os mutuns não admitem a presença de outro espécime de sexo idêntico em seus domínios. Assim, não havendo no parque mais do que um macho ou de uma fêmea o casal constituído viverá em ótima harmonia.

Coloeam-se os pais e filhotes em um viveiro amplo, com um poleiro baixo. Alimentação: a mesma empregada para a criação das jacutingas.

Quando os filhotes já se alimentam sozinhos — decorridos 20 ou 30 dias no máximo — soltam-se os pais a fim de que iniciem, dentro de alguns dias, nova postura. Podemos conseguir, assim 6 filhotes por ano" (32).

JACÚS e JACUTINGA — Ainda na família dos cracídeos encontramos aves magníficas, que são reünidas pelos ornitologistas em um outro gênero, denominado *Penelope*, e distinguidas pelo povo sob o nome de jacús, jacupemba, jacutinga, etc.

As aves dêsse grupo têm certa semelhança com os faisões do velho mundo e é possível submetê-los a domesticidade.

Nos primeiros dias de clausura, no galinheiro, o jacú mostra-se como que louco, investindo contra as grades da prisão, ferindo-se numa ânsia de liberdade.

Após os primeiros dias vai-se gradativamente conformando com a sorte e acaba manso e até familiar, seguindo as pessoas com quem se afeiçoa.

Entretanto não se mostra afável com as galinhas comuns e, para que reine a paz entre os bichos, no aviário, é indispensável que não vivam juntos às demais aves de capoeira.

Outro precalço, da domesticidade, que lhe repugna aceitar, é o de dormir enclausurado. Sujeita-se pacificamente ao aramado da "basse-cour", mas na hora de dormir, quer empoleirar-se, como seus avoengos o faziam, nas florestas do Novo Mundo, desde que existiu a espécie.

---

(32) Loc. cit.

Consentindo-lhe essa pequena regalia, que lhe dá talvez a ilusão da liberdade, logra-se possivelmente reprodução em cativeiro, pois na literatura avícola apontam-se alguns exemplos.

Quando em liberdade, vivem na mata em pequenos grupos, salvo na época da incubação, ocasião em que cada casal trata dos graves problemas da família.

Levam a vida muito metòdicamente. Pela manhã, após fazerem caprichosa "toilette", alinhando as penas com o bico, aguardam que chegam os primeiros raios do sol, e enquanto isso, conversam entre si, num linguajar gargarejante.

Depois de se animarem com a luz solar, correm aos sítios, que já conhecem, e aí se enchem de toda espécie de grãos e bagas, descendo ao chão, quando é preciso, e sempre que o regato límpido os convide a beber.

Lá pelas horas cheias de sol do meio dia, cedem ao influxo da preguiça e, como gente ociosa, vão fazer a sesta, entre o cipoal penumbroso, dormitando nas moitas de crissiúma, espojinhando-se na areia, com aquele modo eminentemente galináceo.

Quando pressentem que o dia já vai longo e que em breve chegam as sombras da noite, correm ao jantar com o mesmo apetite do almoço.

Logo ao comêço do escurecer prestes procuram o pouso favorito, sempre a árvore mais alta, e lá se encarrapitam, não sem graves discussões, em altercações ásperas, irrompendo cacarejos carregados de raiva, tudo por causa de um lugar mais cômodo, mais propício ao repouso noturno.

Os caçadores que lhes conhecem as baldas, as predileções, os pousos certos, aí vão buscá-los.

Como são tímidos, confiados e pouco inteligentes, cáem em todas as esparrelas e deixam-se matar estùpidamente, às vezes, espiando curiosos o caçador que lhes mete a espingarda à cara.

Quando são surpreendidos de improviso, apodera-se dêles um terror pânico. Bento Arruda (33) traça um quadro de uma dessas trágicas aperturas dos pobrezinhos "Meio pulando, meio voando, dispersam-se em todas as direções, debaixo de uma algazarra atentatória aos órgãos auditivos, ocultam-se por detrás das moitas de crissiúmas, nas copas das árvores e ainda continuam na grita atroadora durante quartos de hora, depois de passado o perigo. Na precipitação da fuga ou tomam caminho errado, ou pretendem esconder-se em ramos expostos, de modo que ao caçador familiarizado com seus hábitos se oferece ocasião de empregar vários tiros.

(33) "Por Campos e Matas".

Às vezes acontece que um dêles, tolhido de susto, se acerca do perseguidor gritando, agachando-se, abrindo as asas, percorrendo um ramo em vários sentidos e manifestando a mais estólida perplexidade. Assim também se comporta o jacú ao aproximar-se alguem do seu ninho".

Fig. 8 — Em cima, aracuan (**Ortalis guttata**), no centro à esquerda, urú ou capoeira (**Odontophorus capueira**), à direita, jacú do norte (**Penelope jacquassú**) e em baixo, urú ou corcovado (**Odontophorus guianensis**).

Dentre as várias espécies de jacús daremos os traços principais das seguintes:

JACUPEMBA — (*Penelope superciliaris jacupemba*) — E' chamado jacú simplesmente e bem assim jacú velho, jacupeba, jacupema.

Tem 60 cents. de comprimento. A côr quasi geral é bruno anegrada, com reverberações verde-metálicas no dorso, asas e cauda. São orladas de um branco acinzentado as penas da cabeça do pescoço e do peito. São de um vermelho escuro a barriga, o crisso e o uropígio. O pescoço é desguarnecido de penas e encarnado. O bico é cinzento escuro, sendo quasi de igual coloração as pernas.

A propósito das sobrancelhas, que caracterizam a espécie, escreve Olivério (34) diante de um estudo de Hellmayr: "E' prati-

(34) "Aves da Baía" — "Rev. Mus. Paulista", t. XIX, p. 57.

camente impossível basear qualquer discriminação no colorido das listas superciliares, tão susceptível é êle de variações, podendo quando muito dizer-se que nas aves do Nordeste é comum apresentarem as sobrancelhas mais ou menos arruivadas, enquanto, nas do sul do Brasil, o colorido cinzento esbranquiçado dos supercílios é regra que quási não sofre exceção". Com isso ficou considerada uma só espécie, o que, outróra, se supunha serem duas.

A jucupemba é comum a toda a costa leste, desde o R. Grande ao Pará. Seu ninho, que se encontra nas árvores, é feito de ramos sêcos. — Postura 2 a 4 ovos.

JACUGUAÇU' — (*Penelope obscura*) — E' o gigante da espécie, pois mede 70 a 74 cents. de comprimento.

A plumagem é semelhante à dos seus irmãos, mas dêles se distingue por ser de côr mais carregada. A espécie ocorre do Rio de Janeiro para o Sul. Ninho grande, localizado em árvore e feito de ramos. Ovos de 76-78 × 50-51 mm., brancos, de superfície áspera e tom amarelado.

Os zoólogos descrevem como outra espécie um jacú perfeitamente semelhante a êsse, o jacucaca, mas o assunto ainda não está deslindado, e entretanto os ovos são bem diferentes, pois são lisos e medem 72 × 51 mm.

JACU' DO NORTE (*Penelope pileata*) — Tem coloração geral semelhante aos outros, mas a fronte e o vértice são brancos e as penas mostram estrias escuras no meio, e o occipício é avermelhado.

E' espécie que ocorre no Pará, Amazonas e Mato Grosso.

JACUTINGA (*Cumana jacutinga*) — E' um dos maiores, mais belos e elegantes jacús. Mede 75-78 cents. de comprimento. A côr geral é preta azulada, com branco no alto da cabeça, com penas estreitas, com a parte central denegrida e lados branco acinzentados. Nas penas do peito vêem-se orlas brancas; as coberteiras exteriores das asas têm barbas externas brancas. O bico é preto, o loro e a região em derredor dos olhos é azulada, a garganta, como dos jacús em geral, apresenta-se despida e vermelha. Ocorre desde o Rio Grande à Baía. H. Ihering recebeu informação que tal ave põe, na bifurcação de troncos grossos das árvores, 2 a 3 ovos brancos.

Ainda com o nome de jacutinga se distinguem outras espécies do centro e norte do Brasil.

As jucutingas são perseguidas alvarmente por todos os ociosos que no interior do Brasil levaram a sério aquela frase impen-

sada e maléfica de Paula Sousa: "Quem não caça não é homem".

São muito instrutivos os informes que, sôbre a criação da jacutinga, nos dá Constantino Junqueira, no trabalho já referido anteriormente:

"A jacutinga é facilmente adaptável ao cativeiro, razão pela qual é criada sem grandes dificuldades.

A sua postura é de agosto a janeiro, sendo que cada ninhada consta de 3 ovos brancos, bastante resistentes, mais ou menos do tamanho dos ovos das peruas. Diferem dêstes porque apresentam uma convexidade acentuadamente igual nas duas extremidades.

O ninho deve ser feito no alto do viveiro, numa cesta cheia de folhas sêcas.

A incubação, que dura 28 dias, é feita pela fêmea, podendo sè-lo, também, por uma galinha.

Preferivelmente devemos empregar galinhas nesse mister, porque, com tal providência as jacutingas não perderão tempo com incubação nem com a criação dos filhotes, com evidente vantagem para o criador, pois que, retirados os ovos, a fêmea iniciará outra postura, dentro de um mês. Com tal processo, podemos obter posturas repetidas até 3 vezes por ano, do que resulta um aumento possivel de 9 filhotes anuais.

No caso de se preferir a galinha como incubadora, deve o ninho ser feito na terra e forrado apenas com um pouco de capim picado. Tais ninhos, feitos na terra, têm a vantagem de fornecerem aos ovos a umidade necessária, em virtude da evaporação do solo.

Os cuidados, devem ser: colocar a galinha com os filhotes em um pequeno viveiro — como seja um caixão com frente de tela — abrigado do vento e bem isolado.

No 1.º dia, nenhum alimento: depois, até ao 5.º dia, damos-lhes ovo cozido, duro, bem esmagado; do 6.º dia em diante, cânhamo moído, banana picada, mandioca ralada e crúa, couve picada, miolo de pão e alho picado, uma vez por semana. Do 2.º dia em diante, convém trocar a água pelo leite fresco. Quando os filhotes atingem um mês de idade, já estão bem empenados, e daí podemos dispensar a galinha. Ademais, em tal idade, já requerem poleiro. Desta época em diante adicionamos aos alimentos já descritos um pouco de milho quebrado e cânhamo inteiro. O cupim, como sempre, faz parte integrante da 1.ª ração."

CUJUBI' — Recebem êsse nome, como a variante cujubim, (35) duas espécies de cracídeos, do gênero *Cumana*, da região amazônica, muito idênticas às jacutingas aquí do Sul; uma é *Cumana cujubi*, que apresenta côr negra geral, com intenso reflexo bronzeado, crista dum branco desmaiado, bem como a mancha.

As coberteiras das asas são orladas de branco, principalmente na barba exterior.

A outra espécie, do alto Amazonas, é muito parecida com essa (*C. cumanensis*) sòmente diferindo pelas barbas das penas das coberteiras que são inteiramente brancas ou orladas de branco de ambos os lados.

Fig. 9 — Cajubi ou cujubi (**Cumana cujubi**)

ARACUAM — Sob êsse nome conhece o povo vários galiformes, da família dos cracídeos mas do gênero *Ortalis*, muito semelhantes aos jacús, dêles se distinguindo por terem a região da garganta ornada com uma linha de penas, enquanto essa região, nos jacús é núa.

Existem várias espécies no Norte e uma só no Sul. Algumas são bem menores que os jacús. Entre as do Norte citaremos a *Ortalis aracuan*, que é parda, peito pardo acinzentado, região ventral dum cinzento lavado, pernas com tons vermelhos, alto da cabeça pardo, pelo que se distingue duma outra espécie (*O. motmot*) que tem o alto da cabeça vermelho, sendo também um tanto maior; é o aracuam de cabeça vermelha.

Os aracuans em geral enchem de ruído as capoeiras e matas pouco espessas, pois pela manhã costumam a fazer uma matinada ensurdecedora. A sua gritaria, ouvida ao longe, dá-nos a impressão dum latido. O povo não simpatiza muito com êste vozear e chega a crêr que lhe acarreta máus augúrios.

---

(35) Certas tribus amazônicas acreditavam-se descendentes de cujubins e, por êsse motivo, tal ave era sagrada. Ainda hoje os caboclos caçadores do extremo norte não atiram no cujubim.

URU' — Distinguem os ornitologistas quatro espécies de aves da família dos odontoforídeos, as quais o povo engloba, indistintamente, sob o nome de urú, no Norte, e de capoeira, aqui no Sul.

O urú, ou capoeira aqui do Sul, que se encontra do Rio Grande até Baía e Goiás (*Odontophorus capueira*) é entre os galiformes brasilienses o que mais se aproxima, pelos hábitos, da galinha doméstica.

Mede 25 a 28 cents. de comprimento e tem tarsos curtos, de 41 a 45 milímetros. Tem tamanho mais ou menos dum pombo. O bico preto, arqueado, mostra dois dentes na margem da maxila inferior. A cauda é curta. A côr predominante é bruna, com matiz amarelado. A cabeça é bruno avermelhada, em cima, com uma estria castanha, com salpicos amarelos, que corre desde o bico, sôbre o ôlho, até a nuca. As penas dorsais de fundo claro, ostentam lindas malhas pretas. Goeldi diz que constituem caracteres distintivos a côr vermelha escura da região orbitária implume, bem como os dois dentes da maxila inferior que citamos acima.

O macho mostra um topete, ou cabeleira, de penas alongadas e implantadas no occipício, as quais êle arrepia, como um penacho, sempre que algo lhe cause surpresa ou mêdo.

Como as galinhas domésticas vivem pelo chão ciscando, à procura de insetos e suas larvas, vermes, frutos e sementes.

Raramente se vêem nas árvores e, naturalmente, daí vem o ditado que em banquete de urú, inhambú não se mete.

Para dormir no entanto gostam de se empoleirar em galhos baixos. O galo, a exemplo do seu longínquo parente oriental, quando o sol se esconde ou quando rompe a manhã, alça o seu longo e ralo topete e canta.

Não é a clarinada alacre do chantecler das florestas asiáticas, mas uma toada que envolve tristezas e melancolias, especialmente pela tarde, ao descambar do sol. Tímido e precavido, ao menor rumor, escapa-se ou deita-se ao solo, com a cabeça, que lhe podia trair, oculta no chão, cauda para o ar, aberta entre as folhas mortas, num mimetismo defensivo evidente.

Estranhável é que ave tão precavida e desconfiada, mostre-se tão afoita e desassisada na época dos amores.

Dementado pelo "sex-appel", ao ouvir o reclamo amoroso da fêmea, precipita-se como um louco em busca do prazer.

Os caçadores, que lhe conhecem o fraco, aprenderam a imitar o gemedouro apêlo da amorosa consorte, e ao ouvi-lo, o urú, esquecido do perigo, perde a cabeça e a vida, varado pelo chumbo da espingarda.

Alguns naturalistas, e entre êles o príncipe de Wied, crêm que sòmente o galo lance o seu arrulo amoroso e que, ao ouvi-lo, os outros venham à procura do rival. Seja como fôr o certo é que os caçadores se valem desse artifício para abater as pobres aves e que essas, na quadra dos amores, enchem as florestas com aquela música que Goeldi classificava como muito característica da nossa avifauna, e que parece repetir, "urú-urú" em várias escalas de sons.

Comportando-se plàcidamente nos galinheiros e em boa harmonia vivendo com as demais aves, desejável seria tentar-se a domesticação.

A postura do urú é de 10 a 15 ovos brancos e até resplandescentes. (36) Parece que põe três vezes ao ano, sendo que as posturas de novembro e fevereiro foram verificadas por Euler e uma terceira, em abril, suspeitada por Goeldi. O seu ninho, feito no solo da mata virgem, tem a forma dum pequeno forno, com a entrada lateral feita de folhas.

Além da relativa facilidade com que é abatido, atraído por pios, como já dissemos também sem esforço se aprisionam em arapucas, nas quais caem aos três e quatro atraídos por um engodo de milho.

O que dissemos sobre os hábitos da espécie aquí do Sul aplica-se igualmente às três do Norte, que julgamos de poucas vantagens descrever. No Norte dão também ao urú o nome de corcovado.

Henrique Silva acreditava que o povo dava o nome de urú a uma espécie e capoeira a outra, e neste caso teríamos duas espécies aquí no Sul e não uma.

---

(36) Em cativeiro, segundo C. JUNQUEIRA, põe de outubro a fevereiro, em ninho feito no chão. A postura verificada foi de 5 ovos. A incubação durou 24 dias.

IV

AS POMBAS SILVESTRES

"Todas essas vítimas dos caçadores (as pombas) devem ser protegidas por leis especiais, se quisermos que os nossos descendentes ainda possam encontrar alguma caça nas matas".

Rod. von Ihering.

Da ordem dos columbiformes, com representantes em todas as partes do mundo, saíram as primeiras aves domesticadas pelo homem.

Os naturalistas são unânimes em acreditar que a coorte numerosa dos pombos domésticos se originou do *biset*, pombo bravo, ou pombo trocaz (*Columba livia*). Darwin escreve: "Por mais considerável que seja a diferença observada entre as diversas raças de pombos, compartilho, por completo, da opinião comum dos naturalistas que os fazem descender do *biset*. (37).

Caracterizam-se os columbiformes pelo bico fraco, que se estreita no meio e se mostra duro na extremidade, que é curva. A base é coberta pelo ceroma, contendo as narinas.

Os representantes brasileiros desta grande ordem, que outróra constituía uma família dentre os galináceos, não são muito numerosos em espécies.

Duas são as famílias em que se acham divididos:

Calumbídeos, que mostram o tarso mais curto que o dedo anterior médio;

Peristerídeos, tarso do mesmo comprimento, ou mais comprido que o dedo anterior médio.

Só neste pequeno detalhe se fundamenta a divisão em duas famílias e no mais tudo idêntico, até os hábitos.

Nota-se na primeira família, que se costumam chamar pombas verdadeiras, maior predileção pelas árvores, e as outras são

(37) "L'Origine des Espèces", trad. Barbier, Paris, s/d., p. 27.

ditas pombas do chão, mas as do primeiro grupo gostam também de fazer seus passeios pelo solo e as do segundo frequentam de contínuo as árvores.

Dos 458 columbinos espalhados pelo mundo, o Brasil conta apenas com pouco mais de uma vintena de espécies e algumas sub-espécies.

Essa pobreza de columbiformes, entre a abundância da nossa avifauna, deu motivo a reflexões dos filósofos da Natureza.

Wallace, estudando o assunto, concluiu que a abundância de macacos exclue a abundância de pombos.

Goeldi vai mais além e não atribue a causa sômente aos símios, mas aos mamíferos trepadores, como quatís, iraras, gambás, cuícas, grandes destruidores de ovos e borrachos e das próprias aves adultas que se aninham na mata.

Compreende-se implicitamente que a mata não chega a ser o *habitato* ótimo para a proliferação destas aves. O invés é o que se verifica. Pensa-se assim explicar a pobreza de columbinos na zona neotropical brasileira.

As idéias de Wallace parecem encontrar bons argumentos na maior abundância de pombas nas regiões campestres, como se verifica no Brasil Central, onde, além de espécies que lhe são próprias, se encontram também as outras, que ocorrem na região amazônica, segundo testemunhava Henrique Silva, que, ao seu tempo, ainda acreditava na ocorrência de espécies não identificadas.

Goeldi, visitando certa ilha deserta, a dos Machados, situada na contra-costa atlântica de Marajó, surprcendeu-se com a formidável abundância de pombos. Observando a fauna da ilha, notou que os únicos mamíferos que ali vivem eram cães domésticos, que, abandonados por caçadores se tornaram alçados, e por lá levam a vida folgada, no meio de abundante caça.

E' a confirmação, quási experimental, das idéias de Wallace. Ausência de mamíferos trepadores, abundância de pombas.

As pombas brasileiras não estão devidamente estudadas sob o ponto de vista zoológico e a sua domesticação é tarefa digna de ser ainda tentada.

Henrique Silva refere-se a certa espécie de columbinos bravos, de grandeza e coloração como jámais tinha observado e que eram criados pelos índios carijós das margens do Araguaia.

Ao cativeiro adaptam-se quasi todos os columbinos e temos notícia que se deram perfeitamente neste gênero de vida: a juriti, a trocaz, a cabocla, a espêlho, a amargosa e a pomba de bando.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

POMBA DE BANDO — (*Zenaida auriculata*) — E' uma pombinha do tamanho mais ou menos da jurití verdadeira, pois mede de 22 a 25 cents. de comprimento.

A côr geral é brunácea, tendo como as demais pombas dessa sub-família, em baixo dos olhos e de cada lado do pescoço, duas manchas pretas, uma abaixo da outra.

As retrizes medianas são da côr do dorso, as laterais têm as pontas cinzentas e as mais exteriores brancas.

Adiante da ponta branco-cinzenta, nota-se uma orla preta.

A espécie ocorre desde o Chile e Patagônia até o Equador.

Não é espécie do mato virgem, mas dos campos e capões, segundo notula H. Ihering. Resiste ao cativeiro e aí se torna meiga e sociável. E' conhecida sob vários nomes: avoantes, rabaçãs, pararí, pomba de arribação, pomba do sertão, jurití carregadeira, etc.

Essas pombas surgem em grandes bandos nos Estados do Piauí, parte do Maranhão, R. Grande do Norte, Paraíba e especialmente no Ceará, onde seu aparecimento chega a ser providencial, quado ocorre em épocas de penúria, uma espécie de maná, com asas, chovendo sôbre o deserto nordestino.

Gustavo Barroso descreve, (38) magnificamente, uma arribação de avoantes como no Ceará são conhecidas. Merece transcrita essa passagem, como veremos:

"A avoante ou pomba de bando, como êste último nome indica, é um pombo selvagem, de arribação, pardacento, de pequeno tamanho, estadeando aqui e alí, emigrando sempre, andando à matroca numa aligera boêmia e que aparece em bandos numerosos e depois some-se.

Deixa os ovos a chocarem ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim (39).

Surge em bandos incontáveis de milhares e milhares, escurecendo o sol como grandes nuvens sussurantes feitas do bater de muitas asas, que se abatem sôbre o sertão prejudicando as plantações.

---

(38) "Terra de Sol" — Rio, 1912.

(39) Essa era, de fato, a noção corrente, mas observações posteriores demonstraram que as avoantes, como as demais aves, chocam os seus ovos. Leia-se o artigo do prof. RODOLFO VON IHERING, "La paloma Zenaida auriculata en el Nordeste do Brasil" — in "El Hornero", vol. VI, N. 1, pg. 37, 1935.

O lugar em que pousa um dêsses bandos chama-se um "pombal". Trinta, quarenta mil pombas descem numa varjota, perto de uma poça, onde estanquem a sêde, para darem começo à postura. O chão fica coberto de uma alcatifa pardacenta, rumorosa, sempre agitada, com um incessante reboliço de asas, que batem, e bicos que escarvam e trituram, arrulam e gemem. As árvores adjacentes cobrem-se de pombas, toucando-se asim de folhas pardas, movediças, arrulantes, vivas... E dessas árvores, para o céu, para a luz, para toda a parte, constante e incessantemente, partem, voltam, voam, vão, tornam, pousam, avoejam. E' um contínuo vai-vem, um contínuo mover-se. As do chão lutam entre si, disputando espaço para se aninharem, empurrando-se, beliscando-se, esmagando-se, num sussurrar, num chiar, num farfalhar, num ruge-ruge.. Comem vorazmente tudo que alcançam; e à beira da poça de água, para beber, ainda é maior a luta e maior a confusão. Há pombas nas árvores, descansando, nos ares a voar rumorosamente, pelo chão em reboliço e atropêlo, nos capinzais, nas pedras e nas moitas...

O chão por baixo delas vai ficando branco de ovos em imensa quantidade, esquecidos entre talos de gramíneas devoradas, ocultos entre seixos, caídos a esmo por toda a parte. Dêles se apanhariam cargas e mais cargas. A gente, ao passar, esmaga-os às centenas. E as inquietas avoantes parecem que ficam durante a postura sem sentimento do medo; movem-se, voam, empurram-se, mas não se amedrontam nem se espantam com gente.

Acorrem pressurosos ao "pombal", cães, gatos bravios, lagartos, rapôsas, guaxinins, cassacos (gambás), gaviões, punarés (rato do mato), cobras; todos os esfaimados, todos os salteadores e todos os gastrônomos. Começa a destrüição: pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos chupados, engolidos, espatifados. E elas nem procuram fugir; entregam-se aos carrascos alheadas do perigo...

Quando o bando levanta o voo denso, fica o chão liso, limpo, espanado de ervas e sementes, todo escarvado, escarafunchado; ás árvores quási peladas — como se já se andasse em sêca brava. O bico terrível da praga tudo ceifou. Aqui e ali um montão de penas ensanguentadas vai-se espalhando ao vento, a revolutear".

Caçam-na de todas as formas: pau, bodoque, armadilhas, espingarda, etc. "A armadilha mais interessante é o fojo. O sertanejo, escreve ainda G. Barroso, na obra citada, procura uma poça d'água, onde elas costumam beber. Cerca-a toda de galhos espinhosos, de modo a impedí-las de pousar, deixando sòmente, para que bebam, um pequeno espaço.

Nessa abertura afluem em atropêlo milhares de pombas.

Alí o matuto cava um fôsso longitudinal, onde se deita, cobrindo-se todo com alta e basta camada de ramos folhudos. E com as mãos vai pegando pelos pescoços as que se curvam para beber.

Torce-os. Puxa-as palpitantes e mete-as no urú.

Passa alí, pacientemente, o dia inteiro na umidade, com frio; mas, à tarde, tem morto mil, mil e quinhentas, duas mil avoantes".

Outro método curioso e também empregado é o de pôr cascas de favela, suco de maniçoba, nos bebedouros, onde se dessedentam as avoantes. Ao se desalterarem nessas escassas poças d'água, as pombinhas são tomadas de uma verdadeira embriaguez e o caçador só tem o trabalho de apanhá-las, por vezes, aos milhares (40).

O povo inteiro da região entrega-se de corpo e alma, ao morticinio das inocentes avoantes.

---

(40) Essas emboscadas, que acima deixámos descritas, e outras, são muito vulgares no Brasil,

O ardíl de se aproximar o caçador do animal que deseja abater, simulando-lhe o aspecto, ou o de outro animal que lhe é familiar e inofensivo, acha-se espalhado em todo o mundo, escreve ROBERT LOWIE no "Manuel d'Anthropologie Culturelle".

Assim, ainda hoje talvez, o bochiman se disfarça em avestruz, no sul da África, e o pele-vermelha, em gamo, na América do Norte.

Entre nós, por não existirem animais de grande porte, capazes de serem iludidos, os íncolas empregavam outro embuste para chegar próximo da cobiçada presa: embrulhavam-se em folhas do mato, simulando uma moita. Era o que chamavam **mbaiá.** Nos tempos correntes, no Chaco, ainda assim se caça o nhandú.

De uma variante dêste artifício, usada pelos naturais das margens do rio Negro e da Guiana, dá-nos notícia o marquês de Wavrin em "Moeurs et Coutumes des Indiens Sauvages de l'Amerique du Sud" — Paris, 1937.

Conta-nos aquêle etnólogo que, na estação sêca, bandos de cegonhas aí passam em suas migrações. E', não o fim da viagem, mas um pouso rápido, o descanso de uma noite, nas praias, para recomeçar a peregrinação em busca de alimento.

O aborigene então usa o seguinte estratagema: Envolve o corpo num lençol branco e, assim disfarçado, se aproxima do grupo itinerante. A escuridão da noite favorece a estrepresa, pois, vendo aquele vulto branco entre elas, tomam por um seu congênere, tanto mais que o caçador procura imitar-lhe os movimentos e o aspecto.

Assim se insinua o pérfido caçador sem despertar suspeitas, colocando-se sempre ao lado das aves e jamais pela frente, pois poderia ser alcançado por uma valente bicada.

Ao estar junto á ave, segura-lhe a ponta da asa e, num rápido movimento de torsão, num golpe sêco, parte-lhe a última juntura, o suficiente para impossibilitar o voo. O animal, com a dôr, recua uns passos, solta

Fecham-se as casas e cada qual, com a arma que dispõe, em geral, uma vara forte, lá se vai à rendosa caça.

Em breve estão cheios os mercados, onde o artigo é vendido de 5$000 a 8$000 o cento de pombas sêcas ao sol. Rod. Ihering diz que uma pomba pesa 115 a 130 grs. e quando preparadas e sêcas 10 pombas pesam 562 grs. Os ovos são vendidos de 800 a 1$000 o litro.

Pelas estradas encontram-se caminhões carregando fardos de pombas sêcas para o mercado.

Não deve estar muito longe a hora extrema do desaparecimento desta espécie, a exemplo do que sucedeu com uma outra pomba migratória norte-americana (*Ectopistes migratorius*), cujo último representante morreu em 1 de setembro de 1914 no Jardim Zoológico de Cincinati.

JURITÍ — Existem várias espécies englobadas sob o nome de jurití, embora algumas sejam extremadas pelo povo, que as conhece com denominações verdadeiramente específicas, como jurití da mata virgem, também dita jurití verdadeira, jurití grande, jurití piranga, jurití azul.

Os ornitologistas, neste grupo, descrevem seis espécies pertencentes a dois gêneros diversos.

---

uma beliscada, para o lado donde lhe veio a agressão, e, logo a seguir, reina calma em todo o acampamento das cegonhas.

Continúa o embusteiro a sua obra de traição e, pela manhã, o bando inteiro, com asas partidas, incapaz de retomar o itinerário avito gravado no cérebro pelas leis da hereditariedade, alí fica, á mercê do homem, que dêle dispõe segundo as necessidades da sua alimentação.

Também com embustes e simulação os aborigenes das planuras do Orenoco ainda caçam os marrecos selvagens nas suas lagunas, segundo conta WAVRIN na obra atrás referida.

O caçador entra nágua até cobrir todo o corpo, só deixando de fora a cabeça, a qual dissimula com uma cabaça vazia, provida de um furo, para enxergar.

Os marrecos, já habituados com plantas e tufos de vegetais que andam de bubuia sôbre as águas, de nada se arreceiam.

Chegado próximo dum confiante marrequinho, segura-lhe as pernas num movimento rápido, puxa-o para o fundo e torce-lhe o pescoço.

Na flôr das águas é tudo calma. Para os demais marrequinhos o desaparecimento do companheiro não passa de um mergulho vulgar.

E assim vai o homem caçando, um a um, e enfiando na cinta que leva. Quando julga necessário, vem até á margem da laguna aliviar-se do pêso da caça e volta para o insidioso massacre.

COUTO MAGALHAES, já em 1863, quando da sua primeira edição da "Viagem ao Araguaia", relatava êsse mesmíssimo e original processo de caçar marrecos no Brasil central.

Fig. 10 — 1) Pomba trocaz macho (**Columba picazuro**); 2) Juriti azul (**Claravis pretiosa**); 3) Pomba amargosa (**Columba plumbea**); 4) Pomba de bando (**Zenaida auriculata**) 5) Rolinha (**Columbigallina passerina grisecia**).

Todas são pombas pequenas, medindo a menor 17 cents. e a maior 27.

O principal característico das juritís é a cauda longa, formada de 12 penas escuras, que têm as extremidades negras orladas de branco.

Quando em voo, trazem a cauda em leque e, ao pousar, fazem com ela movimentos, presumivelmente para se equilibrarem.

Outra particularidade da jurití está no sussurro sibilado do seu voo. Ouvindo-se êsse ruído, está denunciada a graciosa pomba.

Na plumagem geral das juritís predomina a côr parda, lavado, aquí, de bruno azeitonado, alí, de alvacento.

Em algumas se notam ligeiros coloridos arroxeados e noutras avermelhados, essas últimas são as juritís pirangas ou avermelhadas, das quais se distinguem duas espécies.

Esta vestimenta tão discreta não tira em nada a natural garridice e o encanto dessas avezinhas.

Gostam de marisear pelo chão e mostram-se muito elegantes nos seus passinhos miúdos, compassados pelos rápidos movimentos da cabeça.

Alimentam-se de sementes, bagas e outros frutinhos. Resistem ao cativeiro e tornam-se mansas, havendo quem afirme que se reproduzem em viveiros.

As juritís vivem em pequenos grupos que freqüentam os jardins, as hortas, os pomares e encontram-se nas fazendas por todo o interior do país. O seu arrulho é um gemido, um soluço abafado, duma infinita mágoa.

Nidificam em sebes e arbustos e sempre a pequena altura. Os ovos variam de côr segundo a espécie. A espécie mais abundante aqui no Sul é *Leptotila reichenbachi*, grande freqüentadora dos quintais e chácaras, onde faz freqüentemente, seu ninho — uma tijela chata, feita de gravetos, muito sem arte.

São as vítimas habituais da criançada inconciente e dos marmanjos vadios, que as matam com atiradeiras e as pegam facilmente em arapucas.

O nome juritì está ligado à curiosa lenda da juritì pepena, que José Veríssimo dessoterrou dentre tantas outras histórias mitológicas da Amazônia (41).

Trata-se de uma ave fantástica, que habita o seio do taiá (tinhorão), uma das muitas aráceas que se regalam com a umidade e o calor do vale amazônico.

---

(41) "Cenas da Vida Amazônica" — Lisboa, 1886.

O taiá desprende pios misteriosos, queixumes arrepiantes, lúgubres, que enchem de pavor a gente ingênua.

Tais gemidos terríficos quem os solta é a juriti-pepena, ave sofredora que mora dentro da planta. Não tem, como certas divindades gregas que habitavam árvores, idéias ridentes e desejos amorosos, mas sêde de vingança. Quando se toma de rancores por alguém, leva-o à mais terríveis das paralisias (42).

Os pagés e outros iluminados da pagelança podem açular, contra os inimigos, o traiçoeiro poderio da juriti-pepena.

Alfredo Ladislau explica a origem da lenda no seguinte reconto (43).

"Quando ainda os poderes que estão no céu andavam pela terra espalhando a vida, o filho de um tucháua afeiçoára-se pela filha do primeiro pagé. Viviam felizes no seu bem-querer. Mas a inveja de outra donzela, de raça mais nobre, veio desmanchar essa felicidade. Com o auxílio de outro feiticeiro, conseguiu que o moço desprezasse, por ela, o seu primitivo afeto. E a moça ofendida adoeceu mortalmente. O pagé, pelas "pedras verdes", soube de tudo que acontecera à filha. E como dispunha também de muita fôrça oculta, enfeitiçou o leviano rapaz com uma incurável paralisia, transformando depois a filha em juriti, para perseguí-lo, por toda a parte, com seus magoados lamentos de ave ferida.

Quando essa juriti morreu, o velho pai deu-lhe piedosa e minúscula sepultura ao canto da cabana paterna, donde fez brotar essa planta, com a faculdade de castigar, em todos os tempos, a deslealdade dos amantes".

POMBA TROCAZ — (*Columba picazuro*) — E' uma das mais avantajadas pombas brasileiras, da família dos columbídeos. Mede 35 a 38 cents. de comprimento. Tem a fronte, faces, cabeça, até a parte anterior da nuca, garganta, peito e ventre, pardo acinzentado violáceo; baixo ventre, plúmbeo; nuca escura anegrada com as penas orladas de claro e arminhado, dando pelo conjunto aspecto escamoso; dorso, cobertura superior da cauda e flancos, plúmbeos; pequenas coberturas das asas pardo anegradas com as penas debruadas de claro; grandes coberteiras da mesma côr com larga bordadura branca; penas rêmiges quasi negras; cauda para o nascimento, cinzento ardósia escuro

(42) Pepena significa aquêle que quebra. Por analogia, o que paralisa. No "Voc. Nheengatú", de STRADELLI, lê-se: "Pepena". Dobrado, quebrado. O assinalar, que se faz, quebrando aquí e alí uma rama, quando alguém se interna na floresta fóra do caminho batido".

(43) "Terra Imatura" — Rio — 1933.

e para a extremidade negra; bico plúmbeo; tarsos coralinos; face inferior das asas com as coberturas plúmbeas, e as penas rêmiges anegradas; face inferior da cauda cinzento ardósia, quasi negro. Aninha-se em árvores de pequeno porte. O ninho é uma tijela chata feita de gravetos, com a cavidade forrada de algumas folhas.

Habita: Baía, Mato Grosso, Goiás, Rio G. do Sul.

Sua carne goza de grande estima.

Essa pomba é chamada também asa branca e jacaçú em alguns Estados, sendo bem possível que êsse último nome caiba outrossim a certas espécies que com essa muito se assemelham.

Em Portugal e, possivelmente, em toda a península ibérica, recebe o nome de pomba trocaz a espécie européia *Columba palumbos,* pomba brava, mas domesticável, e um tanto maior que a acima referida.

POMBA LEGÍTIMA — (*Columba rufina*) — Pertence, como a anterior, à fam. dos columbídeos e mede 34 cents. de comprimento.

A côr predominante é cinzenta, com nuances arroxeadas na fronte, pescoço, peito, parte do dorso e adiante das asas.

E' muito abundante em todo o país, onde se encontra em bandos numerosos. Vive em cativeiro e torna-se muito confiante e mansa.

Essa pomba, por ser muito vulgar e difundida, recebe diversos nomes, como picuçaroba, caçaroba, saroba, pomba galega.

POMBA AMARGOSA — (*Columba plumbea*) — E' de tamanho da precedente e com ela bem parecida também na coloração. Habita as matas espessas e encarrapita-se nas grimpas das árvores onde durante longo tempo solta o apagado arrulho, gu-ú-gu-ú.

Vem-lhe a denominação amargosa pelo fato de ser sua carne de gôsto amargo, mas nem assim deixa de ser perseguida pelos caçadores.

A carne desta ave, entretanto, não apresenta sempre o gôsto amargo que lhe valeu o nome, e isso só lhe acontece em certas quadras do ano, quando se alimenta de determinadas sementes.

Pos outros nomes também se conhece essa pomba e entre êles o de caçuirova.

Na Amazônia ocorre uma sub-espécie, conhecida por pomba Santa Cruz.

FOGO APAGOU — (*Scardafella squamosa*) — E' uma linda pombinha, mansa, que não passa de 20 cents. de comprimento, sendo pardo cinzenta em cima e branca por baixo.

Do seu arrulho forte o povo ouve a frase "fogo apagou" por vezes deturpada em "fogo-pagou".

Vive bem em reclusão e parece que aí se reproduz. Goeldi viu essa pombinha aninhar-se e pôr em cativeiro, mas os ovos goraram.

Os casais reclusos convivem numa eterna lua de mel, num escandaloso permutar de carícias.

POMBA ESPÊLHO — (*Claravis geoffroyi*) — Graciosa pombinha de côr geral cinzento-ardósia, com as tetrizes das asas ornadas de larga fita de côr violeta, penas rêmiges e cauda quasi negra, ventre cinzento quasi branco e desta côr o uropígio.

A fêmea é de côr geral pardo-amarelada, com a fronte e garganta esbranquiçadas; peito mais claro que a côr fundamental; ventre e uropígio esbranquiçado; coberturas das asas pardo-amareladas, com a mesma larga fita violeta do macho; penas rêmiges e cauda anegradas; bico escuro e tarsos côr de carne.

Habita as matas de vários Estados como os de: Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Baía, etc. aparecendo geralmente em pequenos bandos.

Resiste bem e por muito tempo ao cativeiro. A carne é boa e estimada.

Essa avezinha é por outros chamada pomba azul, e outrora se encontrava no mercado do Rio.

A alimentação desta pomba é igual à das demais, porém tem especial predileção pelas sementes de bambú, e, segundo o príncipe de Wied, gosta muito de mamão e outros frutos quando bem maduros.

Não é possível prosseguir na descrição de tantas outras espécies, mas não finalizaremos sem nos referir, embora, à ligeira, às rolas e rolinhas.

Entre elas está *Claravis pretiosa*, idêntica à anterior e de distribuição geográfica semelhante. Vive em pequenos grupos pelas vizinhanças dos ribeiros e faz ouvir um arrulho que se poderia figurar: ú-ú-ú-ú.

E' bem conhecida por pomba-rôla, juriti azul, picuí-peba.

Com o nome de rolinha conhecem-se ainda quatro espécies, todas pombinhas nanicas, pardilhas, sendo *Columbigallina talpacoti*, muito comum aquí no Rio de Janeiro, em cujos jardins aparece em pequenos bandos, com a timidez de perseguida e a graça de um pequenino "bibelot" animado. E' também chamada pomba rôla e os indígenas deram-lhe o nome *picuí-peba*, o qual aliás davam à pomba anteriormente referida.

Esta rolinha é muito comum na maioria dos Estados do Brasil.

Mede 16 a 17 cents. de comprimento. A côr geral é roxo-avermelhada, mas a cabeça é azul xistáceo. As rêmiges são pardo-acinzentadas. A garganta e fronte são dum vermelho esbranquiçado. E' uma miniatura de juriti.

Na Baía chamam-lhe rola sângue de boi.

Os ninhos das pombas são geralmente construidos sob um só e quasi universal modêlo: tijela achatada, feita de galhinhos sêcos muito desajeitadamente reunidos.

A pomba rôla costuma localizar os ninhos em moitas, nos jardins e nas sebes. Os ovos de *talpacoti* são brancos, alongados e com a ponta anterior obtusa e medem 22 1/2 mm. × 18 mm. Euler suspeita que tal rolinha faça 3 a 4 posturas ao ano. O canto destas pombinhas é ouvido desde julho a abril.

Dá-se bem nos viveiros amplos e aí procria com facilidade, podendo-se contar, anualmente, com seus filhotes.

Na época da incubação, entretanto, seus ares pacíficos sofrem uma transformação radical. Ciosa já da sua futura prole, põe-se a agredir todos os colegas de viveiro, e não se arreceia de medir forças com os mais taludos. Encarrapita-se no dorso das aves de maior talhe e sova-as com as asas.

Uma outra rolinha, muito rara e essencialmente brasileira, porque fóra do nosso território não tem sido encontrada, é *Oxypelia cyanopis*.

Pode-se considerar até uma das aves mais raras que existem, pois, sómente quatro museus de ciências naturais contam com exemplares deste columbino, segundo Olivério Pinto (44). Assemelha-se à rolinha comum, mas dela se diferencia facilmente. Para distinguí-la da sua semelhante, escreve o autor recêm citado: "é bastante reparar no colorido do alto da cabeça e do pescoço que é intensamente ruivo acanelado, ao invés de cinzento claro como na rola comum".

(44) "Boletim Biologico" — Vol. III, n. 5, p. 17.

V

CIGANA

> "E' bem um espécime que acentua com evidência iniludível um período de transição entre o réptil e a ave".

Esta ave apresenta-se tão singularmente diferente das demais pelo esterno, que foi preciso criar para ela uma ordem que comporta uma só família, um só gênero, uma só espécie (*Opisthocomus cristatus*), conhecida na Amazônia por cigana, aturiá, catingueira, jacú-cigana, hoazin.

E' uma linda ave, do porte de um jacú, algo parecido com êle, possuindo longas penas que lhe ornam a cabeça, numa espécie de cocar. A parte superior do corpo é de côr parda, mas de um pardo luzidio, oliváceo, o topete de que falamos é acastanhado na parte anterior e empardecendo para occipúcio.

Boa parte das penas dorsais são, ao meio, estriadas de branco; as coberteiras das asas superiores também são orladas desta côr; a parte exterior das rêmiges é vermelha, a cauda preta, com larga ponta amarelada; garganta e peito amarelo ocre e e barriga de um pardo bem acastanhado.

As asas medem 33 cents.; a cauda 29 e o tarso 2,8 cents.

Esta indumentária resulta vistosa, como são, geralmente, os trajos de côres berrantes das ciganas e daí a denominação popular.

O seu estômago é disforme e as asas mostram que são o homólogo do braço e da mão paradátila dos répteis.

E' bem um espécime que acentua com evidência iniludível um período de transição, entre o réptil e a ave.

A cigana, que é arborícola, quando jovem sobe nas árvores com ajuda de suas asas, providas de uma unha curva, resquício da garra degradada de seus avoengos desaparecidos.

Quais seriam, nas épocas remotas, os predecessóres desta singularíssima ave?

Quantos intermediários curiosos, entre réptil, de períodos geológicos longínquos e a cigana, descendente desgarrado de uma família engulida pelo tempo.

Goeldi escreve: "é um dos documentos filogenéticos mais interessantes, — nova e inesperada pedra de toque para a verdade da evolução e da transformação, portanto logo, também, um justo embaraço e perplexidade para aqueles que julgam que a sociedade humana lucraria com a crença na eterna e perpétua rigidez da espécie".

As ciganas alimentam-se especialmente com folhas tenras e frutos de aninga (*Montrichardia arborescens*), arácea abundante nas margens pantanosas dos rios, várzeas e lagos e do aturiá (*Drepanocarpus lunatus*), planta também arbustiva, espinhosa do estuário amazônico, e da batata — rana (*Vigna lutea*).

Fig. 11 — Cigana (**Opisthocomus cristatus**)

Vivem essas aves, lindas e imbecís, aos bandos, nos aningais, emprestando com a singularidade de seu tipo, o aspecto de uma era recuada, esquecida pelo tempo, nos pantânais verdes da Amazônia.

Sua carne não se presta para alimentação por desprender um cheiro desagradável, talvez devido ao seu alimento predileto, frutos e folhas da aninga. Dêste desagradável odor lhe veio o nome popular de catingueira.

Antenor de Carvalho, que há pouco fez uma excursão zoológica ao grande vale amazônico, forneceu-me as seguintes notas: Os filhotes permanecem no ninho por alguns dias, ao cabo dos quais, começam a fazer pequenas excursões pelos galhos vizinhos. São alimentados pelo casal todo o tempo necessário para voarem e procurarem alimento por si. Andam sempre em bandos. Banham-se e mergulham bem. Os filhotes, quando perseguidos, caem n'água mergulhando e nadando com facilidade, sobem pelos cipós e galhos com o auxílio do bico, pés e asas à moda do periquito. Durante as noites de luar não dormem passando toda ela a gritar. Dormem nas pontas dos ramos debruçados nos igarapés. Parece que põem durante o ano todo. A população ribeirinha come os ovos e rejeita a carne por ser morrinhenta.

Fig. 12 — Filhote de cigana. Notem-se as garras na ponta das asas, com auxílio das quais sobe pelas árvores. Desenho feito sôbre fotografia de Beebe, in — "College Zoology", R. W. Hegner.

Os ovos medem de 42 × 32 a 48 × 33 mm.

VI

SARACURAS, FRANGOS - D'ÁGUA E IPEQUÍ

"As saracuras são as grandes animadoras da vida dos brejais".

As saracuras, frangos-d'água e seus afins fazem parte de uma ordem de aves que, além de caracteres que lhes são próprios, têm hábitos idênticos a outros grupos que vivem nos brejos, aguaçais e à beira dos cursos d'água.

São, pois, aves hidrófilas, que os ornitologistas modernos colocam na ordem dos raliformes, em que se distinguem só duas famílias: a dos ralídeos, em que se encontram numerosas saracuras, frangos-d'água etc. e a dos heliornitídeos, com uma só espécie brasileira, o ipequí.

A primeira família, em que se encontram as saracuras, é caracterizada por aves de tamanho médio e pequeno, pernilongas, de bico comprido, forte e duro na ponta e com a fronte provida de penas. As asas, ora são longas, ora curtas e a cauda, que é mole, sempre curta. As tíbias são nuas na parte inferior e os pés, munidos de dedos longos e finos, foram feitos para correr por cima das plantas aquáticas e dos lamaçais amolecidos.

Alimentam-se essas aves de toda casta de bicharia que encontram, vermes, moluscos, insetos e não desdenham nem se fazem rogadas para engulir um camondongo e já vimos, em estado doméstico, matar e querer, à viva fôrça, ingerir um pintaínho recém-nascido.

Aninham-se de formas várias segundo a espécie, como veremos adiante.

As saracuras são as maiores animadoras da vida dos brejais, onde, pela manhã e à tarde as fêmeas entoam, em conjunto, uma cantoria ensurdecedora que soa mais, ou menos *tré-pot, tré-pot, tré-pot, tré-pot. pot, pot, pot, pot,* enquanto o macho, teima na sua afirmativa, entoando, mais ou menos um *pôt,* e dessa onomatopéia lhes vem a designação popular, de três potes, por que é muito conhecida em certas regiões do Brasil.

O seu cantar é realmente forte e já Fernão Cardim escrevia sôbre êle essas pitorescas palavras:

— "tem um cantar estranho, porque quem o ouve cuida ser de uma ave muito grande, sendo ela pequena, porque canta com a boca, e juntamente com a traseira faz outro tom sonoro, rijo e forte, ainda que pouco cheiroso, que é para espantar; faz esta música suave duas horas ante manhã, e à tarde até se acabar o crepúsculo vespertino, e quando canta, de ordinário, adivinha bom tempo" (45).

O venerando provincial dos jesuítas, cujos informes sôbre o Brasil que amanhecia têm ainda tão magnos encantos, foi visivelmente tapeado por um observador superficial. A saracura só aprendeu a cantar pela boca.

A outra cantiga, a mal cheirosa, faz parte daquelas histórias que o Zé-Povinho, irreverente humorista, denominou "conversa pr'a boi dormir".

A nota mais curiosa não se assinala simplesmente por êsse còro em comum, mas por uma espécie de dança que executam, em conjunto, enquanto entoam as suas estrídulas cantigas.

Goeldi surpreendeu-lhes os bailados. Uma ou duas soltam as notas da musicata e diversas saracuras correm de um lado para outro, dando a impressão que se divertem, segundo velhas usanças já tradicionais entre os indivíduos da sua raça.

Deduções antropocêntricas? Talvez. Mas que sabemos nós da psicologia dos animais?

Como existem muitas espécies de saracuras, é natural que se note alguma diferença no canto, o que realmente acontece.

Não sòmente pelo canto, mas sobretudo por certas particularidades de seu modo de vida, se notam diferenças.

Há espécies que preferem as margens dos rios, outras os mangues, nidificando cada qual segundo essas predileções. Assim

---

(45) Acredita-se ainda hoje entre nós, com visos de verdade, que quando as saracuras cantam, pelo meio do dia, é que o tempo vai mudar.

é que se encontram ninhos ora nos juncais, ao meio dos pântanos, ora sôbre troncos de árvore, a pequena altura.

O ninho é um amontoado de gravetos, formando uma panela, atapetada de palhaça sêca.

As saracuras podem viver em domesticidade e aí reproduzirem-se. Goeldi afirma-o, por tê-las criado.

Possuí, por vezes, saracuras que se acomodavam em um pequeno quintal e embora sempre se mostrassem desconfiadas, viveram anos em cativeiro, sem perderem o hábito de entoar a característica cantarola que me servia de despertador.

Em domesticidade, prestam-nos serviços caçando toda a bicharada que aparece, dando particular apreço às baratas e sabendo caçar camondongos e ratinhos. As espécies que tenho observado em estado doméstico são *Aramides cajanea* e *A. saracura*.

São, pois, úteis, na limpeza dos quintais e dos matos. Por vezes, causam alguns estragos nos roçados e, quando de parceria com aves no galinheiro doméstico, fazem estrepolias, empanturrando-se de ovos, e não torcem o nariz, ou melhor o bico, para um pintaínho que lhes chegue ao alcance.

LENDAS

Segundo uma tradição mítica dos índios caingangs (46), conhecidos também por coroados, houve, em tempos imemoriais, um dilúvio que cobriu inteiramente a terra dos seus antepassados.

Emergindo das águas, só se avistava o cume da serra Krinjinjimbé (Serra do Mar).

Para alcançar êsse ponto, índios de várias nações afrontavam as águas nadando, com um tição incendido entre os dentes.

Os caingangs e uns poucos de curutons atingiram o cume, onde permaneceram uns no chão e outros nas árvores, por já não haver lugar no solo.

Lá ficaram longos dias, sem que as águas descessem. Resignados aguardavam a morte, quando ouviram o cantar das saracuras e notaram que essas traziam terra, em cestinhos, que despejavam na água, que principiava a recuar.

---

(46) "Os caingans ou coroados no Rio G. do Sul" — CARLOS TESCHAUER, in Bol. do Mus. Nacional — Set. 1927.

Começaram então os eaingangs a incitar as saracuras, pedindo que redobrassem de atividade, porque senão êles morreriam.

Acudindo ao apêlo, as saracuras intensificaram o esfôrço e cantando chamaram os patos em seu auxílio.

Dentro em breve estendia-se uma planície, para onde vieram os eaingangs exceto os que estavam trepados nas árvores, que foram transformados em "monitós", macacos e os curatons metamorfoseados em "caroias", macacos urradores.

Ora, como as saracuras começassem o atêrro pelo lado de onde nasce o sol, eis porque os rios e arroios que se estendem nesta região da costa vão todos desembocar no grande Paraná.

. .

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

Nada menos de vinte e sete espécies acham-se descritas sob o nome de saracura, frango d'água etc., e dessas descreveremos as mais comuns.

Em primeiro lugar trataremos das saracuras do gênero *Aramides,* que contém sete espécies, muito difundidas no país. Trataremos das quatro seguintes:

Aramides mangle, muito freqüente nos mangues de toda a orla marítima do Brasil, da Baía ao Rio de Janeiro e, por isso, é chamada saracura da praia.

No Norte chmam-lhe três potes.

Mostra um vermelho ferruginoso intenso no lado anterior desde a cabeça ao ventre, cinzento azulado na nuca e negro a começar do ventre; as tetrizes são rajadas de preto e branco.

Aramides cajanea cajanea — Saracura grande (312 mm.) bem difundida no Norte e encontrada no Pará, Guiana, Minas, Mato Grosso, Rio de Janeiro e S. Paulo.

Tem a parte superior do corpo verde oliváceo, dorso inferior e cauda dum pardo negrusco, cabeça, garganta e peito anterior, cinzentos, mento branco, peito inferior e barriga avermelhados.

Nos Estados nordestinos é conhecida por três potes e responsável pela matinada que se houve ainda no lusco-fusco da manhã. Aninha-se na vizinhança dos brejos, em capoeiras, nas árvores de média altura. O ninho é uma bacia chata, feita de gravetos e talos de capim, com a cavidade forrada com folhas.

Aramides ypacaha — E' talvez a maior das saracuras e daí o nome da saracuraçú.

Seu talhe é o de uma galinha pequena, e sua envergadura, quer dizer de um extremo a outro das asas abertas, mede 64 cents. Tem olhos com íris vermelha, pupila azulada e o bico, que mede 4 cents., é reto e verde; os tarsos e pés são avermelhados. A garganta branca, pescoço e base do peito cinza. O ventre mostra uma côr vermelha ferrugínea. Ocorre em Minas e é muito comum no Paraguai e Argentina, onde é conhecida por chiricote. Sua carne dizem que tem sabor agradável.

Fig. 13 — Saracuraçú (Aramides ypacaha)

Aramides saracura — Habita, não os mangues, mas as margens dos córregos e os brejais, e daí o seu nome de saracura dos brejos. Euler descobriu-lhe os ninhos em arvoredos a um metro do solo. Êsse ninho é uma "gamela chata, guarnecida de fôlhas sêcas". Postura quatro ovos de formato idêntico ao das galinhas, medindo 45 mm. × 35 mm. com a côr fundamental vermelho-amarelado claro com pontuações e manchas roxas, azul-cinéreo e vermelho carregado.

Passemos a outros gêneros.

Limnopardalus nigricans — E' uma saracurazinha de ampla distribuição na América meridional. No Brasil é encontrada desde Pernambuco ao Rio Grande e nos Estados centrais. E' de côr geral parda com raias negras. Aninha-se no brejo, entre os juncais. O ninho é uma tijela chata feita de gravetos e ramúsculos.

Neste gênero ainda se aponta *L. maculatus*, que é parda enegrecida, com a parte superior do corpo, a garganta e o abdome listrados de branco.

Ocorre no Pará, Pernambuco e R. G. do Sul, países vizinhos e Cuba.

Porzana albicolis — E' um frango d'água dos mais espalhados no Brasil e outros países sul-americanos. Aqui no Sul é conhecido por sanã, frango d'água e saracura. No Norte chamam-lhe sanã de samambaia.

A parte superior do corpo é parda olivácea, raiada de preto, garganta brancacenta, de onde lhe vem o nome científico; o peito é cinza, a região central do abdome branca, flancos e coberteiras da cauda são brancas com listras negras.

Estaciona de preferência nas moitas de gramíneas e aí põe ovos numa pequena depressão, que nem se póde chamar ninho. Seus ovos, em número de oito, têm o campo de um branco com acentuado nuance amarelo-vermelho, salpicado de largas manchas azul cinéreo. Medem êsses ovos 30 mm. × 22 mm. e são de forma alongada, com ambas as pontas obtusas.

Creciscus melanophaius — Outro frango d'água que por ser dos mais pequenos (133 mm.) é também chamado pinto d'água. No Norte é conhecido por açanã.

A parte superior do corpo é olivácea enegrecida, garganta e parte central do peito, branco, lados da cabeça, do pescoço e do peito vermelhos; barriga preta com listras brancas.

Ionornis martinica (= *Porphyriola martinica*) — E' um lindo frango d'água chamado saracura de canarana, no Norte e aqui no Sul conhecido por frango d'água azul.

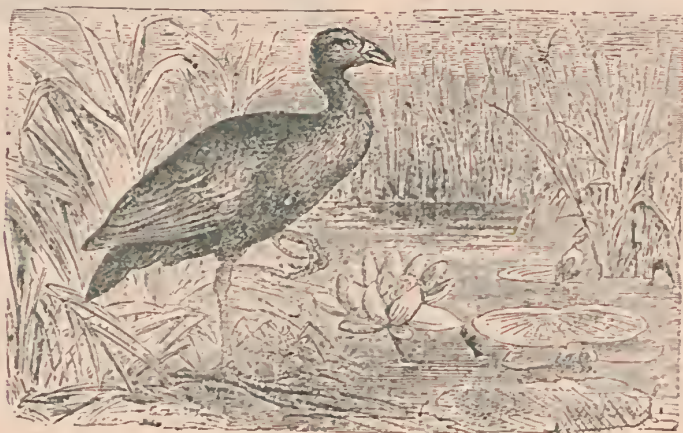



Fig. 11 — Saracura da canarana (**Ionornis martinica**)

E' verde na parte superior do corpo; asas, cabeça, nuca, e parte inferior azul, coberteiras da cauda inferiores brancas. Tem a mais larga distribuição geográfica na América, ocorrendo do Canadá à Argentina. No Brasil tem sido encontrado em quasi todos os Estados.

Parece a menos arisca das espécies. Faz o ninho nos brejos e banhados, em touceiras de capim ou de arroz. A ave curva a folha das gramíneas e nessa depressão se aninha.

Gallinula galeata — Êsse frango d'água, ao contrário do anterior, é espantadiço e super-arisco. Dificilmente se desembrenha dos juncais e aí constroe seu ninho junto à água. O ninho é uma simples tijela feita de folhas. Põe quatro ovos côr parda desmaiada, quasi amarelado, bastamente salpicado de pontos pardilhos, formando por vezes constelações.

A côr dêsse frango é olivácea carregada na parte superior do corpo; cabeça e garganta pretas, dorso alto de um azulado xistáceo, parte inferior cinzenta, barriga, na região média, pintada de branco e coberteiras de cauda brancas. Seu bico é curto, amarelo na ponta e vermelho na base.

E' encontrado em quasi toda a região neotropical sendo tão vulgar na América do Norte, Antilhas, Amazônia, como no Uruguai e Argentina, onde aliás lhe dão o nome de "polla de água pequeña".

E' muito vulgar aqui no Est. do Rio de Janeiro, sendo encontrado nas várias ilhas da baía Guanabara.

Fulica armillata — Êsse frangão d'água, o maior entre os seus congêneres, pois mede 45 cents. de comprimento, é mais conhecido sob o nome de carqueja e mergulhão.

A côr geral desta espécie é cinzenta carregada, com cabeça e pescoço pretos, as coberteiras inferiores da cauda são brancas. As pernas são verdes e o bico amarelo.

Deixamos, muito pela rama, esboçada a descrição e hábitos de uma dezena de espécies de saracuras da fam. dos ralídeos e passaremos, a seguir, para a única espécie da fam. dos heliornitídeos, conhecida por:

IPEQUÍ — *Patinho d'água, margulhão,* ou *picaparra,* que é o *Heliornis fulica* dos ornitologistas. Os hábitos desta espécie muito se assemelham aos dos seus parentes, já anteriormente descritos, mas o ipequi mostra maior predileção pelas águas e é um mergulhador notabilíssimo, e daí a denominação indígena (*ipeca* = pato — *i* = pequeno) já traduzido por marrequinho, como também é conhecido.

O seu tamanho não alcança a 18 cents. E' esverdeado na parte superior do corpo, alto da cabeça e pescoço negros, cauda e rêmiges pardas; lados da cabeça vermelhos-amarelados, parte inferior branca, crisso e coberteiras inferiores da cauda acinzentadas. Habita a Amazônia, Maranhão, Baía, Goiás, Mato Grosso e S. Paulo. E' encontrado ao norte da América do Sul (Colômbia, Venezuela, etc.) e bem assim no Paraguai, Urugai e Argentina.

Não parece ser espécie muito abundante e, por outro lado, como é precavido ao extremo, raramente pode ser visto.

Êsse patinho d'água, o ipequí, tem a singularidade de ocultar sob as asas os seus filhotes ainda novinhos.

O príncipe de Wied descreve o fato. E' pelo verão que lhe nascem os pintainhos e, enquanto não se empenam, a fêmea os trâz junto a si, sob as asas, onde se agarram com o bico. Quando mais taludos, dispensam o abrigo das asas, mas encarrapitam-se no dorso da mãe, que com êles assim cavalgados, pratica mergulhos, ensinando-lhes, certamente, essa preciosa arte.

VII

UMA "TROUPE" DE MERGULHADORES BRASILEIROS

"Cada uno es como Dios le hizo".
Sancho Panza.

Sob o nome muito grande de podicipedidiformes gruparam os autores uma ordem de aves muito pequena. Desta ordem existe uma família brasileira, podicipedídeos, todos os membros da qual se especializaram na arte de mergulhar.

Ésses mergulhadores d'água doce, ao invés dos poetas d'água doce, são mestres insignes do seu mister.

Em seu conjunto, formam uma "troupe" de esportistas, que poderia empreender excursões fora da pátria, a exemplo de outros animais que, aliás, sem èxito, tentam essas aventuras a tanto por cabeça.

O elenco compõe-se apenas de quatro figuras: mergulhão, mergulhão grande, mergulhão pequeno e o mergulhão caçador.

O grupo é pequeno, mas escolhido, e de repertório variado.

Os zoólogos são unânimes em afirmar que essa família faz parte de um ramo de aves aquáticas muito antigas e algo degradadas.

São todos de pequeno talhe, não excedendo o maior 30 cents. de comprimento e não atingindo o menor 13 cents.

Os pés mostram "três dedos anteriores unidos na base por uma membrana que se prolonga na extremidade livre dos dedos em forma de orla larga até a unha, que é chata, larga; o dedo polegar livre muito curto".

As pernas são muito traseiras e as asas curtas. Não apresentam cauda, quer dizer são aves suras. Têm, pois, no aspecto geral, algo de pinguim.

Apresentemos o mergulhão caçador, a figura mais notável dêste quarteto.

Fig. 15 — Mergulhão caçador (**Podilymbus podiceps**)

MERGULHÃO CAÇADOR — (*Podilymbus podiceps*) — Não mede mais de 30 centímetros.

E' pardo encardido na parte superior do corpo e acinzentado enegrecido em baixo; o peito amarelado e a garganta preta. Distingue-se de seus parceiros pelo bico, que é atravessado, de cima para baixo, por uma faixa escura.

Vive nos lagos e lagoas, mas sua caça é difícil, porque se mostra grandemente desconfiado e receoso.

Com uma experiência milenar dos perigos que ameaçam de contínuo a espécie, veio pela imensidão dos tempos apurando os sentidos para contraminar os planos de seus naturais inimigos.

Parece assim adivinhar o caçador, quando fraldeja a lagoa, e mal vislumbra uma sombra ou lhe soa um rumor, já imerge pron-

tamente, deixando sua presença apenas um rapido tremor nas águas.

Fica o caçador de arma alçada, olhar atento, espreitando pela planície das águas o vulto esquivo e nada, porque o mergulhão não volta à tona.

Para respirar, quando os pulmões o exigem, apenas emerge o bico, até a linha das narinas e, quando muito, arrisca, periscòpicamente, um ôlho na espreita do inimigo e com outro mergulho lá se vai escapando sob a proteção das águas.

Uma singularidade desta avezinha é, ao que parece, trazer os filhotes resguardados no peito, a exemplo da gambá e outros marsupiais.

A. Miranda Ribeiro foi quem, em uma das suas notas ornitológicas (47), ventilou o assunto, diante dum exemplar desta ave existente no Museu Nacional e preparado, segundo supõe, pelo taxidermista Eduardo Teixeira de Siqueira.

Há, na realidade, uma falha de penas grandes, na área abdominal dos podicipedídeos, à qual não tinham os ornitologistas dado importância de maior. Examinando o fato, escreve o grande mestre Miranda Ribeiro:

"Naturalmente a falha passará por ser a resultante da mudança do pterígio em função do chôco ou apenas como uma simples deficiência sem outra explicação maior. Ocorre, entretanto, entre as preparações expostas na galeria das aves do Museu Nacional, um grupo de *Podilymbus podiceps,* de montagem que nos parece ser de Eduardo Teixeira de Siqueira e que exibe um filhote de tenra idade, carregado por meio das penas laterais do abdome, comprimindo o mesmo filhote contra a área revestida dessa penugem, de que falamos acima".

Mais adiante acentua: "Repetimos e frisamos o fato de não constar no Museu a menor observação a êsse respeito; não é entretanto possível admitir que Carlos Schreiner e Eduardo de Siqueira, na hipótese de que a montagem não seja desse último, tivessem permitido aquela preparação na galeria exposta ao público, sem conhecimento dos hábitos da ave, ou pelo menos das razões que os levaram a deixar em exposição o aludido grupo".

O prof. Miranda não desejou, com remexer o assunto e comentá-lo, dar ao fato a sua autoridade e sim chamar à atenção dos observadores e estudiosos.

Em Brehm há nota de que estas aves ocultam os filhos entre as penas do peito.

---

(47) Bol. do Mus. Nac., Set., 1927.

Singular é também o ninho de lama que fazem entre juncais. Não raro a correnteza o desprende e assim vai ao sabor das águas.

Nestes apuros, a ave, se está chocando, não abandona o ninho viajeiro e lá vai boiando ao capricho das águas corredeiras, para destinos ignorados.

O amor maternal faz heroínas até na mais baixa escala animal e é, por isso, que o podemos considerar antes um instinto, que uma sublimidade.

Os demais mergulhões não diferem ou pouco diferem em hábitos.

Fig. 16 — Mergulhão grande (**Aechmophorus major**)

MERGULHÃO GRANDE — (*Aechmophorus major*) — Essa ave tem o volume de um pato, medindo 55 cents. da extremidade do bico à da cauda. O corpo é coberto de plumagem compacta e sedosa.

Tem a parte superior do corpo dum preto esverdeado, crista; as penas do dorso são orladas de branco, lados da cabeça e pescoço cinzentos, peito anterior vermelho, o resto da parte inferior do corpo branca.

Alimenta-se de peixes, insetos aquáticos, pequenos moluscos. Presta enormes serviços na limpeza das águas estanques, dando caça a bicharia aquática, mas pode-se tornar grandemente prejudicial onde existem estabelecimentos de piscicultura.

A carne destas aves não se utiliza na alimentação humana.

Habita toda a América do Sul, desde a Patagônia à Amazônia e norte do Perú.

MERGULHÃO PEQUENO — (*Podiceps dominicus*). — E' de côr acinzentada, mais escura na parte dorsal. A garganta é branca e as pernas pretas. O maxilar superior é preto e o inferior esbranquiçado.

Tivemos ensejo de ver dois ovos deste mergulhão na exposição oológica do colecionador José Caetano Sob., realizada no

Rio, em setembro de 1927. E então escrevemos: Feio, feio a valer, são os ovos do mergulhão pequeno. Mostra côr de madeira, parecem de pau. Os naturalistas consideram essas aves degradadas entre as demais, pois apresentam asas rudimentares, que lhes dão um ar de pinguim. Se lhes degradaram as asas, não se lhes apoucou a inteligência, pois mal percebem um inimigo cobrem os ovos com lama e mergulham na água, arriscando apenas um olhinho, com o qual sondam as intenções do intruso.

Há ainda um quarto mergulhão que parece ocioso descrever.

VIII

UM "TOURISTE" POLAR

Il serait vraiment dommage que des oiseaux si confiants, si dociles, si humains dans leurs attitudes, fussent victimes de tant de bonnes qualités.

Edm. Perrier.

Vamos, por exceção, tratar aquí de ave estranha à nossa fauna, mas que, por vêzes, como um "touriste" apressado, visita o litoral brasileiro.

Trata-se do *Spheniscus magellanicus*, o único dos pinguins que chega até essas latitudes, não por gôsto, naturalmente, mas porque as correntes oceânicas o arrastam.

Tal viagem forçada acarreta-lhe a mais inevitável das mortes.

Parece que, seduzidos por gigantescos cardumes de peixes ou de camarões que naquele ensejo surgem, os pinguins se distraiam na caça e quando desejam voltar, já não lho permitem as poderosas correntes marítimas.

Dos grupos numerosos que se entretinham na pescaria raros indivíduos dão à costa por nossas paragens e nenhum logra saír com vida de tão extraordinária aventura.

Os praianos daqui conhecem essas aves sob a denominação muito pitoresca de *naufragados* e quem primeiro viu o pinguim por essas bandas, Vitória (Espírito Santo), foi o Padre Manoel de Anchieta, que o descreveu segundo nos informa Arthur Neiva (48).

O *naufragado* é mais comum aparecer nas costas do Rio Grande, mas até no Espírito Santo tem sido encontrado. Um exem-

(48) "Esboço histórico sôbre a Botânica e Zoologia no Brasil", 1929.

plar existente no Museu Nacional foi apanhado no Cais Pharoux.

Trata-se de um palmípede marinho, natural das regiões antárticas e cujas asas, transformadas em barbatanas nadadeiras, perderam a faculdade de voar.

Acham-se assim totalmente adaptados à natação e à arte de mergulhar, no que se mostram exímios.

Vivem reünidos em avultado número de indivíduos, formando verdadeiras cidades, onde se guardam determinadas relações sociais.

Como nas grandes metrópoles humanas, registam-se furtos e distúrbios, mas também atos de altruísmo.

Quando morrem os pais de uma ninhada, esta encontra lógo um pinguim carinhoso, que assume o encargo de alimentar e proteger os órfãos.

Sôbre as várias espécies de pinguins (*cotetes* lhes chamam os portugueses) paira a ameaça de próxima extinção.

Ainda não há muitos anos lemos em uma revista ornitológica (49) que se havia dado concessão, visando a fins comerciais, para matar 300 mil pinguins por ano.

As espécies desta mesma ordem, os verdadeiros pinguins das regiões árticas, estão quasi desaparecidas. O pinguim real, o gigante da espécie, teve seu último representante trucidado em 1844 em Eldy, na Islândia.

Lamentável é que assim aconteça com uma ave tão inofensiva e confiante, e que até, pelo seu aspecto, nos faz lembrar um homenzinho empertigado muito burguêsmente no seu cólete branco.

São animais extremamente simpáticos e que, ao invés de merecerem o extermínio pela avidez do ganho, a vil cobiça, deveriam gozar da proteção humana.

Não precisávamos, para protegê-los, enviar-lhes estufas para que se aquecessem durante os infinitos invernos polares, mas simplesmente deixá-los em paz na sua modelar república.

Há, aliás, um exemplo digno de ser apontado. Na ilha de Dassen, a 35 milhas do Cabo da Boa Esperança, existe uma colônia de 8 milhões de pinguins de outra espécie, *Spheniscus demersus*, que goza da proteção da União Sul Africana (50).

---

(49) "El Hornero" — Agosto, 1935.

(50) Os ovos dêsse pinguim são consumidos no sul da Africa e exportados para os mercados de Londres, onde encontram apreciadores.

E é de presumir que reine paz naquela república pinguim, onde não consta que tenha havido sublevações da ordem.

As pequenas desavenças domésticas, que sempre ocorrem, especialmente entre as fêmeas, por motivo de travessuras dos bebés ou apropriações indébitas, resolvem-se logo com meia dúzia de valentes beliscadas e tudo entra em ordem a seguir.

São, pois, os pinguins, estrangeiros amáveis, que nos visitam só por especiais circunstâncias e, portanto, não interessa aos nossos propósitos entrar em minúcias sôbre sua vida e costumes, aliás muitíssimo curiosos.

IX

AVES MARINHAS

"Voici l'oiseau, qui n'est plus qu'aile".

Michelet.

Nas aves que frequentam os oceanos, que pairam, planam ou sôbre êles traçam seus voos rasantes, é que vamos encontrar o triunfo absoluto da asa.

Todas são mestras geniais da arte de voar. Não lhes apavoram nem a crespidão das ondas, nem as fúrias das tempestades.

Há mesmo certas espécies que se deleitam em entremear seus gritos com os uivos do vento e os terríficos rumores das tempestades, como os albatrozes, também chamados petréis (51) ou aves das tormentas; outras, quando se desencadeia a procela, alçam o voo e, serenas, librando-se acima dos elementos revoltos, pairam sôbre o fragor da borrasca.

Entre essas aves há-as exclusivamente pelágicas (*Proceolariiformes*), que vivem em pleno oceano, aninhando-se nas escarpadas penedias das ilhas desertas, e, de raro em raro, aproximando-se das orlas costeiras dos continentes. São pois, cosmopolitas, e, no dizer de Michelet, almoçam no Senegal e jantam na América, como albatrozes, almas-de-mestre e certas gaivotas do mar alto.

Outras são costeiras na sua quasi totalidade (*Lariformes*) e por isso mais familiares aos olhos de nós outros, praianos aqui do sul, onde as baías e as ilhas litorâneas estão povoadas por êsse mundo alado e os ares cortados de voos contínuos de gaivotas, dizimeiros, trinta-réis e seus parceiros.

---

(51) Petrel é o nome que recebem os albatrozes. Adveio-lhes a designação pelo hábito de andarem sôbre as ondas, como S. Pedro caminhou pelas águas agitadas do lago de Genezaré, segundo a lenda.

Não raro certas gaivotas sóbem o curso dos grandes rios e são encontradas no interior do país.

Todas essas aves costeiras vivem e nidificam nas ilhas afastadas do continente, povoando os mares e enchendo o azul do céu com a elegante serenidade de seus voos.

Para ter-se uma idéia das espécies oceânicas precisa-se sulcar os mares. Em 1916, naturalistas brasileiros visitaram a ilha da Trindade (52) e tiveram ensejo de travar conhecimento e devassar a vida íntima daquela curiosa fauna insular, entre a qual se encontram 22 espécies de aves puramente oceânicas, segundo Alípio Miranda Ribeiro.

Não deixa de ser curioso, já que por aqui está o leitor, dar uma espiadela à ilha, *à vol d'oiseau*.

Pôsto sejam numerosas as espécies animais que se encontram naquela ilha, a posse ostensiva dela detêm-na aves e crustáceos, os quais, aliás, se hostilizam quanto podem.

Ainda não logrou o visitante lançar pé nas praias de perigosa atracação e já os habitantes alados cruzam os ares num alarido de alarme.

Acodem especialmente grazinas e fragatas, com afoiteza e bravura, investindo contra os invasores dos seus domínios.

Perdida na vastidão do Atlântico sul, a ilha da Trindade, cercada de lendas e de mares bravios, é bem um símbolo da inhospitalidade.

Se pelos ares se cruzam as aves em gritos de cólera, no sólo, rastejante, de tenazes em riste, crustáceos seguem e perseguem o homem, espreitando-lhe os passos numa espionagem que alucina.

Por toda a parte, lá está o carangueijo amarelo (*Gecarcinus lagostoma*), o senhor da ilha, curioso e atento, com olhar estrábico, andar sorrateiro, levando para toda parte, sôbre as oito pernas, a sua interrogação muda e desesperadora.

Duma glutoneria tão enorme como a sua curiosidade, ataca as tartaruguinhas recêm-nascidas, pilha os ovos, mata as avezinhas ninhegas, carregando os despojos numa das unhas, defendendo-se com a outra dos companheiros ou das aves que lhe queiram tomar a presa.

Conta Bruno Lobo (53) que certa vez teve ensejo de aprisionar uma fragata viva e então amarrou-a por um pé junto da bar-

---

(52) "Ilha da Trindade" — Conf. de BRUNO LOBO no Arq. do Museu Nac. — Vol. XXII — 1919.

(53) Obra citada.

raca. No dia seguinte só encontrou ossos. Os caranguejos devoraram-na durante a noite.

Toda a bicharia ilhôa os respeita e até as grandes aves, como as fragatas, não se atrevem a atacá-los de frente.

Usam para apresoá-los dum estratégico ataque pela retaguarda, agarram-nos por trás, elevando-se a alguns metros, e deixam-nos caír nas pedras, como fez o urubú com o jabutí da fábula.

A população alada dêste pedaço do Brasil, pedregulhão aspérrimo, perdido nos confins das águas pátrias, é composta de aves exclusivamente oceânicas, como já dissemos.

Nenhuma das espécies alí existentes se encontra no continente.

Vivem e nidificam na ilha e mostram-se grandemente selvagens.

A avifauna compõe-se de milhares de gaivotas oceânicas, fragatas e grazinas que nunca foram vistas nas costas brasileiras e assim nos interessam pouco.

As aves marinhas que nos seduzem são as que povoam o litoral, vivem e nidificam nas ilhas pouco desgarradas da costa.

Se a ilha da Trindade é pouso de palmípedes aquáticos do alto mar, aves oceânicas propriamente ditas, a ilha dos Alcatrazes, por exemplo, nas costas de S. Paulo, alberga espécies costeiras, que já nos são mais familiares, porque freqüentam as nossas baías.

Bem afastada das costas de Santos, a uns 30 quilômetros, demora uma pequena ilha de praias rasas, batida constantemente pelas águas, pouso favorito e *habitato* de um grande número de aves marinhas, predominando os alcatrazes que deram o nome à ilha.

Em 1921, dois naturalistas do Museu Paulista, H. Luederwald e J. Pinto da Fonseca visitaram, para fins científicos, essa ilha dos Alcatrazes (54), deshabitada e onde um farol piscante, à noite, desvia de seus rochedos as embarcações que por ali navegam.

Se não chega a ser um modêlo de fraternidade o viver dessa colônia de aves marinhas, entretanto não apresenta aqueles aspectos quasi ferozes da luta pela vida que notamos na agressiva ilha da Trindade.

Algumas aves se aninham na própria ilha, como os alcatrazes, cuja colônia conta mais de 1.000 indivíduos. O ninho, relativamente pequeno, 30 cents. de diâmetro, é construído nas árvores e feito de galhos finos que machos e fêmeas quebram e conduzem.

---

(54) "A ilha dos alcatrazes" — Rev. Mus Paulista — t. XIII. 1923.

Fig. 17 — Ao alto, o albatroz e ao revés das ondas, a gaivota.

Pela posse dêsse material há grandes disputas entre casais preocupados com a prole. Cada ninho contém um só ovo. Os pescadores que frequentam a ilha têm tais ovos como iguaria fina, e consta que dêles há procura nos mercados de Santos.

Não será de admirar, pois os ovos de pinguins têm ótima cotação entre ingleses do sul da África.

Os alcatrazes são muito ciosos, não só dos ovos, como de seus pintos.

O naturalista Fonseca, que andava remexendo ovos e ninhos, em busca de material, encontrou certa vez, numa árvore, uma fêmea de alcatraz com seu filhote.

Não conhecendo, ao certo, as intenções cientificas do estranho visitante, pensou lá consigo que o subornaria com um bom peixe e desembuchou um pescado de quasi um palmo.

A relativa tranqüilidade da colônia é, por vezes, quebrada pelas disputas de ninhos; os gaivotões também costumam a surripiar os ovos dos alcatrazes, segundo observações dos pescadores, e daí se explicam as contínuas visitas que êles fazem à ilha.

As espécies alí encontradas são quasi as mesmas que vemos por essas vastas costas do Brasil, inclusive a baía de Guanabara.

Nessa baía são bem numerosas as aves marinhas, as quais nidificam em ilhas fóra da barra.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

GAIVOTA — (*Larus maculipennis*) — E' branca acinzentada, um tanto mais escura no dorso. Nas asas existem penas negras, bico e pés vermelhos. No inverno, o macho não tem a cabeça preta que ostenta na época da procriação. E' a espécie mais comum aquí no Sul, jamais se afastando muito das costas e dando por êsse hábito aos que viajam pelo oceano, a notícia de terra próxima.

Possue a beleza que se poderia chamar cenográfica, porque, só nos ares voando, apresenta aquela esbelteza heráldica que os pintores de marinhas não dispensam e os poetas cantam.

A voz das gaivotas é composta de sons horrísonos e estridentes.

Em pequenos grupos se distribuem pelos ares em voos lentos; planam alto ou em voo rasante sôbre o mar á cata de peixes mortos ou vivos que parece constituirem o seu alimento natural; entretanto não têm preferências alimentares e, por isso, vêmo-las seguir a esteira dos navios, respigando os restos que são lançados ao mar.

Dão caça igualmente a qualquer inseto, e tal devastação causam às hostes de gafanhotos migratórios, que lavradores norte-americanos erigiram um monumento em homenagem às gaivotas.

Quando um inimigo se aproxima, todas se reunem para combatê-lo, mas tal solidariedade não evita que entre elas, por insignificâncias, surjam desordens.

Por vezes, enfaradas da vastidão do Oceano, costumam varar continente dentro, seguindo o curso dos grandes rios, mas em breve a nostalgia do mar as chama e ei-las de torna-viagem, procurando a ínsula paternal, o rochedo que lhe foi berço, rodeado sempre do mesmo sussurro do mar.

Não há uma espécie de gaivota, mas várias espécies. Tratamos da mais comum aquí do Sul; a espécie do Norte é *L. atricilla*, de hábitos idênticos.

As gaivotas fácil se distinguem dos trinta-réis, da mesma família, mas de outro gênero (*Sterna*), porque êstes apresentam a cauda bifurcada e o bico direito, enquanto a gaivota que descrevemos mostra a cauda truncada e o bico é curvado na ponta do maxilar superior.

GAIVOTÃO — (*Larus dominicanus*) — E' um tanto maior que a gaivota, porém apresenta os mesmos hábitos. Costumam também dar êsse nome ao que devíamos chamar sempre albatrozes (*Diomedea*), aves do mar alto, enquanto o gaivotão, como sua irmã a gaivota, é costeiro.

GAIVOTA RAPINEIRA — (*Megalestris chilensis?*) — Por malandrice ou inaptidão não pesca ou caça e, como mais robusta entre as congêneres, vale-se do direito da fôrça, tomando das aves pescadoras o peixe trabalhosamente apanhado.

Neste jugo despótico mantém toda a colônia das aves marinhas, que para elas trabalham, lembrando o bando de homens escravizados ao senhorio feudal, ao qual pagavam o dízimo.

Os pescadores dão-lhe analogicamente, o título de *dizimeiro*.

O malandrão fica horas inteiras à coca das aves diligentes, e mal desentranham essas do salso elemento um peixe, corre logo a tomá-lo.

A vítima solta o peixe, mas vai pelos ares fora lançando gritos de protesto.

Além desta gaivota rapineira, assinála-se outra, que é *Stercorarius crepidatus*, frequente desde o Rio G. do Sul ao Rio de Janeiro, como a anterior, que também se encontra no Chile e Perú.

Ambas pertencem à família dos estercorariídeos. O nome desta família provém dum erro de observação.

Quando essas aves perseguiam as outras, no voo, notaram os primeiros observadores que as perseguidas deixavam caír algo, que as suas perseguidoras logo apanhavam, sem mais segui-las.

Essa cousa que deixavam caír era o pescado, mas, por supôrem fôsse escremento, a tão singular família deram o nome de *Stercorariidae*.

ALCATRAZ — (*Fregata minor*) — E' um pelicaniforme da família dos fregatídeos e que se encontra desde o Rio Grande do Sul até à América do Norte.

Freqüentando toda a costa do Brasil, penetra pelas baías e enseadas, sendo assim muito conhecido de praieiros e pescadores, que lhe dão vários nomes, como tesoura, grapira, joão-grande, fragata (55), grapirá. Caripirá escreveu Fernão Cardim e acrescentou que também se chamam rabiforcado por ter o rabo partido no meio.

E' todo preto o macho, com partes nuas avermelhadas, na garganta, pés também dessa côr; a fêmea tem o pescoço e o peito brancos. O filhote é branco como neve, exceto as asas que são pretas.

A cauda bifurcada dá-nos a impressão de uma grande tesoura e daí lhe vem um dos nomes populares. O bico tem ponta recurvada para baixo.

---

(55) FRAGATA — Foi a ave que deu nome ao navio ou foi êste que o deu áquela?

A. SCHELLER, no **Dict. d'étym. française**, Bruxelas, 1888, diz: s. v. **frégate**: "**it. frégata**, esp. port., cat., napol. **fragata**... DIEZ pensa que o voc. poderia ser fórma contracta de **fabricata** (antes **fargata**, depois **fragata**); aproxima do it. **bastimento**, fr. **bâtiment** = navio. CHEVALLET invoca o vocábulo alemão **farge**, **ferge**, barquinha, barco, dim. **faerge**. ROULIN (**Littré, supl.**) considera **frégate** alteração de **rabo forcado**, significando a princípio uma ave, depois, por metáfora, uma embarcação maritima".

Para DAMESTETER, **Dict. gen. de la lang. française**, o fr. **frégate** é o ital. **fregata**, de **m. s.** e origem desconhecida. Quanto ao mesmo nome dado á ave, regista-o como **sent. fig.**, ilustrando-o com o seguinte passo de BUFFON: "Le plus vite de nos vaisseaux, la frégate, a donné son nom a l'oiseau qui vole le plus rapidement et le plus constamment sur les mers".

SAID ALI assim termina o artigo **Nomes de animais marinhos**, publicado na RLP: "Belo espetáculo proporcionam aos homens de bordo os rabiforcados voando alto, bem alto, ora abrindo, ora fechando a longa cauda talhada no centro em fórma de tesoura. Mais conhecida é esta ave pelo nome de **fragata**, fr. **frégate**, ingl. **frigate-bird**, al. **Fregattenvogel**. E' exquisito comparar-se ao majestoso veleiro o viajante da amplidão celeste.

Os alcatrazes apanham peixes mortos, entretanto Burmeister diz que êles sabem pesear, observação ainda não confirmada posteriormente.

Devido a se alimentarem de peixes mortos, exercem, portanto, uma função útil: a higiene das práias e baías. E' o urubú do mar. Os alcatrazes são por isso protegidos pelas leis.

Fonseca observou que os mergulhões (Sulas) atacam os alcatrazes, até que êsses vomitam a presa.

São insignes na arte de voar e chegam a pairar no espaço longo tempo sem moverem as asas, quer lhes seja favorável ou não o vento.

Voam com a cauda aberta em tesoura, especialmente quando chove. Isto muito bem os singulariza entre as demais aves quando em voo.

Fonseca observou que os alcatrazes gostam imenso de voar e isso chega a constituir o seu grande divertimento. Libram-se a alturas consideráveis e lá ficam pairando; por vezes, variam de esporte e começam a descrever no espaço imensos círculos e até

A razão dizem que está na ligeireza do vôo, no hábito de cruzar na vizinhança de outras espécies e na coragem e ousadia de persegui-las".

Usavam os antigos, a título de divindades protetoras, decorar com imagens de animais certas partes do navio, do que resultava dar a êste o nome daqueles.

No mito de Europa, Júpiter, apaixonado por esta princesa, metamorfoseia-se em touro para a roubar e, atravessando o mar, transporta-a para a parte do mundo a que ela deu o nome.

Lactancio, orador e apologista cristão, deixa entrever que o touro não seria mais que um navio em cuja popa havia a imágem desse animal.

No mito de Frixo e Hele, o carneiro de velo de ouro em que fugiram á cólera da madrasta, não foi mais do que um navio, designado por carneiro, porque a figura dêle lhe ornava a prôa. Hele caíu na parte do mar, em que se afogou, depois chamada Helesponto, e Frixo, chegando ao fim da jornada, consagrou a prova de seu navio a **Jupiter Phrixus**, ou o **conservador**.

ESTRABO refere que os habitantes de Gades possuíam pequenos navios a que chamavam **cavalos**, por causa da imagem que lhes decorava os esporões.

O notável historiador ALEXANDRE HERCULANO, em artigo publicado no "Panorama", sob o título "Origem e Progresso da Navegação", escreve: "Costumavam os antigos pôr na prôa uma figura, como ainda hoje se usa e esta figura dava o nome ao navio" (T. 2.°, 290, 1838).

E JOSE' DE ALENCAR, em "**Alfarrabios**", diz: "Não fôra sem razão que o armador francês ao lançar do estaleiro aquele casco bem talhado com o nome de Mouette, lhe pusera na popa a figura do alcion dos mares desfraldando as asas" (T. 2.°, 26, 1895).

E' possivel, pois, que a primitiva fragata fôsse decorada com a imagem da ave que lhe deu o nome, e isso não passe de um caso de zoomorfismo.

Não obstante, temos à vista um problema etimológico.

simulam lutas, uns perseguindo os outros com intenções visivelmente esportivas.

Ao contrário dos mergulhões, não nadam e, também, como certa gente, não se banham. ..

Parece que outros além do fregatídeo acima referido igualmente aparecem nas costas do Atlântico.

ATOBA' — (*Sula leucogastra*) — Pertence à ordem dos pelecaniformes e é muito conhecido por mergulhão, nome, aliás, que designa tantas outras espécies diferentes com hábitos análogos. O atobá é um pato de bico direito, sem ponta recurvada, denteado nos bordos. A côr geral é bruna escura, exceto a barriga que é branca.

Encontra-se por toda a costa brasileira e à margem das ilhas.

Pescador admirável, vislumbra o peixe mêsmo a grandes alturas, 20 a 30 metros, e de lá se despenha, numa reta quasi vertical, com asas algo abertas, unindo-as ao corpo que penetra n'água, num mergulho magistral, donde emerge trazendo, no bico o cobiçado peixe, que engole antes de voar.

Por vezes em voo rasante pesca à flor d'água, em pequenos mergulhos, não precisando elevar-se muito senão quando o peixe se encontra a maior profundidade.

Não raro de enorme altura se projeta como se fosse mergulhar, porém quasi ao alcançar as águas, descreve uma curva rés-vés com as ondas numa manobra de asas e descansa sôbre o dorso do mar.

Nota-se certa singularidade no voo, abadernando-se de dois a dois, de quatro a quatro, e, o que é mais freqüente, um após outro, enfileirados como os patos. Quando voam em bando, formam a figura dum V.

A voz do atobá é um grasnar de pato, mas também soltam um como latido de canzarrão, que sôa assim como *coc, coc, coc*.

Há quem lhes coma a carne, segundo dizem, mas é de crêr que só temperada com muita fome.

Lê-se na revista "Voz do Mar" o seguinte fato: "Existem nas ilhas dos Abrolhos aves aquáticas relativamente grandes semelhantes a patos domésticos, denominados "Pilotos". Mais ou menos às 17 horas estas aves se recolhem à ilha Redonda, não mais voando; aí os pescadores atormentam-nas com a ponta de uma vara, para obrigá-las a vomitar o peixe que comeram durante o dia. Os peixes que ainda possam ser aproveitados, são cortados para isca; o resto, já meio digerido, é pisado com areia e assim êsse engodo é lançado nos pesqueiros, tornando-se en-

tão admirável a abundância de peixes, a ponto de as linhas não darem vasão".

R. Ihering supõe que o referido "piloto" seja o mesmo atobá.

TRINTA-RÉIS — Cabe essa denominação popular a vários lariformes do gênero *Sterna*.

Aquí na baía do Rio de Janeiro parece que a espécie mais comum é *Sterna hirundinacea*, que tem a cabeça preta, dorso cinzento, uropígio, cauda e peito brancos, e bico vermelho. Mede 40 cents. de comprimento. Também se encontra aquí *S. maxima*, que é o maior dos trinta-réis, 52 cents. de comprimento, bem parecido com o anterior na distribuição das côres; tem entretanto pernas pretas e bico côr de laranja. Pousados são mais esguios e elegantes, que as gaivotas.

Muito elegante é o trinta-réis anão (*S. superciliares*), que não mede mais de 22 cents. pois tem a cauda curta. Acinzentado no dôrso, porém as quatro primeiras penas da mão são bruno denegridas. Das ventas aos olhos corre uma estria negra, que lhe serviu para o batismo específico, *superciliaris*.

TALHA-MAR — (*Rhynchops nigra intercedens*) — Ave marinha da ordem dos lariformes e que muito se caracteriza por ter o bico 63 mm. na fêmea e 80 a 90 mm. no macho, sendo que o maxilar inferior é muito mais comprido que o superior.

A côr é bruno escuro ou preta na parte dorsal, branca na parte inferior do corpo e na fronte; bico amarelo laranja na base e preto na ponta.

Ocorre no Norte uma outra espécie, mais conhecida por corta-mar em tudo parecida com essa, excéto em pequenos detalhes, e por sêr de mais vulto com o bico bem maior, pois mede 105 milímetros.

Os talha-mares voam rés-vés com a água, e por isso são também chamados "bico rasteiro".

ALBATROZ — São aves marinhas de voo potente, acostumadas às imensidões infinitas dos oceanos, parecendo-lhes acanhados os âmbitos das baías, que jámais freqüentam. Pertencem à ordem dos procelariiformes.

Aninham-se em ilhas perdidas na vastidão do pélago, na ilha Tristão da Cunha, por exemplo, onde *Diomedea exulans* nidifica dentro da cratera do cone terminal da ilha, a 2.310 metros sôbre o mar.

São entre as aves marinhas as mais corpulentas. Gostam de seguir a esteira d'água por onde vogam as embarcações, apanhando toda espécie de alimento que cáia ao mar.

Numa de suas notas ornitológicas, Alipio de Miranda Ribeiro estuda os albatrozes da costa brasileira (56) e aponta três espécies principais, bastando a nós outros tomar conhecimento com a principal que é *Diomedea exulans*, o albatroz propriamente dito.

E' o maior dos albatrozes, pois tem 67 cents. de comprimento e 1,^{m}820 de asa e 7 quilos de peso.

Os jovens mostram côr escura sepiácea, e os adultos são brancos, apresentando transvermiculações sépia.

Miranda Ribeiro escreve: "Os albatrozes são aves muito vorazes que

Fig. 18 — Albatroz.

se deixam freqüentemente apanhar com o anzol devidamente ligada à forte linha, quando acompanham os navios ou dêles se aproximam suficientemente em alto mar. Todos os autores que os observam em vida são unânimes em referir o costume dos duetos dessas aves, que, em terra, se aproximam esfregando mutuamente os bicos e abai[illegible]ndo a cabeça entre os pés para, depois levantá-la em sentid[illegible] saudação cortês emitem um grasnado [illegible] voz dos filhotes".

(56) Bol. do Mus. Nacional — Vol. I[illegible]

Outra espécie, talvez mais comum, às nossas águas é o *D. melanophrys melanophrys*, chamado gaivotão, que o autor acima referido diz tê-lo observado em natureza "em toda costa meridional brasileira, onde, de bordo, acompanhei seu voo magistral e sempre paralelo ao movimento das águas".

ALMA-DE-MESTRE — (*Oceanites oceanica*) — E' outra espécie de alto mar e como a anterior da família dos procelariiformes.

Mede 17 cents. de comprimento e apresenta a parte superior mais escura que a região ventral; as coberteiras das asas são cinzentas e a cauda branca. Garrett, no poema Camões, em uma nota escreve:

"Encontra-se no alto mar uma avezinha que de noite dá sentidíssimos e longos pios, às quais os marinheiros puseram o nome de alma-de-mestre, crendo supersticiosamente que são as almas dos mestres ou capitães de navios que se perderam, e que andam naquele fadário de pios, enquanto seu corpo não chega a terra e obtém sepultura".

BIGUÁ' — (*Carbo vigua*) — Por ser inteiramente negro, êsse pelicaniforme recebe também o nome de corvo marinho.

Seu aspecto é típico pela longura do pescoço, cauda estirada, bico enormemente comprido e recurvado na ponta.

Como pescador, nenhuma outra ave lhe leva as lampas.

Enquanto as demais aves marinhas se contentam com os peixes que afloram à superfície do mar, o biguá, escafandrista exímio, mergulha mar abaixo e lá sob as águas barafusta atrás do peixe que ambiciona e ágarra-o. O mergulhão visa o peixe e sôbre êle cai certeiramente, entretanto, pode errar o visado, o que por vezes acontece; o biguá vislumbra a sua caça e como um cão de corso parte-lhe ao encalço em ziguezagues e vira-voltas até abocanhá-la.

Quando um bando de biguás acerta encontrar com um cercado de peixes, causa depredações, não só pelo que come, mas pelo que destrói. Apossa-se do bando negro um furor de carnagem e, empanturrados, não podendo mais engulir, matam e despedaçam os peixe[illegible]

[illegible] m a ser tão prejudiciais aos pescado-[illegible] lei que lhes permite de qualquer [illegible]os (Lei 54 de 20 de novembro de 1923). [illegible]rseguido pelo caçador, não sabe valer-[illegible]r, como tão bem o faz um seu parente

Foge voando, mas antes de alçar o voo, decola, como um hidroplano, batendo as asas em voo rasante até ganhar o impulso para se elevar.

Li alhures, que, em tempos passados, a pesca do bagre em Mato Grosso constituía uma indústria.

Pois o biguá chegou a ameaçar essa indústria que preparáva o conhecido "mulato velho" da nossa culinária.

O curioso no caso é que o biguá, ao comêço, não pescava bagres, não que lhes desagradasse o sabor, mas porque as "barbas" dêste peixe lhe serviam de defesa.

Notando mais tarde a abundância dêsse pescado, aprendeu a lidar com êle.

Darwin cita o fato como um exemplo muito evidente de acomodação.

Já que nos referimos, anteriormente, ao biguá-tinga (*Plotus anhinga*), dêle vamos tratar, sem querer com isso incluí-lo entre as aves marinhas, o que deve ficar bem patente. Trata-se também de um pelicaniforme, mas que vive nas matas atravessadas pelos grandes cursos d'água.

Fig. 19 — Biguá-tinga (Plotus anhinga)

O príncipe de Wied, entretanto, viu-o em lagoas salgadas próximas do mar, como por exemplo, a lagoa Feia, onde aparecia de passagem para pescar, internando-se logo na mata, seu *habitato*. Goeldi ainda chegou a vê-lo na lagoa Rodrigo de Freitas. Pelo formato é verdadeiro biguá, mas daquêle se distingue pela côr branca do pescoço, dorso e asas. Nestas partes mesmo, o branco é estriado de preto especialmente nas asas. O bico do biguá-tinga é direito, sem curva na ponta, porém serrilhado. Essa ave mede um metro e singulariza-se pelo aspecto esgalgado que lhe empresta o longo pescoço, a estirada cauda e seu comprido bico. Êsse estiramento de formas está em perfeita harmonia com os seus hábitos de mergulhador. Para romper a massa d'água sem maiores esforços nada mais conveniente que possuir um corpo fino como possue.

E' então admirável apreciar como sabe tirar partido das suas habilidades pessoais na luta pela vida.

Quando se trata de fugir de um inimigo, voa para longe ou joga-se n'água e some-se num rápido mergulho, surgindo mais além, não por inteiro, porém simplesmente o bico até a linha dos olhos.

Esprcita assim o inimigo, sonda-lhe a intenção, localiza-o e, ainda por baixo d'água, lá se vai afastando do perigo e só vem inteiramente à flôr d'água quando o medo se foi, ou se arredou o mal intencionado. Sabem pescar de maneiras várias, mas, por vêzes, reúnem-se em bandos, e se dispõem em círculo e vão assim tocando os peixes de forma a ajuntá-los num âmbito pequeno e então avançam sôbre êles com a fisga de seu aguçado bico e os devoram. Parece que foram os biguás-tingas que ensinaram os pescadores a pescar reünidos em círculo, modo êsse por êles denominado camboa.

O ninho do biguá-tinga, segundo informes inseguros, é construído em árvores próximas aos rios, árvores essas em que tais aves se empoleiram. A postura consta de três a quatro ovos, semelhantes ao do biguá e que medem 51,52 × 35 mm., seg. Nehrkorn.

A ave de que estamos tratando mostra vasta distribuïção geográfica e tem sido encontrada em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Mato Grosso, Amazonas. Também habita a Argentina e o Paraguai.

Devido a larga distribuïção, é conhecida sob vários nomes: aninga, carará, miuá.

X

JAÇANÃ, QUERO - QUERO, NARCEJAS BATUÍRAS E SEUS PARENTES

"Esta justamente é a fatalidade da proteção á Natureza, que não pode ser retardada. Se não se obedecer ás exigências da hora, não restará ás gerações futuras senão a queixa sôbre perdas irreparáveis".

Boelsche.

As aves de que vamos cuidar neste capitulo foram reünidas pelos ornitologistas na ordem dos caradriiformes (57) muito complexa, assaz numerosa em espécies, com representantes em todas as partes do mundo.

Os característicos mais ostensivos da ordem podem ser assim resumidos:

Cabeça de tamanho médio, inteiramente revestida de penas curtas, olhos situados muitos atrás, bico comprido, fino, com ponta dura e não muito aguda e até arredondada, asas meiãs, finas e ponteagudas, com as rêmiges do braço muito compridas, pernas compridas, finas, com a parte inferior da tíbia nua, tarsos reticulados ou escutelados, dedos de tamanho médio no geral, e em número de 4, ordinàriamente, livres ou ligados na base por membrana; o dedo posterior, *hallux* pequeno, inserto um tanto em cima e por vêzes ausente.

Comporta a ordem no Brasil três famílias: a dos parrideos com uma única espécie, a jaçanã; a dos edicnemídeos, também com uma espécie, o téu-téu (*Oedicnemus bistriatus*), e a dos caradriídeos, muito numerosa, com 37 espécies.

---

(57) Esta ordem, outróra estava incluída na grande família dos **Grallatores**, isto é, aves de pernas longas, pernaltas, que atualmente se encontram distribuidas em ordens diversas.

E' nesta última família, quasi na totalidade de hábitos migratórios, que vamos encontrar as batuíras, batuirinhas, maçaricos, maçaricões, narcejas, galinhola, bico rasteiro, vedetas da praia, pirú-pirú, mexiriqueira, quero-quero, etc.

Quasi todas essas aves aninham-se e procriam na América Setentrional e, algumas, até na região ártica daquele hemisfério.

Quando chegam os ásperos frios do setentrião, é a hora triste e imperiosa de emigrar para o Sul.

E ei-las que vêm, por estradas aéreas de rumos ainda não bem conhecidos, procurar as praias de veraneio, através de toda a costa do Atlântico sul, aterrando segundo o gôsto ou o imperativo de impulsos naturais que ainda nos são ignorados.

Assim é que encontramos certas espécies no Pará, e por aí abaixo até o Rio Grande do Sul e outras nos Estados centrais. Muitas continuam a sua derrota até a Patagônia.

Algumas dão preferência às baixadas, brejos, e até cursos d'águas, que atravessam florestas, porém, a maioria é praieira e vem verancar nas orlas litorânicas, onde são encontradas em companhia de garças, socós, saracuras e outros tais, longitarsos e amigos de caçar nas areias das praias os pequenos crustáceos, insetos e vermes com que de preferência se alimentam.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

JAÇANÃ — (*Parra jacana*) — Ostenta grande esbelteza de formas, pernas finas e altas, que terminam num pé de dedos enormes, feitos para caminhar por cima da vegetação aquática.

O tamanho geral da ave é de 20 a 25 cents., tendo o bico 4 cents. e o tarso 5 1/2 cents.

Quando adulta, mostra a cabeça, o pescoço, o peito e o abdome negros; o dorso bruno avermelhado, côr essa que se estende pelas asas e partes laterais do abdome.

As rêmiges são de côr verde amarelada, com as pontas negras e as pernas plúmbeas.

Bico encarnado, perto da base e amarelo na frente. Na região do encontro existe uma pua, pequena, côr de marfim, que é a sua arma.

A fêmea é igual ao macho, mas o bico é menor e as penas da região anal são pardas e jaspeadas.

Os indivíduos novos têm o dorso superior preto e o inferior bruno oliváceo, enquanto a região anterior do corpo é branca amarelada.

A jaçanã, algo assustadiça, faz seu ninho entre as plantas lacustres, de preferência nas amplas folhas da *Victoria regia*, o uapé ou irupé do indígena, forno de jaçanã (58), lírio aquátil, que levou o botânico húngaro Tadeu Haenke, a vê-lo florejante, pela primeira vez, em 1801, no rio Mamoré, a prostrar-se de joelhos, num êxtase panteísta, louvando o demiurgo genial que criára tão fabulosa maravilha.

E' nas amplas folhas daquela romântica estrêla das águas, as quais alcançam a circunferência de 2 metros, que a jaçanã põe, a céu aberto, os três ou quatro ovos de sua postura.

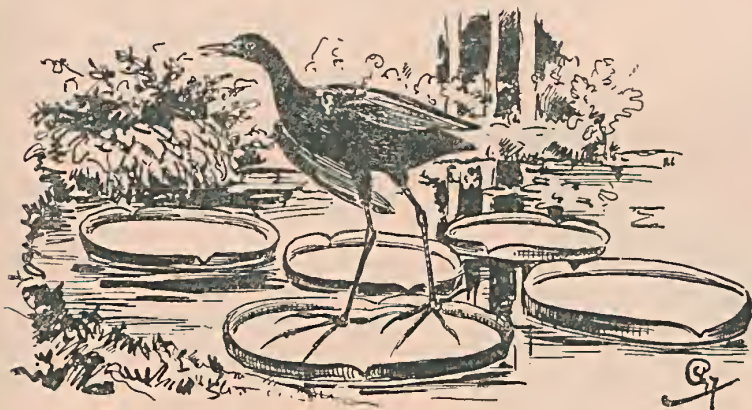



Fig. 20 — Jaçanã (**Parra Jacana**)

Nenhum ovo iguala em beleza aos da elegante pernilonga. São de fórma oval alongada, com o fundo bruno amarelado escuro, e sôbre êle se retorcem largas estrias, de côr marron anegradas, quasi pretas, que se ostentam por todo o ovo.

As jaçanãs são aves úteis, porque sua alimentação consta de insetos aquáticos, suas formas larvais, vermes, pequenos moluscos.

Quando perseguidas ou amedrontadas ensaiam voos sempre curtos e sentem-se mais seguras correndo, barafustando, com longas pernadas por cima da vegetação boiante dos lagos ou das lagoas e ocultando-se nas moitas ou nas ilhas flutuantes.

---

(58) **Uaupé iapuna**, chamam os indigenas do Rio Negro á **Victoria régia**. Os autores traduzem tal designação por forno de jaçanã, porque os naturais do país preparam a farinha de mandioca em suas folhas.

Talvez seja possível agarrá-las à mão, perseguindo-as como diz Goeldi, mas não é tarefa fácil.

Pode viver em cativeiro, quando lhes reservem local amplo e conveniente.

A carne da jaçanã é saborosa, na afirmativa de um caçador real, o príncipe de Wied, aliás, autoridade das maiores em ornitologia brasileira.

A piaçoca (59), como também é conhecida esta pernalta, vive em toda a América do Sul e vêmo-la frequentar, abundantemente, todas as regiões úmidas, os banhados litorâneos e até as matas atravessadas pelos cursos d'água. Goeldi notou-lhe a ausência na Serra dos Órgãos, mas viu-as nas baixadas e surpreendeu-se com a abundância delas no lago Grande do Amapá (Guiana) onde viviam em bandos numerosos, constituindo grupos de jovens de plumagem clara, pageados por adultos, naturalmente os seus expertos progenitores.

TÉU-TÉU — (*Oedicnemus bistriatus*) — E', à maneira da jaçanã, o representante único de uma família, a dos oedicnemídeos, no Brasil.

Pela designação popular é possível confundí-lo com o quero-quero, *Belonopterus*, também chamado téu-téu.

Há entretanto, entre as duas aves absoluta distinção, a começar pelo tamanho, pois *O. bistriatus*, não obstante ter o aspecto de um quero-quero é perto dêle um gigante, visto contar 45 cents. de comprimento.

O topete que dá ao seu xará um ar altamente pimpão, falta-lhe por completo e em lugar de possuir quatro dedos só ostenta três.

A plumagem é de um amarelo pardo, uniforme e quasi fosco desmaiado.

O téu-téu das savanas, como por vezes é chamado, possue hábitos noturnos e na calada da noite percorre os campos, tudo vendo com seus olhos de singular grandeza, dourados, iluminados.

Nós outros, aqui do sul, não lhe conhecemos o perfil no cenário natural das savanas, pois habita a Amazônia e as Guianas, mas Goeldi chegou a tê-lo em cativeiro, por mais de um ano. Ouviu-o muitas vezes entoar as suas cantigas noturnas, especialmente quando o luar lhe despertava a nostalgia dos tempos da

---

(59) Aguapeaçoca, de aguá = redondo + pé = chato + açog = bicho, que é como se disséssemos bicho do aguapé ou bicho que sôbre a água tem casa, seg. B. CAETANO.

liberdade, então livre, solto nos campos esmeraldinos do grande vale. Essa cantilena é um tu-ú, tu-ú forte, animado e até agradável segundo o naturalista acima referido.

QUERO-QUERO — (*Belonopterus cayennensis lampronotus*) — Para dar ao leitor o retrato dessa ave, chamada tero-tero, no Uruguai e Argentina e ao mesmo tempo traçar-lhe a psicologia, vamo-nos valer de uma belíssima página de Zorrilha de San Martin, que escreveu:

"Mas se vos aproximardes da passagem do rio, sair-vos-á certamente ao encontro o verdadeiro e simpático guardião das aves, a sentinela, o guarda, não de sua casa, mas da própria passagem, do riacho, do juncal, da terra: o tero-tero. E' necessário que conheçais bem, com calma de artista, êsse nosso valente tero-tero; é digno do mármore. Êle, de cauda curta, com suas largas patas e seu bico afilado e seu uniforme cinzento, de peito negro e branco e seu topete móbil, seu porte marcial e seu grito incessante, é ali a nota da côr e o motivo sinfônico predominante; êle vos vem ao encontro a largos passos, resoluto, provocador, insolente, fazendo rápidas reverências ou ameaças de investida, que por fim realiza, levantando-se com gritos desaforados e passando e revoluteando sôbre vossas cabeças em linhas oblíquas, acode-lhe a companheira que ficou atrás e que grita com êle, pousa no solo abrindo as asas e antes de fechá-las de todo, tocando apenas a terra, volta a levantar-se repetindo aceleradamente seu toque de alarma; acorrem-lhes compnheiros; duas ou três parelhas incorporam-se à primeira, junta a elas as ressonâncias dos clarins, a guerrilha aérea atroa o campo.

Fig. 21 — Quero-quero (Belonopterus cayannensis lampronotus)

Os outros pássaros estiram os pescoços e percebem, olhando com um ôlho para o lugar do perigo. O tero-tero é o guerrilheiro alado que dá o alarma ao intruso ou denuncia o homem escondido; tem a consciência do seu direito e a ilusão de sua força, baseada nas duplas puas rosadas de suas asas. Não é maior do que uma perdiz, e dá a impressão de uma fera; sê-lo-ia dos ares se fosse do tamanho de um condor, porque o tero-tero é ave heróica. Não foge da descarga mortífera, acode o companheiro

ferido e morre sôbre êle lançando seu anátema; tero!... tero! com o olho injetado, brilhante como uma gota de tinta. O valente tero-tero! E' astuto como o nosso vaqueano gaúcho, está sempre de emboscada, de cócoras e ao perceber de longe o inimigo, não grita, no ninho, abandoná-lo-á correndo, sienciosamente, entre os pastos e levantará o voo muito longe, simulando surpresa. E' a nossa ave simbólica; entre os egípcios seria o que foi o íbis sagrado que enterravam mumificado com os cadáveres humanos, e até divinizavam dando-lhe a cabeça ao deus tutelar, ao enigmático Thoth, cabeça de íbis. O grito do tero-tero foi toque de chamada no silêncio, hino aéreo no combate; assistiu sempre, do ar, às nossas batalhas e caiu ferido pela metralha, junto aos nossos guerrilheiros, seus irmãos. Eu tê-lo-ia colocado, vo-lo asseguro, como suporte heráldico em nosso escudo pátrio, junto ao lema de Artigas: Com liberdade não ofendo nem temo, como o unicórnio inglês."

Encontra-se o belicoso quero-quero na Argentina, Uruguai e em quasi todo o Brasil, mas no extremo setentrional, em lugar dêle, se encontra uma sub-raça ou variedade o *B. c. guyanensis*.

No Chile existe a variedade *occidentalis*, lá conhecida por *queltegue* cujos ovos são apreciados e fáceis de obter, porque a fêmea é a própria a denunciar o ninho, por excesso de zêlo, volteando em redor dêle e lançando gritos que bem demonstram o seu amor pela futura prole.

Repete-se a comédia da Precaução Inútil.

Compare-se o hábito do nosso precavido quero-quero, que só levanta o voo longe do ninho, com o dêsse seu primo, que logo denuncia a ninhada.

Em certas regiões do Brasil dão ao quero-quero o nome de espanta boiada.

Aninha-se no meio do brejo, mas em locais secos, abrindo uma pequena panela, que guarnece no centro com poucas fôlhas sêcas. Ninhada: quatro ovos, em forma de pera, com fundo pardo amarelado, com desenhos pretos e medem 45 × 33 mm. Os ovos são arrumados com a ponta aguda virada para o centro do ninho.

MAÇARICOS — Com o nome de maçarico são conhecidas mais de uma dezena de aves da ordem que estamos tratando. Como são aves orbícolas, naturalmente os portugueses, que já as conheciam, deram-lhes o nome.

Os nossos indígenas, a tais aves, chamavam batuíras, de *mbaê* = cousa, bicho + *tuira* = pardo, cinzento.

Acontece assim que por êsses dois nomes são conhecidas as mesmas aves e, às vezes, por um só. Os maçaricos mais vulgares são:

Morinella interpres — Dorso superior pardo claro, com pintas escuras e orlas brancas, o dorso inferior e coberteiras da cauda superiores brancas; uropígio pardo escuro; parte inferior do corpo branca, pintado de pardo escuro no lado da garganta, no peito e nos flancos.

Comprimento da ave 23 cents. Altura dos tarsos, 2,5 cents.

E' conhecida também por maçarico e agachadeira, entre nós. Ave de arribação, espalhada por quasi todo o Globo.

Vive nas praias e nas lagoas e põe em excavações, na areia, quatro ovos verde-bruno com manchas e garatujas escuras.

Charadrius dominicus — No Brasil o macho apresenta-se com a plumagem hibernal típica, mas a fêmea ainda mostra vestígios da plumagem nupcial, caracterizada por manchas pretas na parte ventral, mescladas de pardo, sem regularidade. Ave de arribação. Comprimento: 28 cents. Altura do tarso 4 cents.

Reside e nidifica na América Setentrional, que abandona logo ao comêço dos primeiros frios.

Arenaria alba — Outra emigrante, como as demais, confundida como algumas congêneres pela roupagem idêntica, mas é fácil distinguí-la pela ausência do dedo posterior.

E' uma das muitas de um grupo conhecido por vedetas da praia. Mostra grande predileção pelos pedregulhos e ilhotas praieiras onde sempre é vista.

Limosa haemastica — Outro maçarico maior que o anterior (35 cents.) que se aninha na América do Norte e faz migrações através de toda a América do Sul até à Patagônia. Apresenta, como as demais, plumagem hibernal e de verão; a desta última estação é bruno denegrida no dorso, com estrias alvacentas e acastanhadas e a daquela é bruno cinzenta no dorso e branco-amarelo no ventre e na cabeça.

Há ainda outros maçaricos mais ou menos semelhantes e de hábitos idênticos.

MAÇARICO DE COLEIRA — (*Aegialitis collaris*) — Dorso pardo acinzentado claro, fronte branca, no vértice uma fita branca e, por trás dela, outra avermelhada, que continúa aos lados do pescoço; parte inferior branca, com fita preta no peito. E' pequeno, pouco passando de 16 cents. Altura do tarso, 2,6 cents.

Vive e reproduz-se na América Setentrional e faz suas migrações, mal lhe chegam os primeiros frios. Aquí aparece em abundância, sendo sua carne apreciável como alimento.

Muito curiosa é a atividade deste praieiro.

Vive às carreiras, mas, de contínuo, faz súbitas paradas e lá vai de novo correndo e parando, como se tivesse o intento de nos divertir. Na realidade está granjeando a vida na farta mesa que a praia lhe oferece.

Parece que dá caça aos mariscos além de crustáceos de pouco vulto.

MAÇARICO DE BICO TORTO — (*Numenius hudsonicus*) — Dorso pardo, lavado de cinzento amarelado clàro, de igual côr é a parte inferior do corpo, sendo que na região da garganta e no peito se notam rajas pardas.

Tem o bico curvado para baixo.

E' ave de certa imponência pelo seu porte e tamanho, entre os congêneres.

Mede 42 cents. de comprimento e seu tarso 6. Ave migratória, como as do seu grupo, aqui chega fugindo dos frios setentrionais e logo volta à pátria.

Outra espécie muitíssimo parecida com essa, mas um tanto menor, também nos visita, é *N. borealis*.

Èsses dois visitantes devido ao tamanho são chamados maçaricões.

Parece que na Europa são conhecidos pela denominação de corlinos, certas espécies semelhantes.

MAÇARICÃO — (*Himantopus melanurus*) — Extrema-se de todos os da sua grei por possuir duas longuíssimas pernas, que medem 11 cents. de comprimento.

Dá-nos a idéa de um garoto, suspenso em andas de pau, tal o contraste entre o tamanho do corpo e a longura dos caniços. Do bico à ponta da cauda mede 14 cents., notando-se que só o bico mede 6 1/2 cents.

O dorso é castanho escuro, topete cinza, predominando o branco na frente, pescoço na parte superior negro e na inferior branco, côr essa que se estende pelo peito e corpo inferior. Asas de côr plúmbea brilhante. A fêmea é semelhante ao macho, mas na parte superior do corpo mostra côr negra, com reflexos metálicos. O tarso mede 10 cents. e o bico 5,5 cents.

Como os demais maçaricos, tem hábitos migratórios. Seus costumes não diferem dos de seus parceiros; vive em sociedade nos lugares úmidos, banhados, lagunas e praias e faz ninho nas orlas das lagunas em simples depressões do solo onde põe 3 a 4 ovos piriformes. Alimenta-se de insetos aquáticos, moluscos, vermes e também alguns vegetais. São aves úteis.

Na Argentina e Uruguai chamam-lhe quero-quero real e entre nós, além de maçaricão, é conhecido por pernilongo.

BATUIRAS — Já ficou assinalado que batuíra e maçarico são sinônimos na terminologia popular.

O povo, no entanto, faz restrições específicas e rotula sob êsse nome vulgar, entre outras, as seguintes espécies:

Haematopus palliata, criatura um tanto aberrante das normas da grande ordem dos caradriiformes, pois possue pernas curtas e fortes.

Goeldi acha-o algo parecido com o ostraceiro europeu, menos no hábito de se alimentar com moluscos que dão o nome àquele europeu.

Mede de 37 a 42 cents. de comprimento. A côr é preta, na cabeça e no pescoço, bruno-cinzenta no dorso, nas asas e na cauda, cuja ponta é preta. A parte inferior do corpo, desde o peito, é branca, sendo da mesma côr as coberteiras exteriores grande das asas e as coberteiras exteriores da cauda.

O bico, que é um punhal de 8 cents., maior que o tarso, tem côr amarela. Vive na orla marítima do Atlântico, desde a América do Norte à Patagônia.

Na Amazônia é chamado pirú-pirú, onomatopéia de seu grito e em outros lugares batuíra do mar grosso, baiagú.

Goeldi teve ensejo de manter em cativeiro essa bonita batuíra e gabou-lhe a sociabilidade.

Sempre que ia visitá-la, era recebido de boa sombra, e saudado, com um "pirú-pirú" amistoso, e, a seu modo, entretinha com o naturalista, uma palestra, que seria interessante, se houvesse quem pudesse traduzir o linguajar das batuíras.

Bartramia longicauda — Se a ave anterior é chamada batuíra do mar grosso, essa outra é conhecida por batuíra do campo, porque é encontrada, de preferência, nos lagos e lagoas do interior. E' denegrida em cima, no dorso, e branca em baixo, na região ventral, mas o peito é amarelado com manchas e faixas pretas.

Tarso longo, 49 mm. e o bico curto 29 mm. Cauda curta.

Heteropygia fuscicolis — E' a batuirinha, espécie pequena (18 cents. de comprimento), com a côr muito característica das batuíras, pardo acinzentada em cima, com manchas escuras, branca em baixo com manchas brunas no peito.

Tem sido assinalada sua existência entre nós em diversos meses do ano, o que levou H. Ihering a suspeitar que a espécie,

embora cosmopolita, já se identificára com o nosso meio e aquí se aninhava e procriava.

NARCEJAS — Os caçadores distinguem três narcejas, que batizaram pelos nomes de narceja comum, narcejão e narceja muda.

A denominação de narceja é claro que a devemos aos portugueses, pois os naturais as conhecem ainda hoje por denominações populares que abaixo veremos.

Começaremos pela narceja comum, a *Gallinago paraguiae* dos zoólogos, também chamada narcejinha pelos caçadores e bico rasteiro e batuíra pelo caipira paulista, munjolinho pelo capiau mineiro e agachadeira ou agachada pelos nortistas. E' análoga a "becassine" dos franceses.

Fig. 22 — Narceja

Mede aproximadamente 23 cents. de comprimento. Bico 6 a 7 cents.

A côr geral dá-nos impressão de carijó; escura e castanho com traços amarelos. O peito e o pescoço riscado de castanho claro. Por baixo é amarelo ferrugínea, com muita côr branca na barriga. Por cima dos olhos corre uma estria ferruginosa amarelada que vai até a nuca e aparece igualmente no occipício.

E', como se sabe, ave de arribação e aquí aparece de preferência nos brejos e regiões inundadas, onde se amoita durante o dia, pois prefere a noite para o granjeio da vida.

Vive solitaria; entretanto, na época dos amores, aparecem aos casais. Na época da reprodução, janeiro, maio e agosto, escreve um caçador, que bem conhece a vida intima destas aves (60), durante o dia, os machos voejam descrevendo circulos, por vezes, a grande altura, lançando o seu clamor de apaixonado, que as fêmeas, ocultas nas moitas, respondem.

Ao ouvir o apêlo, precipitam-se do espaço em voos maravilhosos de asas semi-espalmadas, despenhando-se abruptamente.

Êsses voos são acompanhados de um sibilo sui-generis "ru-ru-ru", que muitos julgam ser o pio da ave, mas que outros, com mais razão, o atribuem à ação do vento, através da cauda que a ave mantém aberta durante suas evoluções no espaço.

(60) BERNARDO JOSE' DE CASTRO — "Tiro ao Vôo".

E' ave estimada pelos "gourmets" e peça disputada pelos Nemrods dos brejais, por constituir um tiro dificílimo.

Um dêles, que atira melhor nas consoantes, embora teime em ser vogal na cinegética, desfechou essa quadrinha autocrítica:

Do pichote o chumbo incerto
Zomba a narceja, a voar,
Mas do mestre o tiro certo
Fá-la, coitada, tombar!

Posto que não seja presa fácil, nem por isso deixa de ser perseguida.

Aninha-se e procria em nossos brejos, alí fazendo um ninho rudimentar, se é possível chamar ninho a uma ligeira depressão no solo onde põe de 3 a 4 ovos de coloração amarela olivácea com máculas acastanhadas ou escuras, menos frequentes e quasi sempre ausentes no polo mais agudo do ovo. A incubação dizem que se processa em 16 dias, surgindo então os pintos, desconfiados e já tão matreiros que, ao menor ruído, se sabem agachar e esconder entre as moitas e de lá não saem.

Quando supõem que se afastou o perigo, gostam de vir em companhia da mamãe dar caça à bicharia sempre pululante nos brejos.

E', como já o dissemos, ave de arribação, mas escreve Olivério Pinto (61) "parece que procria em todas as zonas da América temperada e quente, desde o norte da Argentina e o Paraguai até Colômbia e as Guianas inclusive o Brasil onde tem sido assinalada na maioria dos Estados".

Espécie muito idêntica a essa é a *G. delicata*.

NARCEJÃO — (*Gallinago gigantea*) — Como se depreende do aumentativo é o gigante do grupo, alcançando quasi 50 cents. da ponta do bico à ponta da cauda. Uma bicarra de 13 cents. dá-lhe um aspecto muito característico semelhante ao "bécasseau" dos franceses.

A côr geral é bruno denegrida no dorso, mas sôbre o qual se ostentam malhas e faixas transversas castanho-amareladas; a cabeça é amarelada com largas estrias negras sobre o vértice e traço de lapis no ôlho e sob êsse. Na região ventral alvacenta há largas faixas escuras.

---

(61) "Aves da Baía" — "Rev. do Mus. Paulista" — Ano XIX.

Bernardo de Castro diz que em geral o narcejão só choca uma vez, levando 17 a 18 dias a incubação, não passando a ninhada, comumente, de quatro ovos grandes de côr de azeitona e castanho carijó. A época da incubação é novembro e aquele caçador acima referido assevera ter encontrado filhotes crescidos em janeiro e frangos em julho. O ninho, bem escondido, é feito nas moitas do brejo, em lugares menos úmidos, e até forrado com penas.

Fig. 23 — Pinto de narcejão

Encontra-se de Mato Grosso e Minas para o sul, indo até Buenos Aires.

Posto que seja arribante, como as congêneres, mostra-se mais constante em cada lugar.

Anda sempre aos casais e toma grande apêgo ao ninho, por ocasião de incubar, o que torna difícil "levantá-la".

Sua caça, por isso, não é fácil, e sem o perdigueiro o caçador está no mato sem cachorro de fato e figuradamente.

O narcejão, também chamado galinhola, representa uma peça venatória disputada, já pelo sabor da carne, já pelo tamanho, pois não é raro pesar meio quilo.

Em certo período, após o chôco, a ave se encontra tão gorda, que ao caír, abatida pelo tiro, chega a rachar.

A caçada da galinhola, quando feita com um bom perdigueiro, é fácil e o tiro não oferece dificuldade, pois sempre se levanta na boca da espingarda, "encastela" com voo pesado, permitindo uma pontaria certeira.

XI

OS GRUIFORMES

Os gruiformes são aves aberrantes, insuladas anatomicamente, derrelitos duma fauna muito primitiva.

O epônimo desta ordem é aquele grou de quem todos falam e nem todos conhecem.

E' natural que, sendo de terras alheias, não figure aqui, mas "par droit de conquête et de naissance" deu seu nome a um grupo de criaturas do mundo alado, pernilongas e esgrouviadas.

Em nossa fauna não são muitos os dessa ordem, mas os poucos notabilizam-se por uma acentuada personalidade.

Outrora, segundo a classificação de Claus, essas aves, e tantas outras de longas pernas, constituiam a ordem das pernaltas ou gralatores.

Não podemos deixar de notar certa afinidade entre os gruiformes e os raliformes (saracuras, etc).

Quatro são as famílias em que se distribuem as aves de que tratamos: "psofiideos" (jacamins), "aramídeos" (carão) "euripigideos" (pavão do Pará) e "cariamideos" (seriemas).

Passaremos, a seguir, à descrição das espécies e seus costumes, pois cada família possue um só gênero e uma só espécie, à exceção dos psofiideos, entre os quais os ornitologistas reconhecem seis espécies.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

JACAMIM — Os jacamins são aves que possuem o tamanho de um galo, mas às quais a natureza deu pernas mais avantajadas.

Embora selvagens, os jacamins fácil se domesticam e, dada a sua indole pacífica, afeiçoam-se logo aos colegas de galinheiro e ao próprio homem.

Além de se domesticarem de boamente, logo se travam de camaradagem com os donos, a quem testemunham grande afeição. Numa velha revista portuguesa, o "Panorama", existe uma ótima descrição dos costumes dessas aves, feita há um século, onde se lê:

"Um agami (62) criado em casa, anda adiante do dono, sai-lhe ao encontro quando o vê vir de fora, faz-lhe festa a seu modo com demonstrações nada equívocas de alegria; conhece e sabe avaliar tão bem as ofensas como os benefícios; e repele indignado os que o maltratam; tem particular aversão a mendigos esfarrapados e os expulsa de casa às bicadas nas pernas; manifesta repugnância a certas pessoas, a qual sempre procede da figura desagradável, ou mau cheiro dos indivíduos, e os trata do mesmo modo que aos rotos. Acode ao chamado do dono, e de todas as pessoas, a quem conhece e não detesta. Gosta de que lhe façam festa, e oferece a cabeça e pescoço para lhe coçarem; e quando alguém o acostuma a estes afagos, vem a ser importuno. Corre ao vêr pôr a mesa, e começa a deitar fora todos os gatos e cães, antes que peçam a comida; é confiado e corajoso, e não foge; às vezes trava-se combate entre êle e algum cão, que, em sendo de medíocre tamanho, é obrigado a ceder-lhe, porque êle evita muito bem as dentadas saltando e caindo depois em cima do adversário, procurando espicaçar-lhe os olhos.

No estado da domesticidade sustentam-se como as galinhas e perús; comem também carne e pão, e gostam muito de vermes e de peixes pequeninos. Os habitante de Caiana têm muitos, que andam pelas ruas, e acompanham muitas vezes as pessoas que transitam; são atreitos a darem passeios, mas tornam regularmente a casa dos donos. Já tem havido curiosos que os têm amestrado em guardar e conduzir rebanhos de ovelhas".

Na obra "Les Oiseaux de Parcs et de Faisanderies", de Remy Saint-Loup, lê-se a êste respeito o seguinte:

"Há cêrca de 25 anos, escrevia M. de Tarade, em 1862, encontrava-me em Angers em casa de um médico da cidade. Passeávamos no quintal, quando ouví darem pequenas pancadas sêcas em uma porta que abria para o campo.

Como meu hóspede parecia não prestar atenção a isso, disse-lhe: "Batem nesta porta — Ah! disse êle, é Robin, que conduz o rebanho.

---

(62) O termo **agamí** pertence ao vocabulário francês, como **trombeteiro**, ao espanhol. A denominação brasileira é jacamim, tradução de **iacamí**, do indígena.

Assim dizendo, vai abrir a porta, e eu vejo desfilar uma vintena de gansos, seguida duma ave negra, tão volumosa quanto uma galinha grande. O meu hóspete fechou a porta. "Então, lhe digo eu, e o pastor? esperando que aparecesse algum garoto.

O pastor, exclamou êle, ei-lo, é Robin.

E chamou a ave: "Robin". Veio logo esta ao seu encontro, beliscando-lhe os pés, agitando as asas, testemunhando-lhe em suma sua alegria. Eu estava maravilhado. Devo acrescentar que o dono dêste singular animal me assegurou que o mais inteligente pastor não cuidaria melhor o seu rebanho e que jámais perdera um de seus gansos".

Não soubemos ainda valorizar os préstimos do jacamim como zagal e mantêmo-lo, apenas, como ave de ornamento, mas por vêzes cria de boamente, os pintos das galinhas.

Tem-se observado, entretanto, que, quando na comunhão com as galinhas, no aviário, mantem-se sempre amigo das aves e jamais permite desordens.

Se acaso se desavêm os hóspedes da capoeira e se engalfinham em luta corporal, ei-lo que acorre pressuroso, interpondo a sua figura serena entre os desordeiros, separando-os e aquietando-os.

Fig. 21 — Jacamim (**Psophia crepitans**)

Por esta feição pacifista de seu espírito, esta simpática ave já mereceu do povo a denominação muito justa de "juiz de paz" do terreiro.

A revista "La Vie à la Campagne", março de 1934, inseriu uma nota sôbre o jacamim, valendo-se dum informe de Brehm,

que o aponta como um sujeitinho impertinente, rixento, sendo mais um tirano que o pacifista tão apregoado.

Realmente a quem apreciar, à ligeira, a pôse do jacamim, entre as demais aves de capoeira, poderá parecer que a pernalta as mantém à distância, pelo mêdo que lhes causa o seu forte bico.

Simples aparência. Aquela ave, que se nos afigura um mata-mouros, tem a candura dos santos.

Não é raro vê-la adotando a pintalhada orfã, com ternuras maternais, fato êsse observado por Is. de Saint-Hilaire (63).

No aviário só lhe podemos notar uma impertinência: é de querer, à viva fôrça, tirar do ninho as galinhas em chôco, para êle mesmo incubar os ovos, num desejo obstinado de cuidar das gerações futuras, como se ardesse numa eterna febre de altruísmo.

Uma singularidade destas aves é emitir um som baixo e profundo.

Essa toada sui-generis, o esturro do jacamim, como é costume chamar, começa por um trombetear sonoro, e a seguir, fechando o bico, ouve-se um rumor surdo que vai aos poucos morrendo.

Como não se atinava bem de onde partisse essa melodia, chegou Lineu a supor que lhe abrolhasse por uma das menos nobres saídas do corpo, e em memória dum bulhento e paganíssimo deus (*Crepitus ventris*), a certa espécie do gênero deu a designação de *crepitans*.

Mais para diante verificou-se que o juiz de paz do terreiro era insigne ventríloquo, e que não se fazia de rogado em proporcionar suas habilidades, sempre que desejava captar a simpatia, exibindo os famosos "esturros de jacamim" número único do seu repertório de artista matuto.

Vejamos as principais espécies:

JACAMIM DAS COSTAS CINZENTAS — (*Psophia crepitans*). Iacami cupé ina, dos indígenas — Mede 50 a 55 cents. de comprimento. E' a espécie mais encontradiça. A cabeça, parte anterior do pescoço, anterior do dorso, asas, parte inferior do peito, ventre e uropígio, negros; parte inferior do pescoço e anterior do peito, azul aço com reflexos bronzeados; parte posterior do dorso cinzenta, curva da asa com reflexos púrpura, azues e verdes; região ocular com círculo róseo, iris escuro, bico esverdeado principalmente nos indivíduos adultos, tarsos côr de

(63) "Acclimatation et Domestication des Animaux Utiles" — p. 57.

carne. Habita a região amazônica, estendendo-se pelas Guianas.

Aparece no interior das florestas em bandos por vezes numerosos. Ao se espantar fogem gritando, produzindo grande ruido. Aninha-se no chão. Sua carne não é apreciável, embora R. Saint-Loup diga que é branca, de bom gôsto e semelhante à do mutum.

Alimenta-se de sementes, bagas, outros frutos e bem assim de larvas e insetos. Em domesticidade mostra-se apreciador dos restos de cozinha.

JACAMIM DE COSTAS BRANCAS — (*Psophia leucoptera*) *Iacami cupé tinga*, dos aborígenes. Pouco menor que o anterior (50 cents. de comprimento).

Preto com o dorso lavado de pardo; coberteiras das asas e peito anterior com lustro metálico verde, cambiando para o azulado, rêmiges do braço e parte das coberteiras superiores da asa de côr branca.

Habita o alto Amazonas e tem hábitos e qualidades iguais ao anterior.

JACAMIM DAS COSTAS AMARELAS — (*Psophia ochroptera*). *Iacami cupé juba*, dos indígenas.

Assemelha-se à espécie anterior, mas as rêmiges do braço e parte inferior das coberteiras superiores da asa são dum amarelo ocre claro.

JACAMIM DAS COSTAS PRETAS — (*Psophia obscura*). *Iacami cupé una*, do amerícola. Jacamim preto.

Difere das anteriores, porque são pardo escuras, com brilho esverdeado as coberteiras superiores das asas e rêmiges do braço.

Habita a Amazônia, sendo mais encontradiço no Baixo Amazonas, do Madeira para baixo até o Pará. Hábitos idênticos.

Mais duas espécies ainda existem, além das descritas.

Barbosa Rodrigues em Paranduba Amazônica conta-nos a lenda do jacamim que passaremos a resumir.

Certa donzela, contra a vontade dos pais, fugiu de sua aldeia para procurar marido. Errou atravéz da floresta até alcançar outra nação onde encontrou o que procurava. Casaram-se e logo após foram banhar-se a um riacho e aí esfregaram o corpo com a herva do jacamim e logo se viram transformados nessas aves.

A moça, já virada em ave, pôs dois ovos, dos quais nasceram, uma menina a que chamaram Ceei, e um menino que teve por nome Pinon.

A menina tinha sete estrêlas na testa e o menino era cingido por uma cobra de estrêlas.

O pai foi consultar o pagé sôbre o estranho caso e o menino, aproveitando essa ausência, pega do arco e da flecha e sai a caçar, matando todos os jacamins que encontrou, que eram o próprio pai e os pagés.

Então a mãe e os filhos fugiram para a terra dos avós maternos.

Em caminho disse a mãe:

"Não sei, meus filhos, como serei recebida por teu avô.

Quando outrora de lá saí era donzela e agora teu avô há de querer meter-me na casa tenebrosa para que eu não conheça nenhum homem".

O filho disse que nenhum mal lhe aconteceria e quando lá chegaram, lançou uma pedra sôbre a casa tenebrosa achatando-a, e então dela fugiram as mulheres que lá estavam. O avô teve medo do menino e a todos recebeu muito bem. A menina morreu virgem e o irmão levou-a para o céu, onde ela agora se encontra, o setestrelo (Pleiades).

Ao voltar não encontrou mais a mãe que havia sido engolida pela cobra grande e então saiu à sua procura, engendrando muitos filhos com as mulheres que ia encontrando.

Achou finalmente a mãe que levou também para o céu, onde ficou sendo Pinon ou Cobra grande (Ophiucus).

E' um interessante mito que naturalmente expõe teorias astronômicas como as entendia a primitividade do gentio.

CARÃO — (*Aramus scolopaceus*). — Fam. dos aramídeos, com um só gênero e essa única espécie.

Trata-se de uma ave de grande tamanho, 70 cents., e alto porte, 12 cents. a altura do tarso.

Possue cabeça pequena, olhos pardos, bico comprido, maior que a cabeça, (14 cents.) algo curvo na ponta, pescoço castanho inferiormente e desta côr mais carregada a parte superior, que leva estrias brancas. A parte inferior do corpo é castanho, bem como as asas, dando assim ao conjunto geral uma plumagem parda anegrada com estrias brancas, sendo um tanto esbranquiçada a fronte e a garganta na sua parte superior.

A fêmea difere muito pouco do macho em detalhes de plumagem.

Habitam os banhados e lagunas, onde constroem ninhos toscos de juncos secos, flutuantes, mas presos com fibras vegetais às plantas aquáticas. Os ovos, em número de quatro, são semelhantes aos das galinhas, um pouco mais obtusos, de fundo creme claro com manchas amareladas.

Alimentam-se especialmente de moluscos, insetos e crustáceos, prestando assim serviços, porque êsses últimos, muitas vezes, funcionam como intermediários de certos parasitos que afetam os animais domésticos.

Fig. 25 — Carão (**Aramus scolopaceus**)

A cantoria dêste gruiforme é uma ladaïnha monótona, uma espécie de autobiografia, onde só se ouve o seu próprio nome: "carão, carão".

Há quem lhe louve a carne e de outra maneira não se explicaria o espírito desconfiado desta criatura, cujas pernas parece muito cresceram, de tanto fugir dos inimigos.

Em geral são vistos nos banhados em pequenos grupos de uma dezena de cabeças e quando em voo formam uma longa bicha, a um de fundo; mas algumas vezes aparecem aos pares, naturalmente na época dos amores.

Encontra-se essa ave em S. Paulo, Minas, Mato Grosso e na Amazônia, Guiana e Venezuela, Argentina e Uruguai.

PAVÃO DO PARA' — (*Eurypyga helias*) — E' uma das singularidades mais admiráveis da avifauna brasileira. Não mede mais de 42 cents. de comprimento e é o menos esgrouvinhado e pernudo do grupo; por outro lado sobreexcede seus parceiros em elegância, e poucas aves ostentam plumagem de tamanho deslumbramento.

Desistimos da tentativa de lhe descrever os coloridos caprichosos, que se notam em suas vestes, dum cinza azulado pálido sôbre o dorso, com estrias brancas e pretas; pescoço apardavascado ligeiramente estriado de negro, nuca nigérrima. Traços longos de branco correm por cima e por baixo dos olhos, de iris

vermelha. Manchas brancas notam-se sôbre as asas, e a cauda é atravessada por bandas pardas e negras, e, singularizando tamanha sinfonia de côres, vêem-se sôbre as asas largas manchas que afetam a forma de ocelos.

Não possue a suntuosidade do pavão, nem o aparato teatral do argos; é mimoso e delicado, move-se em serpenteios e ondulações, lançando para frente, docemente, a cabeça.

Tem um jeito particular de caçar moscas e daí lhe vem o cognome de papa-moscas. Neste mister mostra-se insuperável. Quando da mosca se aproxima, fita-a de forma estranha, toman-

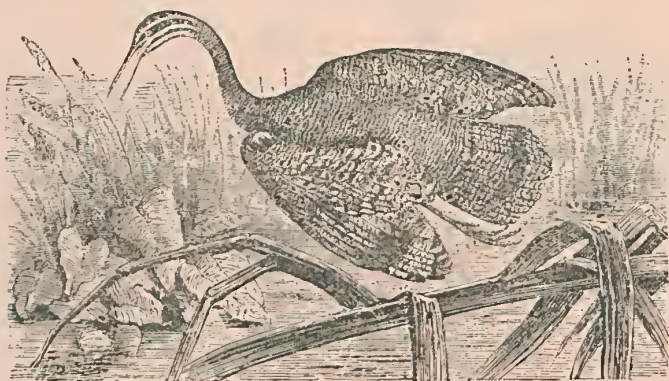



Fig. 26 — Pavão do Pará (**Eurypyga helias**)

do a sua fisionomia, neste instante, o aspecto terrífico da de um ofídio, o que a cabeça achatada, ainda mais acentúa.

Como a serpente, parece lançar eflúvios hipnóticos, chispas de fogo, pelas suas pupilas incendidas, e de uma bicada, que não falha, apanha o apetecido inseto.

Como é de índole pacífica, rápido se domestica, tornando-se uma ave, que, além de lindo aspecto decorativo, se mostra utilíssima, não sòmente para caçar moscas, mas toda espécie de insetos, não rejeitando larvas, lagartas, vermes, apreciando muito os embuás, miriápode aqui no Sul chamado gongolo, — piolho de cobra, bicho de ouvido.

SERIEMA — (*Cariama cristata cristata*) — Podemos considerar a seriema como uma das aves mais originais e típicas da opulenta avifauna brasileira. Sendo muito caraterístico o seu aspecto, ainda sobreleva-se entre as demais pelo tamanho, só lhe sendo superior, em estatura, a respeitável ema. Os naturais,

talvez pelo nome, quisessem mostrar alguma similitude entre as duas, o que, aliás, se revela apenas no porte e no acinzentado da plumagem.

Seriema significa ema de crista (*suri* = crista) (64).

Trata-se de uma ave de alto porte, embora o corpo não seja, relativamente, grande, mas a cabeça é assaz desenvolvida e o bico forte, adunco; as asas pequenas e pés pequenos em relação a longura das pernas.

Fig. 27 — Seriema **(Cariama cristata cristata)**

O tamanho da ave, da ponta do bico à cauda, regula, mais ou menos, de conformidade com as variedades, de 82 a 92 cents.

A coloração geral da ave é cinzenta, de mais carregada côr na parte dorsal e mais clara na parte inferior. As asas e as retrizes são de um pardo denegrido com orla branca.

A plumagem, entretanto, toma outros aspectos de conformidade com as variedades.

As penas da cabeça são longas, modelando-lhe a crista e, na base do bico, implanta-se um feixe de filoplumas muito caracte-

(64) Não vem fóra de propósito notular que **surí**, em língua quinchua, é o nome da ema ou nhandú.

rísticas, formando a crista rostal, que a singulariza entre as demais aves do nosso continente.

Seus olhos, que são grandes, têm iris côr de pérola e ressaltam, assim, na região violácea em que se implantam.

O olhar estranho e seu andar inteiriçado e cauto dão-lhe um ar sonambúlico, na frase muito feliz de A. de Miranda Ribeiro, que assim nos pinta, magistralmente, aquele aspecto muito típico e solene da seriema.

Descrita, como ficou acima, em largos traços, a espécie típica, que ocorre no nordeste até à Baía, resta dizer que existem ainda três variedades que são:

C. cristata schitofimbria, de Mato Grosso, *C. cristata leucofimbria* de Minas, Goiás e Mato Grosso (Sul) e finalmente *C. cristata azarae*, que ocorre no R. G. do Sul, Uruguai, Paraguai e Argentina.

As diferenças notam-se fàcilmente pela coloração e desenhos das penas.

A gravura que aquí damos poupa-nos maiores detalhes descritivos.

A seriema é uma ave muito primitiva, talvez um dos primeiros ensaios do grupo dos carenados.

A localização desta ave, dentro dos grupos naturais, na sucessão evolutiva das espécies, tem trazido em desacôrdo os zoólogos, desde Marcgrave.

Suas afinidades, já suspeitadas, com as aves de rapina, foram muito bem dilucidadas pelo prof. Miranda Ribeiro, no seu recente estudo (65) onde afirma: ..."nenhuma dúvida tenho atualmente em considerá-la raptora, quer do ponto de vista do regime, quer do ponto de vista anatômico, quer do ponto de vista evolutivo". E mais adiante escreve: "Cariama é um rapineiro evoluído para a vida gressóra dos campos".

Assim devemos considerá-la ante as provas acumuladas no estudo recente já referido.

Mas se o lugar dêste rapineiro gruiforme, na série das aves, deu motivo a vacilações entre os homens de ciência, a maneira de aninhar, os ovos e a alimentação constituíram outros tantos problemas.

Quanto ao ninho, já hoje bem conhecido, podemos considerá-lo assaz parecido com os dos raptores: é rústico, tosco, feito de material grosseiro, como vemos na gravura. Mais um argumento em favor do seu parentesco com as aves de rapina.

---

(65) "A Seriema" — Rev. do Mus. Paulista, t. XXIII, 1937.

No geral não coloca o ninho a grandes alturas e assim é encontrado entre 1 a 5 metros. Sua postura, feita de fevereiro a março, no Nordeste, consta de 2 ovos brancos ou ligeiramente cremes, com algumas manchas poliformes da côr parda ou anegrada, roxas desmaiadas, acumuladas no polo rombo.

Êsses ovos assemelham-se muito aos do urubú, mas geralmente são menos alongados, que os daquele necrófago, como tivemos ensejo de confrontar na coleção de José Caetano Sobrinho.

O chôco, segundo Rocha, dura de 28 a 30 dias, e o macho também ajuda, um tanto, a incubar os ovos.

O regime alimentar da seriema é insetívoro-carnívoro e, assim, presta serviços úteis, dando caça a toda a classe de insetos, sáurios,

Fig. 28 — Ovos de seriema, procedentes de Barra do Paraopeba, Minas.

pequenos mamíferos e aves que lhe venham ao alcance do bico. Gosta imenso de carne crua.

Quanto ao seu hábito de devorar serpentes (66) dêle se fala desde Marcgrave, entretanto, nem uma só vez se encontraram restos de ofídios no seu tubo digestivo. E' ave utilíssima que os sertanejos respeitam e até consta que nos tempos coloniais gozou da proteção do Estado.

---

(66) Na fauna africana existe ave de grande parecença com a seriema, o serpentario ou secretário, que se especializou em comer cobras.

Sabe-se que a seriema se dá perfeitamente em cativeiro e aí se reproduz, como se tem observado entre nós.

Boa notícia duma tentativa desta natureza, feita no Jardim Zoológico de Londres, dá-nos o naturalista Sth. Smith (67) citado por Miranda Ribeiro.

O casal, em observação, construiu o ninho, como de ordinário, em uma plataforma que adrede lhe prepararam.

Pôs dois ovos, um dos quais se quebrou e do outro, após 29-30 dias, saiu o pinto.

O filhote estava coberto de penugem da côr parda, e dessa côr, manchada de mais escuro no dorso; a penugem da cabeça era extraordinàriamente longa e em forma de pelos.

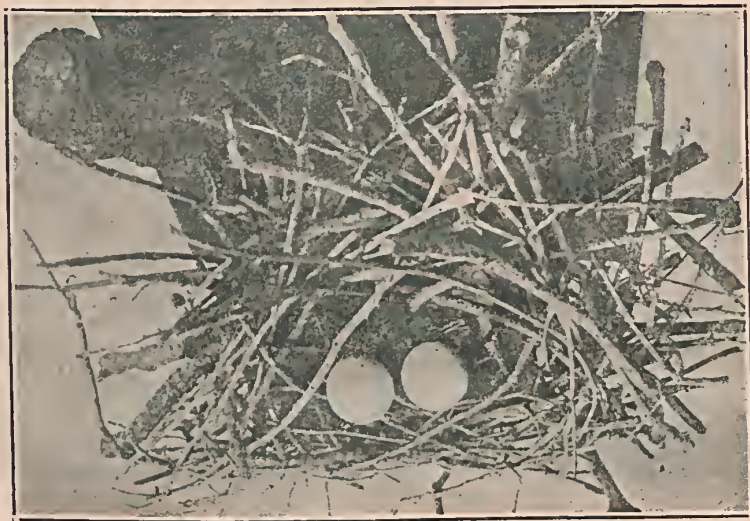



Fig. 29 — Ninho de seriema (Barra do Paraopeba, Minas).

Os pais encarregaram-se da nutrição que lhe foi posta ao alcance: carne, camondongos, ovos cozidos e baratas. Com um mês o filhote deixou o ninho e dentro em 5 semanas já tinha outro aspecto devido a muda.

Quando hóspede do aviário, a seriema porta-se o mais ordeiramente possível, o que lhe não impede de comer qualquer confiado pinto que surja ao alcance do bico, mas não é, positivamente,

(67) Proc. da Soc. Zool. de Londres — 1912.

por maldade... e sim para se "desenjoar" do regime alimentar civilizado. Quando apanha um pinto, suspende-o com o bico, atirando-o em seguida ao chão para o matar. Depois com o auxílio dos pés, dilacera-o e come-o, como já tive o desprazer de assistir.

De maneira mais humana não se portaria um selvagem que teimássemos em civilizar.

Li, de momento não me acode onde, que uns missionários, a custo de penosos esforços, haviam cristianizado um núcleo de antropófagos.

Já se esgueiravam longos anos sôbre a aldeia daqueles cristãos novos, quando aconteceu adoecer uma velha muito querida entre os selvagens e não menos estimada dos missionários.

Enfraquecida pela doença que lhe tirara totalmente o apetite, a velhota desmedrava a olhos vistos.

Nem os acepipes da cozinha dos catequistas, nem os frutos odorantes das matas, nem o capitoso mel das ativas abelhas silvestres, — ambrosia que rescende a todos os perfumes da floresta, — nada estimulava o apetite revel da matrona adoentada.

O missionário, seu enfermeiro, já pensara nos mais sedutores petiscos, mas a doente esboçava uma careta de enjoo, abanando tristemente a cabeça, numa obstinada negativa.

E quando pela décima vez o santo homem lhe acenava com um manjar inédito, ela animou-se um tanto e lhe confessou sinceramente:

— Olhe! Sabe a única cousa que era capaz de comer com muito gôsto?

— ?

— Era uma perninha de criança moqueada!!

Tal é a fôrça do hábito.

E, agora, vejamos, quem será capaz de atirar a primeira pedra na seriema que devora um pinto?

XII

GARÇAS, SOCÓS & CIA.

"La civilización extermina cruelmente la fauna y la flora, ya por necesidades económicas o comerciales, ya por ignorancia de su significado en el equilibrio biológico universal".

Dr. Jose Liebermann.

Pelos banhados, vargens, varjedos, varjões, brejos, pantanais e pelos flancos dos cursos de água, suas ínsuas, deltas, coroas e barrancos, bem como pelas restingas, mangues e gamboas das orlas marítimas, vive e agita-se a fauna dos limícolas, bem característica, embora multifária.

E' neste cenário de poliformes aspectos que vamos encontrar as garças hieráticas, os tuiuiús solenes, os socós pensativos, os sorumbáticos jaburús, os colhereiros de bico monstruoso, os arapapás de bicanca incrível, a graciosa e arisca saracura, a pernilonga e assustada jaçanã, todo um mundo de aves de longas pernas e grandes bicos, que pescam nas correntes d'água, nos lagos e lagoas e sabem desentranhar do seio da vasa, do lamarão, dos mangues, dos balsedos, dos paúes, a caça abundante de vermes, crustáceos, insetos e suas formas larvais.

Como as aves limícolas pertencem a ordens diversas, julgamos preferível, não agrupá-las em um capítulo, mas prosseguir a rota, que nos traçamos, de tratar cada vez, sempre que possível, de determinada ordem, o que dá ao trabalho caráter algo didático.

O grupo das garças, socós e seus parentes agremia todos os ardeiformes, que são aves aquáticas, em geral de certo vulto, longas pernas, tíbias nuas na parte inferior, dedos anteriores longos unidos na base por membrana curta, tocando o chão o dedo polegar (*hallux*); o bico é sempre comprido e largo na base, a

região perioftálmica nua, pescoço longo, cauda curta e papo ausente.

A ordem apresenta quatro famílias com numerosos gêneros.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

GARÇA PEQUENA — (*Leucophoyx candidissima*) — E' a mais graciosa e menor das garças brancas, medindo entre 56 a 60 cents.

Traja-se inteira e eternamente de branco, mas de um branco alvinitente, a que deve o nome específico de candidíssima.

Essa brancura de noiva, sempre à espera de bodas, é maculada pelas pernas de um verde enegrecido e de um bico preto, com a base manchada por penas amareladas.

Orna-lhe a cabeça, atiradas para trás, como um véu, longas e delicadas penas, que se alvoroçam e arrepiam em momento de raiva ou de pavor.

Surgindo um pouco abaixo das asas e caindo-lhe pelos flancos, cingindo-lhe os rins, vêem-se plumas brancas, dando assim a sua indumentária uns ares de luxo e aparato.

São essas penas, que com graça se recurvam, êste fastoso traje de gala, causa de todas as grandes desgraças que afligem a espécie, desde que as gralhas se quiseram enfeitar com penas de pavão.

De fato essas penas de real beleza, ainda hoje enfeitam, não o cocar dos tapuios ou os beiços dos botucudos, porém os chapéus de senhoras civilizadas.

Valem no comércio uma fortuna, tanto como o ouro ou ainda mais.

Daí a caça, o extermínio sem mercê, desta linda garça, cujas penas são, mais que as das outras, preciosas.

Num só ano, 1898, segundo dados que temos presentes (68) num dos países exportadores de penas, a Venezuela, foram abatidas 1.538.738 garças de diversas espécies.

De todos os países civilizados, a França e Inglaterra, na vanguarda, partiram protestos contra a selvageria.

As sociedades de proteção aos animais lançaram veementes apelos, mas a "razzia" continuava atiçada pelos lucros do comércio e animada pela moda feminina.

Um fotógrafo australiano, Sr. Mattingley, na Nova Gales do Sul, vai surprender, com a sua objetiva, as cenas inomináveis da matança dessas infelizes aves.

---

(68) "La Vie à la Campagne", vol. X, n. 122.

As suas fotografias emocionam o mundo e o seu relato enche de dor os corações sensíveis.

Eis um trecho daquela reportagem sensacional:

"Quando nos aproximámos do sítio, pudemos ver largas manchas brancas, ora flutuando sôbre as águas, ora estendidas sôbre troncos de árvores caídas, perto do Rochedo das Garças. Espalhadas pelas ervagens ou penduradas em galhos de arvores, avistavam-se outras formas brancas: eram as carcassas das garças mortas pelos "caçadores de penas".

As aves haviam sido abatidas em seus ninhos, os quais, em conjunto, encerravam mais ou menos 200 filhotes, mal emplumados e famélicos, piando de frio e fome.

Mais de 70 garcinhas jovens, haviam tombado ao chão e perecido afogadas, outras morriam de fome no ninho, algumas mais resistentes pareciam chamar as garças que passavam, como que solicitando alimento".

Cenas iguais passam-se ainda hoje entre nós.

A descrição emocionante, documentada pela fotografia, figurou nos jornais e revistas de todos os países.

Era de esperar que as animadoras do comércio de penas, as donas daqueles chapéus que Emilio Faguet então chamava "lieu de carnage, morgue, campo santo", sensibilizadas renunciassem a moda das penas, que tantas penas causavam.

A história, neste particular, como mulher que é, nada tem a declarar.

Sabe-se apenas que as corporações científicas da Inglaterra enviaram uma deputação ao primeiro ministro e foi proibida a exportação de penas da Nova Guiné, ao mesmo tempo que era proibida na Inglaterra a compra ou venda de penas com exclusão das das aves domésticas e do avestruz, já semi-domesticado em certas regiões.

Entre nós Goeldi também fez uma representação ao governador do Pará a propósito do massacre de nossas garças.

Há, no Brasil atual legislação a êsse respeito, a qual, se não os evita totalmente, até certo ponto refreia os grandes massacres. Paul Le Cointe, ainda em 1922, escrevia (69): "Fazem-se tais caçadas dessas aves que só raramente são encontradas, enquanto alguns anos atrás, bandos numerosos cobriam as margens dos lagos amazônicos".

---

(69) "L'Amazonie Brésilienne" — Vol. II, p. 331.

A exportação de penas de garças ainda se verifica no Brasil, como vemos pela estatística seguinte:

Pará, 1931 — 23.000 grs. na importância de	113:528$000
Corumbá, 1934 — 20.000 grs. na importância de	47:134$000
Pará, 1936 — 40.000 grs. na importância de	16:500$000
Corumbá, 1936 — 31.000 grs. na importância de	9:700$000

O comércio de penas tem tentado explicar que se obtém êsse artigo sem sacrificar a ave, mas essa afirmação mereceu justos desmentidos.

Franck Chapman, do Museu de História Natural, de Nova York, para citar um exemplo escreveu: "Tenho grande conhecimento das regiões sul-americanas, posso afirmar sem receio de contradita que as penas das garças, oriundas da muda, jamais deram lugar a nenhum comércio".

Gilbert T. Pearson escreve: "Nos distritos mais povoados de garças (Venezuela) que eu percorri, as penas caidas são tão raras que, se alguem se désse ao trabalho de apanhá-las, gastaria, todo um dia, para obter uma quantidade capaz de ornar um chapéu".

Na realidade, as penas mais preciosas das garças são as que elas vestem na época dos amores.

São os trajes nupciais, o seu cândido e alvinitente vestido de noiva, que ela conserva durante o tempo da criação para agasalhar, como de dentro de uma nuvem morna e macia, o fruto querido dos seus amores.

Após essa época, as vestes sovadas e sujas caem e não têm senão insignificante valia.

Hoje, já pouco se encontra a garça pequena, mesmo nos lugares em que era abundante.

E' de notar que a distribuïção geográfica da espécie se faz por quasi toda a América, exceto as regiões árticas e antárticas.

As experiências de criação com a garça pequena deram resultados animadores. Elas vivem fácil em cativeiro, e, como são quasi onívoras, todos os alimentos lhes servem, com tal que não lhes falte, de vez em vez, uma ração de carne ou peixe frescos e crus.

Em domesticidade fazem duas posturas sucessivas, em abril e junho, cada qual com três ou, no muito, quatro ovos de uma côr azul desmaiada.

O esplendor máximo de sua plumagem auge no mês de julho, e em fins de outubro já as penas são escassas e se acham enxovalhadas.

Fig. 30 — 1) Garça grande (**Herodias egretta**); 2) Garça pequena (**Leucophoyx candidissima**); 3) Garça real, ou garça de cabeça preta (**Pilherodias pileatus**); 4) Garça azul (**Florida caerulea**); 5) Garça da Guiana (**Agamia agami**).

Cada ave pode fornecer 1/2 a 3 1/2 gramas de penas, e no regime de domesticidade se poderiam colher, arrancando-as, duas vezes ao ano, maio-junho e setembro-outubro, segundo informações de Le Cointe (70).

GARÇA GRANDE — (*Herodias egretta*) — A guiratinga dos ameríndios, que é como se dissessem ave branca, mostra-se a maior das garças, pois mede 82 cents. a 1 metro de comprimento. Como a anterior ostenta as mesmas vestes brancas, pernas pretas e bico amarelo, mas as suas penas não alcançam a mesma

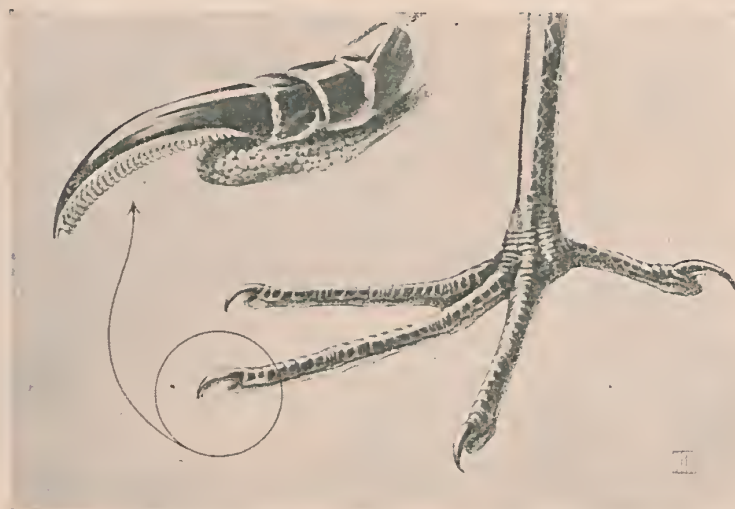



Fig. 31 — Pata direita de garça azul. Note-se, em aumento, a curiosa estrutura da unha. E' um verdadeiro pente e dêle se serve a ave para assentar as penas e, naturalmente, para se desembaraçar dos piolhos.

fineza e não se curvam em "crosse" como exige a moda feminina.

Valem por isso muito menos, mas, como a ave é grande e pode fornecer maior quantidade de penas, convém ainda, comercialmente, ser explorada em criação.

Habita igualmente todo o Novo Mundo. Na Amazônia, além do nome indígena já citado, também lhe chamam acará, e

(70) "L'Amazonie Brésilienne" — Vol. II, p. 331.

acaratinga e garça real, nome, aliás, pelo qual em outros lugares é conhecida a espécie seguinte.

Aninha-se em árvores altas, preferindo o jequitibá. O ninho é uma gamela chata, composta de gravetos fortes.

GARÇA REAL — (*Pilherodias pileatus*) — Em tamanho assemelha-se à garça pequena e, como essa, também se veste de roupagens níveas, mas, com muito encanto, enfeita-lhe a cabeça, à guisa de coroa, uma poupa dum negro azulado.

Sem outros títulos a nobreza, só de tal diadema lhe vem a pomposa denominação de garça real, nem sempre reconhecida, pois, na Amazônia, a real é a espécie de maior tamanho (H. egreta).

Além de ter a cabeça de côr preta, razão pela qual lhe chamam também garça de cabeça preta, ainda lhe ornamentam a garridice três, ou quatro penas, que aí se implantam como um penacho.

Dessa espécie também se obtêm penas que, embora não se curvem em "crosse", de tanto valor, ainda assim têm preço no mercado daquele artigo.

A distribuïção geográfica é mais restricta, indo de Sta. Catarina à América Central.

GARÇA AZUL — (*Florida caerulea*) — Pouca cousa maior que a garça pequena, esta linda ave envolve-se em plumagem azul piçarra, não muito uniforme, porque se notam, aquí e alí, nódoas de um azul mais vivaz.

Essa côr cerúlea, na designação zoológica, acha-se meada de plumas roxas ou acastanhadas na região da garganta. O bico também de azul se colore, mas as pernas são negras.

As aves, ao nascer, não mostram a côr dos adultos; são brancas e tal alvura conservam durante a infância e só, à proporção que se vão efetuando as mudas, é que gradualmente as manchas sucessivas de azul lhe tomam toda a plumagem.

E. Snethlage diz que, no período da incubação, as penas do pescoço e da cabeça mostram-se de côr purpúrea carregada. E', por todos os motivos, uma linda ave.

GARÇA DE GUIANA — (*Agamia agami*) — E' uma garça de 52 a 53 cents. E' preta com lustro esverdeado na parte superior, o alto da cabeça e nuca são pretos azulados, as penas do occipicio azues claras, parte inferior vermelho castanho vivo, a parte superior da garganta raiada de branco e a parte inferior azul claro. Ocorre na Amazônia e Mato Grosso.

Fig. 32 — Ninhos da garça azul.

GARÇA VERMELHA — (*Ardea erythromelas*) — E' uma linda garcinha, que tem a parte superior do corpo dum vermelho ferrugíneo, cabeça e cauda pretas, dorso inferior cinzento, parte inferior do corpo branco, com estrias pretas na garganta, peito e flancos.

E' uma das mais pequenas garças que possuímos, medindo 29 a 30 cents. de comprimento.

Posto que tenha larga distribuïção geográfica, indo da Argentina às Guianas, parece muito rara no Brasil. O príncipe de Wied encontrou-a no Rio de Janeiro e Olivério Pinto alvejou-a na Baía. Na Amazônia esta ave é chamada socoí vermelho.

SOCÓS — São vários os ardeídeos que recebem êsse nome popular indígena, que parece significar, seg. Teodoro Sampaio, ave que se apoia num pé só.

Todos têm idênticos costumes e freqüentam os banhados, lagunas, rios e arroios, em busca de alimentos, em geral peixes pequenos, moluscos, insetos aquáticos, etc.

Os socós são verdadeiras garças e distinguem-se das cegonhas pela característica postura do pescoço, sempre encolhido e dobrado em S.

Também no voo se reconhecem fàcilmente, pois as garças e socós, como a maioria dos ardeídeos, voam com as pernas esticadas para trás e com a longa cabeça tão recurvada que quasi repousa sôbre o dôrso, o que bem as distingue dos palmípedes, cegonhas e maçaricos, que alongam o comprido pescoço para frente durante o voo.

Entre os socós mais comuns e de mais larga distribuïção geográfica citaremos:

JOÃO GRANDE — (*Ardea cocoi*) — Também conhecida por socoí, e manguarí ou maguarí, no Norte. Mede 115 a 120 cents. de comprimento, 1,m80 de envergadura. E' o maior dos socós.

Cabeça negra, formando topete, que cai para a nuca; pescoço branco amarelado, dorso e asas cinzento escuro, cauda negra e muito curta, garganta branca amarelada, estriada de rajas negras, ventre e uropígio negros, bico grande, forte de côr amarela, olhos escuros, pernas longas avermelhadas.

A ave nova é pardo cinzenta, com o pescoço anterior estriado.

Andam aos pares e, às vezes, isoladas, rara vez reünidas em grupos. Entram n'água, até a metade dos tarsos, e aí se mantêm longo tempo à espera da presa, que agarram numa bicada enérgica. Aninham-se em árvores, onde põem de 4 a 6 ovos, de um azul claro, medindo 6,25 ×4,14 cents.

E' ave migradora e útil pela caça que dá aos insetos prejudiciais, mas, onde existem estabelecimentos de piscicultura, pode causar prejuízos.

Um outro socó, bem menor que êsse, é o *Nycticorax nycticorax naevius* chamado taquarí, arapapá de bico comprido, garça cinzenta e guacurú. Ave de 55 a 56 cents., com o alto da cabeça e cobertura das asas, negros, com reflexos verde metálico, asas de um cinzento puxando ao amarelado, fronte, faces, lados do pescoço, peito, ventre e uropígio brancos, olhos vermelhos, pernas amarelas e bico preto. A plumagem dos jovens é de côr geral parda amarelada com alto da cabeça anegrada e estrias amareladas nas penas.

Aos indígenas afigurou-se tratar de duas espécies e assim ao adulto davam o nome de tajaçú, e à forma jovem, taquirí. Tem hábitos noturnos. Durante o dia dorme e, à noite, sai à caça e, como é dotado de uma voracidade incrível, engulipa peixes mais longos que seu corpo e causa grandes devastações entre as rãs.

SOCÒZINHO — (*Butorides striata*) — E' também chamado ana velha, maria mole. E' um pequeno socó cuja plumagem varia conforme a idade, o que gerou confusão entre os próprios zoólogos. Na idade adulta essa espécie apresenta côr cinzenta ardosiada, a ave nova não mostra tal colorido e durante várias fases da vida a plumagem ainda exibe modificações.

SOCÓ-BOI — Há entre os ardeídeos três a quatro socós que recebem essa designação. Entre êles temos o *Tigrisoma brasiliense*, que mede 75 cents. de comprimento.

A côr das costas é pardo cinzenta salpicada de amarelo e com faixas da mesma côr. O pescoço anterior é branco estriado largamente de negro. Peito e barriga pardo-cinzento. As penas da cabeça são pardas com faixas negras. Rêmiges e retrizes são bruno denegridas. A ave nova tem a côr amarelo-vermelha com faixas pretas, largas, e as retrizes pretas, com quatro faixas brancas transversais.

A denominação socó-boi adveio a essas várias espécies pelo seu grito, que é um verdadeiro mugido de boi.

Não há quem não se espante, ao ouvir um tal urro saído de ave relativamente pequena.

O príncipe de Wied estudou êste singular socó e chegou a identificar seus hábitos com o do alcaravão, da fauna européia.

Na realidade o socó-boi se mostra um tanto confiante, ante o homem, e, como o alcaravão, dá sinal de alarma, mas não se arreda do perigo.

Não se conhecia até bem pouco o ovo dêste ardeídeo, mas José Caetano Guimarães Sob. (71) descreve os que encontrou em um ninho tosco, construído de gravetos sem fôrro, chato e, relativamente pequeno.

O ovo mede 65 mm. de comprimento por 48 mm. de largo. Tem forma alongada e de pontas agudas quasi iguais. E' cinzento claro azulado com pontuados e manchas de um roxo desmaiado. Notam-se, pela superfície do ovo, salpicos côr de rapé, que num dos polos formam uma constelação.

Fig. 33 — Socó-boi (**Tigresoma brasiliense**) à esquerda indivíduo jovem.

Um outro socó (*Nyctanassa violacea*) ainda digno de referência é o vulgarmente conhecido por matirão na Amazônia e sabacú, ou savacú de corôa, na Baía e dorminhoco no R. G. do Sul.

A plumagem geral é cinza plúmbea raiada de negrusco: cabeça preta, cocar penteado para trás, e fronte vértice e estria nas faces brancos; a parte inferior do corpo é de um cinza lavado. A ave mede 49 cents. de comprimento.

(71) "Notas Ornitológicas" — Rev. Mus. Paulista — t. XVII.

E' como as demais garças do seu gênero, de hábitos totalmente noturnos. A luz do dia sèriamente incómoda o dorminhoco, que quando obrigado a deixar o sombrio do mangue, só o faz debaixo de gritos de protesto.

Em geral vive oculto durante o dia e, à noite, sai para a sua lide de pescador, na qual mostra grandes habilidades em pegar os crustáceos, peixinhos e outros bicharocos que fazem vida nas orlas marítimas.

JABURU' — (*Mycteria mycteria*) — Pertencente à família dos ciconídeos e mede 1,m10 a 1,m20 de comprimento. A altura do tarso é de 31 cents.

E' a maior das aves sul-americanas após o nhandú, e apresenta alguma semelhança com o marabú da índia.

E' todo branco, com a cabeça e pescoço nús e negros, êste vermelho na parte inferior que é bastante dilatada, formando uma espécie de saco, occipício guarnecido de escassa penugem branca, olhos grandes, expressivos, com o iris pardo; bico longo, de côr negra, um tanto curvado para cima; achatado lateralmente, deixando entre uma e outra mandíbula um espaço mais ou menos largo, tarsos muito longos e negros. Quando nova, a côr geral da plumagem é pardilha mais ou menos escura, conforme a idade, cabeça e parte do pescoço um tanto ou quanto empenadas, parte inferior do pescoço menos dilatada e de um vermelho pálido. Habita diversos Estados do Brasil, como Amazonas, Pará, Baía, Mato Grosso, Goiás, Minas e Paraná, etc. e aparece, à margem dos lagos, nos pântanos e alagadiços, em bandos mais ou menos numerosos, a que se associam outros pernaltudos. Alimenta-se de répteis, insetos, vermes, etc. Resiste bem ao cativeiro e por vezes torna-se dócil.

A designação indigena era *iabirú*, de *i* = aquele que + *abirú* = farto (alusão à grande papada da ave), mais tarde alterada para *jabirú* e *jaburú*.

Couto de Magalhães dá-nos curiosa informação sôbre uma caçada aos jaburús (72). Com essas aves e outros ciconídeos seus aparentados constroem ninhos em altas árvores, o meio de caçá-los consiste em derrubá-las, na época em que existem os filhotes no início da emplumação.

Êsses filhotões, como lhe chamam, que ainda não podem voar, mal tombam ao chão, são mortos aos centos, depenados, descabeçados e estripados e, a seguir, salgados e metidos em barricas.

---

(72) "Viagem ao Araguaia" — 3.ª ed. — Rio, 1934.

O general Couto de Magalhães confessa que apreciava essa iguaria, especialmente após 3 a 4 dias em salmoura.

Se ao alcatraz é costume apelidarem-no o urubú do mar, o jaburú deverá chamar-se o urubú das lagoas e das baixadas encharcadiças, porque aí exerce um papel saneador.

E' sabido que, anualmente, na época das cheias, os rios transbordam, inundando vastas extensões de terras, como se verifica muito especialmente com os rios Paraguai e Paraná.

Quando de novo as águas se retiram, dá-se uma catástrofe no mundo dos sêres aquáticos que não acompanham o refluxo das águas. E' assim que milhões de peixes, aprisionados em lagunas que vão secando, aí morrem.

Nuvens de jaburús acodem ao apetecido banquete e o festim dos gargantuas bicudos dura longos dias.

Se a Natureza não dispusesse dessa luzidia brigada de insaciáveis glotões, a saúde da bicharada silvestre perigaria e assim criou tais fornos crematórios, — o pandulho insondável dos jaburús, — onde todas essas matérias orgânicas, que se poderiam corromper, serão queimadas.

Aliás sua vida é comer. Nasceram para digerir. Tudo que lhes cai na rede é peixe. Vivo ou morto, serve. Quando a sorte não depara ao jaburú presa fácil, como um pescador, que se presa, posta-se à beira dos lagos e remexe o lamarão com a sua bicarra de trinta e dois centímetros de comprimento, em busca das mais sujas petisqueiras.

Só se move para engulir e, se da pescaria logra um peixe, ingere-o inteiro. Vê-se mesmo a presa remexendo-se agitada, através da sua enorme papada, e o pescador, solene e calmo, imobiliza-se, antegozando a digestão.

Há outras aves, como essa, de aspecto solene e gravíssima catadura, mas que, por vezes, talvez para se desforrarem de tanta gravidade incubada, são atacadas de verdadeiros acessos de alegria, como os grous e, segundo Oustalet, o nosso patrício jacamim.

Nestas crises de jovialidade, torna-se pitoresco e risível meterem-se o macambúsio do grou e até o jacamim a executar as mais exquisitas danças.

O contraste de tão ridículos passos coreográficos em criaturas de tamanha sisudez, provoca-nos saborosas gargalhadas.

Vem-nos à mente a figura patriarcal de Noé, solenemente bêbado, dançando ante a arca em cujo bojo foi guardada, durante quarenta dias, Deus sabe com que promiscuïdade afrontosa, a semente da humanidade de hoje e seus irmãos de todos os tempos.

COLHEREIRO *(Ajaja ajaja)* em cima — JABURÚ *(Mycteria mycteria)* em baixo.

Mas se nestes tristonhos larvados aparecem raros clarões de contentamento, ao jaburú nunca chega a mais tênue réstea de alegria; é viceral e ingenitamente soturno, silencioso e sotrancão. Pessimista mergulhado no pântano das dôres do mundo, parece assistir, sempre compungido, ao enterramento de todas as ilusões da vida, como certa casta de filósofos.

Só de longe em longe, bate a cabeça, doutoralmente, como reafirmando, mais uma vez, a amargura de um pensamento, a confirmação duma verdade dolorosa e sem remédio.

Êsse aspecto do jaburú foi bem retratado nêsse soneto de Antonio Sales.

Magro, comprido, imóvel e bicudo.
O jaburú se quêda, horas a fio,
Num pé, metido na água, em sério estudo
Que lhe preocupa o cérebro vazio.

Nadam aves joviais, brincando entrudo,
Outras soltam canções em desafio;
Entanto o jaburú, frio e sisudo,
Não move as asas e não solta o pio.

Tudo o que vibra, tudo o que perfuma,
Tudo o que encanta os olhos, coisa alguma
Comove o sábio desdenhoso e sêco,

Apenas, para impôr-se às outras aves,
Faz com a cabeça alguns meneios graves:
— Também as aves têm o seu Pacheco.

Na Amazônia a ave de que tratamos é conhecida por tuiuiú, nome, aliás, que, aquí no Sul, dão a outro ciconídeo, *Tantalus americanus,* que, no Norte, é chamado passarão, cabeça de pedra.

Tantalus americanus, que é o tuiuiú aquí do Sul, difere bem do anterior, pois é menor, não passando de 91 a 92 cents. de comprimento, tendo 21,5 a altura do tarso. E' branco com rêmiges e cauda negras. A cabeça e parte do pescoço são núas, escamosas, tendo penas quando a ave é nova.

O bico e a cabeça cinzento denegridas, as pernas cinzentas.

Vive de forma idêntica ao anterior, mas ocorre desde Argentina a Nova York.

Poder-se-á citar ainda o jaburú moleque (*Euxenura maguari*), também chamado manguarí, baguarí, cegonha, e cauauã.

E' uma verdadeira cegonha, apresentando o pescoço e a cabeça empenados, ficando desnuda a garganta e região loral, que se mostram encarnadas.

A côr geral é branca, mas as rêmiges e retrizes são pretas. Embora se distribua por toda a América do Sul, desde a Argentina, não é encontradiço e é de todos os ciconídeos o mais precavido e desconfiado.

GUARA' — (*Eudocimus ruber*) — E' realmente um dos mais belos e originais dos nossos ardeiformes. Lindíssima ave da família dos ibidídeos, paramentada com uma plumagem inteiramente vermelho-carmesim, exceto uma ponta extrema e minúscula da asa que é negra, as próprias partes da cabêça, despidas, são vermelhas e bem assim as pernas. O bico longo, algo curvo, é negro.

Filha dos trópicos, vive e procria dentro da faixa equatorial, Antilhas, Guianas e Amazônia, mas por vêzes faz migrações ao Sul, tendo sido encontrada por Natterer até em Paranaguá.

Na Amazònia ela constitue um dos típicos ornamentos das margens dos rios, onde estabelecem os seus ninhais, uma tela cheia de pinceladas rubras, uma tricromia no livro maravilhoso da natureza.

Quem já observou a *féerie* dêstes espetaculosos ninhais, afirma que só para vê-los, vale a pena uma visita à terra marajoara.

Os tupinambás, que se utilízavam das penas destas aves para confeccionarem seus mantos e ornatos, empreendiam largas excursões para caçá-las. Há até escritores que, valendo-se do testemunho de antigos exploradores e cientistas, asseveram que os tupinambás chegavam a manter guarás (73) em domesticidade.

Na realidade é possível manter o guará em domesticação, mas nesse estado a sua côr desmaia um tanto, o que aliás se dá com o flamengo e o colhereiro.

Aproveitando a possibilidade de se domesticarem e a arte com que sabem caçar o grilo toupeira, também chamado paquinha (*Neocurtilla hexadactyla*), grande inimigo dos fumais, foi êle preconizado e experimentado para tal mister no Pará.

O guará realmente segue, com o bico, a galeria aberta pelo grilo e vai-lhe ao encalço revolvendo a terra, até que se lhe depare a gostosa presa.

---

(73) A propósito do vocábulo guará, AMADEU AMARAL julga-o derivado de goraz, nome de uma ave pernalta portuguesa, e não de "guirápiranga", como crêem alguns tupinômanos.

Mas se não fôr possivel utilizar-lhe os serviços como caçador de grilos, resta aproveitar-lhe a silhueta esbelta e a roupagem espetacular para ornamento de parques e jardins artísticos.

Da mesma família do guará são ainda dignas de citação várias espécies assaz interessantes, conhecidas sob o nome de curicacas e tapicurús (74).

Sob o nome de curicaca o povo distingue duas espécies.

A primeira é *Theristicus caudatus,* que é parda cinzenta, nas asas e nas costas, e bem se distingue das congêneres por ter o pescoço branco amarelado e o peito e o vértice pardo castanha. A garganta é nua e preta e bem assim a zona em redor dos olhos. O bico, que mede 170 mm., é curvo, preto na base e verde na ponta.

E' espécie que ocorre desde Pernambuco à Patagônia.

A outra, que leva nome igual à anterior, sendo, porém, mais conhecida por tapicurú e maçarico, é a *Plegadis guaraúna,* um tanto menor que a já referida, tem o bico forma igual, e mede 130 cents. Inferiormente, o pescoço é de côr castanha, com largas pintas brancas, produzidas pelos filetes brancos das penas; peito escuro, com manchas côr de canela escuro, asas esverdeadas com reflexos metálicos acobreados.

Superiormente, corpo acastanhado, asas esverdeadas com manchas canela na parte superior. Tetrizes com reflexos metálicos acobreados.

Êsse conjunto da plumagem é de bonito efeito.

A fêmea é idêntica ao macho, mas o peito mostra côr escura uniforme, sem a mancha canela e as asas verdes com manchas pouco aparentes.

Tem vida e costumes semelhantes ao guará e pode ser considerada útil. E' ave que ocorre em quasi toda a América do Sul, indo até a Florida, na América do Norte.

Há mais duas espécies que o povo chama tapicurús também.

Uma é *Phimosus nudifrons,* que tem cara encarnada e núa desde a garganta e a fronte até atrás do ôlho. O bico é de um branco avermelhado.

A plumagem em conjunto é bruno-avermelhada.

Menor que o anterior é um outro tapicurú (*Harpiprion cayennensis*). E' de plumagem bruno denegrida, com um lustro verde metálico, puxando ao roxo. A garganta e a região em derredor dos olhos mostra-se nua e de côr verde, o bico tem iguat côr bem como as pernas.

---

(74) Também em certas regiões dão a tais aves o nome de maçarico, nome que, por pertencer a outro grupo, convêm distinguir.

E' espécie dos matos, diz H. Ihering, onde vive à borda dos rios ou em banhados. Ocorre do Paraná à Guiana.

COLHEREIRO E ARAPAPA' — Em matéria de bico, êsses dois cavalheiros do mundo alado, nada terão de se invejar e nem de se queixar, por escassez.

Bicudos ambos são e de tal jeito, que não sabemos como se pódem utilizar de tão vexatório trambolho.

Realmente com aquelas duas criaturas a Natureza esmerou-se quanto tinha em matéria de bicos e caprichou por arquitetá-los no mais rebarbativo dos estilos.

Longe de nós a idéia de fazer reparos a D. Natureza, senhora de talentos inventivos inesgotáveis, mas que acreditamos, por vezes, zombeteira e até malévola nas suas miraculosas criações.

Mire-se e admire-se a bicanca do colhereiro, com 16 cents. de longura, chato, indo do mais grosso, próximo à base, para o mais fino e, derrepente se alarga desmesurado, formando na ponta uma verdadeira colher.

Fig. 34 — Arapapá ou arataiaçú.
(Cancroma cochlearia)

Com tal almanjarra tem êsse pobre diabo de viver eternamente no regime de sopas de lama, que é na realidade onde descobre os bichinhos de que se alimenta.

O arapapá, também em matéria de bico, está aparelhado de traquitana sexquipedal, e que, se não tem tamanha vastidão, como a do seu colega, pois mede 8 cents., por outro lado, mostra uma construção encrencada, pois é largo e convexo em cima, plano em baixo, uma cousa assim à moda de canoa com fundo para o ar.

Estamos no entanto fugindo às boas normas de apresentação, descrevendo, em primeiro, o bico, antes de falar do dono de tal prenda.

No final das contas o que, à primeira vista, mais nos chama a atenção nestas aves é a bicarra, que faz lembrar certo perso-

nagem maliciosamente descrito por Gregorio de Matos, o qual, ao retratar-lhe a feição, dizia:

> Nariz de embono
> Com tal sacada
> Que entra na escada
> Duas horas primeiro que seu dono

Comecemos, pois, como devêramos.

COLHEREIRO — (*Ajaja ajaja*) — Entre os ardeiformes êle se encontra como único representante da família dos plataleídeos. Mede 61 cents. de comprimento, incluindo o bico. A parte superior do corpo e pescoço são brancos; corpo inferior e asas côr de rosa, coberteiras das asas superiores menores encarnado púrpura vivo, cauda côr de cere, com a parte inferior côr de rosa; coberteiras da cauda inferiores encarnadas purpúreas. Essa é a plumagem ao tempo da incubação; em outro período da vida a côr rosa é mais desmaiada e o purpúreo das coberteiras das asas e da cauda desaparece. Do bico já dissemos o suficiente.

Na época da postura agrupam-se em pequenos bandos e constroem seus ninhos. Êsse é uma ampla bacia, tecida de folhas, galhos, como que amarrados com fibras, e êle o arquiteta e localiza na vegetação arbustiva que orla as margens do mangue e quasi sempre nas espécies vegetais de igual nome (*Rhizophora mangle*). A postura consta de 3 ovos, que medem 7 × 4,5 cms. e são de côr branca com manchas pardas.

Em geral alimentam-se de insetos aquáticos, moluscos que encontram no lamarão dos mangues, mas também apreciam os pei-

Fig. 35 — Matirão. (Nyctanassa violacea)

xes. Fernão Cardim observara que para pegar o peixe "bate com o pé na água e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma e por isso dizem os índios que tem saber humano".

ARAPAPA' — (*Cancroma cochlcaria*) , chamado também arataiaçú e, imprópriamente, colhereiro.

Verdadeira miniatura do feíssimo *Baleniceps rex,* que vive nas regiões do Alto Nilo, na África.

A parte superior do corpo é de côr cinza xistácea, a nuca traz uma mancha vermelho-apardavascada, cabeça negra, fronte branca, garganta e peito esbranquiçados, flancos pretos, a parte média do peito e a do abdome é de côr avermelhada.

Pernas amareladas e o bico bruno em cima e amarelo em baixo, e tem aquele aspecto a que já nos referimos.

E' ave mais comum no norte do Brasil e em Mato Grosso.

Também por confusão lhe dão o nome de savacú, que designa a garça notâmbula (*Nyctanassa violacea*) na Amazônia chamada matirão, à qual já nos referimos.

Não sabemos quasi nada sôbre os costumes do arapapá.

Deve ter hábitos idênticos aos da ordem a que pertence.

Infelizmente a biologia, ou melhor a etologia, dos animais da nossa fauna acha-se pouco conhecida.

Il y a encore de quoi glaner.

XIII

FLAMENGO OU GANSO DO NORTE

O flamengo é pacífico, útil e ornamental e, entretanto, sempre sofreu a mais desapiedada perseguição.

Não há, sem dúvida, entre os "bichos de penas" criatura mais original que o flamengo.

Tudo nele é da mais extremada singularidade, a começar pelo nome, como veremos.

O seu nome primitivo, na língua francesa, era "flambant" ou "flamant" que vem de "flamme" (chama), palavra que traduziria a designação grega da ave "*phoenikópteros*", que significa asas purpúreas.

Pouco a pouco a origem da palavra caíu no esquecimento e alterou-se em "flamand" (flamengo), nome pelo qual se conhece a ave na literatura mundial.

O caso não é dos mais raros, e assim passaremos adiante, a outras originalidades que encontraremos, ao descrever a construção arquitetural dêste exquisitão.

Imagine o leitor um ganso de corpo bem fornido, trepado em cima de um par de pernas compridíssimas, finíssimas.

Arrume-se, agora, pela proa, um pescoço tão longo que se poderia amarrar em nó e ponha-se na ponta deste pescoço uma cabeça, mais ou menos de ganso, porém, com uma bicanca enorme, que depois de atingir bom comprimento, dobra-se bruscamente para baixo.

Aí temos a mais caricatural das aves, o flamengo, ou se quiserem, como diziam os clássicos o flamingo, que os nossos patrícios do norte chamavam outróra maranhão e, mais modernamente, ganso do Norte, guará, ganso côr de rosa.

Mas esta invulgar complicação morfológica nem de longe torna desagradável a presença do flamengo, que, além da amenidade do trato, sabe trajar-se como um príncipe das histórias infantis.

A côr geral da plumagem é rósea com tendências ao vermelho, mas as penas do dorso e das asas mostram um vermelho purpúreo, exceto as rêmiges que são negras. Em pé, empertigado, mede um metro e trinta.

Mirando-se as longas pernas da ave de que estamos tratando, fica-se logo a pensar onde ela as colocará no momento da incubação.

Aninhar-se sôbre os ovos para chocá-los deve ser uma complicação para quem tem tanta perna.

O ganso côr de rosa e pernudo resolveu com inteligência o problema. Já que não podia abaixar-se até o ninho, fêz com que o ninho se levantasse até êle.

Construiu então uma espécie de pote, na forma de um cone truncado, ajeitou-o com o bico e patas e tinha assim inventado o berço em que incubaria e acalentaria toda a geração dos flamengos que habitam êsse mundo.

A altura dêsse ninho varia de 10 cents. a 40 cents., conforme a região em que a ave o faz. Em geral nos lugares mais úmidos ou inundáveis constroe o ninho alto, mas nos lugares mais secos não se dá ao trabalho de elevar muito a construção.

Ao comêço exagerou-se um tanto a altura do singularíssimo ninho do flamengo e acreditava-se que tivesse mais de meio metro de altura e que a ave incubasse montada neste edifício.

Ferreira Pena pitorescamente traça êsse quadro:

"E' na principal residência dêles, no lago Piratuba, perto do Cabo Norte, que êles fazem seu ninho de argila, em forma de pilares, em cima do qual a fêmea deita os ovos e os choca, ficando como que montada a cavalo, com as pernas soltas".

Mas o tipo clássico de ninho é o que acabamos de descrever, entretanto só são encontrados quando as aves vivem, como de costume, em grandes bandos.

Isoladas ou em domesticidade põem até em depressões dos terrenos e aí incubam como as demais aves, não obstante a longuidão das pernas. Há até espécies que constroem sempre ninhos rasos.

Um observador assim escreve a posição da ave no ninho (75). Suas longas pernas dobram-se sob o corpo, as articu-

---

(75) "El Flamengo" — in "La Chacra" — março de 1935 — pg. 85.

lações sobrepassam a cauda e seus graciosos pescoços se enroscam entre as penas do dorso, da mesma forma que o do cisne quando incuba, com a cabeça descansada sôbre o peito (76).

A postura consta só de dois ovos grandes, brancos e como que rebocados por fora com uma camada de caliça.

A incubação dura 25 dias, segundo uns e cêrca de um mês, segundo outros. Quando se dá a eclosão, surge um pinto um tanto moleirão, que precisa ser alimentado pelos pais, na opinião mais corrente.

Os pintos, ao nascer, são brancos, mas logo após os primeiros dias apresentam côr cinzenta escura e têm meio metro de altura.

Como precisam tomar alimentos, que lhes oferecem os pais, trazem o bico reto para facilitar essa maneira de alimentar-se.

Só mais tarde, quando aprendem a comer por si sós, é que o bico apresenta a forma indispensável ao seu gênero natural e definitivo de alimentação.

Fig. 36 — Flamengo, na sua posição natural de pescar.

Os flamengos constituem a ordem dos Fenicopteriformes (77) com uma só família e um só gênero, que comporta várias espécies, mas no Brasil só se encontram duas *Phoenicopterus ruber*, no Pará e d'aí para o norte até a Flórida e *P. ruber chilensis* no R. G. do Sul e daí para o extremo do

---

(76) E. HARPER e L. DRABBLE, num estudo sôbre a nidificação dos flamengos, observada na província de Santa Fé (Argentina), onde existe uma colônia de aproximadamente 50.000 indivíduos, escrevem (El Hornero, vol. VI, n. 2), que o sol é o fator principal na incubação dos ovos daquela ave. Informam que o pinto nasce um tanto amolentado, mas já capaz de correr. Não tiveram oportunidade de vêr os pais alimentarem os filhos.

(77) Ultimamente A. WETMORE, numa revisão, criou a ordem dos ciconiformes, incluindo nela garças, cegonhas, flamengos e a espécie africana **Balaeniceps rex.**

continente. Essa espécie, aliás, se encontra no Perú e daí segue para o sul do continente, sempre a oeste, sendo comum no Chile, Uruguai, República Argentina.

Os hábitos dessas espécies são muito simples.

Vivem em bandos, por vêzes muito numerosos, com algumas centenas de indivíduos. Há colônias que comportam 50.000 cabeças, como se vê na nota 76.

São ariscos e prevenidos, mantendo-se sempre em campo aberto, onde inspecionam o horizonte.

Parece que a experiência lhes ensinou o perigo de regiões cobertas, onde os inimigos se ocultam para os ataques de emboscada. Para dormirem, tomam uma posição original que Goeldi assim descreve: "pousam no peito o pescoço disposto em laço, curvam a cabeça sobre o dorso e escondem-na entre as penas humerais, dobrando e conchegando ao corpo uma das pernas. Destarte todo o pêso do corpo descansa sôbre o delgado e comprido pilar da outra perna".

Marcham sempre juntos, muito alinhados, de cabeça ao alto, numa postura marcial. Quando levantam o voo, em conjunto, produzem um rumor que se assemelha a trovoada longínqua, mais ou menos intensa, conforme o número de aves.

No voo mantêm quasi sempre a disposição em V, sendo, de quando em quando, substituída a ave que vem no vértice do ângulo.

Alimentam-se de insetos, matérias em decomposição, crustáceos, peixes, plantas aquáticas, sendo assim um saneador das águas paradas. Para comerem, introduzem-se na água, e com as patas e a cabeça remexem a vasa.

Nesta operação viram a cabeça, de forma que a mandíbula superior é que fica em baixo, e trazem assim, naquela espécie de rede, o que conseguiram, separando com a língua o que lhes agrada do que lhes não convém.

O flamengo é pacífico, útil, ornamental e entretanto sempre sofreu a mais desapiedade perseguição.

Reputam-lhe boa a carne, e de seus miolos e da língua preparavam-se petisqueiras que figuravam exclusivamente nos cardápios dos césares romanos.

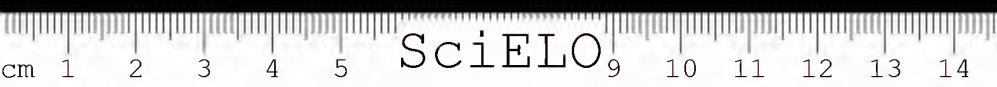
Em domesticidade, onde pode facilmente ser criado, aceita, de bom grado, arroz cozido, triguilho, pão, e um pouco de carne, restos de cozinha.

FLAMENGO *(Phoenicopterus ruber)* à esquerda
GUARÁ *(Eudocimus ruber)* à direita

O regime alimentar assim constituído influe, de maneira decisiva, sôbre a beleza do colorido da plumagem, que esmaece.

Quanto ao seu comportamento no parque ou galinheiro, é irrepreensível.

Possue em alto gráu qualidades afetivas e, tratado com carinho, chega a importunar o dono com as suas constantes amabilidades.

Em resumo é ave útil, grandemente ornamental, amável, pacífica, digna de ser protegida e multiplicada.

XIV

PATOS, MARRECOS E MARRECÕES

"La chasse á l'aigle et au lion, d'accord, mais point de chasse aux faibles".

Michelet.

Os anseriformes, desmembrados da ordem dos palmípedes (78), são muito bem caracterizados pelas inconfundíveis lamínulas serriformes que se implantam nas margens das maxilas e das mandíbulas, o que deu origem à denominação antiga de lamelirrostros.

São aves aquáticas, com os pés ligados pela palmora ou membrana natatória, que vem da base até à articulação que prende a unha, e daí a designação palmípede, que, se não indica, como outrora, uma ordem, serve para nomear todas as aves com os pés assim conformados. O dedo posterior, halux, é livre e pequeno. O bico é largo, mais ou menos do comprimento da cabeça e revestido de uma membrana mole, que corresponde ao ceroma das aves de rapina.

Na ponta do bico na mandíbula superior implanta-se uma unha córnea, dura. A língua é carnosa e provida de lamelas que correspondem às do bico, servindo êsse dispositivo, ao introduzir-se-lhe a água, para deixá-la escorrer, por essa peneira, apanhado o que vier de sólido, que são pequenos organismos destinados a nutrição dessas aves. As pernas são curtas, situadas, geralmen-

(78) A ordem dos palmípedes, segundo a classificação de CLAUS, abrangia as aves aquáticas de pernas inseridas, geralmente, muito atrás e pés palmados. As aves outróra metidas naquela ordem, hoje assim se acham distribuidas: podicipediformes, esfeniciformes, procelariformes, lariformes, fenicopteriformes, anseriformes, pelicaniformes.

fe, um tanto para trás, disposição mais conveniente para natação que para a marcha.

Vivem nas imediações dos lagos, lagoas, rios, suas embocaduras e deltas, igapós, e vargens inundadas.

Voam tão bem quanto nadam, e a maioria empreende longas viagens migratórias.

Constrói, no geral, ninhos no chão, e seus ovos são brancos ou esverdeados.

A fêmea tem por hábito alcatifar o ninho com a penugem que arranca do peito.

Os seus pintos são nidífugos, isto é, logo que nascem, abandonam o ninho em companhia da mãe em procura de alimento.

Os anscriformes, quando voam, não recolhem as pernas, como os pássaros, mas estiram-nas para trás, à semelhança das garças e cegonhas.

A ordem consta de uma só família, a dos anatídeos, que encerra 228 espécies espalhadas pelo mundo.

O Brasil, segundo H. von Ihering, possue 23 espécies, e nossa vizinha Argentina 35.

Há, entre os anseriformes algumas espécies orbícolas, como o irerê e seus parentes, que são encontrados aqui em quasi toda a América e bem assim na África, nas Índias e ilhas do mar Índico.

As pobres marrequinhas são vítimas da insaciada voracidade do homem, que de mil modos lhes move guerra inclemente.

Já anteriormente narrámos um dos mais frutuosos estratagemas de que se valem os caçadores para matar essas aves (79).

Um processo é descrito assim por Couto Magalhães:

"O modo, porém, mais lucrativo de fazer barrís de patos e marrecos ("fazer barrís" é o têrmo com que designam estas grandes caçadas) não é a espingarda, e sim, o seguinte: há um certo tempo em que êstes palmípedes perdem as penas grandes das asas, de modo a não poder voar; quando êles estão nesse estado, os tapuios do norte dizem que estão *broncos*.

Por esta ocasião, os caçadores espreitam o lugar em que costumam pastar os grandes bandos; durante a noite fazem um curral de talos verdes de folhas de coqueiros, bem seguro, dissimulando a entrada com folhas e ramos; a êsse curral chamam *caissara*.

Pela madrugada, ao virem as marrecas para a lagoa, os caçadores metem-se pela água a dentro, no lugar oposto à terra do pasto e onde está o curral, e vão-nas tangendo, até entrarem

(79) Vide nota 40, na pag. 52.

ali, onde as fecham e matam, aos centos, para as tais salgas" (80).

O estratagema usado na caça a certas marrecas, especialmente a cabocla, é ocultar-se o caçador por trás de um boi useiro e vezeiro em freqüentar as baixadas, onde vivem os bandos daqueles palmípedes.

Habituadas com o pacífico bovino, não se arrecciam as marrequinhas da sua presença e, assim, o caçador, oculto por trás da vultosa alimária, mais de perto e com segurança desfecha-lhe a arma.

Os bois que se habituam a essas caçadas são chamados marrequeiros.

O caboclo, inventor dessa artimanha, costuma louvar a perícia dos seus bois ensinados e dos exageros surgem de pronto as anedotas.

Exaltando a inteligência de certo novilho marrequeiro dum caboclo, o seu colega de caçadas, numa falsa seriedade, afirmava que êle era tão hábil que, quando estava em lugar propício a um bom tiro, virava a cabeça para o lado do dono e piscava-lhe o ôlho, como quem diz: "sapeca a chumbada".

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CISNE DE PESCOÇO PRETO — (*Cygnus melancoriphus*). — Páris ficaria novamente perplexo e indeciso, se tivesse de conferir o título de mais belo a um dos três cisnes que habitam a terra: o cisne branco da Europa, o negro da Austrália ou ao branco de pescoço preto que vive no extremo sul do Brasil.

Não descreveremos, para estabelecer pontos de referência, os dois cisnes exóticos, porque são mais conhecidos que o nosso, e assim só dêsse último diremos.

O cisne brasileiro é um tanto menor que o europeu e maior que o australiano.

Sua plumagem é inteiramente branca, mas o pescoço é negro aveludado, côr essa que lhe vai até a cabeça, apenas interrompida por uma linha fina e branca que, partindo da base da carúncula, vem morrer na parte lateral da nuca.

A carúncula é vermelho ardente e o bico plúmbeo. As patas são de um vermelho muito lavado, côr de carne.

Vive próximo aos lagos e lagoas em bandos outrora numerosos.

---

(80) "Viagem ao Araguaia".

PATO BRAVO *(Cairina moschata)* na frente. CISNE BRANCO DO BRASIL *(Coscoroba coscoroba)* no meio. CISNE DE PESCOÇO PRETO *(Cygnus melanocoryphus)* ao fundo

Nidifica dentro das lagunas, longe das margens, em juncais ou tufos de outras plantas aquáticas e ribeirinhas.

O ninho acha-se sempre a 30 cents. acima da superfície das águas e contém de 3 a 5 ovos, de côr creme lustrosa de 10 cents. × 6 1/2 na parte mais larga.

Após a incubação, a fêmea, algo menor que os machos, costuma nadar nas imediações do ninho, com algum dos seus filhotes, cavalgando-lhe o dorso.

Os pintos dêste cisne têm, ao comêço, uma penugem dum branco acinzentado, que com o tempo se faz branca.

Durante certo tempo mostram manchas pardas nas asas e na cauda e o negro do pescoço só mais tarde ostenta aquela nuance aveludada.

Habita essa linda ave os Estados do R. Grande, Sta. Catarina, S. Paulo e, fora do Brasil, encontra-se desde o Uruguai a Patagônia, Chile e Bolívia.

Em certos lugares do nosso país é chamado pato arminho, pela alvura da sua plumagem.

Essa espécie tem sofrido a mais encarniçada guerra e hoje não é encontrado como nos tempos de Burmeister. As tentativas feitas para criá-lo em cativeiro não têm logrado êxito.

Precisam viver continuamente na água. A permanência no solo determina-lhes calosidades nos pés, que acabam sangrando, e a ave morre, segundo experiências de Luis E. Bilas (81).

CAPOROROCA — (*Coscoroba coscoroba*) — Embora mostre toda a aparência de um cisne, os modernos ornitologistas excluiram-no desta classe.

De qualquer forma, para o povo, é o cisne branco brasileiro. A sua plumagem ostenta absoluta alvura, exceto numa estreita fímbria no extremo das asas rêmiges da mão, que é negra.

O bico é avermelhado e se insere logo nas penas da cabeça, pois não há carúnculas, nem pele intermédia. O ôlho, de pupila dilatada, pôsto que pardilho, parece negro pelo engaste branco em que está colocado. Patas fortes e rosadas. Encontram-se aos pares e por vêzes em bandos de uma vintena ou mais de indivíduos. Aninham-se em lagoas e por vêzes em terra firme.

O ninho amplo, 90 cents. de diâmetro, é sempre acolchoado de penugem. Põe 8 ovos, mais redondos que o do cisne preto, (63 × 91 mm.).

---

(81) "Algo sobre patos silvestres en cautividad" — in "El Hornero" — Vol. V, p. 205.

E' possível domesticar essa espécie.

A respeito do nome capororoca diz-se que lhe advém da onomatopéia do grito, entretanto Rodolfo Garcia dá a seguinte etimologia: *Cá*, alteração de *guirá* = pássaro + *pororoca* = estrondeante, alusão ao ruído que fazem as aves quando levantam o voo.

A designação específica *coscoroba*, que lhe deu Molina, é que parece ser onomatopéia do grasnar da ave quando voa: Cós + coroba. Outros, aliás, grafam *tás* + *tarará*.

PATO COMUM OU PATO CRIOULO — (*Cairina moschata*) — Dêsse anatídeo descende o pato doméstico americano, como é justo chamar-lhe.

Em estado selvagem ainda se encontra em grande parte da América, desde o México até a Argentina.

A côr geral é negra, mas sôbre a parte dorsal ostenta bela coloração verde metálica; as tetrizes das asas são brancas e no mais é como tão bem o conhecemos através das variedades domésticas. Essas, entretanto, já se diferenciam muito do tipo selvagem, no que diz respeito a côres, pois, como ninguém ignora, há quatro variedades: a preta malhada, mais próxima à selvática; a preta, a azulega e a branca, que, aliás, apresenta olhos azulados (82).

O pato ainda bravo, no seu estado natural, é encontrado em pequenos bandos e às vêzes aos casais, em sítios onde abundam coleções d'água e matas.

Nas árvores constroem seus ninhos e aí incubam os ovos que em geral são em número de 10 a 14.

Ora todos nós que conhecemos os patinhos recém-nascidos, "diabinhos" (83), ficamos então a imaginar como êsses moleirões descerão do ninho, colocado no alto das árvores.

Dêsse apuro imaginativo nos tira o historiador paraense A. L. M. Baena, no "Ensaio Corográfico" (Pará 1839), informando-nos que, terminada a incubação, a fêmea e o macho transportam os filhos para o chão, um a um.

---

(82) E' claro que se trata de albinismo já frequente na espécie selvagem. GOELDI notula o fato e refere-se á lenda do "Rei dos Patos" que corre entre vaqueiros marajoaras. Êsse pato lendário é descrito como todo branco. Alvo também é o pato que se encontra desenhado num trabalho zoológico do Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

(83) Na casa paterna, na minha infância, respeitável senhora não permitia que chamássemos patinhos a essas avezinhas recém-nascidas. O nome "simpático" seria diabinho. Chamados por outra fórma era certo que daria o tangolomango na ninhada e lá se iam os patolas.

Os demais hábitos da espécie podemos fàcilmente observá-los nos aviários, onde são corriqueiros tais palmípedes.

Aí os vemos sob aparência fleumática, mas não ignoramos como fàcilmente se deixam empolgar pelo demônio da ira e, nessas crises, não grasnam, como seu congênere, mas bufam de raiva. Assanham-se, perseguem os adversários e, se os alcançam, dificilmente os largam, sovando-os com as asas e as afiadas unhas.

Mas não pecam sòmente pela ira, porém igualmente pela gula, mostrando-se sempre prontos a devorar o que encontram.

Não é raro depararem-se às cozinheiras, quando lhe abrem a moela, os mais estranhos objetos: alfinetes, botões e, certa vez, encontrei num dêsses glotões, engordado na gamela doméstica, um brinco de metal ordinário e vários alfinetes.

Também não se lhe pode gabar a castidade, pois, saindo dos hábitos da família a que pertencem, mostram-se inclinados às relaxações da poligamia.

No trato, com suas odaliscas, não se revelam afetuosos, mas brutais e, quando em promiscuidade no galinheiro, chegam a causar certa inquietação ao vigilante chanteceler.

A fêmea é bem menor que o macho, pesando entre 4 a 4 1/2 ks., enquanto êsse pesa de 5 a 6 1/2.

Os patos não possuem carne boa senão entre o terceiro e o décimo mês de vida. Já muito maduros, a carne é dura e de sabor algo extravagante.

Sabe-se a facilidade com que se cruzam entre si as várias espécies de anatídeos. A lista dos híbridos destas espécies é avultada. Entre êles devemos lembrar a paturí (84), que é o produto resultante do cruzamento do pato crioulo com a fêmea do marreco de Pequim ou vice-versa. Êstes híbridos tornam-se interessantes e de grande valor industrial não só por serem rústicos, e de rápido crescimento, como porque apresentam a carne de sabor mais apreciável que a do pato e mais abundante que a da marreca. E' um híbrido industrial ainda não devidamente explorado.

A domesticação dêste pato americano vem já da época precolumbiana, não restando dúvida que era a única ave domesticada pelos naturais do Novo Mundo, não sòmente nas altas civilizações do império dos incas, mas também pelos guaranís

---

(84) Convém não confundir êsse paturí, de origem zootécnica, "fabricado" pelo avicultor, com o paturí que nos oferece a Natureza sem intervenção humana, anatídeo também, o **Nomonyx dominicus** dos zoólogos, aliás por outros denominados can-can, poterí e potetí.

que lhe chamavam ipeguaçú e tupís que a denominavam, poteti-guaçú, que quer dizer pato grande.

Na Europa foi introduzido em meados do século XVI e logo muito apreciado como ave de corral, fácil de criar e de bom rendimento em carne.

Espalhado pelo mundo, em breve esqueceram-lhe a origem, e daí uma série de nomes disparatados por que é conhecido: marreco da Barbaria, pato moscovita, pato turco, pato almiscarado, etc.

Como nota final, lembraremos que o nome específico *Cairina moschata* encerra duas inverdades, pois *Cairina* significa, oriundo do Cairo, e *moschata* significa almiscarado, ora a ave nem é do Cairo (donde veio por acaso, o exemplar descrito por U. Aldrovandi) nem possúe almíscar.

PATO DE CRISTA OU PATO DO MATO — (*Sarkidiornis sylvicola*) — E' algo mais pequeno que o pato crioulo, anteriormente descrito, não passando de 90 cents. de comprimento, sendo fàcilmente reconhecível pela sua enorme crista escura, que encima a cabeça em semi-círculo, de consistência dura, e que ergue sôbre o bico e termina em unha córnea e clara. A cabeça, pescoço e ventre, até o comêço do dorso, são brancos; as pintas do pescoço e a nuca negras, de igual côr o dorso.

As asas mostram brilho verde, azul e purpúreo; num conjunto vê-se que as partes escuras formam um como manto, sôbre a metade anterior do corpo e deixando a parte anterior clara. O bico é plúmbeo escuro e as patas de um verde amarelado. A fêmea é menor que o macho e desprovida de crista. Tem hábitos idênticos ao anterior, porém mostra-se grandemente arisco.

As tentativas da sua criação em cativeiro têm sido desencorajadoras, mas Osvaldo Siqueira conseguiu resultados tão animadores, que escreve (85): "A criação do pato selvagem sul-americano é facílima, basta para isso ter um cercado fechado ou cortar-lhe as asas aos seis meses, pois levanta o voo fàcilmente, alcançando ràpidamente grande velocidade comparável à do pombo correio".

IRERÊ — (*Dendrocygna viduata*) — Ornamental e muito atraente é esta marreca, que, por sua índole dócil, já devia estar entre os palmípedes domésticos.

---

(85) "Dic. de Avicultura e Ornitotecnia" — Rio, 1937.

Singulariza-se entre as congêneres por trazer a parte anterior da cabeça e a região da garganta toda branca, em contraste, com a cabeça e pescoço posteriores que são pretos.

Êsse dispositivo da plumagem empresta-lhe o ar de uma viúva embiocada de negro e daí lhe adveio a determinação específica de *viduata* (do latim *viuda*) e até o nome popular por que é conhecida na Argentina: *pato viuda*.

O luto apenas lhe aparece na região referida, porque o resto do corpo ostenta côres alegres, pois a parte inferior é arruivada, a superior bruna, com orlas amarelas, e a barriga, que é preta na parte média, nas laterais é amarela com faixas escuras.

Tão lindo traje é realçado por natural vivacidade, a qual lhe granjeou a estima dos amadores.

No cativeiro, onde se dá perfeitamente, está sempre alerta, pronta a embocar o clarim de alarma por algo que lhe cause estranheza.

Se os gansos do Capitólio tivessem essa acuidade de sentidos e essa permanente vigilância, talvez não sofressem a afrontosa vingança de Calígula, que mandou arrancar-lhes os fígados e servi-los, em banquete, à cainçalha patriótica mais atenta à aproximação dos inimigos.

Essas reflexões fazem-nos lembrar que Goeldi julga esta ave, antes um ganso pequeno, que um marreco.

Seus tarsos escutelados e relativamente altos, mais ainda nas outras espécies dêste mesmo gênero, indicam que melhor se enquadra entre os gansos.

A sua voz, como sempre acontece, tem sido traduzida de formas várias: sirirí e tirirí, nomes pelos quais já ouvi chamarem-lhe.

Curioso é saber-se que em Madagáscar o nome deste palmípede é tsirirí.

A distribuïção geográfica desta espécie é curiosa, pois além da América do Sul toda, da província de Buenos Aires até Venezuela e Colômbia, é encontrada na África, exceto Colônia do Cabo. E' ainda encontrada em Madagáscar e nas ilhas da Reunião e Maurícia, já no oceano Índico.

Registem-se outros nomes vulgares do irerê: marreco do Pará, chega e vira.

Pertencente ao mesmo gênero do irerê, possue a nossa avifauna outras marrecas, algumas popularmente chamadas sirirís, pois que todas usam de uma "linguagem" que parece ser entendida pelo grupo.

Entre essas está *Dendrocygna discolor*, marreca cabocla, marreca grande do Marajó, que é espécie do Norte, mas que se encontra também em Minas e Mato Grosso.

A côr predominante é pardo e acinzentado. O pescoço é cinza amarelado: uropígio, barriga e cauda pretos.

Bico é vermelho e os pés são de um branco lavado de vermelho.

Uma outra do grupo é conhecida pelo nome de marreca peba (*D. bicolor bicolor* = *D. fulva*), que, ao contrário da anterior, se encontra principalmente no Sul. Possue pernas altas, como é comum ao gênero e suas côres dominantes são vermelho escuro na cabeça, pescoço e partes superiores e acanelado com pinceladas claras nos flancos; da nuca à base do pescoço corre uma raja bem definida algo jaspeada, castanho negro, que contrasta com o branco da parte anterior e o vermelho vivo do peito; as penas do dorso são pardas com orlas acaneladas.

E' espécie notâmbula, pois, mal descem as sombras da noite, saem dos esconderijos onde passaram o dia e entram em atividade febril num rebuliço, meado de voos e de um grasnear contínuo.

Suas excursões migratórias realizam-se também sob a luz indecisa das estrêlas.

Voam em bandos invisíveis e só se denuncia o cortejo migratório pelo ruído, apenas perccbível ao começo, mas que cresce num sussurro cada vez mais forte até ouvir-se distintamente pelas alturas o grito característico: tirirí, tirirí, que se apaga aos poucos até desaparcer.

Singularíssima a distribuïção dessa espécie no mundo e de tal modo que nenhuma outra a iguala.

Assinala-se em Argentina, no Paraguai e quasi todo o Brasil até a Baía, aí nota-se um largo claro para surgir no Perú e Equador, depois novo mergulho e vêmo-la ressurgir no Yucatan até Califórnia e Mississipi.

Após descobrimo-la nidificando no centro da África, da Abissínia para o Sul sem alcançar a Colônia do Cabo, e vamos surpreendê-la no oceano Índico, na Índia e no Ceilão.

MARRECÃO — (*Neochen jubatus* = *Alopochen jubatus*) — Pelo seu aspecto é um verdadeiro ganso, embora de tamanho apoucado, pois não mede mais de 60 cents., e, entretanto, magnífico no aprumo e na beleza da plumagem.

Tem a cabeça, pescoço e peito cinzento claro, ferruginoso, asas e cauda de um verde negro, bronzeado; na asa vê-se um espêlho branco, parte inferior do corpo côr avermelhada, esbranquiçada no meio e enegrecida na parte posterior.

As penas da nuca e parte do pescoço são um tanto mais longas, formando uma jubazinha e daí o nome científico *jubatus*.

E' espécie migratória, que se encontra sobretudo na região amazônica e em Mato Grosso.

Aninha-se em árvores e seus ovos, de 60 × 42 mm., são de uma côr de creme sujo, algo lustroso.

De sua criação em cativeiro sabe-se apenas que na Holanda foi tentada com êxito.

Êste marrecão tem grandes semelhanças com o seu parente egípcio *Alopochen aegypliacus*, ganso sagrado e que aparece nos hieroglíficos e pinturas faraônicas como o símbolo do amor filial.

ANANAÍ — (*Nettion brasiliensis*) — E' de côr parda acinzentada, mais clara na parte inferior e pardo enegrecido em cima da cabeça e pescoço superior.

Face castanha e a garganta alvacenta. Uropígio e cauda pretos.

Há manchas e faixas transversais sôbre o peito bruno avermelhado. As rêmiges são bruno-denegridas e as coberteiras das asas pretas, verdes e azues.

As fêmeas distinguem-se dos machos pelas manchas brancas na região dos olhos.

Vulgaríssima no Brasil e de ampla distribuïção geográfica, pois ocorre em toda a América do Sul desde o Estreito de Magalhães.

Como sua carne é boa, os caçadores procuram-na àvidamente.

Vivem bem em cativeiro e mostram-se confiantes.

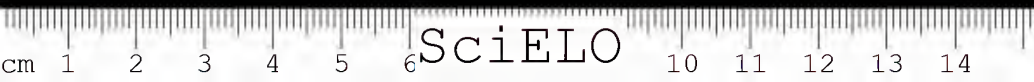
MARRECA TOUCINHO — (*Poecilonitta bahamensis*) — Desta marrequinha, em que predomina a côr bruno cinzenta, com garganta branca, fêz Goeldi um bom retrato quando escreve:

"E' folgazão, móbil e, embora de corpo pesado e de pernas curtas, vive sempre correndo.

De vez em quando sibila pelo nariz de modo muito particular e empina a rabadinha, inclinando, ao mesmo tempo, o corpo, o que lhe empresta aspecto muito cômico".

São realmente muito azougadas e videiras, e quando em aviários, pelas noites enluaradas, desenvolvem uma atividade incrível, passeando por todos os recantos, promovendo um verdadeiro reboliço, entremeado de grasnados, assobios e amiüdados banhos, farra aquática que se prolonga até pela madrugada.

Grácil e simpática, a marreca toucinho, e pena é que não pareça fácil reproduzí-la em cativeiro.

Ligeiramente embora, demos uma notícia dos mais graduados representantes dos anatídeos do Brasil, mas ainda nadando vive pelos rios, lagos e lagunas de nossa terra, um bom número de espécies, cuja descrição, se a fizéssemos, alongaria muito êsse trabalho.

XV

A ANHUMA E O TACHÃ

"As florestas da Germânia e seus animais de caça constituem coisas indivisíveis para o povo alemão. Sem caça os bosques pareceriam mortos, não seriam o que foram para os nossos antepassados, não se tornariam um manancial de forças no sentido da conservação do amor do país, como tem sido em todos os tempos.

M. Morath.

Inhumas é um povoado goiano em cujos arredores se espraiam as águas do rio Meia Ponte, afluente da margem direita do Paranaíba.

Nesses terrenos alagadiços, nesses banhados, vive toda uma inquieta fauna de pernaltas brejeiras e entre elas uma das mais vultosas e elegantes, a anhuma ou inhuma (*Palamedea cornuta L*), que deu seu nome a êsse remoto vilarejo.

Sem que se tornasse um tabú, a anhuma merece a simpatia e o respeito do Município e da gente simples que habita aquele rincão goiano.

Olivério Pinto testemunhou o espírito de fraternidade alí reinante entre homens e aves.

As anhumas, pela tarde, confiadas, alçam o voo e, familiarmente, se empoleiram pelas árvores dos quintais, na inocência das épocas primitivas. Antes, no entanto, de se entregarem, descuidosas, ao repouso noturno, dão as boas noites aos seus numerosos parentes, por alí além encarrapitados, e todas, como gente bem educada, se correspondem amistosas, num vozeirão cavernoso e horríssono (86).

---

(86) Registre-se, já que estamos apontando uma exceção, mais outra de igual jaez, e que ocorre em Sant'Ana do Paranaíba, sul de Mato Grosso, onde o povo e os poderes públicos dispensam proteção ás aves. OLIVERIO PINTO, viu, em pleno dia, passeando na praça central e arredores, curicacas, quero-queros e outras aves, sem que ninguém as perseguisse.

Vamos, portanto, travar conhecimento mais de perto, com tão graduada personalidade que já deu nome, não a um beco ou rua, como qualquer intendente municipál, mas a uma vila.

A anhuma tem o porte de um perú avantajado, mas munido de duas pernas grossas que terminam num pé de dedos enormes.

Muito maior singularidade, entretanto, empresta à sua elegantíssima figura, um cornicho que lhe orna a cabeça e que lhe dá um ar fanfarrão e mefistofélico.

Fig. 37 — Anhuma (**Palamedea cornuta**)

Êste espículo córneo de 7 a 12 cents. de comprimento acha-se implantado na pele da cabeça, e a ave, por vêzes, deita-o para trás, especialmente no momento de beber água.

Não finda aquí a originalidade estrutural do unicórnio, como também lhe chamam em virtude daquele apêndice.

Dois esporões, um maior e outro menor, são visiveis no bordo anterior de cada asa, armas essas de que se vale quando atacada.

A plumagem geral é bruno enegrecida e negro, motivada pelo conjunto das penas que mostram as pontas pretas e, em certas regiões, nota-se um achamalotado. O ventre e o uropígio são brancos.

Os olhos mostram a iris alaranjada; o bico é pardo escuro, com a ponta esbranquiçada.

Habita os charcos, brejos, varjões e as margens dos rios, alimentando-se quasi que exclusivamente de plantas ribeirinhas, gramíneas, azedinha, mas parece que não desdenha a alimentação animal, a dar crédito a certos caçadores.

Um dêsses, com notável desenvoltura e com o ar sibilino de quem já surpreendeu quasi todos os enigmas da vida animal, afirmou que a anhuma gosta de peixe e de tal forma que a sua carne tresanda a maresia e peixe podre.

Ora P. Le Cointe, que conhece bem o alicorne, como diz na sua língua o caboclo amazonense, informa que a carne não é tão ruim como dizem. Chego assim a duvidar daquele caçador. Juízo temerário, é certo, mas que não abalará o crédito da classe. Em relação à postura, diz uma nota de outro caçador que se oculta sob o alonimato de Franjoti (87):

"Ao contrário do afirmado por muitos naturalistas, a anhuma põe até quatro ovos e o posso garantir, porque a anhuma que assoberba minha modesta coleção tinha quatro filhotes que pude apanhar à mão no charco onde, na véspera, matara o macho que possuo. Esta captura deu-se em meados de agosto, o que determina a postura da anhuma nos fins de junho até meados de julho. Tive os quatro pintos vivos por alguns dias, mas tendo de voltar, trouxe-os em um cesto, onde morreram devido ao calor. A penugem dêsses pequenos é amarelada, muito macia e dois dêles tenho-os empalhados".

Sôbre a maneira de aninhar também são controversas as opiniões, mas parece que faz o ninho no solo.

Em relação às vozes da anhuma, cada qual parece ouví-la de maneira diversa — Macgrave figurou-a "vihú-vihú"; Le Cointe diz que ela repete sonoramente o próprio nome indígena, "camitaú"; os caboclos da Amazônia escutam claramente a ave dizer "João Gomes, que comes tu? minhoca, minhoca"; os avós dêsses caboclos ouviam simplesmente "ohi", aos ouvidos dos naturalistas estrangeiros êsse som parecia dizer *camichi* e, tanto assim, que lhe deram o nome de "camichi cornu" para diferençá-lo do seu irmão, o tachã, que ficou batizado por "camichi fidèle".

Em geral se encontram tais aves aos pares, mas na época dos amores a disputa das fêmeas dá ensejo a lutas, em que aquêles cavalheiros, armados como guerreiros da meia idade, entram em justas ardorosas.

Apaziguados os ânimos por falta de combatentes, o vencedor carrega, como despojos opimos da conquista, a ambicionada companheira.

Leio em Figuier, entre maravilhado e descrente, que êsses casamentos são indissolúveis. Quando um dos consortes morre

---

(87) "Diario Popular" — S. Paulo, 17 de maio, 1897.

o outro não sobrevive, deixando-se finar num transe aflitivo no mesmo lugar em que jaz o companheiro.

Podemos, ante tudo que ficou dito, fazer uma justa idéia do quanto seria para desejar que a anhuma, saída dos bamburrais amazônicos e dos pantanais do "hinterland", viesse adornar os parques, jardins, e aviários, com a sua figura de avejão misterioso.

À anhuma, na comunhão de seus companheiros silvestres, reservou a Natureza uma tarefa semelhante a que confiou ao alcaravão europeu e ao avisador dos crocodilos africanos.

São do botânico F. C. Hohne as palavras que passamos a transcrever sôbre essa ave (88).

"Empoleirada numa das mais altas e encipoadas copas de árvore, ela descortina o horizonte e devassa o curso do rio. Quando uma canoa ou ubá se aproxima pelo último ou quando alguém sorrateiramente emerge de uma mata, este guarda, correlegionário do currupira, solta o seu estridente grito de alarme "Tan gente" e, no mesmo instante, podem-se ver todos os animais atentos, largando em fuga. Patos, marrecos, macacos, aracuans, jacutingas, veados, capivares, antas, onças e tudo que ali vive obedece a este sinal.

Até o teimoso jacaré levanta a cabeça, pisca os olhos e deixa-se escorregar mansamente para a água onde submerge. Quando a segurança é geral, a anhuma piedosa abre as longas asas, dotadas de esporões e deslisa para mais além, não só para escapar ao chumbo do Nemrod vingativo e agastado, mas para prevenir outros animais do perigo que se avizinha".

TACHÃ ou ANHUMA POCA — (*Chauna torquata* = *Chauna cristata*) — O íncola da América, que vivia em contacto quotidiano com os outros filhos da floresta, revelou-se sempre observador, fazendo também sistemática zoológica a seu modo. À ave anteriormente descrita chamou anhuma, que quer dizer ave preta, e a essa outra, anhumpoca ou anhuma poca, estabelecendo assim relações entre as duas, o que mais tarde a ciência confirmou, metendo ambas na mesma ordem dos palamedeiformes, que, de resto, só contém, no Brasil, as duas referidas espécies.

O anhumpoca, que ocorre aqui no Sul e Mato Grosso, é mais conhecido por tachã, dentro de nossas fronteiras, e chajá e taã no Uruguai e Argentina, onde é muito vulgar.

---

(88) "O grande pantanal de Mato-Grosso" — In Bol. de Agr., S. Paulo, 1936, p. 453.

E' algo pareeido no porte com o anterior, mas em lugar de trazer aquêle unieórnio, ao alto da testa, mostra uma eomo cabeleira acinzentada, que se estadcia em penacho da mesma côr na região da nuca.

As ilustrações melhor que palavras mostram as diferenças entre as duas espécies.

Os hábitos são os mesmos e o tachã muito fàcilmente se domestica, chegando a se tornar assaz familiar ao homem a ponto de lhe confiarem bandos de aves. Essa última informação encontro-a em literatura européia (89); a gente aquí de easa e os nossos vizinhos do Sul pareee que não sabem disso e, se o sabem, nada dizem. Aí fiea a novidade já um tanto anciã, da qual não sou fiador, e os entendidos que lá se avenham.

Fig. 38 — Tachã (**Chauna torquata**)

Martius diz que o tachã eanta tão preeisamente à meia noite, que pode servir de relógio. A denominação indígena "poca" parece significar o que soa, o que rompe o silêncio da noite. Seu ninho é um panelão de 1 metro de diâmetro e meio metro de altura. E' feito entre os juncais e com material daí retirado. Põe de 5 a 9 ovos, meio alongados, easca forte, lustrosos eom sujidades amarelas, segundo Euler.

Em matéria de fidelidade conjugal e harmonia entre cônjuges, essas aves dão lições a certa classe de bípedes implumes.

Como Filemon e Baueis, vivem em eterno idílio, juntinhos, permutando carícias. Quando levantam o voo pesado, não se esquecem de trocar sempre a mesma palavra durante o percurso.

Taã, diz o macho, e a esposa, sempre meiga, responde Taín.

---

(89) "La Vie et Moeurs des Animaux" — LOUIS FIGUIER — Paris 1876, p. 132.

LENDAS

Para os supersticiosos aquêle apendículo frontal não fôra colocado na anhuma sem uma secreta e cabalística intenção. Era evidente que a natureza não desperdiçaria seu tempo. Qualquer virtude encerrava o unicórnio e, como a felicidade se mostra tão esquiva neste mundo, talvez estivesse alí um pronto alívio dos males, um pararraios para todas as desgraças que por aí andam em turbilhões (90). Estavam prognosticando um talismã, mas logo se descobriu que a anhuma inteira, especialmente os ossos, encerravam insuspeitadas virtudes.

Assim é que no interior penduram um osso dessa ave no pescoço dum pagãozinho e êste resiste ao mal de sete dias, ao quebranto, ao ventre virado e outras desgraças do mesmo naipe. Para o estupor é preservativo de trus.

Em caso de picada de cobra, basta tocar no local ofendido, com o bico dessa ave para o cidadão ficar "curado num átimo", como me confessou certo capiau, especialmente se a cobra não fôr venenosa, acrescento eu.

Na Argentina, o taã goza o privilégio da vidência. Pressente o inimigo ainda longe e começa a gritar "taã", "taã", como quem diz vamos embora, temos mouro na costa. Os que se fiam na palavra daquela sentinela vão logo preparando-se para o que der e vier. Se o inimigo não chega, é que o afugentou a vigilância do tachã, e a crença continúa firme, sem jaça.

Mas há uma lenda guaraní que parece olvidada na época hodierna.

Ernesto Morales (91) assim nos relata a tradição oral:

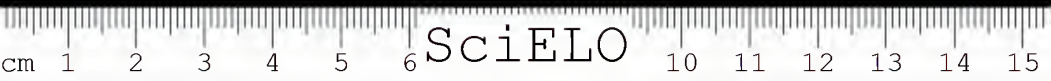
"Tupá-cî andava com seu filho (Tupá-mitango). Em sua peregrinação chegou, certa vez, até um arroio onde mulheres do povo estavam lavando. Era um dia de verão sufocante. Tupá-cî pediu água às lavadeiras e estas, chacoteando, mostraram-lhe as águas turvadas pelas suas roupas. Foi em vão que suplicou, sem que as mulheres lhe ensinassem donde manava a nascente límpida da água; o menino chorava apoiado ao regaço de sua mãe.

---

(90) MARTIUS já dava notícia desta superstição e escrevia: "Dão grande importância ao poder medicinal de certos ossos, bicos, garras e esporões de certas aves" (**Parra palamedea**).

(91) **"Leyendas Guaranies"** — Buenos Aires, 1929.

Chegaram homens, companheiros das lavadeiras, e também se riram da forasteira, sendo neste mesmo instante transformados em aves, nada mais sabendo dizer senão *ya ha* (vamos) e condenados a viver sempre na água lodosa como castigo à sua impiedade.

Morales vê nessa lenda a intromissão espanhola e crê que, na sua pureza primitiva, a protagonista fôsse não Tupá-eî, mas Iaeî, a lua.

XVI

OS URUBÚS

"Animales aparentemente inutiles, repulsivos y hasta peligrosos tienen asignalado un papel tan importante que sólo los advertimos cuando se los destruyé; cuando rompemos el equilibrio que en vida establecen".

Prof. Hector S. Gavio.

Os urubús, quatro espécies dos quais existem entre nós, pertencem à ordem dos catartidiformes (92), distribuidos em uma só família, os catartídeos.

São aves exclusivamente americanas e destinadas a desempenhar um papel importantíssimo no aquilíbrio biológico dêste continente.

Todos sabemos a função que lhes compete na destruïção dos animais mortos nos campos ou nas matas (93).

Alimentando-se exclusivamente de carnes putrefactas, os urubús representam uma ativa junta de higiene, brigada ativa, coveiros que andam a enterrar os mortos dentro de si próprios, sarcófagos alados, em cujo bucho se processam pavorosas digestões cadavéricas.

São aves indispensáveis e providenciais para o meio em que surgiram, desde épocas geológicas afastadas e quando a sábia e oniciente Natureza, por uma série de combinações biológicas gradativas, foi a pouco e pouco preparando-os para as necessidades ambientes.

---

(92) Alguns autores mais recentemente incluem numa só ordem, a dos falconiformes, os urubús, grupados numa família e os gaviões divididos em famílias e sub-famílias diversas.

(93) Os apinagés dizem que, quando nasce uma criança do sexo masculino, os urubús ficam contentes, pois é mais um caçador para deixar carniça no mato, e quando é uma menina, são as lagartixas que ficam alegres, pois são as mulheres que preparam a comida e deixam caír fragmentos que atraem os insetos que servem de alimento áqueles lacertílios.

Apreciando-lhes os serviços prestados à comunidade, o povo poupa-lhes a vida e até certas posturas municipais impedem que se matem tais aves (94).

Entretanto contra essas aves providenciais levanta-se hoje a suspeita de que concorram para a transmissão de certas epizoótias, muito notadamente do carbúnculo e assim se aconselha o aniquilamento da espécie.

Não é de boa justiça condenar sem provas.

As experiências de laboratório, feitas por Marchoux e Salimbeni, não são concludentes e a prova conseguida muito deixa a desejar, na expressão de dois cientistas que estudaram o assunto (95).

Não possuímos ainda provas seguras de que o carbúnculo e a febre aftosa sejam disseminados por êsses necrófagos.

As aparências, aliás, são favoráveis aos réus; pois, se fôssem êles os disseminadores de germes das aludidas epizootias, o mal grassaria em proporções, certamente, maiores.

Os benefícios que os urubús nos prestam são patentes, e os malefícios, de que os acusam, problemáticos. Tolice será opinar pela sua destruïção sem maiores provas.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

URUBÚ-REI — (*Sarcoramphus papa* = *Gypagus papa*) — E' parente próximo do condor, que habita os Andes, desde a Patagônia ao Ecuador, e cuja imagem aliás figura no escudo nacional do Chile. E', pois, uma ave de incontestável nobreza e que tem o tamanho dum ganso. Melhor que qualquer descrição é a gravura que damos.

O macho é parecido com a fêmea e a única diferença reside, segundo textuais palavras do prof. A. Miranda Ribeiro (96), na forma da carúncula, que é quadrilobada, maior e pendente, sôbre o lado do cerumen, no macho; e um tanto *s*-forme, comprimido e obliquamente erecto sôbre o cerumen, na fêmea".

A seguir damos um ligeiro "croquis", que fêz aquêle naturalista, *croquis* por cujo meio melhor poderá avaliar-se a natureza dêsse dimorfismo sexual.

---

(94) Para ajudar a campanha em favor desta ave, o povo diz que a espingarda que causar a morte de um urubú fica excomungada.

(95) JESUINO MACIEL e R. IHERING, in — "Contos de um naturalista", p. 65.

(96) "Rev. Soc. Bras. de Ciências" — Vol. 2 — 1918.

Alguma cousa se sabe sôbre a incubação desta ave, que logrou ser reproduzida no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, cujo diretor, Carlos Drummond, tantos serviços tem prestado à Zoologia.

A. Miranda Ribeiro numa nota (97) historia o fato:

"A 21 de novembro de 1917 deu-se a postura citada, gastando a incubação observada com a regularidade e processo da anterior, 49 dias, de de modo que a 8 de janeiro dêste ano rompia a casca um filhote, que sòmente a 10, à noite, estava completamente livre.

Fig. 39 — Urubú-rei (**Sarcoramphus papa**).

A fêmea acompanhava os esforços do jóvem para saír da casca, durante o dia afastada e só se aproximava para destacar, com a ponta do bico, aos poucos, e com o maior cuidado, os pedaços rachados pelos movimentos do filho.

Êste passa o primeiro dia caído. A sua pele é escarlate, com a penugem creme; cabeça núa, sépia-violácea e pés cárneos. Os pais protegem-no sob suas asas. Depois de sêca a penugem torna-se mais alvadia e, depois, fica completamente branca.

Até junho evoluiu gradativamente, sendo que neste mês ainda não subia ao poleiro. A plumagem mudou com o crescimento das rêmiges e retrizes e penas do dorso negras; ao passo que a penugem secundária, branca, cedia terreno do dorso para o peito; de julho para agosto tornou-se todo o animal definitivamente emplumado, totalmente negro e podendo voar ao poleiro.

---

(97) "Rev. Soc. Bras. de Ciências" — Vol 3 — 1919.

O tamanho do filhote, ao nascer, regula com o do filhote de um ganso (*Anser ferus L*) ."

Sôbre o ninho há informações contraditórias, dizendo uns que é feito em árvores altas e outros que em ocos de paus. Os ovos, tem-se certeza, são inteiramente brancos, o que parece confirmar a opinião dos que afirmam que a ave se aninha no oco das árvores. O ovo mede 57,5 × 86 mm.

Era corrente a história de que nenhum urubú tocava na carniça, sem que primeiro chegasse o urubú-rei, o qual sòmente comia os olhos, retirando-se após, com imponência realenga.

Daí o título que recebia o majestoso necrófago, tido e havido como o rei dos urubús, entre a criançada e a gente crédula, que, aliás, são crianças grandes.

Outras pessoas menos fantasiosas julgavam que o suposto rei, pelo seu porte avantajado, mantivesse em respeitosa distância os demais convivas.

Fig. 40 — Esbôço que mostra a forma da carúncula do urubú-rei, macho (Seg. A. de Miranda Ribeiro).

Observadores vários têm desmentido o fato. Quando existe uma carniça, a turma logo percebe, pelo olfato, que há banquete e surge como por encanto.

O urubú-rei, bem mais raro, também se mete no bando, democràticamente.

Acontece, porém, que os demais urubús apreciam a carne perfeitamente decomposta, enquanto o pseudo-monarca gosta do pitéu apenas *faisandé*.

O urubú-rei encontra-se quasi por toda a América do Sul, vindo mesmo desde a Flórida. No Brasil tem sido visto especial-

mente no R. G. do Sul, São Paulo, Est. do Rio, Mato Grosso, Goiás, Amazonas.

Em alguns lugares chamam-lhe corvo branco e urubutinga, nome que melhor convém a outra espécie, da qual depois trataremos. Os guaranís davam-lhe o nome de *iribirú-bixá*.

URUBÚ PRETO — (*Catharista atratus brasiliensis*) — E' o vulgaríssimo urubú, tão corriqueiro, nos campos, nas matas e nas cidades, que parece dispensável descrevê-lo. Não precisaríamos no entanto de gastar muitas palavras, pois o lúgubre avejão traja-se inteiramente de negro, da cabeça aos pés. A cabeça é núa.

Fig. 41 — Esboço que mostra a forma da carúncula do urubú-rei, fêmea (Seg. A. de Miranda Ribeiro).

De todos os do seu grupo é o mais espalhado e o que melhor representa o papel que lhe foi sàbiamente confiado pela natureza.

Quem o não viu bem de perto, ao menos há de tê-lo observado nas suas folganças pelo espaço, descrevendo preguiçosas curvas, cada vez mais fechadas. Diz o povo que estão fazendo verão.

Não faz ninho, rigorosamente falando, e põe na terra ou em cavidades das pedras, pelos cabeços calvos dos montes, nas vertentes íngremes de morros de difícil acesso.

Os ovos são vistosos, brancos, maiores que o de pato, alguns algo alongados, com pinceladas de côr escura, por vêzes muito numerosas na ponta rombuda, conforme vimos na coleção de José Caetano Sobr. Cada postura consta de dois ovos. Os filhotes são brancos.

Curiosa é a observação feita pelo colecionador acima referido. Teve êle oportunidade de retirar os ovos recém-postos e verificar que a ave torna a pôr outros dois e, se de novo lhos retiram, ainda faz uma terceira postura, mas desta vez dum só ovo. A postura normalmente verificada é feita uma só vez ao ano.

O decidido gôsto que mostra pelas carnes em decomposição é o motivo principal da sua existência, e talvez em tempos que ainda vêm longe, satisfeito o papel que lhe foi destinado, não lhe restando tarefa a desempenhar, desaparecerá do senârio da América, como uma peça já sem função no equilíbrio biológico.

Não terminaremos sem acrescentar alguns traços ligeiros da sua psicologia.

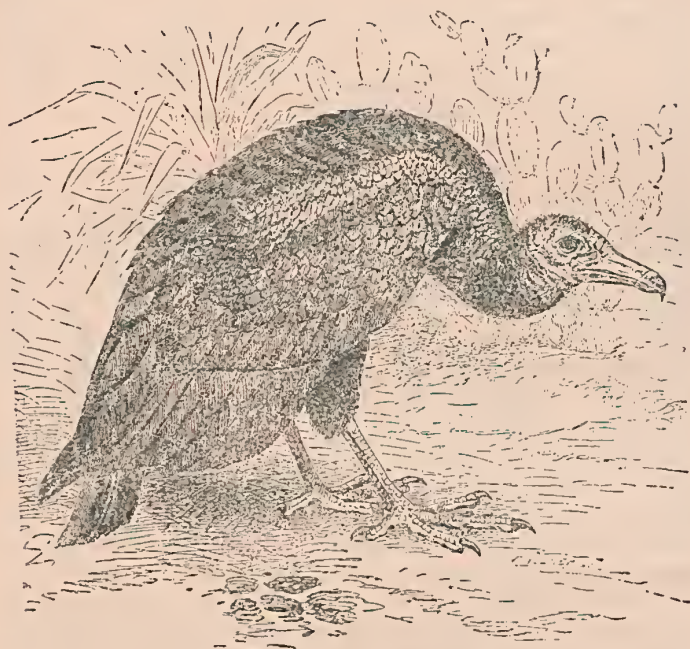



Fig. 42. — Urubú preto (**Catharista atratus brasiliensis**).

O urubú é sociável e faz logo camaradagem com o homem, para o que basta lhe dê êsse um pouco de confiança. O naturalista J. Fonseca, quando da sua estada na Ilha dos Alcatrazes, foi distinguido por inequívocas provas de camaradagem de um urubú, que lhe rondava a casa em busca de vitualhas.

Brindado com repetidos quitutes, a ave tornou-se agradecida e familiar penetrando-lhe no quarto, mas aí praticou tantas "gaffes" e inconveniencias, que foi preciso aplicar-lhe uma surra para lhe arrefecer o entusiasmo amistoso.

URUBÚ CAÇADOR — (*Cathartes aura*) — A côr geral é negra, mas as penas em parte são bruno acinzentadas ou bruno orladas de cinza, especialmente a das coberteiras das asas. A cabeça e o pescoço são nús, encarnados.

As penas no inferior do pescoço, formam-lhe colar em derredor. Mede 70 a 75 cents.

A cabeça vermelha é o principal distintivo entre êsse urubú e o anteriormente descrito, isto para os leigos, pois os ornitologistas encontram outras diferenças entre as quais a cauda, que nesta espécie é arredondada, e na outra, truncada.

Nos costumes então há evidentes diferenças. Os urubús pretos vivem em grupos, por vêzes muito numerosos, e o de que estamos tratando, aos pares.

Preferem os campos, onde é comum vê-los voando, ora rente ao solo, ora bem alto, quasi sempre sôbre colinas, montes ou montanhas. Seu voo é magistral, chegando a deslisar no espaço por longo tempo, sem agitar as asas, levemente tombando, para um lado e para outro, procurando equilibrar-se assim sem o esfôrço das asas.

J. Pinto da Fonseca, que estudou os hábitos dêsse urubú, diz que o nome caçador lhe veio do fato de viverem dentro de uma certa área, de léguas de âmbito, e onde procuram carniça e até fezes de que se alimentam (98).

Tal designação popular julgamos lhe adviesse do hábito de caçar certas presas, o que é aberrativo entre um grupo exclusivamente necrófago.

Semelhante sugestão nos acode, porque Ihering (99) informa que essa espécie também se alimenta de répteis vivos.

Diante da carniça porta-se de modo idêntico a *Sarcoramphus papa* e por isso é conhecido também pelo nome de urubú-rei.

Quanto ao ninho, procede como o urubú preto, e seu ovo é idêntico. O mais das vezes, no entanto, aninha-se no cerrado, em pequenas depressões do solo. Faz uma só postura anualmente. Os filhotes já empenujados são côr de havana claro, conforme os surpreendeu Pinto da Fonseca, que, ao querer agarrá-los, os viu encresparem-se, soltando grasnidos e, o que foi peor, regorgitando tudo que havia no papo em cima do seu agressor.

---

(98) **"Ligeiras notas sôbre a biologia do urubú caçador"** — Rev. Mus. Paulista — t. XIII.

(99) **"Aves do Estado de S. Paulo"** — Rev. Mus. Paulista, Vol. III.

O urubú caçador tem hábitos metódicos e regrados, saindo sempre à hora certa para sua cavação da vida e recolhendo cedo, para alguma árvore ou monte onde passa a noite.

E' encontrado em toda a América, e no Brasil recebe, além dos nomes já mencionados, mais os seguintes: urubú campeiro, urubú peba, urubú perú, urubú de cabeça vermelha, urubú ministro, gereba.

URUBÚ DE CABEÇA AMARELA — (*Cathartes urubutinga*) — E' idêntico ao anterior, dêle se distinguindo pela côr da cabeça, que é roxa ou azul no vértice e amarelada nos lados.

E' espécie do norte e centro do Brasil, mas Natterer encontrou-o no oeste de S. Paulo. E' chamado urubutinga em certas regiões.

LENDAS

A mais conhecida das nossas lendas, em que entra o urubú, é aquela da festa no céu.

Havia uma festa no céu e lá ia pela certa o urubú. Ao passar pela casa do sapo, perguntou-lhe, meio irônico, se não ia ao pagode celeste.

— Se não vou! Não tenho pensado noutra cousa esta semana, disse-lhe o finório.

"Chen-chen", crocitou o urubú, farejando-lhe a mentira e, enquanto ia lá dentro cumprimentar a comadre sapa e fazer festinha no afilhado, o sapo, matreiro, foi-lhe dizendo:

— Ora, compadre, como não posso andar depressa, já vou indo.

E, dum pincho, meteu-se dentro da viola que o urubú trouxera e ficou quietinho.

Êsse daí a um nada despede-se da comadre, toma da viola e lá se foi para a festança no céu.

Quando chegou lá, todos, gaiatamente, lhe perguntaram se o sapo também não viria à festa.

— Coitado do compadre, nem sei como se arranja para andar, que dirá voar.

E o auditório desandou a rir.

Quando os convidados estavam à mesa, nos comes e bebes, salta o sapo do bojo da viola e aparece na sala dizendo.

— Aquí estou minha gente.

Foi uma admiração geral. Que! o sapo por aquelas alturas! Ou era mágica, ou o mundo estava para acabar.

Divertiu-se a valer e, depois, aproveitando uma distração do público, meteu-se outra vez no bôjo da viola.

Quando se retirou, o urubú sentiu qualquer cousa dentro do instrumento e já desconfiado, virou-o de boca para baixo e lá se despenhou o sapo, que, ao cair, se esborrachou, lamentavelmente. Essa fábula é sem dúvida uma adaptação daquela outra da tartaruga e da águia, de cujo texto grego Mário de Alencar burilou os versos primorosos que aí vão:

A TARTARUGA E A ÁGUIA

(do texto grego de Babrio)

Vendo-se em companhia
De uns mergulhões, gaivotas e outras mais
Aves de água, ou rapina, disse um dia
Uma bisonha tartaruga assim:
"Ah! quem me dera que como estas tais

Também a mim

Me houvessem feito alada!"
Disse-lhe uma águia acaso alí pousada:
"O' tartaruga, dize, o que has de dar
A quem leve te faça e eleve ao ar?"
"Todos os bens do Mar Vermelho dou".
"Pois eu te ensino" e pondo-a ressupina,
Prendeu-as às garras a ave de rapina

E às nuvens a elevou;

Dalí, arremessando-a num penhasco,
Fez-lhe em cacos o casco.
E a tartaruga disse ao expirar:

"Morro por culpa minha;
Que precisão de nuvens e asas tinha
Quem como eu era feita para andar
No chão, pesadamente, devagar!"

XVII

A TEMIDA FAMÍLIA DOS GAVIÕES

> "N'accusons pas de cruauté un animal que vit du sang d'un autre; car parmi les animaux aucun n'est cruel et feroce dans l'acception que nous attachons à ces mots.
>
> En egorgeant les êtres destinés par leur faiblesse à leur servir de pâture, ils obeissent aux lois de la nature vivante.
>
> L'homme seul est veritablement cruel, car seul il tue par desoevrement ou par curiosité".
>
> **Gerard.**

Ao enorme grupo dos falconídeos, cujos representantes se acham espalhados pelo mundo inteiro, cabe um papel importantíssimo no equilíbrio da Natureza.

A família dos falconídeos pertence à ordem dos accipitriformes. Os autores mais recentemente adotaram para essas aves a ordem dos falconiformes, com duas famílias a dos cartartídeos: onde se encontram os urubús, e a dos falconídeos, que abrange todos os gaviões.

A série de formas dêsse grupo repete-se quasi idêntica em toda a parte, mas a América Meridional distingue-se por espécies que lhe são exclusivas. Nas suas "Considerações preliminares sôbre zoogeografia brasílica", Alípio de Miranda Ribeiro (100) diz que os gêneros *Milvago*, *Geranospiza*, *Herpetotheres* e *Gampsonyx* "parecem ser os mais ligados ao nosso território, todos os demais são apenas os representantes da fauna neotrópica".

À falange dos falconídeos pertence a águia, a mais forte e destemorosa das aves.

---

(100) "O Campo", dezembro, 1937

A impavidez de seu temperamento, a fôrça e a impetuosidade com que se despenha, como um raio, sôbre a presa escolhida, emprestaram-lhe desde épocas remotas atributos preternaturais.

Não parecia uma simples ave, mas um ser alado que participava da grandeza dos espaços infinitos e das fôrças misteriosas de um outro mundo mal entrevisto.

"Os raptores", escreve A. Childe, "desde a mais remota antiguidade, foram curiosamente escolhidos como emblemas de tribus, de casas soberanas e mesmo como "totens" divinos, apesar do seu gênio caracteristico, por serem os habitantes das regiões mais elevadas da terra e assim avizinharam-se das moradias dos numes".

Assim é que se via, 4500 anos antes de nossa era, uma águia de asas abertas estampada nas maças d'armas reais na Mesopotâmia.

O exemplo dêste simbolismo da fôrça propagou-se pelos séculos fora e ainda na idade moderna encontramos águias tremulando em bandeiras de vários países, como na França napoleônica, nos Estados Unidos, não nos esquecendo da hedionda águia moscovita, bicéfala e sanguissedenta, que chocou o ovo monstruoso das doutrinas anárquicas.

A águia rapace e avassalante, como símbolo da fôrça na representação ideológica dum povo é hoje um anacronismo e deve ser substituída, por uma heráldica repassada de cordura e humanitarismo.

Os falconídeos do Brasil são bem numerosos, estando perfeitamente determinadas 69 espécies, dentro de cinco sub-famílias e 37 gêneros.

São essencialmente aves de rapina diurnas, bem caracterizadas pelo bico robusto, recurvo e afiado, alto na base, revestida esta de uma membrana denominada cera ou ceroma, quasi sempre de côr diferente da do bico, e na qual se implantam as ventas.

A região loral é núa ou revestida de cerdas rijas. Os olhos, situados lateralmente, não são cingidos por coroa de penas, formando o que se convencionou chamar véu, que caracteriza as corujas, rapaces noturnos.

Pernas e pés mostram grande variabilidade.

Os tarsos, ora são nús, ora providos de penas, as quais, por vezes formam "calções". Os pés são nús e munidos de fortes e desenvolvidas garras, de que se utiliza a ave para arrebatar a presa. A margem cortante da maxila superior tem no meio um

dente obtuso, ou perto da ponta, um dente agudo ou ainda dentes duplos. A cabeça é bem fornida de penas.

No equilíbrio biológico da Natureza, parece estar-lhes reservado um papel de alta significação. Dão caça incessante a uma infinidade de seres.

Como destruïdores de gafanhotos e de pequenos roedores, maiormente de ratos, o seu papel tem uma importância de tal relêvo, que só por êsse motivo há sido pedida a sua proteção, como sucedeu na Argentina, por exemplo.

Acusam-nos, por vêzes, de atacar espécies úteis, ou quando não, inofensivas, mas nós não poderemos compreender bem a harmonia que deve existir na entrosagem maravilhosa da Natureza, que só a intervenção do homem consegue quebrar.

Descrevendo um aspecto dêsse cielo da vida, Campoamor assim no-lo apresenta nessa composição algo filosófica:

> De un junco desprendido, a una corriente
> un gusano cayó
> ya una trucha, saltando de repente,
> voraz se lo tragó.
> Un martin-pescador, tomó a la trucha
> con carnivoro afán
> y el pájaro después, tras fiera lucha,
> lo apresó un gavilán.
> Vengando esta cruel carniceria
> un diestro cazador
> dió un tiro al gavilón que se comia
> al martin pescador.
> Pero! Oy! al cazador desventurado
> que al gavilán hirió,
> por cazar sin licencia y en vedado
> un guardia lo mató.
> A otros nuevos gusanos dará vida
> del muerto la hediondez
> para volver la rueda concluida
> a empezar otra vez.

Os falconídeos não se alimentam de carnes mortas e ainda menos putrefatas, como é hábito entre seus parentes os urubús.

Entretanto o carancho (*Polyborus tharus*) e o caracará (*Milvago chimango*), eomo já observara Darwin (101), costumam meter-se em farras necrófagas, com os urubús, aparecendo sempre ao fim do festim.

O naturalista inglês acima aludido surpreendeu, por vêzes, gaviões destas duas espécies dentro da carcaça de vacas ou ca-

---

(101) **"Viagem de um naturalista em redor do mundo"** — Rio — 1937, p. 7.

valos entre os engradados das costelas "como passarinho em gaiola".

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CARANCHO — (*Polyborus tharus*) — E' um belo gavião, que mede 60 cents. mais ou menos e apresenta coloração geral bruna, com a parte superior do dorso e o peito com linhas tremidas e interrompidas. Na cabeça branca assenta-se um chapelinho preto.

A cauda, longa e branca, estriada de preto, tem larga margem preta na ponta. Patas amarelas e unhas longas e pretas. Comilão e atrevido, vai a ponto de tomar parte nos nojentos banquetes dos urubús e de entrar nas moradias humanas para pilhar carne.

Perseguem os borregos no campo e ao menor descuido das ovelhas arrancam-lhes os olhos e até a língua.

Não é raro encontrá-los próximos aos animais doentes, — vigilantes guardiões da morte — esperando o ensejo de lhes comerem gulosamente os olhos.

Atacam aves diversas e não desdenham os peixes. Ovelhas e lebres pejadas, sem agilidade na corrida, são vítimas freqüentes.

Certos pássaros, como bentevís e beija-flores, mal vislumbram o carancho e outros falcões em voo, saem-lhes ao encalço e os perseguem numa saravaida de bicadas e sob terrível assoada.

Os quero-queros, corajosos e bravos, enfrentam sem receio os caranchos, rechassam-nos, mas não estão livres de ser muitas vêzes vítimas do desalmado.

Portam-se realmente como verdadeiros piratas, roubando e atacando todos os outros seres, como se vivessem num estado crônico de esfomeação.

Prestam, entretanto, grandes serviços na destruição dos gafanhotos (*Schistocerca paranensis*) e, nos anos em que êles surgem, os caranchos reünem-se em bandos para devorá-los.

Encontram-se em toda a América do Sul e aninham-se em árvores altas, muito raramente nas baixas, mas sempre de difícil acesso. Seu ninho, um tanto raso, é construído de gravetos e forrado de material mais delicado, musgos, raízes, etc. Os ovos aparecem, geralmente, em número de dois, mas não raro registam-se posturas de 4. Seu formato é piriforme, com 45 mm. de comprimento em seu maior eixo, e 35 mm. de largura. A côr é variável, havendo-os com campo amarelado, outros com

campo brunáceo-violeta, e todos salpicados e maculados de côr de rapé.

No mesmo gênero *Polyborus* ainda se encontra outra espécie.

A espécie de que estamos tratando tem, como a de que a seguir trataremos, o nome de caracá, onomatopéia do seu gargantear. Ésse grasnido cacarejante tem uma origem lendária.

Certa vez o tigre pediu ao carancho para postar-se de sentinela à porta dum covil onde se escondera a raposa, enquanto êle ia procurar com que desenfurná-la.

Ficou de guarda e, como o tigre demorasse, tomou-se de sono e começou a bocejar.

Ao boquiabrir-se num bocejo mais escancarado, a raposa arrumou-lhe nas goelas um punhado de terra. Enquanto tossiu, meio engasgado, a velhaca ganhou o oco do mundo.

Eis porque, ainda hoje, ao abrir o bico, lá vem a tosse, como recordação do incidente, *car. car*.

Fig. 43 — Carancho ou carácará (**Polyborus tharus**)

Rodolfo Garcia quer que caracará se derive de *carãe* = arranhar; *carãe* + *carãe* deveria significar o arranhador.

O caracará é personagem freqüente nos mitos ameríndios. Martius faz referências muito interessantes a seu respeito. Quando se formou o mundo, o Grande Espírito fêz a cada povo um presente, mas nada deu ao guaicurú, êste, queixoso, tomou conselho ao caracará.

"Tu te queixas e, entretanto, ficaste com o melhor quinhão, porque, como nada tiveste, podes apoderar-te de tudo que os outros têm. Esqueceram-se de ti; mata tudo o que aparecer no caminho".

O guaicurú tomou o conselho ao pé da letra e começou logo por matar o caracará, cuja doutrina segue fielmente.

CARACARA'-TINGA — (*Milvago chimachima*) — A côr branca encardida mostra-se por todo corpo, exceto pelo dorso e asas que são escuras, quasi negras. Em certo sítio há uma fímbria branca. A cauda é branca, com estreitas faixas negras, côr que também se localiza no extremo. Por essa predominância do branco é chamado caracará-tinga.

E' conhecido, entre nós, pelo nome de gavião carrapateiro, em virtude do hábito de viver pacificamente entre o gado, em cujo dorso passeia catando carrapatos.

Hempel surpreendeu êsse caracará na empreitada de limpar um alfafal atacado por certas lagartas, que aparecem em bandos, destruindo capinzais e milharais.

E', pois, uma ave útil, uma vez que dá combate às duas temíveis pragas referidas e bem assim a muitos outros insetos.

Aninha-se em árvores quasi sempre de média altura e sua postura costuma ser de 5 a 7 ovos, alguns arredondados, de fundo avermelhado ou bruno, com pintas avermelhadas irregulares e largas manchas marron escuro e outros com manchas mais carregadas que ocupam o polo rombo do ovo, segundo vimos na coleção de José Caetano Sobrinho. O ninho, em forma dum cesto, é feito com talos de capim e guarnecido interiormente de capim mais fino. Encontra-se no cerrado e no campo.

Ocorre em quasi todo o Brasil, Paraguai e Colômbia. Em Minas é chamado gavião pinhé.

Com o nome de caracará preto conhece-se outro falconídeo, *Ibycter americanus,* que tem o aspecto de um urubú, mas com barriga e coxas brancas, papo e pés vermelhos e trazendo na cabeça um agrupamento de penas à guisa de carapuça.

CHIMANGO — (*Milvago chimango*) — E' parecido com o anterior, (*Chimachima*) mas o ventre, em lugar de claro, apresenta côr acanelada com estrias longitudinais. E' também chamado caracaraí.

GAVIÃO MATEIRO — (*Micrastur ruficollis*) — E' espécie da mata, sendo também conhecido por gavião caboré. Mede 33 cents.

Ao lado inferior é castanho, da garganta ao peito e daí em diante branco, com infinitas faixas pretas transversas. A parte dorsal é branca acinzentada no macho e bruna avermelhada

na fêmea. Os animais novos têm faixas transversais no pescoço anterior, e no lado dorsal.

E' espécie, que ocorre do R. G. do Sul à Venezuela, mas pouco se sabe dos seus hábitos e das demais representantes do gênero, que conta aliás com cinco espécies, sendo a de que tratamos e o tem-tem as duas únicas que o povo individualiza com nome popular.

Tem-tem é espécie bem maior que a anterior, medindo 50 cents. de comprimento.

Fig. 44 — Chimango ou caracaraí (**Milvago chimango**).

GAVIÃO CABOCLO — (*Heterospizias meridionalis*) — Por ser freqüentador constante dos campos, onde se lhe apraz fazer caçadas, é bem conhecido do povo, que lhe dá diferentes nomes: casaca de couro, gavião puva, gaviãotinga, etc.

Mede cêrca de 60 cents. A côr geral é castanha, mas as rêmiges são pretas nas pontas. As retrizes pretas com pontas brancas.

Gosta de caçar rãs nos banhados, mas nada lhe sabe melhor que os gafanhotos.

Deve ser considerado um gavião útil. Na Argentina, onde lhe chamam "aquila colorada", acha-se incluído entre os mais bravos inimigos dos gafanhotos.

O ovo do gavião caboclo, que tem o tamanho de um ovo de pato ou algo maior, é branco, não muito alvo e, apresenta na parte mais fina, pequenas e esparsas manchas, segundo as peças que vimos na coleção José Caetano Sobrinho. Aninha-se no cerrado e no campo, em árvores altas. Seu ninho, feito de gravetos, tem o aspecto duma bacia chata, e interiormente é forrado de capim sêco.

ÁGUIA CHILENA — (*Geranoëtus metanoleucus*) — E' um gavião grande, que mede 65 centímetros.

Devido ao tamanho, e por ser muito encontrado no Chile, é chamado águia chilena.

E' acinzentado na parte superior e branco na inferior.

As retrizes são pretas com pontas brancas. Se caça pombos e pintos nos quintais, não deixa de prestar grande serviço no combate aos gafanhotos, especialmente na infância, época em que seu alimento quasi único são acrídios. Na Argentina tem o nome de "aquila langostera".

GAVIÃO CARIJO' — (*Rupornis magnirostris natterereri*) — Não há quem não conheça tão vulgar habitante dos campos e orlas da mata, onde caça aves e dá também notável aprêço aos gafanhotos.

Mede cêrca de 35 cents. e é pardo cinzento em cima e na parte inferior, a partir do peito toma côr amarela desbotada sôbre a qual se assentam numerosas fitas transversas pardo avermelhadas. Os calções mostram um fundo ferrugíneo, com fitas finas.

Aninha-se em árvores altas, escarranchando o ninho na forquilha dos galhos. Os ovos, em número de 2, são de um branco pálido e apresentam pintas, ora de um avermelhado desbotado, ora sépia ou violeta, toda essa variedade numa mesma postura.

Encontra-se êsse gavião, também chamado indaié, desde o Estado do R. G. do Sul a Mato Grosso e bem assim na Baía, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Negro.

CAN-CAN — (*Urubitinga urubitinga*) — O povo conhece tal gavião pelo nome bem caracteristico de urubutinga, pois êle é todo negro, mas a base, a ponta e larga faixa central da cauda são brancas. Os individuos jóvens são bruno amarelentos estriados de escuro. Os tarsos são altos. O bico e a região loral, quasi núa, oferecem certa analogia com o caracará, nota H. Ihering.

Vive nas matas, nos campos e nos banhados e julgamos que também sabe pescar, pois na Argentina é chamado "aquila pescadora".

Na Amazônia, onde a espécie também ocorre, tem o nome de gavião caipira.

Os ovos são de notável policromismo, apresentando manchas de côres variadas, em regiões diversas e sendo por vêzes, inteiramente brancos.

Até no tamanho apresentam variações, indo de 55 a 65 × 50 a 68. (V. "El Hornero", vol. V, pag. 224).

Não reina paz nas matas onde surge o cancan, pois ataca as demais aves e até mamíferos de certo vulto, como os macacos. E' audacioso e bravo.

Conhecendo-lhe as baldas, certas aves de ânimo decidido, como o benteví, japús, tucanos, quando descobrem êsse inimigo da classe, juntam-se em baderna e promovem tal berreiro, que o urubutinga, que gosta de comer sossegado, trata de ir bater a outra freguesia.

Êsse hábito de se reünirem determinadas aves para combater os rapaces, quer diurnos, quer noturnos, dá bem idéia da compreensão que têm do inimigo comum e, ao mesmo tempo, nos mostra seu espírito de solidariedade.

Poderíamos citar dezenas de fatos e entre êles o narrado por Bates, que, ao ir buscar num recanto, em que caíra, um araçarí ferido, no qual atiráva, êsse lançou um verdadeiro grito de socorro e o naturalista logo se viu, como por encanto, cercado de dezenas dessas aves, em alarido, que voavam por todos os lados, desciam pelas lianas, surgiam-lhe quasi perto dos olhos, crocitando, agitando as asas, enfurecidas.

Ainda outro fato e êsse tão notável, que foi relatado pelo telégrafo, segundo transcrição na revista "El Hornero" (Vol. VI, pag. 135, 1935).

No lugar chamado Orkha Gazi, próximo a Broussa, os camponeses tiveram ensejo de presenciar um combate épico entre um bando de sessenta águias e cêrca de trezentas cegonhas.

A batalha foi motivada pelo fato de terem as águias atacado os ninhos de algumas cegonhas e devorado os filhotes, quando os pais estavam ausentes.

As cegonhas, diante da ameaça de novas incursões contra a infância cegonhal, reüniram-se em número de trezentas, em linha de batalha, rodeando cêrca de umas sessenta águias, que, apesar do espírito combativo e fôrça, tiveram de recuar ante a pressão da massa inimiga. No campo da batalha ficaram vinte águias mortas e doze cegonhas, no meio da maior admiração dos campônios que testemunharam essa batalha campal inédita nos anais da história.

GAVIÃO POMBO — Com êste nome e sob o de gavião pomba estão reünidos vários falconídeos que têm a parte inferior do corpo branca e que, em voo, chegam a confundir-se com os pombos.

Merecem geralmente tal denominação os do gênero *Leucopternes*.

O *L. palliata*, por exemplo, é muito comum aquí no Rio de Janeiro. Mede 52 a 55 cents. e tem a cabeça, pescoço e todo o lado inferior brancos, nas asas e no dorso predomina a côr cinzenta denegrida, e notam-se faixas transversais. E' ave arisca e habitante das serranias. Goeldi encontrou-lhe no estômago lagartos e cobras.

Também dão o nome de gavião pombo à *Ictinia plumbea*, lindo gaviãozinho, em certos lugares conhecido sob o nome de soví.

A côr predominante é cinzento azulado claro, cauda e asas anegradas em cima e vermelho ferrugineo em baixo.

Nota-se no aprumo geral da ave um ar de galharda valentia, uma confiança audaz na sua individualidade.

E' destemeroso e a tal ponto que, por vêzes, mal visado pelo caçador, ao ouvir o tiro, voa, porém volta de novo ao galho em que pousava.

Por ocasião das queimadas são vistos em pequenos grupos, desenvolvendo enorme atividade na perseguição da bicharia que foge ante o fogo assolador.

Êsse gavião põe ovo inteiramente branco como vimos na coleção José Caetano Sobrinho. O ninho é uma tijela de tamanho médio, feita de gravetos e forrado, internamente, de folhas e musgos.

Osvaldo Sequeira dá o nome de gavião pombo a *Spizastur malanoleucus* (*Spizaëtus atricapillus*), que é vulgarmente conhecida por gavião pato.

O citado autor, que é presidente da Sociedade Brasileira de Avicultura, acusa êste falconídeo de perseguir pombos, relatando-lhe as proesas aquí nos arredores do Distrito Federal (102).

Estamos um tanto inclinados a crêr que o *S. melanoleucus* não é o único autor das depredações dos pombais e está pagando o pato, pelo que outros também praticam.

Não fôsse êle gavião pato.

HARPIA — (*Thrasaëtus harpyia*) — E' águia equatorial, ave de uma imponência realenga, soberba na compreensão da sua fôrça e desmedida valentia.

Mede quasi um metro do bico à cauda e dois metros de envergadura. E' o maior dos nossos gaviões, pois que não possuimos águias rigorosamente falando, que são aves do gênero *Aquila*, inexistentes na avifauna sul-americana.

---

(102) "Chácaras e Quintais", maio de 1933.

As penas da nuca armam-se em largo penacho e daí lhe adveio a denominação de gavião de penacho, que não deveria prevalecer, porque também assim se dignam outros.

O tarso, em cima, é provido de penas formando "calções" e na metade inferior apresenta escudos.

As garras são muito fortes, medindo o dedo médio 8 cents. e o posterior 4. Calha bem aquí, ao pé da letra, a frase latina: *ex ungue leonem*.

A cabeça e o pescoço são cinzentos, e pretas as pontas das penas do penacho. O dorso, as asas, a cauda e o peito são cinzento denegrido.

O resto do lado inferior é branco, com algumas manchas pretas na barriga e com ondulações pretas nos calções.

O bico é preto e menor talvez que o dos outros falcões; os tarsos amarelos.

Quanto mais velha fica a ave, tanto mais desaparecem as manchas, tornando-se cinzento o lado dorsal, e branco o lado ventral, a cabeça e o pescoço.

Fig. 45 — Harpia (**Thrasaetus harpyia**).

Tem-se conseguido mantê-la em cativeiro e aí se mostra sempre insociável e feroz. No Museu Nacional viveu um exemplar dêsses durante alguns anos, e o Museu Paulista possuíu outro durante sete anos.

Os indígenas de certas regiões do Brasil empenhavam-se em criar harpias, para o que iam surpreendê-las ninhegas e dos ninhos as traziam para o cativeiro.

As penas dessas aves eram tidas na conta do mais estimado enfeite e até acreditavam que possuiam miríficas virtudes.

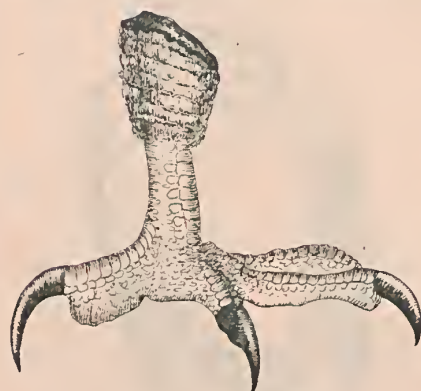
O possessor de um uiraçú gozava na tribu certa importância social, se não tanto pelos créditos do talismã, ao menos pela habilidade com que se houvera para obter o estimado falcão.

São aves atrevidas, que atacam animais de certo vulto, como filhotes de veados, mutuns, seriemas, tatús, e até bezerros novos, observações essas registradas por A. Neiva na sua *Viagem Científica* (Mem. Inf. Osv. Cruz).

Citam-se muitos casos de êsse gavião atacar crianças, acidentes que felizmente vão rareando cada vez mais, porque a espécie se acha em declínio pela perseguição que lhe movem.

Fig. 46 — Garra de harpia.

Lineu deu o nome de harpia a essa ave em lembrança das monstruosas filhas de Netuno e da Terra, que tinham rosto de mulher, corpo, asas e garras de abutres.

No "Dic. Português e Brasileiro", filho putativo de certo religioso que viveu no norte do Brasil, nos meados do século XVIII, frei Onofre, lê-se a seguinte informação:

"*Acangoéra* — certa espécie de gavião que mora nas cachoeiras dos rios Xingú e Jeraoçú, no Amazonas, e que fazem ver o retrato das antigas harpias, na cara humana que tem.

São mui cruéis e atrevidos, pois atacam os mesmos homens, e só se lhes pode escapar mergulhando n'água. Mas também, por particular providência, são raros".

Frei Onofre, nas brenhas brasileiras, em 1751, quando redigia seus informes talvez ignorasse o trabalho de Lineu, que foi divulgado poucos anos antes, em 1735 e, entretanto, ambos acharam, no referido falconídeo, feições da harpia mitológica.

O nome dado por Lineu foi *Vultor Harpyia*.

Inspiração feliz e condizente com os propósitos antevistos foi a que teve Arthur Neiva, quando diretor do Museu Nacional, escolhendo a harpia, o uiraçú do ameríndio, êsse gavião majestoso e espetacular, para *ex-libri* do Museu, *ex-libri* que foi executa-

do com ornamentação marajoara, precingindo assim, na mesma alegoria, as duas atividades essenciais daquele estabelecimento científico: a Zoologia e a Etnologia.

Êste falconídeo, que se encontra em todo Brasil e se distribue desde o norte do México até o sul da Bolívia, Paraguai e nordeste da Argentina (Missões), é conhecido, entre nós, por varios nomes, além dos já citados: uruçú, ou uiraçú, (que quer dizer ave grande), gavião de penacho, gavião real, cutucurim, apacanim.

Sôbre seu ninho e ovos muito se ignora, apenas se sabe que aquêle é grande como o das garças e construído sempre em árvores altíssimas.

GAVIÃO REAL — (*Morphnus guyanensis*) — Rivaliza com a harpia e como essa tem um penacho, porém ainda maior, 15 cents., o qual se arrepia sempre que a ave fica excitada.

A designação gavião de penacho não deve prevalecer, para nenhuma dessas aves, devido à confusão que pode trazer, pois nada menos de quatro gaviões ostentam poupa penachiforme.

O gavião real não alcança o tamanho nem a beleza da harpia, mas com essa muito se assemelha, sendo no entanto de côr geral mais escura e faltando o colarinho branco.

Vive nas matas costeiras, segundo Goeldi, mas H. Ihering viu-o nos campos no R. G. do Sul, "onde caça zorrilhos fedendo como estes".

APACANIM — (*Spizaëtus ornatus*) — E' outro belo gavião de penacho, de incontestável imponência. Mede 65 a 70 cents. de comprimento. Goeldi descreve-o assim:

"O alto da cabeça é negro, as costas e as asas brunas, com grandes malhas pretas. A nuca é bruno avermelhada; é preta uma tira que, saindo do canto da boca, vai ao longo da garganta branca até abaixo dos olhos; o meio do peito e a rabadilha muito brancos; a barriga e os calções pretos, listrados transversalmente de branco."

Constroe ninho no alto das árvores e forra-o com barba de velho (*Tillandsia usneoide*) que transborda e lhe pende das extremidades. Além do nome acima citado é também chamado urutaurana e, mais geralmente, gavião de penacho

Em matéria de alimentação tudo lhe serve, não se aperta, mas gosta de caçar macacos.

GAVIÃO PEGA MACACO — (*Spizaëtus tyrannus*) — Outro gavião de penacho, um pouco menor que o anterior, e de mais

carregada côr, encarvoado, quasi preto, só se notando a côr branca em rajas transversais nos calções e nas coberteiras da cauda.

A fêmea, e os jovens de qualquer sexo, têm côr bruna, garganta alvacenta e peito amarelo com estrias escuras.

A macacada passa vida de cachorro com êsse atrevido negrinho, que se pela de gôsto por carne de macaco e lhe anda sempre ao encalço.

Sabendo-se que os macacos são grandes apreciadores de ovos, é de se imaginar o prazer que terão ao escorrupichar, quando encontram, os ovos desse gavião de penacho. Já que não se podem medir com o inimigo braço a braço, bebem-lhe a prole embrionária.

O pega macaco, também chamado apacanim, aninha-se em árvores altas e põe dois ovos.

ACAUÃ — (*Herpetotheres cachinnans*) — Simpático gavião de plumagem apardavascada, mais tisnada no dorso e cauda, esta ornada de faixas claras transversas.

O lado inferior é de um branco ereme, côr essa que lhe aparece no cocuruto e tinge o gracioso colar que lhe enfeita o pescoço.

A propósito dêste falconídeo lê-se no Dic. Português-Brasileiro (103):

"Ave silvestre, também chamada acauã, pouco menor do que uma galinha. E' ave animosa, não sendo seu corpo dos maiores. Desafia as cobras e mata-as com maior destreza que as cegonhas da Europa. E' de côr cinzenta e na barriga tem uma felpa mais comprida do que nas costas, que eriça quando se assanha, e o mesmo faz com a plumagem da cabeça e pescoço. Bico, pés e unhas de gavião. Vendo cobras investe com elas, salta-lhes à cabeça, fere-as com unhas e bico, voa, perseguindo-as até matá-las. Completa assim a vitória, entoa o seu canto e, ou inteiras ou em pedaços, carrega-as para o ninho como sustento seu e dos filhos. Pendura-as nêle como despojos e índice de sua morada. As cobras têm-lhe tanto horror que fogem ao seu canto, o qual os naturais do país imitam para afugentá-las e afirmam que não as há no espaço em que a ave gira. E' um divertimento para quem a tem domesticada, mandá-la apanhar cobras para assistir ao combate. Não menos galante o seu canto, porque vai subindo de voz e de fúria, e assim tambem a encrespadura de suas penas e talhe. Sua cantilena exprime o seu no-

---

(103) Reimpressão integral da ed. de 1795 — Rev. Mus. Paulista, t. XVIII — 1934.

me: *acauan*. Os naturais da terra as têm como aves de agouro porque sempre que canta há novidade. Estando para vir algum hóspede a casa, afetam conhecer pelo canto a demora de tempo que levam para chegar. Dizem que acauã quer dizer adivinhador. E' certo dizer-se, em todo o Brasil, que quem adivinha tem bico de acauã. Creio que acauã é o mesmo araquan do Cuiabá. Pretendem que os seu ovos sêcos e em pó sejam contra-veneno das cobras. Há outra ave semelhante, mas sem sua cantilena e nem outra de suas habilidades; só tem o hábito de andar continuamente pelas árvores das ribanceiras dos rios".

Fig. 47 — Acauã (**Herpetotheres cachinnans**).

Segundo Batista Caetano, macauã, ou macaguã, significa o que briga com as cobras, de "mboi-acar-har".

Ao acauã prende-se singularissima lenda. Diz o povo que quem lhe ouve o lúgubre cantar sente-se repentinamente tomado de estranha manifestação nervosa, e é impelido a imitar o canto da ave, cuja onomatopéia é o seu nome.

Narra Barbosa Rodrigues que, estando em Faro, no Amazonas, certa vez ouviu cantar o acauã e interessou-se em conhecer a ave. Um amigo que o acompanhava logo informou que a

cantilena, que estava escutando, imitava, na realidade, a da ave, mas que provinha de uma mulher "pegada pelo acauã".

Levou-o então ao local em que estava a enfeitiçada, cuja razão parecia submergir-se nas sombras da demência.

Vingando o limiar duma choupana, viu o naturalista, deitada em rede, uma cabocla moça tomada de invencível sonolência. E eis como descreve o quadro:

"Arfava-lhe o peito fortemente, parecendo querer estalar quando pronunciava, cantando, as palavras: nacauan! nacauan! que repetia seguidamente, terminando com uma gargalhada estridente como a da ave. Passados alguns momentos de silêncio, recomeçava o canto.

A causa dessa moléstia, toda nervosa e contagiosa, é o efeito da superstição. Aquele que ouve cantar o *nacauan* fica certo de que lhe ameaça um infortúnio. A imaginação começa a trabalhar e acaba determinando um acesso nervoso em que a doente arremeda a ave".

O curioso é que nevrose semelhante produz um outro gavião que vive no arquipélago nipônico. O fato chamou a atenção do prof. Juliano Moreira, a ponto de se interessar pelo assunto.

Corre ainda sôbre a mesma ave outras abusões e entre elas a de obrigar o acauã, a quem o escuta, a executar tarefas de impossível realização.

Uma das mais pilhéricas diabruras do bruxo alado é a de forçar a vítima a chocar pedras.

Um cidadão, sem vocação para galinha, se vê, de um instante para outro, acarrado no chôco de uma ninhada de calhaus à espera da mais mitológica eclosão.

No Norte o acauã ou macauã, como também lhe chamam, acostuma-se em casa, onde dá caça, sobretudo, a cobras.

GAVIÃO TESOURA — (*Elanoides forficatus*) — E' um gavião muito original, que aberra dos modelos da ordem, pois possue asas e cauda muito alongadas e essa algo semelhante à da andorinha.

A côr geral é branca, realçando assim a côr negra das asas, dorso e cauda.

Aparece em pequenos bandos e dá caça de preferência a insetos, embora não desdenhe um passarito. Olivério, examinando o conteúdo estomacal dum dêsses indivíduos, achou-o cheio de larvas de certos lepidópteros.

Na Argentina tal espécie é considerada essencialmente acridófaga e sempre vista em grandes bandos, seguindo as mangas de gafanhotos (104).

Entre nós, por ocasião das revoadas de içás, são igualmente encontrados em grande atividade.

E' um gavião de evidente utilidade, pois, à maneira das andorinhas com que tanto se parece, até nesse hábito, apanha os insetos durante o voo.

Que seja capaz de caçar passarinhos, não há disso certeza absoluta, mas é de suspeitar-se, pois, não raro, o vemos perseguido, em algazarra, por uma turma de pequenos pássaros. Faz suspeitar que lhe conhecem os hábitos avívoros e o escorracem da região para evitar atentados.

Da arte de voar entende o seu bocado e dá gôsto vê-lo peneirando no espaço, fazendo uso da sua longa cauda talhada em tesoura como a das andorinhas. Seu ninho é construído um tanto toscamente e a postura consta de 4 a 6 ovos de 50 mm. de comprimento por 40 mm. de largo, com fundo verde, manchado vagamente de bruno, em massas irregulares.

Êsses rapineiros têm por pátria a América Meridional, mas possúem hábitos migratórios assinalando-se sua existencia na Europa.

Stradelli diz que no Solimão é chamado gavião das taperas. *Tapéra uira-uaçú*.

GAVIÃO CARAMUJEIRO — (*Rosthramus hamatus*) — Não mede mais de 44 centímetros.

E' cinzento denegrido, com côr branca na base da cauda. Pés e ceroma que lhe cobre a base do bico são amarelos.

Como se alimenta de caracóis, o seu bico é relativamente mais comprido que o dos outros gaviões e em forma de gancho, feitio êsse apropriado a extraír os caracóis de sua concha.

Mostra-me o bico e dir-te-ei o que comes, é um bom aforismo para o mundo das aves.

R. Glieschi (105) teve ensejo de verificar-lhe a alimentação, em Torres, Rio Grande do Sul, alimentação que consistia no caramujo grande do banhado (*Ampularia gigas*), o que veio confirmar as observações anteriores.

CAURE' — (*Falco rufigularis*) — Sob o nome de cauré são conhecidos na Amazônia dois falconídeos, um, o *Falco*

---

(104) "Aves acridófagas da Rep. Argentina" — J. LIEBERMANN — In "El Hornero" — Vol. VI, n. 1, p. 89 — 1936.

(105) "A fauna de Torres" — In "Egatea" — Vol. X, n. 6, 1925.

fuscocaerulescens, e outro menor que êsse, também chamado cauré-í, *Falco rufigularis,* conhecido por tentenzinho, aqui no Sul.

Êsse segundo e minúsculo gavião, menor que uma pomba-juriti, é figura central de uma das mais curiosas lendas amazônicas.

Goeldi descreve-o escuro do lado dorsal, com flancos e lado inferior das asas rajados de branco, garganta branca ferrugínea, terço abdominal e calças côr de ferrugem; esbelto, asas compridas (18,5 cents,), fisionomia atrevida, olhar napoleônico, mostrando no conjunto de sua roupagem um colorido de vivos contrastes.

A lenda faz dêste gaviãozinho um ser bafejado pela mais desbragada felicidade. A criatura por excelência feliz.

Fig. 48 — Cauré (**Falco rufigularis**)

A vida, que é dura e áspera para os seres que habitam êsse vale de lágrimas, é para o cauré, que habita o amplo vale amazônico, um manancial perene de facilidades. Dá um giro pelo ar em flaino descuidado, e sem esfôrço, "tudo lhe cai no bico, não há mal que lhe entre".

A ventura, sempre esquiva para os outros, tornou-se a sua companheira de todos os dias, tudo lhe é fácil e até o material para o seu ninho apanha-o no ar, parece vir procurá-lo, nas asas imponderáveis da brisa. Passa a vida folgada e milagrosa dos que nasceram sob os signos benfazejos.

Ora sendo a criatura assim propiciada pelos gênios de bem, rodeada pela aura alvinitente da mais incontrastável felicidade, é bem de crer que todas as cousas que com êle se relacionam tragam eflúvios propiciatórios.

E essa é a base, a espinha dorsal da crença, que metamorfoseou o elegante gaviãozinho num talismã do escacha-pessegueiro, um *porte-bonheur* de arromba, capaz de transformar o caipora mais reincidente num ser felicíssimo.

E foi assim que nasceu a crença e a procura do ninho do cauré, mercadoria que se encontra nas casas dos ervanários paraenses, junto à quinquilharia exquisitona e tragi-cômica do velho basar da feitiçaria afro-brasileira.

A casa que possuir, entre outros apetrechos de afastar a urucubaca, um ninho de cauré, é a conta, está fadada a todos os bens imagináveis.

Ia assim êsse negócio dos bufarinheiros do Pará navegando em mar de rosas, quando ao sábio naturalista Emílio Goeldi se deparou um ninho invulgar e gigantesco, tido e havido como habitação autêntica do cauré (106).

Estranhou logo aquele naturalista que uma ave da família dos falcões fôsse capaz de construir e habitar tal ninho, aberrante, perfeitamente fora da sabedoria arquitetônica da espécie.

Pondo um zoólogo do Museu do Pará, Sr. Hr. Meerwarth, ao corrente de suas suspeitas, êsse naturalista tomou o encargo de descobrir quem era, de feito, o dono daquele singularíssimo ninho.

Não tardou que Meerwarth surpreendesse no Bosque Municipal (no Pará) um casal de aves muito atarefado na construção de um ninho igual. Observou pacientemente o trabalho e, como era indispensável identificar com rigor a espécie em questão, abateu a tiro as aves para serem estudadas.

A luta contra o êrro exigia o holocausto de duas vidas.

Identificadas as aves, verificou-se a suspeita de Goeldi, que supunha desde comêço deverem aqueles ninhos pertencer a qualquer espécie de *Cypselídeo*.

De fato, *Panyptila cayenensis*, chamada imprópriamente andorinha, (107) um coraciiforme, da família dos cipselídeos, era a laboriosa construtora do ninho. Estava desfeita a lenda.

E o ninho do cauré, que dera sorte a tanta gente, no final das contas, não pertencia àquela ave de tão invejada felicidade.

Se a gente crendeira tivesse a faculdade de renunciar às suas crenças, a essa hora o comércio de tais bruxedos estaria arruïnado, mas como quem crê não pensa, ainda há babaquaras respeitáveis que se abastecem daquêle lixo pseudo-virtuoso.

Resta agora saber por que se toma o ninho da *Panyptila cayenensis*, a falsa andorinha, pelo do cauré.

A história é simples e elucidativa.

---

(106) No capítulo sôbre andorinhões descreveremos êsse ninho.

(107) As verdadeiras andorinhas são pássaros da família dos hirundinídeos.

O cauré, como seus demais parentes, cultiva a caça dos andorinhões, ou porque lhes aprecia o sabor da carne, ou porque lhes seja agradável vencer êsse adversário velocíssimo.

Devido a êsse fato, tornou-se o pequenino gavião um inimigo natural das andorinhas e andorinhões.

Mal avista o cauré uma destas aves, flecha em voo violento contra ela. Pressentindo os intuitos do seu inimigo hereditário, o andorinhão, que entende, às maravilhas, da arte de voar, lança mão de todos os recursos e ei-los empenhados na mais emocionante luta. O andorinhão, na disputa, joga a vida, e assim defende-se desesperadamente, numa fuga pânica, sentindo já penetrar-lhe na carne o bico adunco e a garra potente do pequeno, mas temível adversário.

A ligeireza de seu voo, nêsses tranzes de luta pela vida, atinge ao maravilhoso.

Uma vez chegado ao seu ninho, que é uma longa bôlsa, por ela se intromete com tal rapidez que nossos olhos mal percebem.

Logrado desta feita, o cauré não desiste da desforra e fica rondando pelas imediações da moradia da ave, que lhe parece existir apenas para lhe saciar a fome.

Ora, vendo o povo que o cauré sempre aparece nas cercanias daquele gigantesco ninho, e nada suspeitando dêstes trágicos aspectos da luta pela vida, imaginou que aquele era o ninho do referido gavião, nascendo assim a lenda já relatada.

Embora os diversos cipselídeos constituam a presa preferida dêsse gaviãozito, nem por isso deixa de viver em guerra aberta com as demais espécies.

Êsse ardoroso espírito de rapina de tal forma se acentúa nesta espécie animal, que a imaginação popular, como sempre, a engrandece, indo ao inverosímil da lenda.

Chegou-se a afirmar, e até um respeitável homem de ciência endossou tal exagêro, que o cauré se atira a qualquer ave de grande vulto, como o mutum ou o maguarí, por exemplo, e nem respeita os foros de realeza do gavião real.

Para essas aves de grande porte e valentia, usa o estratagema de se introduzir sob as asas, onde se agarra e por aí começa a devorar a presa, que por fim cai morta.

Dêste ardil só lhe escapam o maguarí e outros habitantes das águas, que, quando atacados, se metem no líquido elemento.

Como se vê, pleno domínio da zoomitologia.

No mesmo gênero do cauré, encontram-se outros pequenos gaviões, entre êles o *Falco peregrinus*, que é espécie cosmopolita.

Muito aparentado com êsses é o gavião coleira *Hypotriorchis* (Falco) *fuscocaeruleceus*, de larga distribuïção, pois é encontrado desde Argentina ao México. E' também pequeno, medindo 33 cents. Côr pardo cinzento em cima, garganta e pescoço anterior e lateral amarelos, partes laterais do peito e barriga negros. Sôbre os olhos corre uma estria amarela que vai até a nuca.

QUIRIQUIRÍ — (*Tinnunculus sparverius cinnamoninus*) — Apesar de uma designação científica tão grande, é ave pouco maior que um sabiá. Não mede mais de 27 cents. de comprimento.

Mostra dorso castanho com algumas manchas pretas. Em cada lado da cabeça vêem-se três estrias largas, pretas. O lado inferior é branco amarelado, com manchas pretas no peito e na barriga. A cauda é castanha com larga faixa preta na ponta.

O macho tem a cabeça, em cima, e as coberteiras exteriores das asas, azul acinzentado. A fêmea tem o dorso e as retrizes de côr castanha, com numerosas faixas transversas. O bico é aguçado com um dente na parte superior, que se conjuga com um entalhe da mandíbula inferior.

E' um gaviãozinho, muito elegante, afoito e animoso, que lembra, pelas formas e até pelo grito, o penereiro ou francelho europeu, do qual tem também o hábito de vir quasi dentro das moradias humanas buscar os pássaros através das grades da gaiola.

Afora tão inperdoável ousadia, mostra qualidades que o recomendam como um grande destruïdor de insetos, especialmente gafanhotos, que caça durante o voo.

São exímios voadores e deleitam-se, por longo tempo, em executar voos peneirados.

Costumam encarrapitar-se no cume das árvores, no mais altaneiro galho, e neste pôsto de observação dominam os arredores, soltando repetidas vezes o seu grito qui-rí-qui-rí.

Informa-nos Alípio de Miranda Ribeiro que êsse gaviãozinho, chamado *utiariti* pelos índios parecís, é um terrível perseguidor do pássaro maria-é-dia (*Xolmis cinerea*) (108).

Descreve então o zoólogo como aquela avezinha sabe fugir ao seu encarniçado inimigo.

---

(108) "Considerações preliminares sôbre a zoogeografia brasilica" — "O Campo", dez. 1937.

O mais das vezes está ela empoleirada no alto de um ramo, quando percebe o quirí-quiri.

Então muda e quêda alì se deixa ficar, com os olhos fitos no seu algòz e êsse, em certo momento, despenha-se em queda vertiginosa, quasi a pino, como se desabasse fulminado.

Maria-é-dia já lhe conhece as baldas e o jeitão, muito senhora de si, como se estivesse brincando, levanta o voo em linha vertical, que o rapineiro, pelo âmbito de seu amplo voo não pode acompanhar, e assim se escapa elegantemente.

A propósito do ninho dêste pequeno gavião quem está com a verdade deve ser Franjoti, citado por H. Ihering.

Diz aquele observador: "Não tenho observado seus ninhos senão em paus secos, isolados, geralmente em roças antigas ou em campo natural e dentro de ocos e aproveitam quasi sempre o buraco que tenha sido feito por algum pica-pau de cabeça vermelha. Tenho encontrado quasi sempre dois filhos e voltam sempre todos os anos a aninhar no mesmo lugar, levando-se em conta que em três anos seguidos tenho observado sempre um mesmo casal criar seus filhos no mesmo lugar" (109).

Na Europa, o penereiro ou francelho, constroe ninho nas fendas da parede, na fenda de velhos edifícios, tôrres de igreja e na cavidade das ávores (110).

Os ovos, segundo verificámos na coleção José Caetano Sob., apresentam enorme variedade, ora com o fundo amarelado cheio de manchas, às grandes em verdadeiras malhas, ora em pontuações infinitas que escondiam o fundo amareiado. As manchas e pontuações são de côr parda.

Um fato muito curioso é o verificado pelo colecionador acima referido que encontrou um ninho do quirí-quirí em árvore oca e junto aos ovos da ave um outro, quasi redondo, todo branco, de caboré (*Glaucidium brasilianum brasilianum*).

GAVIÃO PESCADOR — (*Pandion haliaetus carolinensis*) — Essa sub-espécie faz parte do grupo bem conhecido das águias pesqueiras, espalhada pelo orbe.

E' de avantajado porte, 55 cents. de comprimento e 160 cents. de envergadura.

Plumagem na parte superior é bruna e na inferior branca, sendo desta côr quasi toda a cabeça. As asas são tão longas que alcançam a cauda, quando a ave está pousada.

E' um gavião do mar.

---

(109) "Catálogo crítico comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista — Vol. III, p. 272.

(110) "Ninhos e Ovos" — Eduardo Sequeira — Porto, 1888.

Sua plumagem é compacta e oleosa como nas aves marinhas, e sabe como mestre, mergulhar em busca do pescado que lhe apetece.

Após arrancar do salso elemento um peixe, que chega a pesar um têrço do seu próprio pêso, vem plàcidamente saboreá-lo, empoleirando-se em qualquer árvore.

Seu ninho é uma panelaça de um metro de diâmetro feito com material que apanha no mar, cascas de árvore, musgo. Ovos grandes, brancos com manchas azul acinzentadas e ferrugíneas. Postura 2 a 4 ovos.

XVIII

CORUJAS, MOCHOS E CABORÉS

"Entre nós, uma superstição piegas, tôla, sem razão alguma de ser, liga horrôres ao mocho e á coruja e a todas as aves de presa noturnas, e, como consequência dessa ridícula superstição, fazem guerra atroz a essas aves beneméritas, que só vivem para nos fazer bem".

Eduardo Sequeira.

As corujas, especialmente as noturnas, sempre inspiraram ao povo uma repulsão mesclada de terror.

O aspecto de seus olhos arregalados, orlados de olheiras penugentas, parece revelar uma vida de orgias noturnas, de noitadas gastas em diabólicos "sabbats".

O costume, que algumas espécies têm, de habitar as tôrres de igrejas, os cemitérios, as taperas, as casas meio desmoronadas, o oco das gameleiras, onde a imaginação popular assegura ser o pouso favorito do caápora, aumenta ainda mais o terror dos supersticiosos.

E como se tudo isso ainda não bastasse, a sua voz possue intonações macabras, soa aos ouvidos pávidos como o gargalhar de duendes.

Ao ouvir-lhe a sardónica risada, ora hululante, ora áspera, as mães acingem ao peito os filhinhos amedrontados, e as velhas lançam exconjuros para o silêncio da noite.

E' evidentemente um gasto inútil de pavores. Pobres corujas! Ao saírem de seus refúgios, onde cochilaram gostosamente durante o dia, como é seu hábito, elas saúdam a beleza da noite crivada de estrêlas (111).

---

(111) Sem a luz tênue daquelas miríades de astros, não seria possível às corujas a distinção dos objétos.

E' êrro crer que as corujas vejam em plena escuridão.

SPALLANZANI fêz experiências que o provam de modo perentório.

"O ôlho das corujas (Scops), diz aquele sábio, é conformado de ma-

O que nós supomos, pois, um gargalhar sinistro, não é mais que um hino entoado ao esplendor da noite, um testemunho de sua grande alegria em tornar a ver, lá no céu, o mesmo rebanho de estrêlas, que talvez se lhe afigure um bando de insetos trêfegos e luminosos.

Não deixa de ser curioso observar que as ideas supersticiosas sôbre as corujas são quasi universais.

Não se concebe que no século XX, com o esclarecimento de tantos problemas, com o avanço de todas as ciências, ainda alguém creia nos maus augúrios da coruja.

Bem mais iluminados se mostravam os gregos, nas ridentes eras pagãs, porque, não só estimavam essa ave benfeitora, mas ainda a dignificavam, fazendo-a figurar em seus emblemas como o símbolo da meditação e da sabedoria.

Ave utilíssima e inofensiva, deve ser a coruja estimada e protegida.

Para o justo equilíbrio biológico, seria necessário que essas aves noturnas existissem, a fim de manter, na justa proporção, tantos outros animais igualmente de hábitos noturnos e de que elas se alimentam.

Dando caça a ratos e outros roedores prejudiciais, a morcegos hematófagos e a outros comedores de frutas, a um grande número de insetos crepusculares, as corujas e mochos prestam ao homem, especialmente ao lavrador, notáveis serviços.

O papel que representam as corujas na repressão da rataria dos nossos campos e florestas ainda não foi devidamente apreciado.

Convém lembrar que a família dos murídeos autóctones do Brasil constitue uma legião tão grande, diz Goeldi, que embaraça até os especialistas.

São êsses os ratos do mato, rato de taquara etc. Só um gênero, o *Hesperomys*, conta 76 espécies.

Conhecendo-se a espantosa prolificidade dos ratos, imagine-se que perigos correm as plantações.

De quinze em quinze anos e, às vezes, de dezoito em dezoito, florecem e frutificam as taquaras, e com a abundância destas sementes, parece brotar da terra uma aluvião de ratazanas atraídas pela fartura do alimento.

---

neira que percebe os objetos, não em plena escuridão, mas sob uma luz tênue, luz essa insuficiente para que olhos humanos distinguam as coisas com exatidão. Em plena noite, alumiada apenas pelo brilho das estrelas, ela dirige perfeitamente o voo e exerce sua atividade na caça de pequenos animais".

Em breve escasseia e por fim é comida a última semente e, então, a turma roedora espalha-se pelos campos, numa *razzia* fulminante.

Plantações e tulhas são invadidas e baixaria a desolação sôbre os campos, se gaviões e caburés, de dia, e corujas, à noite, atraídos por uma caça que de certo lhes sabe muito bem, não aparecessem como verdadeiros policiais do equilíbrio biológico, e com o mais louvável dos apetites.

Lund, ao visitar uma gruta, em Minas, perto do arraial da Cachoeira do Campo, foi tomado de admiração pela superabundância de despojos de animais aí encontrados.

Enchendo um caixão com a terra retirada dessa gruta, só aí encontrou 2 mil metades de maxilares de ratos, além de outros despojos (112).

Estudando quais seriam os habitantes destas cavernas, verificou, até testemunhalmente, que era alí o pouso predileto da suindara, coruja que os zoólogos denominam hoje *Strix flammea perlata*.

Analisando com minúcia os despojos coletados, provenientes das bolas de material não digerível que as corujas, habitualmente, vomitam, verificou que, para 1.000 indivíduos engulidos, 950 eram ratos de várias espécies.

Rudolf Glieseh, hodiernamente, estudando os animais úteis do Rio Grande do Sul, escreve (113):

"Examinando os restos não digeridos de corujas de igreja (*Strix flammea perlata*), pudemos verificar a composição percentual do alimento desta espécie em diversas regiões. E verificámos que esta coruja pega nas cidades muito mais morcegos do que no campo, inde aqueles quirópteros raríssimas vezes são encontrados. Isto é natural, mas apesar de os morcegos pertencerem aos animais utilíssimos ao homem, não devemos pela estatística seguinte, considerar a atividade desta espécie de coruja como perniciosa. Ao contrário, elas evitam que os morcegos se tornem praga e, pegando em primeiro lugar os indivíduos fracos e doentes facilita-lhes a seleção natural. O mesmo vale para as demais aves de rapina. Mesmo se um gavião ocasionalmente pega um pinto, isto não diminue a sua utilidade como conservador do equilíbrio biológico na natureza.

---

(112) LUND — 1.ª Memória — In — "Memórias Científicas" — Belo Horizonte, 1935, p. 25-26.

(113) "Egatea", p. 107 — 1933.

Exame de 85 vômitos de coruja de igreja — (*Strix flammea perlata*).

a) De 35 vômitos oriundos da Vila Egatéia (9 km. distante de Porto Alegre).

Camondongos	37	exemplares
Ratos	13	"
Aves	1	"
Total	51	exemplares

b) De 50 vômitos oriundos de Porto Alegre.

Insetos: poucos restos de bezouros e percevejos d'água.

Rãs	7	exemplares
Aves	12	"
Camondongos	20	"
Ratos (14 Murinídeos e 9 Octodontídeos)	23	"
Morcegos	41	"
Total	103	exemplares"

As corujas, mochos e caborés estão colocados na ordem dos estrigiformes, rapinantes noturnos e muito especialmente se notabilizam pela cabeça grande, aparentemente maior pela plumagem, olhos grandes dirigidos para diante, desenvolvimento extraordinário do ouvido, plumagem macia. Em redor dos olhos há uma coroa de penas e para fora dessa segue-se outra coroa de penas em 4-5 fileiras que correspondem ao ouvido e formam o véu. O bico é curto e arqueado. Pernas curtas, tarsos quasi sempre cobertos de penas, penas essas que em algumas espécies vão até aos dedos. Dos três dedos anteriores do pé, não unidos por membrana na base, pode o exterior ser reversível para trás ou para diante. Nas asas há 10 rêmiges na mão: 12-16 no braço e na cauda se implantam 12 retrizes.

Ao aparelho digestivo falta-lhe o papo. Nas corujas há o fenômeno da regorgitação. A ave engole a presa inteira e após rejeita, em forma de bolotas, as peles, penas, ossos, asas quitinosas, etc., que não podem sofrer digestão.

Os ornitologistas distinguem entre os estrigiformes duas famílias: a dos *estrigídeos* e a dos *bubonídeos*. O primeiro grupo

com um só gênero e o segundo com sub-famílias e diversos gêneros, contém 24 espécies.

Ao descrevermos as nossas principais espécies, deter-nos-emos em minúcias.

Convém notar que as verdadeiras corujas, na designação popular, são, diz R. Ihering, "as várias espécies do gênero *Pisorhina* e o jucurutús, que têm o ouvido menor que os olhos, sem opérculo e os olhos chegados à margem superior da coroa facial". Em geral as corujas e mochos são noturnos e os caborés diurnos.

Fig. 19 — Coruja de torres, suindara, (**Strix flammea perlata**).

Na família dos bubonídeos há a distinguir os machos orelhudos e os que não têm orelhas. Os do gênero *Nyctalops, Asio* e *Otus* possuem orelhas.

De um modo geral coruja e mocho são sinônimos, mas não se pode, de maneira precisa, ajustar as designações populares às determinações científicas.

O povo, por certas analogias, dá o mesmo nome a espécies diferentes. O indígena, em contacto constante com os animais, apresentava maior rigor nas suas denominações.

As corujas, como as demais aves de presa noturnas, não fazem senão uma postura ao ano. Põem de 3 a 5 ovos, em geral no oco dos troncos, gostando muito da gameleira; tambem nos buracos das muralhas se aninham estas aves.

As corujas são tímidas para com os homens, excessivamente mansas e algumas espécies fácil se domesticam.

São bem numerosos os representantes dos estrigiformes na fauna brasileira, que se póde considerar muito rica neste grupo. Segundo H. e R. von Ihering existem 20 espécies e algumas sub-espécies.

O povo conhece e distingue, com denominações vulgares bom número de espécies.

Passaremos rápido volver de olhos nas espécies que se nos afiguram de mais interesse conhecer.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CORUJA DAS TORRES — E' esta uma ave orbícola, sendo a espécie aqui encontrada uma simples variedade da que ocorre na Europa e daí a sua designação *Strix flammea* var. *perlata*.

Fig. 49-A — Coruja das torres (**Strix fl. perlata**) com um grupo de filhotes. Foto gentilmente cedido pelo prof. J. Moojen.

Mede êsse estrigídeo 35 cents. de comprimento. A parte superior é cinza amarelada, com salpicos brancos e pretos. Toda a parte inferior branca ou branca amarelada com pontos escuros. A região ao redor dos olhos é escura e orlada de larga coroa branca, seguindo para fóra, e de modo concêntrico; o véu é amarelo com manchas pretas.

Esta coruja esconde-se durante o dia, nas torres das igrejas, edifícios arruïnados, fôrro das casas, onde se aninha e incuba.

Põe geralmente 4 ovos, que medem 42 mm. de comprimento por 33 de largura. Não faz ninho. Põe num recanto de fôrro de casa velha. E' a única espécie da família dos estrigídeos.

E' animal manso e que fácil se domestica, vivendo dentro das casas solto, onde dá caça aos ratos. Contra êsses roedores uma coruja vale por meia dúzia de gatos.

Os pássaros e outras aves diurnas antipatizam sèriamente com as diversas corujas — audaciosas salteadoras noturnas — e, quando, acaso, em pleno dia, as descobrem, reünem-se em bando e dão-lhe uma sova desapiedada, cobrando assim os sustos que à calada da noite lhes prega êsse temível predador.

Esta coruja é ainda conhecida por coruja de igreja, c. branca, c. católica. Os indígenas chamavam-lhe *saindara*, que sig-gnifica "aquela que não come", pois estas aves, segundo tradição entre êles, viviam sem comer.

MOCHO ORELHUDO — (*Otus clamator*) — E' realmente um belo e imponente bubonídeo, que em tamanho rivaliza com a coruja vulgar da Europa, distinguindo-se porém, por ter o froco das orelhas muito comprido, com penas de 5-6 cents. de comprimento, pretos na barba exterior e brancas na interior. A côr é amarelenta em cima, com estrias longitudinais compridas e escuras. O lado inferior é branco-amarelento e as penas do peito e da barriga têm ao longo das hastes manchas escuras. As rêmiges e retrizes são pardo-cinzentas com faixas transversais escuras, cujo número é de 5 na primeira rêmige da mão. A face, ao redor dos olhos, é alvacenta, orlada para fora pelo véu denegrido, os dedos são munidos de penas até perto da unha.

Goeldi descreve assim os filhotes que encontrou, naturalmente, entre os 8 a 15 dias de idade. "Eram muito exquisitos de vêr-se, principalmente o macho, ainda todo embrulhado de frouxel e semelhando uma bola de algodão branco; a fêmea possuía já asas e nas partes traseiras os primeiros indícios da plumagem definitiva".

Goeldi trouxe êsses filhotes para o Rio, onde o macho foi vítima de um rato; quanto à fêmea, escreve aquele autor, "tornou-se útil quando crescida, ganhando fôrça, começou de noite a caçar os ratos que passeavam no viveiro, e, devorando-os, vingou a morte do irmão.

Meus pupilos banhavam-se muito, até ficar encharcados, folgavam dia e noite e apanhavam sol em lugar de luz forte. À noite soltavam seu grito — um puuh e correspondiam com in-

dividuos de *Scops decussata* (114) que visitam o arvoredo de minha rua".

Outra coruja de orelha, essa muito comum aquí no Distrito Federal, é a *Otus choliba* (= *Pisorhina choliba*). Mede 25 cents. Sua côr é pardo acinzentada em cima com muitos salpicos negros, em baixo, é amarelo acinzentado com estrias negras ramificadas, tendo cada pena, ao centro, uma estria longitudinal da qual emergem, dum lado e de outro, 2-4 estrias transversais. Essa disposição ramifica-se, na parte inferior; toda a plumagem é muito característica e distingue logo a espécie.

A côr do lado dorsal e bruno cinzenta no macho e bruno avermelhada na fêmea, os frocos da orelha são pretos com salpicos amarelos.

Essa linda coruja é assídua freqüentadora das chácaras aquí do Distrito Federal, mostrando decidida preferência pelos sapotís, que são arrancados e roídos ainda semi-verdes.

Os pomareiros detestam essas corujinhas, aliás, úteis noutro ponto de vista, porque destroem os roedores nocivos à própria lavoura.

E', pois, uma ave que, segundo as circunstâncias, será considerada útil ou nociva.

Fig. 50 — Coruja pequena, também chamada caboré de orelha (**Pisorhina choliba**)

Hoje, êsse bubonídeo aquí no Distrito está sendo mais raro que outróra.

À noite, era muito comum vê-la rodeando as habitações humanas, de cuja aproximação se compraz, a soltar o seu grito muito característico, que arrepiava as cariocas de outros tempos.

O ninho desta ave encontra-se no oco das árvores e, por vezes, a pouca altura do solo. O fundo da cavidade do ninho é guarnecido com madeira podre, esfarelada. Sua postura é feita de meiado de setembro a meiado de outubro e consta de 2-3 ovos muito brancos.

---

(114) **Otus choliba decussata.**

JUCURUTÚ — (*Bubo magellanicus*) — E' uma coruja orelhuda, grande, de 50 cents. de comprimento, menor, entretanto, que seus parentes europeus e norte-americanos.

Sua plumagem é amarelada em cima com numerosos salpicos e faixas estreitas, de côr bruno denegrida.

As rêmiges e retrizes têm largas faixas. A face é amarelenta, o véu bruno denegrido. A garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito e barriga amarelos, com estreitas faixas pretas e estrias pretas longitudinais.

Fig. 51 — Corujão, ou murucututú (**Pulsatrix pulsatrix**)

As pernas são amarelas, o bico e as garras pretas.

A distribuïção desta espécie é ampla, ocorrendo desde o Estreito de Magalhães e Chile até o Amazonas. Espécime muito aparentado com êle é o *B. virginianus*, que existe na América do Norte.

O jucurutú, ou jacurutú, como também lhe chamam, tanto se encontra nas matas costeiras, como por todo o *hinterland* brasileiro e no extremo norte.

Durante o dia, oculta-se nas copas mais ramalhudas das árvores ou nas luras que o tempo cava nos velhos troncos.

Mal se avizinha o crepúsculo, ei-lo desperto, exercendo a caça de toda a casta de mamíferos de pequeno porte, e até relativamente grandes, como pacas e cotias.

As aves também lhe abastecem a dispensa, mas é de supor que prefira mamíferos.

CORUJÃO — (*Pulsatrix pulsatrix*) — Dêsse corujão, que alguns denominam mocho mateiro e que os indígenas chamavam murucutú (115), disse Goeldi que era uma das mais belas corujas que conhecia e assim a descreve: "A plumagem das costas e uma larga facha são bruno-escuras; a partir do peito, o lado inferior é amarelo desbotado. Uma meia lua branca estende-se desde o papo para ambos os lados; da mesma côr é a borda do alto da cabeça. A fita bruna do pescoço, principal adôrno desta ave, torna-a fácil de conhecer.

Há algumas sub-espécies dêste gênero, segundo o entender dos ornitologistas. O. Pinto aponta seis sub-espécies (116).

Êstes corujões têm larga distribuïção, encontrando-se, quer no centro do país, quer na região costeira do norte, de lá indo até o extremo, ultrapassando-lhe as fronteiras, até à Guiana Inglesa e para o sul também se estende sua distribuïção até a Argentina.

E' uma espécie que vive no recesso das matas, mòrmente nas proximidades dos rios.

Essa preferência pelos cursos d'água vem do seu gôsto pela caça dos sirís da água doce, de que se alimenta, segundo o informe de Schomburgk.

Ataca também animais de certo vulto, pois o príncipe de Wied lhe achou no estômago restos de espécies de Didelfis (117).

---

(115) A esses corujões prendem-se certas cantigas populares de embalar crianças.

Quando as sinházinhas estavam rebeldes ás delicias do sono, as pretas velhas recorriam ás cantigas de embalo, onde metiam os seus papões, os tutús gombês, todos os duendes africanos, que para cá trouxeram na imaginação.

Mais tarde junto a êsses trasgos se foram insinuando outros, aquí da terra, e em breve o bicho tutú se transformou na coruja murucutú ou murucututú, papa-crianças que figura em quadrinhas estropeadas:

Murucututú
lá da beira do telhado
leva esse menino
que não quer dormir socegado.

(116) "Aves da Baía" — Rev. Mus. Paulista, t. XIX, 1935.
(117) Gambás, cuícas, etc.

Como as demais corujas noturnas, durante o dia esconde-se na alta ramaria das árvores e, logo que aumentam as sombras do crepúsculo, sái do seu ignorado esconderijo, espaneja-se gargareja sua surda cantilena.

E' a "ouverture" da marcha para a caça.

MOCHO NEGRO — Outro bubonídeo, igualmente sem orelhas como o corujão, é o mocho negro (*Ciccaba huhula*).

Sua plumagem negra é atravessada de muitas linhas transversais brancas, sendo que cada pena tem de 5 a 6 dessas finas faixas arqueadas. As rêmiges apresentam igualmente tal disposição.

Há quem afirme que êsse mocho negro voa, às vezes, durante o dia. Ocorre desde S. Paulo ao norte do Brasil, até à Guiana.

CORUJA DO CAMPO — Esta coruja, que os naturalistas classificaram sob o nome de *Speotito cunicularia grallaria*, mede 22 cents. de comprimento.

E' parda cinzenta com manchas avermelhadas transversais, garganta branca e malhas alvacentas nas asas e cauda.

Tem a particularidade de viver em ninhos de cupins abandonados e em galerias subterrâneas cavadas pelos tatús e por vezes por elas mesmo construídas (118). Nestes túneis constroem o ninho com o excremento de vaca.

Na realidade nos campos de criação o ninho desta coruja é feito sempre com êsse material.

Ora, sendo os bovinos animais exóticos, para aqui importados pelos colonizadores, êsse hábito é verdadeiramente uma adaptação.

Qual a matéria de que essa coruja se utilizava, para confeccionar o ninho, antes de conhecer os bovinos?

Devido ao costume de habitar buracos lhe veio a denominação, por que também é conhecida, de coruja buraqueira, e os guaranís, no sul, lhe chamavam urucuréia (119).

---

(118) Os autores não são concordes neste posto. Uns, como o principe de WIED, BURMEISTER, afirmam que a coruja aproveita as galerias dos tatús e termiteiros abandonados; outros, como VIEILLOT, C. STERNBERG, testificam que ela cava a galeria.

DARWIN surpreendeu essa coruja cavando, ela mesma, a sua galeria, mas é natural que, encontrando cupinzeiros abandonados e luras de tatús, os aproveitem, a exemplo de tantas aves que nidificam, mas não têm escrupulos em se utilizar dum ninho já feito. Na região platina sabe-se que ela vive no covil dos viscachas (**Lagostomus trichodactylus**).

(119) STRADELLI registra urucuriá.

E' outra coruja diurna e por isso chamada, por vezes, caboré do campo.

A diferença de hábito consiste em que os caborés vivem nas árvores, enquanto esta espécie é vista sempre no campo, o mais das vezes pousada em cupinzeiros, pedras esparsas nos pastos, dando caça a toda casta de insetos, de preferência, coleópteros (cascudos e bezouros), que é sua principal alimentação.

As lagartas e gafanhotos pagam grande tributo à sua alimentação e assim se constitue uma ave digna de alta proteção. Como enxerga bem à noite, o casal caça noite e dia, pela época da procriação para sustentar a grande prole, por vezes sete pintainhos acorujados, "umas belezinhas" que devem ser olhados com olhos de coruja.

CABORE' — Com êste nome o povo distingue corujas muito pequenas e de hábitos inteiramente diurnos.

Assim, os caborés pròpriamente ditos são duas ou três minúsculas corujinhas do gênero *Glaucidium*. Caboré, segundo a etimologia indígena, significa o que mora no mato, de *caa* = mato + *boré* = morador.

A principal espécie, pela grande distribuïção no Brasil, Equador, Paraguai e Argentina, é *Glaucidium brasilianum brasilianum*. A propósito desta espécie, escreve O. Pinto (120).

Fig. 52 — Caboré do sol (**Glaucidium brasilianum brasilianum**).

"O caboré, como é sabido, apresenta-se sob duas fases ou modalidades diversas de colorido de plumagem, ora pardo, ora côr de ferrugem, tons fundamentais a que se alia o branco, em muito mais abundância nas partes inferiores do que nas superiores, onde êle afeta o aspecto de manchas e salpicos. Os salpicos e as manchas brancas são muito mais destacadas e mais puras na fase parda, especialmente no que respeita à cauda,

---

(120) **"Aves da Baía"** — Rev. Mus. Paulista, t. XIX, p. 115, 1935.

cortada alí de faixas brancas nitidamente contrastadas pelo fundo escuro, enquanto os indivíduos ruivos possuem a cauda inteiramente desta côr, apenas marcadas de faixas escuras eqüidistantes.

O príncipe Maximiliano, que supôs tratar-se de duas espécies distintas, descreveu uma fase sob *Strix ferruginea* e outra como *St. passerinoides*".

Êste caboré habita as matas, onde não se arreceia de atacar animais de certo vulto. R. Ihering testifica a luta dêstes pequenos rapineiros com um macuco, terminando por vencê-lo. Nidifica no cerrado e no campo, no oco das árvores e suspeita-se que se aproveite do ninho do quirí-quirí e lhe confie os ovos para incubar.

Uma outra espécie, também de larga distribuïção geográfica, porém muito comum no norte do Brasil é *G. br. phalaenoides*, denominada caboré do sol.

A parte superior do corpo é parda, com salpicos brancos na cabeça e coberteira das asas; rêmiges e cauda listradas de pardo amarelado, parte inferior branca, raiada de pardo.

Todos os caborés são utilíssimos pela caça constante que dão aos insetos de que se alimentam, embora as aves lhe paguem um pesado tributo.

Quando não são perseguidos, tornam-se confiantes e freqüentam os pomares, onde chegam a nidificar no oco das árvores ou nas fendas dos muros.

O povo ainda dá o nome de caboré a certas corujas pertencentes a gêneros diversos e de hábitos diurnos, entre elas *Otus choliba decussatus*, a que chama caboré de orelha.

Há uma lenda guaraní que pinta o caboré como um tirano, que exerce fascínio inelutável sôbre as demais aves.

Seu olhar, sobretudo, é notável.

Quando fixa seu iris amarelado e de reflexos metálicos, na vítima que escolhe, esta, paralizada de terror, nem se mexe.

Por vezes, insulado, como um misântropo, no escuro da copa de um arvoredo, lança um grito estridente.

Todo o passaredo próximo acode a êste apêlo inflexível, a que não podem fugir, e o bando de vítimas começa a voejar em derredor do monstro fascinador, à espera do sacrifício. E' a ronda da morte.

De súbito, com uma bicada fulminante, mata um e deixa-o caír em terra, e assim, após eleger várias vítimas, baixa a comer-lhes as entranhas, abandonando o resto.

XIX

O MUNDO DOS PALRADORES

"Brasilia sive terra papagallorum".

Terra dos papagaios chegou a ser vaga expressão geográfica, muito primitiva, com que se designava o Brasil.

Na realidade, desde o comêço, os papagaios, aliás cosmopolitas, chamaram a atenção dos descobridores e visitantes do país.

Já em 1511, a nau Bertoa, que iniciava a exportação, levava, além de 5.000 toros de pau-brasil, 22 tuins e 15 papagaios (121).

Os povoadores logo se afeiçoaram a êsses inteligentes trepadores, que davam vida e alegravam os lares.

Gandavo, na sua "História da Província de Sta. Cruz", já assinalava que "são tidos na terra com tanta estima, que vale cada um entre os índios dois, três escravos. E assim os portugueses, que os alcançam, os têm na mesma estima".

Maria Grahan, que por aquí andou colhendo impressões, já mais tarde, declarava no seu jornal de viagem, citado por Gilberto Freire (122), que não lhe causara boa impressão o excessõ de pássaros e papagaios engaiolados, embora louvasse a educação dos "louros" que "raramente gritavam ao mesmo tempo". Quer dizer que para manter perpétuo barulho, cada qual solava por sua vez...

Nos tempos coloniais e no primeiro império as casas grandes chegaram a constituir verdadeiras "ménageries". Adolphe

---

(121) PAULO PRADO — **"Retrato do Brasil"** — 3.ª ed. S. Paulo, 1922, p. 70.

(122) **"Casa Grande e Senzala"**.

d'Assur assinalou o fato de os macacos tomarem a bênção aos moleques, da mesma forma que êstes tomavam aos negros velhos, que por sua vez pediam a bênção aos senhores brancos, o que levou Gilberto Freire a dizer que a hierarquia das casas-grandes se extendia aos papagaios e aos macacos.

Pela facilidade com que se amansam e se tornam familiares e, sobretudo, pela faculdade de imitarem a voz humana, ganharam tais aves grande estima.

Domesticados, chegam a fazer parte da família, afeiçoando-se às pessoas da casa, com as quais trocam carícias e palavras, repreendem as crianças, mandam entrar as visitas e chegam a fazer revelações indiscretas.

Por muitas razões escasseiam hoje os papagaios acorrentados, nas suas clássicas gaiolas. Entre os motivos estão as leis de protecção à fauna, o receio da psitacose (123) e o desprestígio que alcançaram por se pendurarem em janelas de ruas mal freqüentadas, onde aprenderam maus hábitos e sobretudo abastardaram o vernáculo, introduzindo galicismos, judaísmos, polaquismos, com grande escândalo dos puristas.

Todos os da ordem dos psitaciformes gozam da faculdade de falar, ou melhor dito, de imitarem a voz humana.

Neste particular, em primeiro lugar, vêm os papagaios pròpriamente ditos e entre êles os do gênero *Amazona*.

No poema *Caramurú*, já o poeta esclarecia:

"Vão pelos ares os loquazes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguais na formosura aos verdes Maios,
Proferindo palavras como a gente".

De perto seguem-lhe:

"Os periquitos com iguais ensaios
e, menos dados a loquela, as severas araras:
Mas falam menos, da pronúncia avaras".

As aves de que tratamos constituem a ordem dos psitaciformes, que no Brasil comporta 16 gêneros e 72 espécies, segun-

---

(123) E' a psitacose (do gr. psittakós, papagaio) uma doença infecciosa dos psitacídeos, que fácil se transmite ao homem, mas que não existe felizmente entre os papagaios brasileiros, segundo estudos realizados em S. Paulo, pelos cientistas Genésio Pacheco e Otto Bier.

do Ihering, mas podemos dizer que existem hoje seguramente classificadas 78 espécies (124) e algumas sub-espécies.

São aves cosmopolitas ou melhor da região neotrópica, etiópica e indiana.

Existem classificadas, na ornisfauna mundial, 580 espécies, das quais, setenta e oito como vimos, pertencem ao Brasil.

Logo à primeira vista os papagaios (125) se extremam das demais aves pelo bico e pelo pé. As pernas curtas e escamosas foram feitas mais para se empoleirarem que para andarem e daí a figura ratona que fazem, quando se metem a andarilhos.

Os pés têm quatro dedos, dois para frente e dois para trás, que são o 1.º e o 4.º dedos (126).

Êsse pé prodigioso é quasi mão para tais aves, que dêle se servem para segurar os frutos de que se alimentam, verdadeira novidade no mundo dos bípedes plumosos.

O bico, por sua vez, é de absoluta originalidade; curto, grosso, mais alto que longo, o que dá à ave fisionomia típica, inconfundível.

A língua, que é carnosa e grossa, mostra-se móvel e por isso faculta-lhe o dom singular de imitar a voz humana, articulando palavras bem percebíveis.

Os hábitos da ordem são muito idênticos. Aninham-se em buracos que cavam nas árvores e criam os filhotes com o cibo que vão procurar.

Alimentam-se de grãos, bagas e outros frutos.

Ao descrever as diversas espécies, minuciarei certas peculiaridades.

Os papagaios, periquitos e seus afins tornam-se por vêzes grandemente prejudiciais à lavoura.

As espécies mais responsabilizadas por essas incursões na fazenda alheia são: "Papagaio verdadeiro", também chamado ajurú (*Amazona aestiva*), um dos nossos muito conhecido pelas suas habilidades palratórias.

"Periquito vassoura", em certos lugares denominado tuim (*Psittacula passerina*), que aparece em bandos, por vêzes nume-

---

(124) A. DE MIRANDA RIBEIRO procedeu à revisão geral dos psitacídeos brasileiros e dividiu-os em 30 gêneros e 78 espécies. Pela crítica que faz da classificação SALVATORI-HELLMAYR-BERLEPSCH-IHERING, verifica-se quanto essa deixa a desejar; mas, como me venho, nesta obra, norteando por IHERING, não me posso valer da orientação seguida pelo grande zoólogo brasileiro, embora a reconheça mais perfeita.

(125) Empregamos a denominação papagaio no sentido geral, porque assim se usa abarcando o conjunto dos psitaciformes.

(126) Pés escansórios zigodátilos, dizem os ornitologistas na sua arrevezada terminologia.

rosos, e que não só vão ao milho e ao arroz, como às fruteiras, sendo que têm especial predileção pelas goiabeiras e mangueiras e, bem assim pelo tamarindo, de cujas sementes se mostram gulosos.

Aquí no Estado do Rio, onde é muito abundante, o periquito vassoura nidifica de dezembro a março.

"Periquito" sem nome que o particularize, *Brotogeris tirica* grande apreciador de arroz e milho, cujas plantações devasta (127).

Tiriba (*Pyrrura vittata*) vive em grandes bandos e, quando visita uma cultura de milho, causa enormes prejuizos.

No R. G. do Sul, certa *catorrita*, também chamada periquito do pantanal, (*Myopsitta monachus*), traz de canto chorado os lavradores de arroz e milho.

Essa catorrita, que é conhecida por catita, na Argentina, igualmente atormenta os granicultores daquele país vizinho.

As queixas contra essa enorme família de granívoros vêm de longa data. Em 1788 o marechal J. Arouche de Toledo Rendonas, em suas "Reflexões sôbre o estado em que se achava a agricultura, na Capitania de S. Paulo" escrevia:

"Os pássaros (*sic*) de bico redondo que são as *araras, papagaios, maitacas, maracanãs, araguaris, tiribas* e *periquitos*, etc., ao tempo em que o milho está maduro, não se sustentam de outra coisa.

Todos vêem com seus olhos o estrago que o público padece por causa destas aves. Sucede, às vêzes, que, se o lavrador não é diligente, não chega a colher a roça, porque êles a comem toda, o que sucede ordinàriamente aos que plantam tarde, porque então toda a multidão concorre para essas roças; mas pode-se dizer que em regra geral estas aves comem a quarta parte das roças e isto faz um prejuízo de muitos mil alqueires.

Deve-se pôr todo o cuidado em extinguir uns pássaros que comem a quarta parte do pão de uma capitania inteira".

Na Argentina, o general Urquiza, devido às constantes reclamações dos lavradores da província de Entre Rios, adotou a extrema medida de estabelecer um dizimo de tantos "loros" "per capita".

Quem estava no campo, fàcilmente pagava seu tributo, mas os homens da cidade estavam em dificuldades.

Apareceu logo o interêsse comercial para resolver o problema. Houve caçadores profissionais que vendiam "loros" aos que não podiam caçá-los.

---

(127) No gênero Brotogeris talvez ainda se devam apontar outros.

Em breve extinguiram-se os psitacídeos entrerrianos.

O problema da extinção dos psitacídeos volta de novo a ocupar sèriamente os poderes públicos do Prata, a ponto de se querer considerá-los praga nacional.

O ornitologista Dabbene, consultado sôbre tal assunto, desaconselha categoricamente êsse modo de encarar a questão.

Uma vez considerada um inimigo do país, em breve veríamos, não uma espécie, mas toda uma ordem de aves destruída (128).

Entre a numerosa coorte de psitacídeos, há inúmeras espécies que não são prejudiciais.

O critério seria então o aconselhado por aquele ilustre ornitólogo: Destruir sòmente as espécies que se apresentam em bandos numerosos e assim mesmo só nas regiões próximas às zonas cultivadas. O meio melhor, menos deshumano, será destruir os ninhos e só recorrer às armas de fogo nos campos de cultura.

Destruindo-se os ninhos sistemàticamente, em breve as aves compreendem a impossibilidade de realizarem os fins grandiosos, embora inexplicáveis, da reprodução da espécie, e imigram para os recessos tranqüilos da mata, onde lhes seja possível cumprir as determinações inelutáveis e fatais da Natureza.

Pegar papagaios em armadilhas não é fácil, pois são muito inteligentes e em breve não caem mais nas esparrelas.

Certos tuins, como o *P. passerina*, são entretanto fàcilmente apanhados nas fruteiras que freqüentam, bastando envisgar os ramos em que costumam pousar (129).

Êsses mesmos tuins eram sem esfôrço, mas engenhosamente caçados pelos nossos indígenas, da forma curiosa que nos descreve o jesuíta Simão de Vasconcelos no seguinte passo que transcrevemos:

"Estando em uma aldeia, vi que vinha voando uma quasi nuvem de pássaros (*sic*) a que chamam tuins, casta de papagaios pequenos que também falam e são estimados.

---

(128) DABBENE já aponta algumas espécies de psitacídeos americanos que foram destruídas pelo homem, entre elas **Ara tricolor** em Cuba, **Ara gossei**, da Jamaica, **Ara guadalupensis** da Guadalupe e ainda nesta mesma ilha **Amazona olivacea** e **Anodorhynchus purpurescens**. O periquito **carolinenses**, do centro e sul dos Estados Unidos, está em via de desaparição, agonizantes os últimos representantes cativos nas gaiolas do Jardim Zoológico daquele país.

(129) A esta arte de apanhar pássaros e outras aves por meio de visgo dá-se o nome de **ixêntica**, e o poeta grego Opiano, escreveu a êste respeito um poema intitulado **tá Ixeutiká**, de que apenas resta uma paráfrase em prosa.

Pousaram êstes enchendo certas árvores que chamam araçazeiros; chamei alguns filhos dos índios, que os foram caçar, levaram êles uma vara comprida e na ponta dela um lacinho (130) foram-se aos pés das árvores e daqui lhes iam lançando o laço ao pescoço, um a um, e sem mais resistência que de quando em quando afastar a cabeça e fazer um pequeno gemido, e com a maior facilidade do mundo trouxeram-me muitos dêles e todos vivos.

A longevidade dos papagaios é conhecida. Elias Metchnikoff dá-nos informes seguros de um grande número de psitacídeos longevos, inclusive *Amazona amazonica*, morto aos 82 anos, e que aquele sábio estudou sem encontrar sinais de velhice avançada (131).

Pode-se, aliás, dizer que, relativamente, as aves têm longa duração.

Eis uma lista de aves e a respectiva duração de vida, segundo "Biologia Fundamental" (132).

Águia	104	anos
Cardeal (*Paroaria cuculata*)	29	"
Cegonha	70	"
Cisne	102	"
Corvo + de	100	"
Galo	15 a 20	"
Ganso e eider	100	"
Gaivota prateada	44	"
Grou	40	"
Falcão	162	"
Pomba coroada	53	"
Pomba (*Metriopelia aymara*)	40	"
Papagaio, + de	100	"
Anú branco	25	"
Bico de lacre, + de	18	"
Saci	40	"

À lista de Morales apenas acrescentei um, o bico de lacre, por observação própria.

---

(130) O autor não diz de que material se serviam os íncolas para fabricar o laço; atualmente, usam um fio de crina de cavalo.

(131) "Essais Optimistes", p. 66-72, 2.ª ed., Paris, 1914.

(132) C. MORALES MACEDO — Barcelona, 1936.

LENDAS

Pertencem máis ao domínio da anedota, que da lenda, as histórias de papagaios.

Entretanto de bom fundo lendário indígena é a narrativa que explica a distribuïção geográfica dos tupís e guaranís, segundo as tradições dêles.

Ambas as espôsas de dois irmãos disputavam a posse de um mesmo papagaio, que, pelo modo, era uma maravilha de beleza e inteligência.

Ferviam diàriamente as disputas domésticas em tôrno da posse do ambicionado louro (133) e, como não havia meio de se encontrar reconciliação entre as litigantes, os respectivos irmãos resolveram separar-se, indo um para o sul — os garanís — outro para o norte, os tupís.

Isto a lenda, pròpriamente dita.

Mas a história, o inesgotável anedotário sôbre papagaios, daria um volumezinho.

---

(133) A propósito da palavra louro, aplicada aos papagaios, discordo da origem a ela atribuída por CANDIDO FIGUEIREDO e R. von IHERING.

O lexicologista diz que vem de malaio **nori** ou **lori**, e o zoólogo, que grafa **lôro**, diz que naturalmente veio da India, onde há um grupo de papagaios, que tem a denominação latina de **Lorius.**,

Parecem pouco prováveis, por muito eruditas, tais etimologias. .

A pronúncia entre nós é bem clara "louro", e ainda temos a notar que em Portugal se diz "loiro", para designar os papagaios: "Dá cá o pé, meu loiro".

O povo, aquí no Brasil, sempre disse bem claramente **louro**, e não **lôro**, como provam as histórias populares:

Papagaio louro,
Do bico dourado,
Leva esta carta,
O' meu louro,
Ao meu namorado.
Ele não é frade,
Nem homem casado,
E' moço solteiro
O' meu louro,
Lindo como um cravo.

O que parece é que a plumagem, algo dourada, lembrasse, embora longe, o louro de certos cabelos, e daí a designação.

O Padre SIMÃO DE VASCONCELOS, num excerpto **"Aves e outros animais do Brasil"**, no ""Iris Clássico", descrevendo os beija-flôres, dá bem a perceber essa idéia, quando diz "rouba o verde do colo do pavão, o amarelo do pintasilgo, o louro do papagaio e o vermelho do guará".

Explorando a faculdade de falar, os dotes oratórios dêstes plumosos palradores, o folclore enriqueceu-se.

C. Teschauer refere-se a um jovem papagaio, que foi apanhado e levado para uma casa de campo de gente muito religiosa.

Fazia-se aí imoderado uso de rezas e o papagaio logo aprendeu a ladaínha.

Estava já a ave bem domesticada e trenada em matéria de ladaínhas, vivendo solta, quando uma revoada de papagaios acerta de passar-lhe por cima da residência.

Seduzido pela beleza de algumas garotas "louras" do bando, o papagaio ladaïnheiro bate a bela plumagem.

No recesso da mata, com seus companheiros, o fujão mostrou que ainda lhe ardia viva, no peito, a chama da religião, e á tarde ensaiava a ladaínha no que era acompanhado, religiosamente, pelo bando inteiro.

E, assim, era um espetáculo magnífico de vêr-se, na solidão das matas, ao cair da tarde, a turma inteira tirando a ladaínha com "ora pro nobis" respondido retumbantemente.

Quanto à parlenda:

Papagaio real
Para Portugal,
Quem passa, meu louro?
— E' el-rei que vai à caça, etc.

encontra sua origem no costume de tais plumitivos saudarem os monarcas em Portugal.

Êsse costume, aliás, tem raízes em passado remoto.

Alberto Faria, em *Aérides*, escreve:

"Conta-se que, de volta da batalha d'Ácio, Augusto ouvira de um papagaio: "Eu te saúdo, César vencedor".

E como o informassem de que o dono possuia outro exemplar falante, ordenou sua vinda.

Chegado que foi, pronunciou com grande escândalo: "Eu te saúdo, Antonio vencedor!"

Compreende-se: o mestre, na incerteza da sorte das armas, ensinara cada ave a felicitar um dos antagonistas no prélio".

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

ARARAS — Recebem êsse nome popular todos os psitacídeos do gênero *Anodorynchus* e algumas espécies, de grande porte,

1) ARARA PIRANGA *(Ara macao)* — 2) CANINDÉ *(Ara ararauna)* — 3) ARARA AZUL *(Anodorynchus hyacinthinus)* — 4) PAPA CACAU *(Amazona festiva)* — 5 PAPAGAIO VERDADEIRO *(Amazona aestiva).*

do gênero *Ara*, sendo que as espécies menores dêste gênero são chamadas maracanãs.

Se as araras não mostram a vivacidade e inteligência dos papagaios, em compensação exibem uma indumentária espalhafatosa, retumbante.

Seus hábitos não diferem muito dos demais psitacídeos. Vivem em grandes bandos, levando aonde passam ou onde pousam o berreiro das suas intermináveis palestras carregadas de *r r*.

O vozear do bando logo o denuncia e, como por encanto, se esvai, quando encontram o que comer.

"Quando se come, não se fala", deve ser esta a regra de boa conduta entre tal casta de palradores.

Em geral freqüentam as palmáceas. O botânico F. C. Hoehne chega a dizer:

"As belas araras e os policrômicos papagaios jámais teriam logrado alegrar as nossas plagas, se lhes faltassem as palmeiras.

E' nos imensos buritisais que elas se alimentam e criam em bandos, aproveitando os troncos velhos para os ninhos e a polpa para fornir o papo".

Mas não só a grei das palmáceas produz frutos apreciados por essas aves, e nas regiões do norte, na Amazônia, o país das araras — araratuba — são numerosas as árvores que lhes proporcionam saborosos alimentos, entre elas o japacanim (*Parkia oppositifolia*) também chamada arara tucupi, o jataí (*Hymenaea courbaril*), o muirajussara (*Rauwolfia pentaphylla*), e tantas outras, muitas das quais chamadas vulgarmente "comida de arara".

Fig. 53 — Ninho de arara (**Ara ararauna**) cavado no estípite dum burití, seg. esquema de Hoehne.

Os aborígenes, aliás, davam o nome de *arara-iua* (comida de arara) a certas espécies de plantas de famílias diversas cujos frutos eram de preferência procurados por essas aves.

A propósito de ninhos, sabe-se que, em geral, o fazem cavado no alto das palmeiras.

Quando a ave se aninha, fica-lhe a longa e vistosa cauda para fora do ninho.

Hochne teve ensejo de ver a arara canindé (*Ara cararauna*) metida dentro de um ninho cavado no oco de um buriti, conforme o esquema junto.

Parece que, na realidade, algumas espécies cavam buracos no interior dos troncos de determinadas árvores e aí se aninham.

Stradelli (134) regista o nome de certa leguminosa sob a denominação de "arara-cuara", que quer dizer buraco de arara.

Das penas das araras serviam-se artisticamente os povos primitivos da América na sua magnífica arte plumária.

Os pitorescos cronistas da época dos descobrimentos referem-se largamente, não só à surprêsa que lhes causaram tão lindas aves, como ao uso de suas penas.

Parece até que em certas tribus eram elas apanágio quasi realengo dos "tuixáuas".

Das penas da cauda é que se utilizam os íncolas para seus enfeites, e ainda hoje na Amazônia encontram-se, nas malocas indígenas, araras criadas especialmente para êsse fim (135).

Dezesseis, segundo Goeldi, são as araras que possuímos e dentre elas citaremos sòmente as seguintes:

ARARA VERMELHA — (*Ara macao*) — E' a arara acanga do indígenas (136).

Psitacídeo de grande vulto (83 cents. a 1 metro) longa cauda (43 cents.) bico enorme (47 a 52).

Na cara núa implantam-se cerdas finas e rolam em órbitas redondas os olhos de iris sulfúrea.

---

(134) Loc. cit.

(135) Os indígenas do Brasil eram mestres na domesticação dos animais. Na sua **"Viagem do Paraguai ao Amazonas"** (Rev. Mus. Paulista, vol. XVI, II parte, p. 238) o dr. PAULO EHRENREICH, escreve:

"Como na maior parte das aldeias dos índios, também nestas se encontra variedade de animais domésticos. De todos os tetos nos saúda o penetrante grito das araras.

Emas, mutuns, patos, garças e outras aves vão catando sobejos de cozinha e entre êles brincam cotias, catetos, macacos e tartarugas; filhotes de jacarés vêem-se amarrados junto das poças d'água e até uma anta mansa, perfeitamente adulta, vimos um dia atravessar a rua em plena liberdade".

Desta citação se depreende que só se tornam intratáveis os animais perseguidos. Onde encontram paz aí ficam e, alguns, até, parecem desejar a companhia do homem.

(136) A palavra **arara** parece na realidade onomatopéia da voz destas aves, mas há quem suponha ser **ará** alteração de **guirá** = ave, como refôrço (**ra** + **ra**) frequentativo que em nheengatú tem função de aumentativo. R. GARCIA diz que, em aímará, arara significa falador.

O escarlate vivo forma o tom geral de sua plumagem, que mais vistosa ainda se torna pelo azul do uropígio e das coberteiras da cauda, das rêmiges e retrizes laterais.

As coberteiras das asas têm o centro verde. — Cara e cúlmen côr cárnea, pés gríseos e unhas negras.

Os animais em cativeiro mostram um amarelo esmaecido no dorso (137). A fêmea assemelha-se ao macho.

Esta espécie ocorre desde o México, pela América Central até a Bolívia e Guiana, sendo que no Brasil só existe no vale da Amazônia.

Põe dois ovos brancos, que medem 48 a 52 mm. × 33 a 35 mm.

E' também chamada arara piranga, arara acanga, arara macau.

Uma outra espécie, muitíssimo parecida com essa e que tem, aliás, as mesmas denominações (exceto macau), é *Ara chloroptera*.

Fig. 54 — Cabeça de arara piranga (**Ara macao**)

Tal espécie é encontrada no vale da Amazônia, mas ocorre pela Bolívia, Paraguai e Argentina, vem ao sul do Brasil (Paraná). A fêmea também se assemelha ao macho.

---

(137) O amarelecimento forçado desta arara e dos papagaios em geral, conseguiam facilmente os ameríndios, obrigando a ave a engulir pedaços do peixe conhecido na Amazônia por pirarara, quer dizer peixe arara (**Pirara bicolor**).

STRADELLI teve ensejo de ver papagaios do gênero **Amazona**, que, submetidos à gordura do pirarara, de verde se tornaram amarelos e outros, acrescenta aquele autor, "em via de se tornarem amarelos e manchados de formas caprichosas". São os chamados papagaios contrafeitos.

RAIMUNDO DE MORAIS diz que de verde os papagaios se tornam malhados de vermelho, o que parece engano.

Notulemos ainda que GANDAVO e GABRIEL SOARES aludem á prática que recorriam os tupinambás para modificar as penas do papagaio verde. Depenavam essas aves e lhes untavam o corpo com sângue de sapo.

As penas novas, ao nascer, traziam coloração vermelha ou amarela.

MARTIUS também a isso se refere e METRAUX diz que a igual prática recorriam os indígenas e os crioulos das Guianas Francesa e Inglesa.

CANINDE' — (*Ara ararauna*) — Plumagem verde clara na fronte, passando a azul celeste no vértice, tomando essa côr o resto do corpo, exceto a parte inferior, que é amarela. Bico negro e pés cinéreos. Região núa da cara, com pigmentos brancos. Mede 82 cents. a 1 metro.

Dessa arara é o ninho feito no estipete do burití aqui esquematizado. Ovos brancos com 60 mm. em seu maior eixo.

Habita o vale amazônico e é também chamada arara azul e, erradamente, ararauna, nome sob o qual o povo designa a arara que a seguir trataremos.

ARARA AZUL — (*Anodorhynchus hyacinthinus*) — E' a maior das araras, com as seguintes medidas: bico 69 a 95 cents., ása 40 a 44 cents., cauda 49 a 60 cents., o que dá um total que oscila entre 1.080 a 1.135 cents. E' toda azul carregado, com bico, iris, tarsos, pés e palpebras negros. A região perioftálmica é amarela.

Não é espécie muito freqüente, mas encontra-se no Pará, Mato Grosso, Minas e S. Paulo. Gosta de se aninhar nos buritís e não anda em bandos. Em geral se encontram aos casais e por vêzes solteiras.

Dizem os autores que, em cativeiro, não se mostram de bom humor, mas durante muito tempo, no Jardim Zoológico, do Rio, tive ensejo de festejar amistosamente dois exemplares jovens que lá se achavam e sempre fui recebido amàvelmente.

Davam a cabeçorra para coçar e até fechavam os olhos deliciadas pela carícia.

Essa espécie recebe o nome de ararauna, segundo registou Marcgrave, que quer dizer arara preta, embora seja azul cobalto.

Em certos lugares é conhecida por arara preta.

Ainda do mesmo gênero temos *A. leari* e *A. glaucus*, em que predomina a côr azul.

A última espécie é de um azul cinzento avermelhado. Seu tamanho não passa de 72 cents. Habita o sul do Brasil e na Argentina tem o nome de arara celeste.

Entretanto de um verdadeiro azul celeste é *Cyanopsittaca spixi*, que não mede mais de 65 cents. e que tem por exclusivo "habitat" as matas da Baía. E' uma espécie topomorfa raríssima.

MARACANÃ — (*Ara maracana*) — Com o nome de maracanã designa o povo certas araras pequenas, sendo a espécie que estamos tratando muito conhecida por ararinha.

Mede de 44 a 46 cents. de comprimento. Côr geral verde e de um verde amarelado para a base da cauda. A fronte é vermelha, a cabeça azul, passando gradativamente para o verde sôbre o pescoço. Notam-se manchas escarlates, no uropígio no meio do abdome e entre as coxas. As rêmiges são azues bem como as retrizes. Bico negro e a região nua de penas em tôrno do bico e nos lados da cara é côr de carne. Pés amarelos com unhas negras.

E' espécie encontrada no Rio Grande do Sul, Paraguai e nordeste da Argentina. Ovo com 36,5 × 29 mm.

Ainda com o nome de maracanã designam-se outras espécies, como já dissemos, inclusive *A. nobilis*, semelhante à anterior, mas um tanto menor. A parte nua da face é branca e a fronte azul. As retrizes são verdes. O bico tem a maxila superior branca e a inferior anegrada. Habita de S. Paulo para o Norte e Oeste.

Vive em grandes e rumurosos bandos em plena floresta.

MARACANÃ-AÇÚ — (*Ara severa*) — Das maracanãs é a maior: 52 a 53 cents. Côr geral verde com reflexos amarelos ou pardos, a base das penas cinérea-sepiácea.

Parece-se com *Ara maracanã*, sendo que, além de maior, tem a fronte castanha e o lado inferior da cauda e das asas avermelhada.

Habita o vale do Amazonas.

Outra ararinha desta região é *A. manilata*, de côr geral verde oliváceo, uropígio amarelado e reflexos azulados nos canutilhos e parte média das penas rêmiges.

PAPAGAIO VERDADEIRO — (*Amazona aestiva*) — Côr geral verde, a fronte azul esverdeada ou azul celeste, conforme a idade; faces e garganta amarelo ouro, encontro, espelho e parte basal da cauda vermelhos. Rêmiges de um azul quasi negro. Bico, pálpebras e pés denegridos, região periocular núa e de côr cárnea.

O macho não difere da fêmea, e os indivíduos novos têm a cabeça toda verde. Alípio de Miranda Ribeiro diz que esta ave é sujeita a "um tropismo para as côres fundamentais ficando, neste caso, o colorido permanente reduzido ao amarelo para a côr geral e escarlate para as marcas desta côr dos indivíduos normais". Mede de 33 a 39 cents. Habita o Brasil, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Amazonas. E' encontrado também na Argentina, Paraguai e Bolívia.

Durante o período de nidificação, de outubro a março, anda sempre o casal idilicamente juntinho. No ninho, feito, ,e-

gundo a norma geral da família, no oco de um tronco, encontram-se dois ovos brancos, que medem 37 × 28 mm.

Uma vez terminada a incubação, reúnem-se as famílias em grandes bandos em procura das fruteiras silvestres. Quando descobrem uma roça de milho, então é um regabofe. Abatem sôbre ela muito caladinhos e só se ouve o "trac-trac" das mandíbulas.

A tarde, após as excursões, volta o bando gárrulo ao pouso escolhido e, antes de se acomodarem, disputam os papagaios entre si os melhores sítios, surgindo altercações, roucas imprecações e beliscadas de arrancar penas.

Quando tudo já parece que serenou, rebenta nova discussão entre vizinhos mal acomodados e, de novo, o bando todo protesta contra o distúrbio e novamente o berreiro se alastra pela floresta.

Adensa-se o crepúsculo, as sombras da noite descem e então reina o silêncio no bivaque dos papagaios.

Os tupís, chamavam a êsse papagaio aiurú ou ajurú e ajurú-etê e estimavam-no como o mais dócil e mais domesticável.

Entre nós pode ser considerado o mais vulgar e eloqüente dos palradores. Seus talentos oratórios são incontestáveis. Sabe tudo que lhe ensinam, canta, assobia, ralha, pilheria e descompõe.

PAPAGAIO CAMPEIRO — (*Amazona ochrocephala*) — Assaz parecido com o anterior, dêle diferindo, logo à primeira inspeção, pela cabeça verde, tendo apenas a orla da fronte com azul verde, o resto da fronte e o vértice amarelo claro. O bico é escuro, com a base da maxila superior encarnada. Mede 40 cents. Os parecís chamam-lhe aôlo.

Não parece que se reúna em bandos como os seus congêneres. Habita a Amazônia e Mato Grosso, Perú, Equador, Colúmbia e Venezuela.

JURUAÇÚ — (*Amazona farinosa*) — Plumagem verde intensamente coberta de uma como poeira branca, que o torna inconfundível e lhe granjeia o título de moleiro. Nota-se mancha amarela no vértice, ponta da cauda verde amarelada, espêlho encarnado nas asas. As retrizes externas têm tarja marginal azul na barba externa, tarja que vai morrer quasi na ponta da pena.

As penas do abdome são levemente debruadas de negro.

Miranda Ribeiro, que dá perfeita descrição da espécie (138), notula: "Há exemplares com penas amarelas e às vêzes margi-

---

(138) Loc. cit.

nadas de rubro no alto da cabeça, bem assim vi um, da foz do Castanha, com as penas da cauda vermelhas na base. O moleiro que mede de 39,6 a 45,7 cents. é bonito e bom falador.

Ocorre em todo o vale amazônico e vem ao Rio Doce e Mato Grosso, Gi-Paranã, S. João da Barra do Norte.

PAPA CACAU — (*Amazona festiva*) — Côr geral verde, com sobrancelha e occipúcio azues, dorso inferior encarnado, rêmiges pretas marginadas de azul e escuro. Nota-se uma tarja ferruginosa-sanguínea, transversa, sôbre a fronte até os olhos. Bico córneo, verdescente para a base, esbranquiçado no cúlmen. Região perioftálmica núa e denegrida. Pés xistáceos. A nota diminante do colorido desta ave, acentúa Miranda Ribeiro, "é uma extensa nódoa rubra viva que vai da região escapular ao uropígio, mas que ás vêzes falta. Essas penas escarlates têm a base amarela".

O papa cacau, também chamado tavua, que habita a região amazônica, em se lhe ensinando a falar, pode-se contar com uma boa prosa.

CURICA — (*Amazona amazonica*) — Outro verde filho do vale amazônico, tendo a fronte, freio e sobrancelhas azues e de igual côr, mas um tanto denegridas, as rêmiges. Vértice e faces amarelas, espêlho encarnado. Na cauda, de côr geral verde, nota-se a ponta amarelada e o lado inferior encarnado. Os encontros verdes distinguem-no logo, à primeira vista, de *A. aestiva.*

Mede de 32,5 a 36,4 de comprimento.

Além do nome já citado e de sua variante curuca, é chamado aiurú-curuca, papagaio do mangue, papagaio poaieiro, etc.

E' bom lembrar que recebem igualmente o nome curica e curuca outros papagaiozitos.

Os curicas gostam das matas que bordejam os rios e vão até os mangues, onde por vezes são encontrados seus ninhos. Reúnem-se quasi sempre em bandos enormes e formam na floresta verdadeiras algazarras.

Postura 2 a 3 ovos, de 35 $\times$ 28 mm.

Quando apanhados novos, mais fácil se domesticam e aprendem a falar com clareza e eloqüentemente.

Habita a Amazônia, mas Natterer e o príncipe de Wied dizem tê-lo visto no Estado do Rio.

PEITO ROXO — (*Amazona vinacea*) — Belo papagaio verde, de bico escarlate vivo na base e amarelado na ponta. A fronte é vermelha.

"Sôbre a garganta, lados do pescoço, papo e o peito o arroxeado invade a pena quasi toda, ficando a orla sòmente de côr diversa — o negro, formando um escamado indistinto que vai até o baixo ventre".

Essa disposição das penas e a beleza do colorido dão a êsse papagaio um aspecto muito singular e típico, que o extrema, logo, à primeira vista, dos seus congêneres.

Há ainda o notar que as penas da nuca e alto do pescoço são grandes e chegam a formar uma gola algo parecida com a que singulariza o anacã ou papagaio de coleira.

Mede 36 a 37 cents. Habita da Baía ao R. G. do Sul e costuma ajuntar-se em bandos numerosos. Apanhados novos, fàcilmente se domesticam e aprendem a falar.

Em certas regiões do Brasil é chamado papagaio caboclo, corraleiro.

CHORÃO — (*Amazona pretrei*) — As penas verdes da sua plumagem são todas transversalmente truncadas e marginadas de negro.

Distingue-se bem dos outros papagaios, diz muito bem Goeldi, porque na parte anterior da cabeça passa-lhe pela fronte uma mancha vermelho escura que contornado por trás dos olhos apanha a região dos ouvidos, termina em ângulo agudo bem delimitado; igualmente vermelho carregado é toda a borda anterior das asas para trás até além do meio".

E' espécie do Rio G. do Sul, onde lhe chamam papagaio da serra, porque ali vive, alimentando-se de pinhões de *Araucaria brasiliensis*.

Mede 36 a 37 cents. Dos papagaios do Sul é o que melhor se domestica e aprende a falar.

PAPAGAIO DE COLEIRA (*Deroptyus accipitrinus*) — E' tão aberrante das formas comezinhas dos nossos psitacídeos, que Buffon o julgou um papagaio oriental que se aclimasse em nossas plagas.

Na realidade é uma espécie quasi suntuosa, com a sua palatina de penas que se arrepiam sob o occipício. Essas penas são sépia avermelhadas com amplas orlas azues, com fornida gola que infelizmente só se levanta, quando a ave se excita sob o mêdo, ou admiração.

As penas da garganta, papo, peito, ventre e sub-caudais são da mesma côr, mas o vermelho algo oliváceo.

A parte superior é de um verde que se poderia chamar sedoso pela impressão que nos dá de maciez.

Além da coleira peregrina, o vanaquiá, e anacã como também lhe chamam, apresenta uma cauda longa, de 16 a 16,5 cents.

Quanto aos hábitos, Natterer sempre o viu aos casais na região amazônica, mas há também quem encontrasse naquelas plagas pequenos bandos, banqueteando-se com frutos de palmeiras.

Sabe-se que prefere as matas ralas e torna-se tão confiado que se aninha no oco das árvores das fazendas. Schomburgh descobriu um ninho com quatro filhotes.

Resiste ao cativeiro e aí se torna manso, mas não temos notícia de que venha a imitar a voz humana.

Na mata costuma a soltar um apêlo quasi plangente *ia-ia*, cuja soletração se transforma em nome pelo qual também é conhecido.

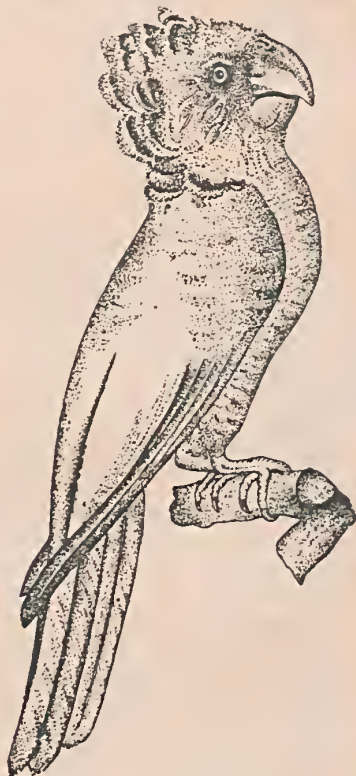
Além destas espécies descritas, poderiamos citar outras menos vulgares ou estimadas, como, por exemplo, o jauá (*Amazona rhodocorynthа*), que ocorre desde a Baía ao Rio de Janeiro.

Distingue-se bem porque tem os lados da cara e o mento amarelos, faces azues, e porque lhe corre, da nuca ao dorso, uma orla estreita e negra formada pelas pontas das penas da nuca.

Fig. 55 — Papagaio de coleira.

O apêlo dêste papagaio, "mot-mot", diz Goeldi, extrema-o dos demais.

Muito raro é o cavacué (*Amazona diadema*) assaz parecido com *A. amazonica*.

PERIQUITOS — O povo designa sob o nome de periquitos um grupo de psitacídeos da sub-família dos conurídeos, de tamanho menor que os maracanãs e maiores que os tuins.

Não existe uma precisão rigorosa, como aliás acontece sempre com a terminologia popular.

E assim vemos chamar ao mesmo psitacídeo, ora periquito, ora tiriba, etc.

Há até um periquito, na expressão vulgar, que pertence a sub-família dos pioníneos.

Podemos dizer que geralmente recebem o nome de periquito as diversas espécies dos gêneros *Brotogeris* e uma ou outra forma de *Conurus, Psittacula,* etc.

Mais conforme às conveniências da divulgação popular será apontar, embora ligeiramente, os principais periquitos.

Começaremos pelo periquito verdadeiro (*Brotogeris tirica*) que tem plumagem verde, amarelada nas axilas e lados do tórax, azul na cobertura, meio das primárias, cujo bordo é verde. As duas rêmiges medianas têm o centro azul. A. Miranda Ribeiro verificou a existência, na coleção do Museu Paulista, dum exemplar procedente do alto da Serra do Cubatão, S. Paulo, que ostentava a plumagem inteiramente azul, mais carregado na parte superior e cauda e mais claro, quasi azul celeste, na parte inferior, conforme se vê na gravura. Mede 25 a 28 cents., tendo a cauda, por vezes, 138 mm.

Êsse periquito, aliás muito conhecido por tuim, vive em bando e alegra as florestas com o seu apêlo estridente e entrecortado.

Grande apreciador das polpas da semente do ingá, é sempre possível encontrá-lo onde viceja essa leguminosa, nas proximidades dos rios. Habita as florestas da Baia até Sta. Catarina e Minas.

Do mesmo gênero é o periquito rei (*B. chiriri*), de plumagem verde clara com incidências azues grisescentes, especialmente no abdome; a garganta mostra um amarelo sulfúreo, bem como as tetrizes alares e a página inferior das retrizes. E' pouco menor que o anterior, especialmente a cauda.

Ainda pertence ao mesmo gênero, o periquito da campina (*B. versicoloris*), que é verde, com as coberteiras maiores das rêmiges da mão azues, rêmiges de braço amarelas claro. Habita a Amazônia e o vale do Rio S. Francisco.

As quatro restantes espécies do gênero são menos vulgares.

Um periquito muito interessante é o cabeça preta (*Pionites melanocephalus*), que tem o alto da cabeça, da base do bico à nuca, de côr negra, a parte superior do corpo verde, garganta, coxas e coberteiras da cauda, amarelas, resto do abdome branco. Habita a Amazônia.

Periquitinho, periquito vassoura, tuim, tuí, são nomes populares de *Psittacula passerina*, um pequeno psitacídeo, que rece-

be, aliás, um outro nome chulo que não registo. Mede 12 13 cents.

Curioso pelo dimorfismo sexual, pois a fêmea é de côr verde clara, uniforme. O macho tem as asas e o uropígio azues. Bico alvacento.

Gracioso e belo periquitinho que vive em bandos, alegrando a floresta com os seus insistentes gritos: "pirí-pirí".

Na época da procriação apartam-se os amorosos pares e lá vão cumprir o preceito bíblico.

Sabem escavar seus ninhos esféricos nos troncos das árvores mortas, mas, quando encontram um ninho do João de barro, aí se instalam visivelmente satisfeitos com o achado.

Com a boa fé de um santo, êsse tuim aninha-se nos jardins, nos pastos, nas plantações e até em ninhos artificiais que se lhes ponham ao alcance. Sua postura, feita de outubro a março, consta de 4 ovos, de 17 a 19 × 14 a 16mm. Os filhotes têm plumagem mais carregada que os adultos: verde enegrecido.

Ocorre êsse periquitinho por todo o litoral, desde Ceará ao R. G. do Sul.

Também amigo de tomar conta da casa de cupins arborícolas é *Conurus aureus*, outrossim chamado periquito rei e jandaia. Tem a parte superior do corpo verde, fronte encarnada alaranjada, marginada de azulado e parte das rêmiges azues.

Fig. 56 — Córte de uma casa de cupim arborícola do Brasil, no qual um periquito (**C. aureus**) faz seu ninho (seg. Hagmann).

Habita quasi todo o Brasil. A Miranda Ribeiro notou o espírito confiado dêsses psitacídeos.

Citaremos os elegantes periquitos *Pyrrhura luciani* e *P. roseifrons*, ambos tão parecidos, que se considerou por muito tempo uma e mesma espécie. A. Miranda Ribeiro julga *roseifron, bona species*. Melhor que a descrição é a figura que damos dêle em côres naturais mais ou menos aproximadas.

JANDAIA — José de Alencar, no seu poema em prosa, *Iracema*, imortalizou a *jandaia*, que deve ser *Conurus jendaya* dos ornitologistas.

Psitacídeo mimoso, de 29 a 32 cents. de comprimento, e que mostra dorso verde, fronte, garganta e regiões inferiores do corpo mineáceas; rêmiges secundárias de côr azul. Em cativeiro alcança notável mansidão e se afeiçoa grandemente ao dono.

Em certas regiões chega a ser considerada praga dos arrosais.

Nos indivíduos novos predomina a côr verde.

Habita Piauí, Ceará e Pernambuco.

Outras espécies também recebem o nome de jandaia, como, por exemplo: *Conurus solstitialis*, um tanto maior e de côr geral amarelo crome. Habita Guianas e Rio Branco.

TIRIBA — (*Pyrrhura vittata*) — Côr geral verde, com a margem da fronte bruno vermelha. O pescoço anterior e o peito são verde azeitonados, com faixas amarelas ornadas de escuro. Barriga vermelha. As rêmiges azues, as retrizes verdes em cima, vermelhas em baixo e na ponta . Bico escuro — A. Miranda Ribeiro obteve em Quebra Frascos um dêsses tiribas albino, o qual tinha o bico branco com a ponta negra, olhos rubros; côr geral amarela cromo e rêmiges brancas no sítio em que a forma comum ostenta a côr azul. Habita o sul do Brasil, desde o Rio Grande e norte de Mato Grosso a Minas e Rio de Janeiro.

TIRIBA GRANDE — (*Pirrhura cruentata*) — Mede 30 cents. e tem a côr geral verde, com cabeça bruno enegrecida em cima, bruno avermelhada na face, côr essa que vai até o ouvido. Nota-se malha alaranjada ao lado do pescoço. O pescoço anterior até o peito é azul, barriga e o dorso baixo são vermelho escuro, escarlate os encontros e as rêmiges azues. A cauda é verde azeitonada em cima, vermelho escura em baixo. O bico alaranjado. E' o maior dos tuins.

Habita os Estados litorâneos, da Baía para o sul, até S. Paulo.

TIRIBA PEQUENO — (*Pyrrhura leucotis*) — Não mede mais de 24 cents. na média. Verde na côr geral e bem se identifica por uma mancha branco cinzenta na região do ouvido. A cabeça é parda com mancha azul na nuca. O dorso baixo e a barriga são vermelhas. Os encontros vermelho e as rêmiges azues.

Ocorre nos Estados litorâneos do Ceará para o sul até S. Paulo.

A propósito da denominação tiriba, diz Rod. von Ihering que devemos considerá-la sinônimo de periquito, pois de S. Paulo para o norte dão êsse nome ao que aquí chamamos periquito.

V

1) PERIQUITO *(Pyrrhura roseifrons)* — 2 TUIM *(Brotogeres tirica)* — 3) CURICA *(Pionopsittaca barrabandi)* — 4) GUARUBA *(Conurus guarouba)* — 5) PAPAGAIO CAMPEIRO *(Amazona ochocephala)*.

CATORRITA — (*Myiopsitta monachus*) — A plumagem desta catorrita, chamada também periquito do pantanal, e que mede 28 cents., é cinzenta na fronte, garganta e papo. O peito igualmente cinéreo, mas lavado de sulferino. Cabeça, coberturas superiores e inferiores das asas, lombo, uropígio, abdome, coberturas da base da cauda verdes. Asas bastardas, barba externa e meio das retrizes azues. Bico amarelo cárneo, pés acinzentados e unhas pardas.

Esta espécie é entre as demais a única que constrói grandes ninhos.

Todos os outros periquitos nidificam em ocos de árvores e apenas aos casais — só a catorrita constrói ninhos grandes, e às vezes fazem diversos na mesma árvore. Êstes ninhos são montões grandes, medindo de meio a um metro, iguais externamente a um baiacú gigantesco, com um cano de entrada lateral. Os gravetos são todos dispostos radialmente e por tal maneira que a ponta grossa fica dirigida para fora. Um boiral saliente, feito com cuidado especial os defende da chuva. Cada um dêstes ninhos é utilizado em comum por diversas fêmeas.

Esta catorrita constitue no sul do Brasil uma praga muito séria para os milharais.

MAÏTACAS — Recebem êsse nome os psitacídeos do gênero *Pionus*, que são formas muito parecidas com os papagaios do gênero *Amazonas*, diferindo dêles por serem de menor tamanho, apresentarem a região perioftálmica nua mais ampla e mostrarem côr vermelha nas penas sub-caudais.

São papagaios em ponto menor, muito espertos e palradores. A. Miranda Ribeiro aponta duas espécies e uma subespécie:

Pionus maximiliani de colorido verde, a fronte, vértice e loros denegridos, pescoço anterior e peito azues, o crisso e coberteiras inferiores da cauda escarlates, as retrizes exteriores têm base escura. Ocorre do Piauí à Argentina e Mato Grosso.

P. mentruus, que ocorre desde Costa Rica pela América do Sul até Mato Grosso, Colúmbia, Equador e Bolívia, é semelhante à anterior, mas apresenta a côr azul na cabeça, pescoço e peito.

Recebem ainda designações especiais vários psitacídeos, entre os quais o sabiá-cica, também chamado araçú-aiava (*Triclaria cyanogaster*).

Apresenta plumagem verde clara. As primeiras rêmiges da mão têm a margem anterior azul. As retrizes exteriores são azues. O macho adulto leva uma faixa azul purpúrea do meio

do tórax às sub-caudais anteriores. Quando em cativeiro durante alguns anos, o sabiá-cica apresenta máculas amareladas. Os amadores de aves canoras apreciam o canto assoviado dêsse papagaio e a denominação sabiá-cica parece significar mãe do sabiá, segundo Rod. Garcia.

Ocorre do Espírito Santo à Sta. Catarina.

XX

OS MARTIM - PESCADORES

> Quando o martim-pescador voa sob a incidência dos raios solares, tem-se a conta de estranho meteóro, todo êle rebrilha, refulge, lançando chispas como se a linda ave se incendiasse no espaço, repetindo, numa ilusória visão, a mentira da fabulosa fênix.

Com a família dos alcedinídeos abrem os ornitologistas a grande ordem dos coraciiformes.

E' nesta família, de enorme distribuïção mundial, que se encontram as aves do mais acentuado cosmopolitismo.

Na realidade, os martim-pescadores vivem em todas as regiões do mundo, até na aridez das estepes, como servem de exemplo certas espécies australianas.

Entretanto, a distribuïção das espécies nas várias zonas do mundo obedece a motivos naturais ainda indeterminados e observa-se de forma irregularíssima.

A região neotrópica recebeu, na distribuïção, um minguado quinhão, enquanto o arquipélago malaio, entre as Celebes e Nova Guiné, constitue o éden dêsses pescadores de raça e ofício.

Lá naquelas ilhas mornas, de rios piscosos e florestas de especiarias rescendentes, alicerça-se o império dos papa-peixes.

O martim-pescador, o elegante e vistoso *Alcedo ispida*, talvez a mitologica alcíone (139), foi que, por importação do colono português, batizou as espécies aquí existentes no Brasil.

---

(139) A propósito de alcione, escreví no "Dic. de Avicultura e Ornitotecnia":

Não se sabe bem se a alcíone pertence á avifauna real, ou é pura e simplesmente uma ave mítica. Alcione, filha de Eolo, conta a mitologia, tendo-lhe o marido Ceix perecido em um naufrágio, de desespêro atirou-se ao mar, mas os deuses comovidos de compaixão converteram Alcione e Ceix em aves.

Algunas naturalistas julgam que esta designação cabe ao martim-

O amerincola dava a essas aves o nome de iaguacatí, segundo Marcgrav, e, ainda, de conformidade com Natterer, o nome de uarirama, nome que se modificou em ariramba, pelo qual é hoje nomeado ainda na região amazônica.

O povo por lá distingue pelos nomes populares tantas espécies quantas entre nós reconhecem os ornitologistas e que são:

"Ariramba grande", aquí no Sul chamado matraca, martim grande, martim cachá, martim cachaça o jaguacatiguaçú dos indígenas: *Ceryle torquata*.

"Ariramba pequeno", martim pescador pequeno, aquí no Sul: *Ceryle americana*.

"Ariramba miudinho", o pigmeu do grupo: *Ceryle aenea*.

Ariramba verde" *Ceryle amazona*.

"Ariramba pintado": *Ceryle inda*.

Os costumes e modo de vida dos ariranıbas são já de há muito conhecidos e pouco diferem de espécie para espécie.

Encontram-se essas aves nas proximidades dos rios, riachos e igarapés, sempre pousadas em ramos de árvores que se vão debruçar sôbre as margens.

Vêem-se, por vêzes, aos casais, mas quasi sempre solitários

Preferem as embocaduras e os deltas dos cursos d'água com vegetação arbórea, os fundos das baías solitárias, onde desagúam os rios, entre ilhotas e enseadas minúsculas por sôbre as margens das quais viceja o mângue (*Rhizophora sp*).

Eleito o galho mais estratégico, alí se instala, e atento, bico calado, remira o espêlho das águas, não embevecido, como Narciso, no encanto de si próprio, mas na esperança dum pequeno pescado.

Não só de peixe vive o ariramba, mas de outros habitantes das águas, especialmente de crustáceos e larvas de insetos aquáticos.

---

pescador, ou pica-peixe, **Alcedo ispida**, L, mas vemo-la não raro confundida com a gaivota ou outras aves marinhas.

São unânimes os escritores de antanho, naturalistas ou simples narradores, em afirmar que a alcíone faz sua postura no inverno, á beira das praias e, durante os sete dias em que dura a incubação, o mar se acalma e nem se desenha a curva duma onda.

A êstes dias de tranquilidade e recolhimento da Natureza, é que os antigos chamavam "dias alciôneos".

Jamais se terá certeza de identificar a alcíone entre as inumeras aves oceanicas, mas a lenda poética bastará para aquietar-nos o prurido da pesquisa científica, trazendo-nos ao espirito a calma, os dias alciônicos da feliz ignorância.

MARTIM PESCADOR GRANDE *(Ceryle torquata)* em cima, macho à direita.
MARTIM PESCADOR PEQUENO *(Ceryle americana)* no centro, macho à direita.
MARTIM PESCADOR MÉDIO *(Ceryle amazona)* em baixo, macho à esquerda.

Tive ensejo de ver um martim-pescador pequeno caçar uma tanajura.

Não conheço observação alguma neste sentido a não ser a de Chapin, (Congo Belga) citada por E. Hegh (140). Diz a informação que certos martim-pescadores (*Halcyon pallidiventris*) são muito gulosos de formigas aladas que êles apanham durante o voo.

A maneira com que consegue arrancar do seio das águas o pescado que mais lhe convém, é um espetáculo maravilhoso e quasi incrível.

Fitando os olhos no peixe, segue-lhe o rastro nas ondulações das águas, calcula sem êrro a distância, junta as asas ao corpo e cai, de chôfre, como uma flexa, sôbre a linfa corrente e, num mergulho, desaparece, para, após revoluteios, emergir, trazendo no bico, ainda palpitante, o apetecido nadador.

Com a presa no bico volta ao pouso de onde se arrojou, e aí, dando-lhe alguns golpes contra o galho, atordoa-a e engole-a, inteira de cabeça para baixo.

Mais tarde rejeita, pelo bico, em pequenas bolas, as escamas e espinhas que não é possível digerir.

Necessàriamente que seus métodos de pescar devem variar segundo as circunstâncias. Os meios que usa nas águas fugidias e correntes, não podem ser os mesmos de que se vale para pescar nas águas tranqüilas dos lagos.

Oscar Monte, que tem sempre despertas as suas qualidades de observador, surpreendeu, certa vez, um curioso ardil empregado por essa ave para atraír o peixe (141).

Conta-nos aquele naturalista que observára um martim-pescador nas suas lides. Pousado num fio telegráfico, que passava sôbre uma lagoa, de vez em quando, mergulhava e trazia um peixinho.

Para melhor atraír o pescado, não muito abundante, valia-se então dum estratagema. Lançava n'água uma isca por êle mesmo fabricada à custa da sua digestão.

Quando aqueles resíduos digestivos caíam n'água, os peixes sempre esfomeados eram atraídos e, então fàcilmente pescados pelo industrioso pescador.

O peixe morre pela bôca e martim-pescador bem sabe disso.

---

(140) "Les Termites" — Bruxelles, 1922.
(141) "Almanaque Agricola Brasileiro", 1926.

Também costumam fazer voos rasantes à flôr das águas, pesquisando a correnteza e, algumas vêzes, voam baixo, sôbre o solo.

Parece que não lhes agrada planar pela superfície do solo e, quando o fazem, é que de preferência soltam um grasnido estralejante, matraqueado, e daí lhes advém o apelido popular de matraca, e de cachá, ou martim cachá dizem outros, e há ainda os estropiadores da linguagem, os fabricantes inconcientes de palavras, que denominam martim-cachaça, como se o grande amigo da água fria fôsse até aos excessos da água ardente.

Aninham-se essas aves em canais que furam nos barrancos dos rios.

Essas galerias têm a profundidade de 50 cents. e, às vêzes, o dôbro, com 5 a 7 cents. de diámetro, terminando numa cuba.

Nessa câmara a fêmea põe de 5 a 7 ovos, brancos, lisos e ovalados.

Quando alguém se aproxima dêsses ninhos, os martim-pescadores enchem-se de receios e esvoaçam lançando gritos angustiosos.

Nota-se que os casais se estimam e vivem sempre juntos.

Na época da incubação o insigne pescador vai para seu rude mister e de volta traz à esposa aninhada tenros e saborosos peixinhos. Nessa quadra do ano vemos sempre os machos desacompanhados.

Quando nascem os filhotes, ambos os progenitores se encarregam de lhes ministrar alimentos.

Dizem que, quando as enchentes chegam a lhes penetrar nos ninhos, os martim-pescadores dalí retiram os ovos e os depositam no solo, onde chocam.

São asseverações fideindignas, da gente ribeirinha, familiarizada com essas aves, é certo, porém ainda mais com mentira e o maravilhoso.

E assim deixemo-las de remissa até esclarecimentos mais seguros.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

MARTIM PESCADOR GRANDE — (*Ceryle torquata*) — Embora seja o maior de todos os da família, seu tamanho regula o do pombo doméstico, 46 a 47 cents.

Nota-se, como de resto em toda a família, certa desarmonia de formas, pelo contraste entre uma cabeça grande e chata, ar-

mada de longo bico e as asas curtas e cauda também pouco longa, tudo montado num corpo relativamente pequeno.

A natureza pouco se preocupou com essas desproporções morfológicas, porque tinha em vista adaptar o conjunto do corpo ao seu especialíssimo meio de vida.

Para compensar-lhe as aparências algo fora das normas, caprichou em lhe dotar a plumagem com as mais vistosas côres.

Pela parte superior do corpo, cabeça, coberteiras das asas e colar peitoral nota-se um cinzento azulado, a garganta e todo o contôrno do pescoço é branco, a aparte inferior do corpo e a inferior das asas são de um vermelho ferrugíneo; a cauda é faixada de verde e branco.

A fêmea assemelha-se bem ao macho, mas existem as diferenças assinaladas na gravura aquí inserta a côres. Quando o martim-pescador voa sob a incidência dos raios solares, tem-se a conta de estranho meteoro, todo êle rebrilha, refulge, lançando chispas, como se a linda ave se incendiasse no espaço, repetindo, numa ilusória visão, a mentira da fabulosa fênix.

O bico nos machos adultos apresenta, às vêzes, na sua parte superior, uma coloração encarnada.

Em Minas, e em certas regiões do litoral, é chamado martim-cachá ou martim-cachaça.

MARTIM PESCADOR PEQUENO — (*Ceryle americana*) — Tem quasi o tamanho de um sabiá. A côr do dorso é de um verde metálico carregado, garganta e colar nucal, que lhe contorna o pescoço, são brancos, asas e caudas pintadas de branco, peito de linda côr ferrugínea, lados verdes, pintados de branco. A fêmea assemelha-se ao macho, mas na garganta e no peito há uma côr ocre clara, sendo êsse último pintado de verde.

Encontra-se desde o Paraguai e Argentina à Guiana, Colômbia, Amazônia, Mato Grosso, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo.

MARTIM PESCADOR MIUDINHO — (*Ceryle aenea*) — E' o pigmeu do grupo, muito menor que o anterior, pois aquele tem 8 cents. de asa, 6 de cauda, 4 de bico e 1 de tarso e êsse, respectivamente, 5,5, 3,8, 2,5 0,5.

E' no entanto muito gracioso com seu mantelete verde bronzeado escuro, que lhe cobre a parte superior do corpo, tendo a fita nucal e garganta dum vermelho ocre, parte inferior de ferrugínea côr; o meio da barriga é branco. A fêmea é igual ao

macho, entretanto a parte superior do corpo mostra-se mais clara.

E' espécie que ocorre da Baía para o Norte.

MARTIM PESCADOR VERDE — (*Ceryle amazona*) — E' o tipo de tamanho médio, entre *C. torquata* e *C. americana*. Tem a cabeça e a parte superior do corpo verde bronzeada, cauda e rêmiges da mesma côr, porém barradas de branco, garganta e pescoço são cingidos pelo colar nucal branco. Barriga branca.

No peito nota-se uma mancha ferrugínea, no macho, enquanto a fêmea tem essa região branca com escassas pintas verdes. Ocorre em todo o Brasil e se encontra, aliás, desde o Paraguai e Argentina até o México.

MARTIM PESCADOR PINTADO — (*Ceryle inda*) — Assemelha-se às duas últimas espécies descritas, sendo maior que a *americana* e menor que a *amazônica*. Distingue-se fàcilmente dessas, por uma listra que vai do bico aos olhos.

Como observação final apenas diremos que as espécies menores são mais confiadas e as maiores mais ariscas.

A *C. americana* é entre todas a que parece depositar maior confiança no homem, naturalmente porque ainda não estudou suficientemente êsse gratuito e inexorável inimigo.

Não consta que alguém cace essas aves, pois sua carne é detestável.

Só por cúmulo de perversidade poderá um caçador desfechar tiros sôbre elas.

Na Europa, entretanto, os martim-pescadores de lá não são bem vistos pelos criadores de peixes.

Êsses pescadores furtivos preferem os alevinos, quer dizer, os peixinhos novos, em crescimento, e, assim, causam prejuízos à piscicultura.

LENDAS

Entre nós não se registam lendas, que eu saiba, sôbre o guarda-rios, como lhe chamam os portugueses, mas nas terras estranhas correm histórias.

Fala-se que secam os ramos das árvores, onde êles pousam e se imobilizam longas horas. À sua pele atribuía-se outrora a virtude de afugentar as traças, mas a verdade é que os próprios martim-pescadores empalhados, nos museus, são roidos por aqueles insetos.

Ainda seus couros guardam outras virtudes, magicâncias miúdas, quinquilharias da sorte, mascateadas pelos fabricantes de amuletos.

Uma pele da referida ave conserva a beleza da pessoa que a trouxer consigo e, se a pessoa fôr feia, pode também ficar tranqüila, que continuará da mesma forma.

A casa em que se encontrar um martim-pescador empalhado não é atingida pelos raios, salvo as exceções já registradas pelos fatos. Dizem também que sua presença no lar promove abundância e felicidade, mas como não há regra sem exceções, os casos contrários provarão sempre a verdade da regra.

XXI

URITUTÚS OU JURUVAS

> Dentre as aves de feição mais original da ornis do Brasil, sem duvida salientam-se udús, tutús, uritutús ou jacús-taquaras, de aspecto misterioso, vida solitária e esquiva, costumes arcaicos e atrazados.
>
> **Alipio de Miranda Ribeiro.**

A enorme ordem dos coraciiformes, entre muitas outras famílias, possue a dos momotídeos, que encerra um punhado de lindas criaturas.

E' uma "nichée" de fadas encantadoras, de vestes aparatosas, caudas longas e côres em profusão.

Èsse desmedido luxo não condiz com seus ares misteriosos e a reclusão no seio da floresta, onde vivem escondidas essas tão lindas aves.

Os naturalistas consideram-nas, no entanto, muito atrasadas na escala zoológica, porque apresentam costumes arcaicos, cousas de outros tempos.

Existem certas espécies africanas ainda assaz arcaicas e atrasadas, que são muito de perto aparentadas com elas.

Para dar uma idéia da primitividade destes bárbaros avoengos, os bucerotídeos — basta dizer que, na época da procriação, o macho enclausura a fêmea no oco duma árvore e aí levanta uma parede de barro como procediam os ciumentos maridos da idade média com as esposas... um tanto evoluídas para aqueles tempos.

Não as emparedam totalmente, pois deixam uma abertura por onde só passe o bico da prisioneira. Encarregam-se então de alimentá-las enquanto incubam.

Èsses hábitos, um tanto severos, devem ter uma origem ainda ignorada.

Será que aquelas fêmeas já praticavam a limitação da natalidade?

Não seria uma medida extrema, adotada pelos machos, para evitar assim o desaparecimento da espécie?

Passaremos a descrever uma das juruvas (142), talvez mais conhecida por uritutú e jacú taquara (*Momotus momota*).

A espécie em foco e suas parentas têm o tamanho de um anú.

Ostenta ampla máscara negra que lhe vem dos lados das narinas ao ouvido. As penas auriculares, negras, formam suissas. Cerdas da mesma côr implantam-se na base da mandibula.

Todo o alto da cabeça é negro ferrugíneo, até o alto do pescoço onde vai desmaiando.

Dorso, parte superior das asas, cauda, são verdes e vagamente colorida de ferrugínea còr na parte anterior do corpo; uma côr olivácea toma até o meio do torax, onde se nota uma faixa côr de ferrugem. Abdome e tetrizes inferiores verde azuladas: rêmiges primárias, com barba externa azul.

As retrizes têm o meio da parte terminal azul, na página superior. A cauda é longa (25 cents.) e tem um trecho desprovido de penas, seguindo logo após da parte final da cauda emplumada, segundo se vê na gravura.

Fig. 57 — Juruva (**Baryphthengus ruficapillus**).

Não se atinou, ao comêço, com a razão dessa falha de penas caudais, que deu motivo, aliás, à lenda que teremos ensejo de contar.

---

(142) Nada menos de oito, entre espécies e sub-espécies desta família recebem indiferentemente os nomes de juruva, jeruva, udú, uaú, tutú uritutú, jacú-taquara, formigão, galo do mato.

As espécies têm grande semelhança entre si e daí serem englobadas pelo povo em a mesma denominação, que varia apenas de lugar para lugar.

Fig. 58 — Detalhe da cauda da juruva.

Durante algum tempo supôs-se que a ave, ao roçar com a cauda nas bordas do ninho, lhe causasse o desgaste.

Observações seguras, testemunhadas até em aves no cativeiro, provaram que a própria juruva era a autora do arrancamento das penas naquela região.

Quais os motivos?

Coquetismo feminino? Desejo de tornar mais bela a sua aparatosa cauda?

Parece que se trata, simplesmente, de uma necessidade. Sendo assim tão rabilonga, na época da postura, e, sobretudo, do chôco, não se acomoda bem dentro do ninho.

Resolveu então cortar as penas que roçavam nos bordos.

Precisamente naquele sítio é que faltam as barbas das penas que ela arranca com o bico.

Obedecendo à força do hábito, mesmo em cativeiro, sem o motivo justificado, procede à operação instintivamente.

Quanto aos hábitos das juruvas, sabe-se que vivem no recesso da mata e nem são vistas nas regiões lindeiras dos campos.

Ariscas propriamente não são, testifica Goeldi, que teve oportunidade de observá-las de perto. Em geral gostam de passear pelo solo em prócura de insetos, trabalho a que se entregam com grande afã. O regime insetívoro constitue o forte de sua alimentação, mas parece não desdenharem outros seres como camondongos, pequenas aves, segundo o naturalista acima referido.

Quando deixa o sólo não costuma alcandorar-se, mas de preferência, voeja daquí para alí, sempre em galhos baixos.

Ao mudar de pouso, emite um plangente brado, que é uma pequena série de *ú ú ú* seguidos, inicialmente mais fortes, e, após, morrentes.

Ouve-se de longe a emissão sucessiva destas vogais sem resonâncias, de sons sombrios e tristonhos, como uma nota grave de órgão.

Quem freqüenta a mata de certas regiões brasileiras não se esquecerá do apêlo cheio de mistérios do udú — uma das vozes mais melancólicas e caracteristicas das nossas florestas.

Sempre que muda de pouso, lança o seu grito e acompanha-o com um movimento pendular de cauda.

Aninha-se, segundo Burmeister, em buracos de troncos e seus ovos, em número de dois, são de côr branca. Há quem afirme que o udú faz o ninho no chão.

Descrita uma espécie, tem-se uma idéia das demais, pois pouco diferem entre si.

Ao todo são quatro espécies do gênero Momotus (143) na maiorio ocorrentes no norte do Brasil, sendo que *Momotus momota subrufescens* bem conhecida por uritutú, é muito corrente em S. Paulo, Minas e Mato Grosso.

Das quatro espécies do gênero *Baryphthengus*, a *ruficapillus*, o jacú taquara, ou juruva do vocabulário popular, é muito comum desde o Espírito Santo e Goiás até Rio Grande do Sul.

Goeldi encontrou-o em Nova Friburgo e aquí na capital, no Corcovado e na Tijuca.

LENDAS

Certa madrugada, ao abandonar o ninho, a juruva avistou, na clareira da floresta, a Mãe do Fogo, que se lamentava debulhada em lágrimas.

Cansada pelos trabalhos diurnos, a lacrimosa Vesta tupi dormira demais e não pudera conservar o fogo com que se acenderia o sol para iluminar a terra (144).

— Que será do mundo, qual será o tremendo castigo que cairá sôbre mim, por esta falta imperdoável, clamava a infeliz deidade.

Condoeu-se-lhe da sorte a juruva, que o acaso alí conduzira, e procurou reanimá-la.

---

(143) Acinjo-me ao estudo de ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO — "Corácias brasileiros" — Bol. do Mus. Nac., Vol. VII, n. 1, 1931.

(144) O culto do fogo vem de épocas imemoriais. "Os árias, quando se dissolveram em tribus, levaram êsse culto quer para as margens do Ganges, quer para as do Mediterraneo" (FUSTEL DE COULANGES — "A Cidade Antiga").

No fundo de todas as velhas religiões percebem-se vestígios dêsse culto.

Em inúmeras lendas dos povos precolumbianos nas terras americanas vamos encontrar o fogo como um motivo de cuidados e desvelos, o que parece grandemente significativo.

Seria fácil juntar á lenda acima outras tantas de absoluta similitude,

— Por que te afliges? Talvez não se haja extinguido de todo o fogo que existe na terra.

— Não creias que se possa remediar tão grave falta: vá, pois, corre ao teu ninho, para que morras junto de teus filhos. O mundo vai-se acabar por culpa minha.

— Ainda não está tudo perdido, tornou a animosa ave, espera-me aquí. Vou a casa de um velho pagé onde o fogo não cessa de brilhar.

E num vôo rápido, flechou em direção a serra longínqua, ainda mergulhada no nevoeiro da ante-manhã. Despertou o pagé e contou-lhe a desgraça que ameaçava a Mãe do Fogo.

— Estou velho. Trôpegas são as minhas pernas. Como poderei levar tão longe o fogo, que reanimará o mundo?

— Escolhe tu mesmo pagé, uma boa brasa, ajeita-a aquí entre as penas da minha cauda e eu a levarei rápido.

E assim tomou a mais viva brasa entre as penas de sua longa cauda e transportou-a.

A Mãe do Fogo recebeu-a radiosa e disse-lhe: "O pagé é a prudência e tú, juruva, a inspiração. Salvaste o mundo".

— Salvei o mundo, mas queimei as penas da minha linda cauda e ninguém me dará outras, sentenciou a ave.

Assim se explica porque as penas caudais daquela ave apresentam uma falha próxima à ponta.

---

em que determinadas aves se encarregam de procurar o fogo, que estava quasi extinto.

Uma dessas histórias míticas explica a vermelhidão da cabeça do perú, porque êsse se encarregara de soprar um fogo semi-morto atiçando-o. O beija-flor está envolvido no furto de brasa dum fogão doméstico, o que lhe ia custando a vida, se lhe não valesse a proverbial ligeireza.

O japú repete a façanha de Prometeu, se não foi êsse que repetiu a daquêle, indo ao céu buscar o fogo que se extinguira na terra e por isso ficou com o bico vermelho.

XXII

URUTAUS, BACURAUS E CURIANGOS

El urutaú es de los pájaros mas famosos por las patrañas sin número que de él refieren.

Azara.

A família dos caprimulgídeos (145), a qual pertence á ordem muito grande dos coraciiformes, encerra grande número de aves de hábitos noturnos.

Como passam o dia em esconderijos e surgem com as primeiras sombras crepusculares, o povo as tem em conta de sêres algo misteriosos.

Cerca-lhes a vida de lendas, tece nimbos de côres amedrontadoras e atribue a algumas espécies altas e numerosas virtudes.

Mas os bacuraus e seus companheiros de tarefas noturnas, notâmbulos de profissão, curiangos, urutaus, mede léguas, mãe da lua, nem por trabalharem dentro dos véus da noite, podem inspirar terror ou repulsão.

São até, por certos aspectos, aves simpáticas, utilíssimas, porque vivem da caça de todas as espécies de insetos que fazem vida noturna.

O voo dessas aves é silencioso como o das corujas, pois a sua plumagem compõe-se de penas macias, sedosas, feitas para deslisar, sem ruído, no ar.

Gostam algumas de soltar, na calma da noite, exclamações de alegria, apêlos aos companheiros, e essas vozes, por vêzes gargalhantes, que a treva e o silêncio emprestam entonações macabras, interpreta-as o povo de formas várias, com que batiza a ave: tabaco bom, sebastião, joão-corta-pau, etc.

---

(145) **Caprimulgidea** é nome latino, formado de capra (cabra) e **mulgeo** (mungir). Tal designação prende-se á velha crêndice que atribuia aos bacuraus a faculdade de mamar nas cabras.

As designações populares de curiango e bacurau são indistintamente dadas a todos os membros desta família, à exceção das do gênero *Nyctibius,* que se reconhecem por urutaus.

Para dar num traço o distintivo da família, basta dizer que possuem cabeça larga e chata, olhos grandes, e bôca enorme, cujos ângulos chegam até atrás dos olhos.

Goeldi retrata-as bem, quando diz que, pelas formas exteriores, se parecem com os andorinhões e andorinhas, de um lado, e, por outro, com os surucuás.

Quanto à maneira de nidificarem, todas o fazem no chão, quasi sempre próximo a um arvoredo. Dessa norma se desviam totalmente as espécies do gênero *Nyctibius,* os urutaus, que põem os ovos nas árvores, muito particularmente no oco dos troncos.

Algumas espécies dormem nas árvores e outras no chão, como *Podager nacunda* e *Hydropsalis torquatus furcifera,* que se acomodam rente à vegetação, procurando confundir a côr das penas com a do meio.

Como já ficou dito, todas essas aves se alimentam de insetos, que apanham, no voo, à semelhança das andorinhas.

José Leonardo de Lima (146) teve ensejo de verificar que *Chordeiles virg. virginianus* voa de bico aberto e assim caça.

Pelo conteúdo estomacal da espécie citada, pôde assegurar-se que os insetos mais abundantes alí eram coleópteros.

As mariposas noturnas parecem constituir o prato de resistência de algumas outras espécies, notadamente as do gênero *Hydropsalis,* junto ao pouso das quais se encontra o solo juncado de asas.

A. Hempel, em S. Paulo, observou bacuraus, ao anoitecer, procurando insetos em culturas do algodoeiro.

A riqueza destas aves entre nós (a ponto de Natterer ter colecionado 28 espécies) explica-se pela abundância de insetos noturnos, que lhes constituem a principal alimentação.

Conquanto os caprimulgídeos se encontrem espalhados por todas as partes do mundo, salvo algumas ilhas do Pacífico e Nova Zelândia, a região neo-tropical é o seu paraiso, cabendo ao Brasil quinhão vultoso, mais de trinta espécies.

Certas espécies têm hábitos migratórios, como por exemplo, *Chordeiles virg. virginianus,* acima referida, que é da América do Norte, mas de lá foge no inverno e surge no Brasil e Argentina entre janeiro e fevereiro.

Dêste mesmo gênero ocorrem entre nós três espécies.

---

(146) **"Observações feitas a propósito de um bando de curiangos"** — Rev. Mus. Paulista, Vol. XVIII, p. 343.

E' curioso recordar que o príncipe de Wied encontrou dois ovos de *Chordeiles acutipennis*, postos na areia da praia, sem maior cuidado. Alí mesmo, em pleno dia, teve ensejo de surpreender aquela espécie dormindo.

Por essas e outras é que o povo lhes prega os apelidos de preguiça e dorminhoco, nome pelos quais alguns são conhecidos.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

URUTAU PEQUENO — (*Nyctibius griseus*) — Mede uns 40 cents. de comprimento.

Como os demais de seu grupo, não apresenta formas elegantes, ao contrário, tem um feitio muito desharmônico.

Uma enorme cabeça, que nos faz lembrar a de um batráquio, como esta provida duma bôca de desmedido tamanho, abriga olhos arregalados, de iris amarelo limão.

O conjunto não inspira simpatia, mas surprêsa. A côr geral é pardo cinzento com manchas pretas. A cabeça e a nuca são de côr parda formando como que um capuz jogado para o centro do dorso. As asas de uma côr cinza negrusca têm penas negras nas extremidas.

A garganta, a região ventral, e as coberteiras inferiores da cauda são alvacentas. As penas do peito têm manchas pretas na ponta.

Sabemos já que estas aves, além de pouco conhecidas, em virtude de seus hábitos noturnos, não resistem ao cativeiro.

Há no entanto uma observação sôbre um urutau da espécie que estamos tratando, o qual viveu um ano cativo, alimentando-se de carne cozida, picada e misturada com alface (147).

De dia permanecia imóvel, na postura que o vemos na gravura, mas, se algo o inquietava, então tomava a atitude de intranquila expectativa, assinalada no outro desenho, ambos feitos sob fotografia da ave.

Bastava tocar as teclas de um piano ou fazer outro insólito ruido, para que se alarmasse, pondo todos os seus sentidos alerta e tomando aquele jeitão de quem procura disfarçar-se, imobilizado junto ao tronco, num mimetismo defensivo muito evidente.

Quando cativo, habituou-se, entretanto, ao regime e aos tratadores, aos quais conhecia, procurando captar-lhes a amizade, beliscando-lhes os dedos sem malévolas intenções.

---

(147) "El urutaú o cacuí en cautividad" — "El Hornero" — Vol. VI, n. 1, 1935.

Deixava que lhe acariciassem a cabeça, mas não gostava que lhe segurassem a cauda ou as asas.

À noite mostrava-se inquieto, batendo as asas, saudoso das sortidas noturnas. Durante o tempo que passou no presídio, jamais soltou aquele grito lamentoso que causa arrepio aos supersticiosos; limitava-se a um cacarejo, quando o molestavam.

Fig. 59 — Urutau, em posição natural. (**Nyctibius griseus**).

E assim viveu durante um ano, até que não suportando uma crise de muda, morreu, legando a pele, tàcitamente, ao Museu Argentino, onde se encontra.

Os urutaus aninham-se em árvores mortas, quasi sempre no tôpo de um tronco, onde põem de um a dois ovos elípticos, de côr branca, com manchas violetas e outras mais largas pardo avermelhadas.

Outras espécies do mesmo gênero ocorrem, conhecidas sob igual nome, como *N. aethereus*, que é bem maior que a anterior, chegando a medir 50 cents. de comprimento. A côr geral é pardo avermelhada em cima, com estrias longitudinais e salpicos pretos. O vértice é bruno escuro, a garganta cinzenta e a barriga esbranquiçada.

A maneira com que sabem disfarçar-se torna difícil encontrá-los na mata, e daí a denominação indígena urutau (uirá-tau-i = pequeno pássaro fastasma).

Olivério Pinto (148) descreve o seguinte episódio:

---

(148) "**Aves da Baía**" — Rev. Mus. Paulista, t. XIX — S. Paulo, 1935.

"O mimetismo defensivo de que essa ave dá exemplo é provàvelmente o mais curioso de quantos se conhecem nos sêres da sua classe.

Pode a qualquer um que premeditadamente ande à sua procura na solidão da mata, acontecer que a encontre em sua clássica posição de absoluta imobilidade sôbre a ponta de um galho sêco, confundindo-se tão perfeitamente com êle, que, mesmo à distância de um golpe de vara, se fica indeciso entre tê-la realmente diante dos olhos ou sêr-se vítima de traiçoeira ilusão.

Foi o que me ocorreu com o exemplar trazido do alto Rio Jucurucú; certamente ainda lá estaria depois de meu encontro com êle, face a face, se não fôsse o imperceptível movimento de cabeça com que se traíu, no momento mesmo em que já me ia, convencido que o estranho vulto nada mais era que a ponta do pau apodrecida escolhida para posadoiro".

Deste gênero ainda se apontam mais três ou quatro espécies, entre as quais *N. grandis*, o gigante entre os de seu grupo, pois mede 55 cents. de comprimento, de côr geral esbranquiçada, pintada finamente de preto e espalhada por quasi todo o Brasil.

E' muito conhecida por mãe-da-lua, ou mandalua, e em noites de luar, gosta de empoleirar-se em um tronco nú e entoar uma melopéia que o povo traduz: *Meu filho foi, foi, foi.*

Fig. 60 — Urutau, em atitude muito característica de alarme ou receio.

CURIANGO — Entre os vários curiangos, um dos mais conhecidos, é *Nyctidromus albicolis*, também chamado bacurau, e no Estado do Rio, ainda mais conhecido pelo nome de mede-léguas.

E' espécie relativamente grande, mas não passa de 30 cents., e distingue-se das do gênero *Caprimulgus,* pelo tarso nú.

A parte superior do corpo é pardo amarelada, com pintas pretas delicadas, finas, e algumas manchas de igual côr; garganta branca, e abdome pardo amarelado listrado de traços pretos.

As três retrizes exteriores são em grande parte brancas, estendendo a côr branca mais com a idade. A fêmea é menor e tem as côres menos vivas e menos branco na plumagem.

E' o companheiro infalível de todos os que sulcam as estradas pelo interior do país durante a noite. O seu hábito é curioso. Pousa no solo limpo do caminho, por onde segue o viandante, e alí se planta, até quasi ser tocado pelas patas da alimária, e então levanta de novo o voo, para de novo pousar a 20 metros mais adiante, onde, novamente, ao sêr quasi atingido, repete a mesma manobra.

E assim vai, nessa tarefa infinita, o estranho medidor de estradas.

Aqui, na estrada Rio-S. Paulo, têmo-lo visto no seu singular fadário, pousando à frente dos automóveis rápidos, com os quais já se familiarizou e sob os quais de vez enquando perde a vida.

Como as demais espécies, aninha no solo, entre folhas sêcas, e fia-se de tal modo na propriedade que possue de se confundir com o meio ambiente (homocromia), que só levanta o voo quando quasi se acha ao nosso alcance.

A propósito de seus ovos e ninhos escreve Euler:

"Achei várias vezes os seus ninhos na capoeira, ao pé de uma árvore, ou nos cafezais, por baixo de um pé de café. Êste bacurau evita a mata fechada, preferindo os lugares abertos, onde se encontra tanto nos morros como nas várzeas. Os seus 2 ovos pousam sem preparo na terra numa ligeira escavação. Êle é extremamente sensivel no chôco; tocando nos ovos, raras vêzes os achei outra vez no dia seguinte, o que me faz crêr que êle sabe transportá-los de qualquer modo. Freqüentemente encontrei os ovos escondidos debaixo de folhas sêcas; mas não posso afirmar que o fato era oriundo da ave, apesar de que não hesito em acreditá-lo, pois que caçadores me asseveram que o bacurau tem êste costume, que quadra perfeitamente com os ares misteriosos próprios da família. Em fins de setembro achei ninho com filhotes recém-nascidos; em fins de outubro outros com ovos, e mais tarde, em janeiro, de modo que se devem admitir 3 posturas por ano. A forma dos ovos é perfeitamente elíptica; o seu comprimento é de 26 1/2 mm. e a largura 20 mm. Côr branca; na extremidade posterior vêem-se vários pingos de côr vermelho-violeta, alguns dos quais passam para a ponta anterior.

O tom dêstes desenhos é muito fraco e desaparece quasi depois do ovo esvasiado. O príncipe Wied, III, pg. 340 e Burmeister, II, pg. 389, dão descrições resumidas dos ovos desta espécie, de acôrdo com as minhas observações".

Quando o luar enche de brancura as vastidões dos campos, é freqüente observar, empoleirado em galho sêco, a hirta silhueta do curiango com os olhos extasiados, soltando da enorme garganta as notas melancólicas e fortes de seu canto. A gente sim-

Fig. 61 — Bacurau (**Nyctidromus albicolis**).

ples do Norte interpreta os diálogos que então se travam entre macho e fêmea como a disputa dum casal que se injuria:

— João corta-pau
— Maria angú
— João corta-pau
— Maria angú

E assim vão êles pela vida fora, sempre trocando doestos, mas sempre juntos, como certos casais de bípedes implumes.

CURIANGO-TESOURA — Recebem êsse nome quatro ou cinco espécies de curiangos ou bacuraus, como queiram, que arrastam uma longa cauda.

O mais conhecido, *Hydropsalis torquata*, possue aquele apêndice com 68 a 73 cents. de comprimento, o que equivale dizer que três vezes passa o tamanho de seu corpo, segundo Goeldi.

Os seus congêneres rabilongos são mais modestos no comprimento dêsse apêndice. Essas aves encontram-se à borda das matas, mais geralmente, onde as vêmos em voos lentos e a pouca altura do solo.

Apontamos, como exemplo desta rica família de aves, sòmente as que aí ficam, o que parece suficiente para se fazer uma idéia dos seus hábitos.

LENDAS

Já Azara fazia notar que o urutau era ave das mais famosas pelo sem número de patranhas que, a seu respeito, andam pela boca do povo.

Entre essas histórias podemos distinguir as de origem autóctone, que fazem parte do patrimônio da Zoologia mitológica tupi-guaraní, e outras filhas da superstição de caboclos, quer dizer índios catequizados e os vários mestiços aqui engendrados.

Uma história mítica, em sua pureza extreme, é a que passamos a narrar.

Nheambiú, moçoila guaraní, notável pela sua beleza e por ser filha do cacique que submetera as tribus tupis da região do Iguassú, sentia-se tomada de intensa paixão por Cuimbaé, guerreiro bravo e generoso, prisioneiro de seu pai.

Cuimbaé amava também, loucamente, a joven guaraní.

O cacique não permitia, entretanto, naquela união, e a filha, obediente, chorava em silêncio a infinita mágua daquele amor sem esperança. (Romeu e Julieta nas selvas americanas).

Mas um dia, já cansada de sofrer, consultou novamente os pais.

— Então, meus pais, será que ainda persistis em não me deixar casar com Cuimbaé?

— Filha nossa, lhe responderam os pais, és jovem demais para ser mãe e, ainda, acresce que não deves, nem podes casar com um homem da raça tupi, que sempre foi nossa cruel inimiga.

— Maior crueldade é a vossa, disse Nheambiú, não podendo sofrear mais a revolta contra a intransigência de seus pais.

Poucos dias após a jovem desaparecia da casa paterna.

O velho cacique, ao saber do acontecimento, abalou com seu povo para a floresta em procura da fugitiva, que êle tanto amava.

No mais recôndito da mata encontraram Nheambiú, mas a jovem permanecia ante êles, imóvel, como um ser estranho, sem

dar palavra nem sinais de nenhum sentimento. Dir-se-ia uma estátua de pedra.

Só Aguará-Payé, tão feio quanto sagaz adivinho, poderia dar remédio àquela tremenda desgraça.

O feiticeiro então procurado, assim falou aos pais da desventurada:

— Nheambiú perdeu para sempre a sensibilidade e a fala; só uma grande dôr a reanimará.

Vamos vê-la. E fôram de novo para as florestas do Iguassú, por onde errava a fugitiva.

Dela se acercaram todos e então lhe anunciaram a morte de pessôas de sua amizade, uma a uma, e nem a noticia da morte dos pais a comoveu.

Então, Aguará-Payé, adiantou-se e, pausadamente, disse a Nheambiú:

— Cuimbaé acaba de ser morto.

Todo o corpo da moça se agitou num estremecimento indescritivel. Nheambiú, soltando repetidos lamentos, desapareceu instantâneamente aos olhos assombrados dos que alí estavam e que cheios de dôr se convertem em árvores, enquanto Nheambiú, transformada na ave chamada urutau, escolhe os mais velhos e desfolhados ramos daquelas árvores amigas, para chorar eternamente a desventura de seu amôr.

Dessa lenda, que nos conta Granada (149), creio que nasceu a crença nas virtudes das penas do urutau, em matéria de cousas amorosas.

Carta de amôr, escrita com pena de urutau, tem logo resposta satisfatória.

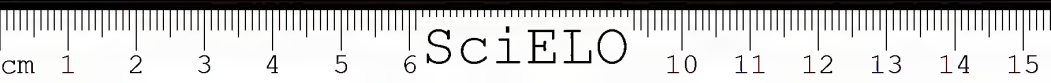
O pretendente à mão da sua dulcinéia pode ficar em casa descansado, que ela vem, por seu próprio pé, procurá-lo.

Ainda cremos que à mesma lenda se prende a crendice referida, em primeira mão, por José Veríssimo (150) sôbre as virtudes da pele do urutau, chamado jurutauí na Amazônia.

Vamos transcrever as palavras daquele erudito escritor: "A pele da ave notívaga jurutauí preserva as donzelas das seduções e faltas deshonestas. Conta-se que antigamente matavam para isso uma dessas aves e tiravam-lhe a pele que, sêca ao sol, servia para nela assentarem as filhas, justamente nos três primeiros dias do início da puberdade. Parece que essa posição

---

(149) D. DANIEL GRANADA — in "Reseña Historico-Descritiva de Antiguas y Modernas Supersticiones del Rio de La Plata" — Montevidéu — 1896.

(150) "As populações indígenas e mestiças da Amazônia", in — Rev. do Instituto Histórico.

era guardada por três dias, durante os quais as matronas da família vinham saudar a moça, como apta para ser mãe, aconselhando-a a ser honesta. No fim dêsses três dias a donzela saía "curada", isto é, invulnerável à tentação das paixões deshonestas a que seu temperamento, destarte modificado, a pudesse atirar.

"Hoje, segundo pude por mim mesmo averiguar, parece que se limitam apenas a varrer o chão sob a rede da noiva com as penas da cauda do jurutauí, para conseguir o mesmo fim, isto é, a tranqüilidade de ânimo, como garantia da honestidade da futura esposa."

Ora aí está uma indústria de futuro: o fabrico de vassouras de penas de jurutauí.

Mas os cabos de tais vassouras devem ser de boa madeira, rijos, pois se falharem as varridelas profiláticas, pode-se apelar para a virtude do cabo de vassoura...

O que acima contamos sôbre o urutauí, é a história mítica, segundo as tradições guaranís, mas vemos uma variante tupí, na recente obra de Raimundo Moraes (151) que passamos a transcrever:

"Ainda só havia treva no mundo quando a filha do Taquarussú, poderoso tuchaua da nação aruã, que residia na ilha de Marajó, apaixonou-se por um guerreiro cariúa (branco), egresso do mar, e com êle desapareceu. Mal porém a maria-já-é-dia anunciou o sol, correu a notícia. Alvoroçada a maloca ao sumiço da cunhantã, o pagé invócou, ao som do maracá e numa prece fervorosa, a proteção de Tupã. A tribu toda assistia àquele ritual comovente. Mas os deuses ouviram e se emocionaram ante o lance do amor; e logo a rapariga, fugindo ainda, se transformou numa ave noturna e fantástica — urutaí (*Nyctibius grandis*) que ao primeiro gemido melancólico, triste como um soluço, fez abrir no céu a barquinha da lua em quarto crescente, alva lanterna de prata destinada a vigiar os namorados, a deter-lhes as arrancadas.

E num estrondo de trovão sêco e imprevisto naquela noite de luz indecisa, branca e merencórea, apareceu a maior divindade autóctone, assim falando ao chefe da tribu, sucumbido pelo golpe que lhe desfechara o destino: "Tua filha, agora, além de ser mãe da lua, protetora de todos os vegetais, representa, na ave em que se metamorfoseou, o símbolo da castidade. Seus gritos dolorosos, desde que o sol desaparece até que rompe a aurora, significam não só o arrependimento de ter abandonado a

(151) **"Aluvião"**, pg. 215 — Rio, 1937.

casa paterna sem a bênção da família, como também o aviso aos incautos, aos feridos no coração, aos que deliram de amor. Toda a donzela que desejar ser esposa fiel, carinhosa, dona de casa, mãe exemplaríssima, basta varrer o chão de sua rede com as penas do urutaí, além de ter as suas costuras em balaítos tecidos com a plumagem deste pássaro, para obter o dom da virtude".

E logo um aroma de baunilha flutuou no espaço. Vem daí o hábito de as noivas da planície, ao bater da Ave-Maria, limparem as esteiras estendidas por baixo das próprias redes, com as penas maravilhosas daquele voador. A delicadeza e o tom moralista deste ingênuo raconto do nosso largo fole-lore, torna a lenda do urutaí a mais bela talvez de quantas se tenham condensado na projeção literária do vale."

XXIII

ANDORINHAS E ANDORINHÕES

> Há, por acaso, na nossa literatura, poesia mais emocionante que o rítmico bater de asas de uma ave peregrina no mais alto do céu?
>
> **Axel Munthe.**

Certas aves da ordem dos coraciiformes e família dos cipselídeos assemelham-se tanto às andorinhas (pássaros da família dos hirundinídeos) que o povo assim as denomina.

Se é certo que recebem aquele nome, não é menos verídico que, geralmente, tais aves são mais conhecidas por andorinhões.

O nome assim, no aumentativo, melhor lhes cabe, pois, no aspecto geral, são andorinhas um tanto graúdas.

Como as verdadeiras andorinhas, nutrem-se exclusivamente de insetos, que caçam durante os seus longos e incessantes voos.

Observando-se andorinhas e andorinhões, nota-se grande diferença em seus voos; enquanto o daquelas se realiza, geralmente, à flor do solo, ou a pouca altura, o dêstes se executa sempre nas altas camadas atmosféricas.

Na arte de voar sem dúvida sobreexcedem a andorinha vulgar, e preferem realizar seus giros após o meio dia.

Outro característico, que extrema os andorinhões das suas primas, é que êles voam e caçam calados, e elas tagarelam, femininlmente, soltando trinços tão repetidos em certa ocasião, que S. Francisco chegou a dizer-lhes: "Irmãs andorinhas, não será possível que vos caleis".

Quanto ao ninho, teremos ensejo, mais adiante, de conhecer a organização estrutural do de *Panyptila cayenensis*[1] pela observação direta feita por um dos mais subtís observadores da vida das aves do Brasil, o zoólogo Goeldi, a cujos estudos a cada passo recorremos.

1 – Sick, H. - 1947 - Rev. Bras. Biol., 7(2): 219-246 ("O nin... ... etc.")

Os andorinhões em matéria de ninhos, são um tanto ecléticos, mas a maioria das espécies preferem as fendas dos rochedos. O colecionador H. Smith, citado por H. Ihering, (152) fala em ninho debaixo duma pedra sôbre a qual passava a água de uma cachoeira.

Ainda não faz muito que Alipio de Miranda Ribeiro (153) verificou que *Streptoprocne zonaris* se aninha nas rochas por trás da queda das águas, confirmando assim o que Naumburg dava como consta.

Eis o testemunho de Miranda Ribeiro que vale transcrito:

"E' isso um fa-

Fig. 62 — 1) Ninho do andorinhão, aderido a um tronco. 2) Parte superior do ninho, vendo-se a disposição interna. 3) Corte longitudinal do ninho, mostrando o dispositivo interno, destinado a receber os ovos.

(152) **"Catálogo crítico comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil"** — Rev. Mus. Paulista — Vol. IV, pg. 255.

(153) **"Considerações preliminares sôbre zoogeografia brasílica"** — "O Campo", dez. 1937.

to de que posso dar testemunho ocular; à tarde reúnem-se êsses andorinhões em grandes bandos, circulando lentamente sôbre as cataratas, em altura extraordinária; em certo momento, daí fechando as asas, deixam-se cair um após outro, espaçadamente, como frutos maduros, sôbre a borda do abismo ao lado do rio, justamente no vértice do ângulo formado pelo lençol d'água que se despenha e o muro da rocha; e então retomam o voo em curva curta e rápida para se agarrarem às anfractuosidades e pentram nas fendas do arenito, onde a água não chega. Pode parecer, a princípio, que êsse fato seja irrealizável; não há tal, pois que um amplo espaço enxuto medeia entre o lençol d'água e a parede vertical das cataratas; em certos casos é possível passar entre a água e a parede, e eu próprio, em Salto Belo, percorrí dois terços da largura do rio a pé, encostado ao paredão de arenito, no que fui seguido por dois membros da expedição que estavam comigo, e umas cem pessoas podem perfeitamente aí se ocultar sob a queda d'água, sem serem vistas da barranca do rio."

Não se sabe, aliás, muito mais coisas sôbre os costumes das aves desta família, aliás pequena, com uma dúzia ou pouco mais de espécies.

Há, entretanto, uma espécie que se viu envolvida injustamente em um *imbroglio* de feitiçaria e só por êsse motivo teve seu nome em letra de fôrma. Há entre os humanos casos idênticos de indivíduos se tornarem célebres até por um êrro tipográfico.

Entretanto êsse engano de que foi vítima o andorinhão *Panyptila cayanensis*, também chamado uiriri, na Amazônia, não lhe trouxe honras nem proveitos e, ao invés, teve, por êsse motivo, a propriedade depredada sistemàticamente (154).

Descrevem-no como avezinha mimosa, toda preta, exceto a garganta, coleira, mancha ao lado do uropígio, mancha nas barbas exteriores das retrizes laterais, que são brancas e de igual côr as margens estreitas das rêmiges. O comprimento das asas é de 12,3 cents. e da cauda 5,8 cents.

Se a ave nada tem de original, o mesmo não acontece com seu ninho, que durante muito tempo o povo supunha pertencer ao cauré.

Êsse ninho tem o formato de uma bôlsa, com pouco mais ou pouco menos de um metro de comprido, e a ave o constrói ao longo de um tronco de árvore.

---

(154) Vide parte em que nos referimos ao gavião cauré.

As paredes dessa bôlsa são tecidas com paina e outras fibras de vegetais, ainda não bem determinados. Uma parte da parede, que tem 1 centímetro, de espessura é grudada ao tronco, como se vê do desenho junto.

Dentro desta bôlsa, no terço superior, existe uma prateleira, em forma de tijela, que é o local onde são depositados e incubados os ovos.

A entrada do ninho é por baixo.

Goeldi, estudando êsse ninho singular e conhecendo os hábitos de outras aves aparentadas com o andorinhão, que tem na famosa salangana asiática um remoto avoengo, fêz as seguintes observações:

O ninho de *Panyptila cayanensis*, dêste "pseudo-cauré", é, como acima já deixamos entrever, uma bôlsa considerável de perto de 1 metro de comprimento, quando pronta. Excetuando uma ponta romba na inserção superior, conserva aproximadamente o mesmo diâmetro desde em cima até em baixo. A parede exterior por toda a parte mais ou menos de 1 centímetro de espessura, é tão sòlidamente colada e amalgamada com as suas beiras à casca da árvore de maneira que não é muito fácil separá-la do substrato. Diminue a sua grossura um pouco em baixo, onde se encontra a abertura de entrada, grande e quasi circular. O material exterior é, como dissemos, uma lã vegetal de côr amarelácea uma "paina" como se costuma dizer no sul do Brasil para a lã que adere às sementes das paineiras (*Eriodendron sp*) árvores que no Norte se conhecem pela designação indígena de "sumaúmas". Se é certo, por um lado, que êste material se constitue exclusivamente daquelas plumas lanuginosas, que se elevam sôbre as sementes de não poucas famílias de plantas e que a terminologia botânica designa com o nome de "pappus", não pudemos até agora por outro lado ganhar plena certeza àcêrca da proveniência exata desta lã vegetal. A lã das "sumaùmeiras" amazônicas costuma ser branca, como as das "paineiras" no Sul, embora entre as últimas tenhamos visto também espécies com paina amarelácea. Não é às "sumaúmeiras" que se pode atribuir o material exterior para os ninhos de *Panyptila*. A solução botânica desta questão é singularmente dificultada pela circunstância de serem êstes fios lanuginosos com um certo brilho sedoso, não mais acompanhadas da sua matriz, das sementes. E' raro encontrar-se um ou outro resíduo, geralmente insuficiente para um exame em regra. Deve ser um arbusto ou árvore ou cipó do mato, que produza o material com abundância. Evidentemente o vento carrega estas sementes, munidas de vantajoso aparelho aerostático que lhes facilita enormemente viagens longínquas e grande distri-

buição, para as alturas, onde o bico do nosso *Cypselideo* as apanha, desviando-as assim do destino primitivo, que a natureza lhes assinalou. Esperemos com mais tempo e ulteriores investigações e o auxílio da secção botânica poder chegar a eliminar também êste último ponto de interrogação.

Digno de nota é que o material desta bôlsa é muito macio, leve e que o tecido é, ao mesmo tempo, excessivamente forte e tenaz, formando uma espécie de feltro espesso, tão impenetrável para os aguaceiros fortes como tenaz e rebelde a um eventual atentado malévolo das garras de qualquer salteador graúdo.

Para compreender a construção interna, é preciso recorrer à figura 62. Pela marcada com o número 3, vê-se que o lúmen interno representa uma espaçosa galeria perpendicular, aberta em baixo para o livre acesso do inquilino. Mais ou menos no lugar do terço superior percebe-se uma entrância horizontal, inserida na parede exterior. E' uma tigelinha ou palangana, destinada a receber os dois ovos."

Goeldi, diante dos ninhos tão singulares dos nossos andorinhões (cipsilídeos sul-americanos) e conhecendo a forma dos ninhos livres dos parentes dessas aves, escreve: "... achamo-nos repentinamente na pista de uma nítida série ascendente que nos leva da imperfeita e tosca palangana livre do *Cypselus apus*, pela fase transitória das tijelinhas laterais fixadas da salangana e de *Dendrochelidon* ao estádio mais aperfeiçoado e mais elevado das magistrais bôlsas com parede exterior artificial dos nossos cipselídeos sul-americanos" (155).

A seguir aquele naturalista traça o que muito justamente denomina a filogenia arquitetônica do ninho de *Panyptila cayanensis*.

Afora da espécie acima referida, o *uiriri*, o povo também distingue sob o nome de taperuçú um outro andorinhão *Chaetura zonaris*, um dos maiores do grupo.

E' negro fuliginoso, com o ventre verde metálico.

Distingue-se em derredor do pescoço uma palatina branca e no peito vê-se larga malha de igual côr. Ocorre do R. G. do Sul à Baía. Nada consta sôbre o seu ninho, mas os ovos que se conhecem, apresentam medidas discordantes: 37 × 24,5, segundo Allen e 33 × 25,5, segundo Nehrkorn.

Fato curioso relata H. Ihering quando informa que em Mundo Novo, no Rio Grande do Sul, êsses andorinhões pernoitavam às centenas no oco de grandes árvores, e observa que pa-

---

(155) **"A lenda amazônica do cauré"** — Bol. do Mus. Paraense, n. 4, vol. II, 1898.

rece serem os andorinhões da família dos cipselídeos as únicas aves que apresentam tal hábito.

Merece mais geralmente o nome de andorinha uma espécie muito comum na Amazônia, *Chaetura brachyura* que é de côr geral parda, com a garganta um tanto mais clara.

Uma dessas "andorinhas" mais vulgar aqui no sul é *Chaetura cinereiventris*.

Chaetura biscutata, que ocorre em Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, fàcilmente se conhece por ter duas manchas brancas uma na parte dianteira do pescoço e outra atrás, na região nucal.

Sôbre a nidificação de *Ch. cinereiventris* escreveu Paulo Miranda Ribeiro algumas interessantes informações.

XXIV

SURUCUÁS

Penas de todas as côres
Plumas de mil e um matizes
Arco iris abrindo as asas.

Osório Dutra.

A natureza, quasi sempre sábia, equitativa e previdente, desadora esbanjamentos.

Orna o pavão de plumagens deslumbrantes, mas não se esquece de lhe brindar com um horrível par de patas e de lhe pôr na garganta a mais estrepitosa e abominável das vozes.

E assim pautou sempre suas miraculosas criações, desde os sêres mais primitivos até o homem. Pode dar muito, mas não dá tudo. Como Aladim, o génio da lâmpada maravilhosa, constrói um palácio deslumbrante, porém deixa por acabar o caixilho duma janela — um detalhe insignificante que afeia e que ninguém poderá corrigir.

Com os surucuás não se desviou da velha praxe.

Vestiu-os com as mais belas roupagens e caprichou aquí, alindou acolá, deu evidentes retoques, chegando ao desvario das côres, ao desperdício, esquecida dos seus propósitos econômicos.

Mas de repente, reflete, volta ao equilíbrio, ou surge-lhe a tara das avarezas de multimilionária e na partilha de inteligência, cerra as unhas poderosas, arrependida já de ter dado tanto e só deixa escapar uma medrosa e bruxuleante claridade.

E eis porque os pobres surucuás, como certas e delicadas criaturas, são tão belos e tão estúpidos.

Pertencem essas aves à ordem dos trogoniformes, grupo muito isolado morfològicamente, dando vaga semelhança, quer na fórma, quer nos costumes, com os caprimulgídeos (bacuraus).

Todos os representantes desta ordem, que são 44, pertencem à região tropical, cabendo ao Brasil 9 espécies, e talvez mais.

A conformação, na generalidade das aves dêsse grupo, é ilusòriamente pesada, quer dizer, algo achaparrada, entrocada, devido, naturalmente, ao pescoço curto e à massa de penas, que, aliás, mui frouxamente se inserem na pele.

O bico é curto, largo, triangular, com rijas cerdas na raiz e um tanto denteado e de culmen curvo.

Os pés são pequenos, delicados e escansórios, quer dizer com dois dedos para frente e dois para trás, porém êsses dedos traseiros, em lugar de serem como nos pica-paus, papagaios, etc., o 1. e o 4.º (zigodatilia) são o 1.º e o 2.º (heterodatilia). Tal disposição de dedos só se encontra nesta ordem do mundo alado.

A plumagem é constituida de penas macias quasi sedosas. As asas, algo curtas, contrastam com a cauda longa.

Pela extrema redução das pernas verifica-se que são grandemente arborícolas e, na realidade, seu *habitato* são as grandes florestas tropicais dos dois hemisférios (156).

Alimentam-se de insetos e, igualmente, de bagas que abundantemente encontram nas matas e nos pequenos bosques que também frequentam.

Pelo ordinário, postam-se em galhos altos e, aí, ficam horas inteiras à espera que por perto voejem insetos e então sôbre êles

---

(156) O tipo mais representativo dos surucuás vive no México e em Guatemala, é o famoso **quetzal**, que vemos ornando, o escudo guatemalense como um símbolo da liberdade.

Quem o vê desenhado chega a não lhe acreditar na existência real.

Tem-se a conta de um sonho, da idealização dum artista tal a magnificência da plumagem.

A ave, que é vestida de côres dorsais escuras, mostra o peito escarlate, ostenta uma longa cauda, de quasi um metro de comprimento, com o verde do pavão real e tons azulados que vão até ao mais intenso anil.

Póde ser considerada uma das mais belas, quiçá a mais bela das aves da América.

Na aviária mundial difícil seria encontrar quem, como o lindo e delicado **quetzal**, pudesse simbolizar, na heráldica, a liberdade acima da própria vida.

Na realidade êsse ser alado não suporta em absoluto o cativeiro, nem quando capturado jovem. A sua divisa pode bem ser a de um povo — a liberdade ou a morte.

No México, **quetzal** era o símbolo de **Quezacaotl**, o deus do sol; era talvez a própria divindade, **coalt**, que é como se disséssemos a serpente emplumada.

investem, escancarando a bôca à maneira dos caprimulgídeos (157).

Não se mostram muito dextros nessas sortidas de caçador e inúmeras ocasiões se desacomodam e voam inutilmente, nada abichando. Passariam muitas vezes em jejum, diz Stradelli, que lhe apreciou as malogradas tentativas, se a mata não lhes oferecesse abundantes bagas, mais fáceis de apanhar que os insetos.

Quanto a ninhos e ovos nada de seguro se conhece. H. Ihering tem dúvida sôbre os ovos que lhe chegaram às mãos comos posturas supostas de surucuás.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

Os surucuás, que em conjunto não passam de 9 espécies e algumas sub-espécies, acham-se reunidos em dois gêneros: *Pharomachrus*, com uma só espécie, e *Trogon*, com oito, segundo H. Ihering (158).

Para nós outros, amadores de aves, o melhor critério na distinção das espécies, será o que alvitrou Burmeister, dividindo o grupo em dois, os surucuás de *barriga vermelha* e os de *barriga amarela*, ambos do gênero Trogon.

SURUCUÁS DE BARRIGA VERMELHA — Em primeiro citaremos *Trogon surrucura*, que é espécie peculiar ao sudeste brasileiro e regiões vizinhas no Prata, mas extensamente difundida no planalto central como assevera Olivério Pinto.

O macho é verde metálico nas costas, preto azul com lustro roxo na cabeça, no pescoço e no peito. A barriga é vermelha.

---

(157) Certa espécie, em que aquele costume muito se acentua, recebe o nome de **tamatiá uira**, designação indígena de caráter biológico tão fortemente realista, que julgamos prudente calar-lhe a significação para não ofender a natural pudicícia das leitoras.

Para os iniciados, na língua geral, o **nheêngatu**, a designação é clara. A propósito, lembraremos que os escritores de outrora, quando vinha de jeito uma escabrosa citação, não era raro fazerem-na em latim, para ser entendida só por homens.

As mulheres já naqueles tempos não sabiam latim e até gozavam de má fama as que o soubessem, a dar crédito ao velho brocardo que dizia: "Mula que faz him-him e mulher que sabe lâtim, raramente têm bom fim".

Hoje, entretanto, podemos lançar mão, neste particular, da prata da casa, citando em nheêngatú, que é mais nativista e ainda menos compreensível, a ser verdade que haja ainda hoje quem saiba latim...

(158) EMILIA SNETHLAGE aponta mais o gênero **Microtogon**, com uma só espécie: **M. romanianus**, surucuá pequeno de barriga amarela.

A fêmea ostenta a roupagem cinzenta escura comum às formas femininas, mas na barriga fulge o encarnado.

Na Amazônia levam o nome de surucuá de barriga vermelha as seguintes espécies: *T. melanurus*, que é verde azulado brilhante na parte superior, o peito mostra uma fita branca que o separa do abdome encarnado; *T. collaris*, também de barriga vermelha, separada do peito por uma fita branca; *T. variegatus* cuja barriga é de um vermelho claro, quasi côr de rosa.

SURUCUÁS DE BARRIGA AMARELA — São mais numerosos. Entre êles citaremos T. *virides*, conhecido por perúa choca, na Baía. Mede 30 cents. O macho ostenta um verde lustroso em cima, tendo a nuca e o vértice nuances de cobre azulado. Fronte, face e garganta negras; peito azul e a barriga amarela. A fêmea, como de ordinário em todo o gênero, é cinza escura, mas a barriga amarela. Especie muito vulgar em Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Baía, Maranhão, Amazonas.

Fig. 63 — Casal de surucuás de barriga vermelha; macho á esquerda.

Outra espécie também daquí do sul, e de barriga de um amarelo alaranjado, é *T. aurantius*, que mostra desconcertante afinidade com *T. surrucura*, a ponto de já ter sido considerado uma sub-espécie, o abdome entretanto é vermelho num e amarelo noutro.

Olivério Pinto (159) notula: "Todavia a côr do abdome é em *T. aurantius* sujeita a variações muito largas, como já observou Hellmayr, ora uma amarelo francamente alaranjado, ora tingido de tons róseos que o fazem aproximar-se da espécie mais afim".

Êsse surucuá de ventre alaranjado não é muito abundante e tem-lhe sido verificada a existência no Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Espírito Santo e Baía.

(159) "Aves da Baía" — Rev. Mus. Paulista, t. XIX, 1935.

Ainda outro de larga distribuïção é o chamado surucuá dourado.

Mostra-se na parte superior todo paramentado de acobreada côr, tendo no peito igualmente essa nuance, mas a fronte é de igual côr das coberteiras exteriores das asas onde se notam salpicos brancos.

A barriga é de um amarelo esbranquiçado, que não podia dar à ave o batismo de dourada.

O bico é brancacento. A fêmea é brunácea e pardo avermelhada nas partes em que no macho são de côr verde.

Ainda outras espécies do gênero *Trogon* ficam por descrever, embora todas se apresentem com aquele mesmo encanto de roupagens.

Resta-nos agora aludir a *Pharomachrus pavoninus,* da região amazônica, sem dúvida uma das mais belas do grupo e que mostra certas e remotas afinidades com o famoso *quetzal,* que vive nas florestas do México e da Guatemala (*Pharomachrus resplendens*). *P. pavoninus,* das florestas da Amazônia, estadeia roupagens de gala. Passeia por sôbre as árvores a sua longa cauda pavonesca de côr negra. A parte superior do corpo é auriverde, de tintas algo carregadas, as rêmiges negras e o abdome vermelho. A base do bico é rósea acarminada e na cabeça, verde dourada, não se nota infelizmente a poupa que dá à sua irmã guatemalense tão senhorial encanto.

XXV

ANÚS, ALMA-DE-GATO E SACÍ

> Se, ao contrario as aves percebem que são bem vistas, tornam-se menos ariscas e aí será seu paraizo e haverá multidão delas e todas se põem a trabalhar, catando insetos e cantando como que agradecidas.
>
> **R. von Ihering.**

Anús, alma-de-gato, sací são em nossa fauna os representantes dos cuculiformes, quer dizer, aves que se aparentam com o famigerado cuco europeu, o qual deu nome à ordem.

São aves cosmopolitas das regiões quentes e temperadas. As aves da família dos cuculídeos, a que pertencem os nossos anús, alma-de-gato, etc. têm bico forte, lateralmente compresso, e cuja maxila superior é virada na ponta para baixo. Notam-se cerdas na base do bico. Cauda comprida e mole. Pés zigodátilos, quer dizer, dois dedos para trás e dois para diante, como os papagaios, os tucanos e os picapaus.

Em geral voam desajeitadamente, mas não é regra sem exceção, pois as do gênero *Piaya* são exímias e elegantes voadoras.

Como as diversas espécies variam muito na forma exterior e até nos costumes, não podemos deixar aqui, nessa impressão de conjunto, informes gerais.

De cada uma, a seu tempo, daremos as particularidades.

Todas, no entanto, são de absoluta utilidade, pois se alimentam de insetos.

A ordem, no Brasil, é composta de uma só família, cuculídeos, sete gêneros e dezesseis espécies e ainda algumas subespécies.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

ALMA-DE-GATO — (*Piaya cayana*) — Beleza, talento e bondade, as três grandes qualidades que Oscar Wilde exigia para o ser humano, estão reunidas nesse anú.

Os seus trajes não têm magnificências pavonescas, mas são de impecável elegância.

Na sua esbelteza de ave rabilonga, o castanho avermelhado do dorso casa-se com o cinzento da barriga, do uropígio, das coxas e da cauda, que mostra pontas brancas.

No cinzento do pescoço e do peito quasi rebrilha ferrugínea côr. Os olhos, de iris vermelho carmim, têm lampejos de brasa e clarões de inteligência. Orna-lhe a cabeça um topete atrevido.

Cantora, ainda não consagrada por excesso de esquivança, ela, a maria caraíba, como também lhe chamam, poderia entrar para a companhia lírica dos pássaros cantores.

Trauteia suas composições musicais quasi em surdina, para gôzo íntimo, sem desejo de conquistar auditório, como os "virtuoses" que fazem música para a família.

Entretanto o repertório chega a ser diferente de indivíduo para indivíduo, e Goeldi bem o notou quando escreveu: "êste cuco é um mofador, que imita à sua maneira a voz das outras aves e possue em seu repertório uma compilação das obras musicais de seus companheiros da mata".

Talvez receosa que os criticos d'arte lhe preguem à longa cauda o epíteto de plagiadora, a recatada prima dona dos bosques foge dos olhares profanos numa verdadeira fobia à exibição.

Com medo ou recato jamais se mostra inteiramente, pois vive sempre oculta na frança das árvores, no meio dos galhos, onde mal a vislumbramos.

Não é de gênio taciturno e, até, ao contrário, mostra-se gazil, azougada, saltitando, cabriolando, girando, nas frondes das árvores sem se mostrar muito.

Quando percebe que lhe testemunham as cabriolas, abre ainda mais seus olhos de brasa, empina o topete, toma um ar pimpão de deusa revoltada, solta um trêcho de notas musicais e abala em voo rápido.

Ao contrário dos demais anús o seu voo é lépido e elegante. Também dos seus iguais se desassemelha, por não viver em bandos e por preferir a mata, embora venha até as regiões lindeiras do campo e não raro freqüenta pomares e jardins.

Seu ninho, decreve-o Antonio C. Guimarães Junior (160): "é duma singeleza a toda prova, consistindo em uma tijela rasa, de raízes de capim, bem trançado e coberto na parte externa por folhas de bambú e pedacinhos de graveto".

Os ovos em geral são em número de 2 e por exceção 3, tendo como côr predominante o branco, com ligeira tonalidade amarela e raramente manchas de côr sépia, na parte superior. A casca tem, como as dos anús em geral, uma superficial camada calcárea. O tamanho regula com o do anú preto; são entretanto, mais redondos e algo alongados.

Os ninhos são sempre localizados em árvores bem copadas ou moitas de bambús. José Caetano Sobrinho, notável colecionador de ovos, levou 30 anos para encontrar ovos deste precavido anú.

Fig. 64 — Alma de gato (**Piaya cayana**)

Vamos agora somar à sua beleza e ao seu talento os préstimos, a bondade.

Esta consiste na dura guerra que move, sem cessar, aos insetos.

Eis um estômago insaciável, que nos defende as árvores florestais, o pomar, a cultura dos mantimentos, se é que também não beneficia a horta.

Esta ave encontra-se por todo o Brasil e, aliás, desde a Argentina ao México.

Os ornitologistas distinguem seis sub-espécies, que variam por pequenos detalhes. Dabbene ao tratar de *Piaya cayana* diz

---

(160) "Ensaios sôbre ornitologia" — Rev. Mus. Paulista" — t. XVI.

que a espécie apresenta numerosas variações e por isso foi dividida em várias formas ou raças geográficas, algumas das quais no entanto não devem ser consideradas como definitivamente estabelecidas (161).

Como sempre acontece às aves de larga distribuição, é conhecida por muitos nomes populares como: rabo de palha, rabo de escrivão, rabilonga, meia pataca, pato-pataca, chincoã, tinguaçú, atingaú, etc.

SACÍ — (*Tapera naevia*) — A história real e lendária dêste cuco enigmático e elegante encheria páginas duma biografia romanceada, se houvesse vagar para escrevê-la.

A sua personalidade acha-se envolvida na trama emaranhada das lendas e, como certos cavalheiros da Idade-Média, é acusado de praticar a magia e outras artes demoníacas.

Trataremos, por agora, da sua entidade real. E' um cuco esbelto, um tanto parecido com o anú branco, porém menos rabilongo. O comprimento total da ave é de 28 cents., tendo o bico 15 mm. e mostrando-se arqueado, compresso e amarelento.

O dorso é pardo acinzentado, com manchas longitudinais escuras nos canos das penas, o peito é branco sujo e a garganta e a barriga brancas sem alvura. A cabeça é acastanhada em cima e estriada de preto; havendo um traço alvacento sôbre os olhos, traço que corre até a nuca e lhe empresta ares misteriosos.

Não lhe agrada o bulício nem a companhia das outras aves e, como os grandes sonhadores, procura o silêncio e o êrmo.

Por isso vêmo-lo de preferência nas capoeiras, na vastidão dos descampados, olhando o infinito dos campos e clamando a sua frase característica: "sem fim", "sem fim".

Melhor lhe agrada ainda viver entre ruínas, nas imediações dos casebres abandonados, nas taperas, onde o mato reconquista o terreno que lhe tomaram. Aí, sim, está o sací nas suas quintas e empoleira-se numa porteira inútil e escancarada ou numa cêrca meio derribada e desfia horas e horas o seu mágico assobio.

O canto do sací, pela magoada expressão, infunde, a quem o ouve, vaga tristeza, porém ainda mais lhe tocamos na tecla do mistério, quando, ao ouví-lo, procuramos a ave.

Goeldi, que se embrenhou tanto na mata, sondando a vida curiosa dos animais, escreve: "Ouve-se de longe durante horas o mesmo assobio característico, mas, seguindo-se êsse som, fica-

---

(161) "Ornitologia Argentina" — Anales del Mus. Nac. de Buenos Aires, 1910, p. 423.

se sempre ou muito longe ou muito perto, ou muito para a direita ou muito para a esquerda, em suma, cem vezes está a ave muito perto ou muito longe para podermos dar-lhe um tiro".

Por vezes, no mais aceso do verão, ouve-se durante toda a noite o saci soltando as suas notas melancólicas.

Daí geram-se as crenças dos encantamentos, das farras noturnas, ou como descrevia Bilac:

Batuques de capetas, rodopios.
De curupiras e sacís em festa.
Em risinhos sinistros e assobios.

Podem-se notar no canto do saci expressões diferentes, desde o dissílabo, bem característico "sem-fim" "sem-fim", que é a sua voz diurna, até um verdadeiro assobio e, por vêzes, lá pela madrugada, um *fifí, fifí, fifí* morrente. O caboclo, que sabe interpretar as vozes da natureza, os ruídos das matas, os cochichos dos insetos nas moitas, todas as expressões bichandas que cruzam os campos e as florestas, diz que, quando o saci muda de assobio, é que o tempo vai virar.

Um apêlo bem semelhante ao dêle é o de um seu parente do gênero *Dromococcyx*.

O caipira no entanto, crê que seja o mesmo saci e, desta feita, com esfôrço, traduz-lhe a voz por êsse feitio: "Roceiro planta, roceiro planta".

E como nêsses tempos anda já o campo em boa sazão para receber a semente do milho, começa a faina de confiar o doirado grão ao seio fecundo da terra.

Quanto ao ninho do saci, nada se sabe, e J. Pinto da Fonseca (162) acusa-o, perentoriamente, de fazer posturas em ninho alheio, à maneira do seu parente europeu *Cucus canorus,* fato êsse já verificado por João Lima, naturalista do Museu Paulista, em 1913 e anteriormente, em 1909, por Venturi, na Argentina.

J. Fonseca, em Minas, teve oportunidade de verificar que o saci põe ovos no ninho de um pássaro *Synallaxis spixi,* conhecido por João Tenenêm e também chamado Bentereré.

Trata-se de uma avezinha de grande ternura pela prole e para a qual constroi um verdadeiro castelo de ramos secos, conforme vemos na gravura junto.

Ora, como a entrada do ninho é um gargalo estreito, de calibre tal, que apenas permite a passagem de seu pequeno mo-

(162) "Notas biológicas sôbre aves brasileiras" — Rev. Mus. Paulista — t. XIII.

rador, o sací comete a violência de arrombar-lhe a parede lateral, por onde penetra na câmara de incubação.

Neste compartimento, sem o menor pudor, põe um ovo que será incubado pela ternura e tepidez do senhor do castelo violado.

Quando o timido do João Tenenêm pega em flagrante a esposa do sací, derrubando-lhe a parede da casa, eriça o topete, abre a cauda, como quem vai tomar heróica resolução, mas limita-se a protestos platônicos, lançando aos ares o seu nome João Tenenêm, como para lembrar à intrusa, que a

Fig. 65 — Ninho de João tenenêm, no qual o sací faz suas posturas.

propriedade lhe pertence. Essa finge não ouvir os protestos e põe plàcidamente, o seu ovo.

Diante do irremediável, resta ao pobre passarito reconstruir a parede derrubada e chocar o ovo do seu desalmado parasito (163).

(163) O hábito de certas aves não fazerem ninho e porem ovos no de outras tem sido explicado ou interpretado de maneiras diversas.
G. J. ROMANES em "L'Intelligence des Animaux", vol. II — pg.

Ousado, inteligente, misterioso, o sací tem todas as qualidades para uma figura de romance, mas, na vida prática, é um ser prosaico, como todos os heróis, e come gafanhotos e outros bicharocos que nos devastam a plantação.

Por essa feição útil é que devemos apreciá-lo e poupá-lo da espingarda do caçador.

ANÚ — (*Crotophaga ani*) — Quem não conhece o anú preto, também chamado anum, anú-i, passarão rabudo e negro, de voo desajeitado, freqüentador infalível dos nossos pastos de criação ?

Tornava-se quasi dispensável descrevê-lo, tão familiar é da gente do campo.

Mede 32 cents. Plumagem integralmente negra, luzindo no dorso um brilho violáceo. Seu bico de 3 cents. de comprido, mostra-se deprimido e cresce-lhe na parte mediana uma crista muito caracteristica. Os tarsos são negros, munidos de fortes unhas e a cauda, que é longa, balança em rítmico compasso como um pêndulo, sempre que a ave pousa.

Andam em turmas, pelos bambuais e cercados, próximo ao gado em cujo dorso passeiam catando carrapatos, muitas ve-

---

62-70 (3.ª, Ed. Paris, 1898), apresenta várias interpretações atribuindo a causa a:

a) Necessidade das migrações.

b) Posturas sucessivas.

Esta última explicação parece mais aceitável para os cucos, sabendo-se que entre essas aves reina a mais desbragada poliandria — possuindo cada fêmea um harem de maridos.

A tal propósito faltam-nos informações fidedignas referentes ao nosso chopim, que também confia os ovos a ninho alheio, mas em relação ao sací temos o depoimento de JOSE' PINTO DA FONSECA (Rev. Mus. Paulista, tomo XIII).

Êsse naturalista verificou que fato totalmente oposto ocorre com o sací, cada macho possue um serralho de odaliscas, pleno domínio da poliginia.

Teríamos causas opostas determinados iguais efeitos.

Registremos o depoimento do naturalista patrício, na revista citada.

"Todavia, o sací, possue outros enigmas na sua vida. A relação numérica do macho para a fêmea me parece superior, e cada indivíduo do sexo masculino toma conta de uma determinada área.

Durante a época dos amores, algum tempo antes da procriação, o macho repete dias inteiros o seu grito dissilábico, provavelmente para chamar as fêmeas que de vez em quando respondem com um assobio forte e curto, emitido de uma só vez, subindo do tom inicial, ou para desafiar algum outro rival com quem, quando se encontra trama furiosas brigas, ficando senhor da área o vencedor".

O assunto merece largas explanações e a êle voltaremos, ao tratar do chopim, na obra: "Os pássaros do Brasil".

zes em companhia do gavião carrapateiro, outro comensal das mesmas iguarias.

E' ave útil, de índole pacífica, de ânimo disposto, quasi alegre, apesar de seus trajes um tanto severos.

Quando a coleta é boa e o tempo quente, amiúda os seus aflautados apêlos, monôtonos fiú-fiú-fiú, que acabam por entediar.

Talvez por essa toada um tanto lúgubre e a pretidão da plumagem, a gente supersticiosa, que em cada canto escuro vê trasgos e mistérios, desadora os anús.

Entretanto deveriam ser tratados como os melhores peões da fazenda, operários rurais de méritos estimáveis, caçadores incansáveis de carrapatos, concorrente dos banheiros carrapaticidas, na faina de destruir o terrível ácaro. Ihering fala que alguem encontrou no estômago dum anú 74 carrapatos.

Nidifica nas partes altas dos arbustos — muitas vezes limoeiros e laranjeiras — onde assenta, em base sólida, uma bacia larga e chata, um ninho amplo, onde as fêmeas, comunistas sem maus bofes, põem em conjunto.

Os ninhos são construídos com garranchos, gravetos e fôlhas. Costumam até a cobrir os ovos com folhas de laranjeiras.

Nêsses ninhos encontram-se, segundo as circunstâncias: 7, 10, 20 e até mais ovos. Se todas põem em um mesmo ninho, é claro que a todas compete a tarefa da incubação. Tal particularidade não está bem aclarada, mas na época de alimentar a pintalhada têm-se visto mais de dois indivíduos revezando-se na empreitada. Euler diz que o período de incubação é de setembro a março.

Os ovos são revestidos de um rebôco branco, uma camada calcárea fina, que, ao se raspar com a unha, deixa ver a casca azul ou melhor verde azulada. A forma do ovo é de uma elipse perfeita que mede 34 mm. de comprido por 24 a 25 mm. de largura.

A propósito da palavra, anú = ani significa o que vive em sociedade, segundo B. Caetano, ou no entender de Macedo Soares, anã = parente + o sufixo un = negro.

ANÚ-GUAÇÚ — (*Crotophaga major*) — No aspecto geral é semelhante ao anterior, sendo, no entanto, maior, 45 cents. A sua voz, porém, é bem diferente e outrotanto se pode dizer dos costumes.

Enquanto o anú preto habita os campos e descampados, êsse outro gosta dos brejos e alagadiços. Consome toda a casta de insetos, apreciando muito gafanhotos e grilos.

Quando os peixes sobem os rios, nas vésperas da piracema, entre o bando de aves piscívoras, lá estão êsses anús, tomando um fartão de pescado.

Fig. 66 — Ao alto o sací (**Tapera naevia**) no centro, á esquerda, anú coroca (**Crotophaga major**) e á direita, anú pequeno (**Crotophaga ani**) em baixo, anú branco (**Guira guira**).

Daí lhes vem, por certo, o nome de anú peixe, entre tantos outros por que é nomeado, como groló, anu-ú, anú galego, anú coroca ou coroia.

Dizem os autores que tal ave é arisca, mas já ouví ou li referência de que, ao contrário, é mansa e a tal ponto, que se domestica e vive sôlta dentro de casa.

Não está perfeitamente esclarecido se tem, como o seu parente preto, o hábito dos ninhos coletivos.

Azara diz que não, Schomburgk diz que sim, segundo observou na Guiana.

O ovo é igual, salvo no tamanho, que é bem maior 41 × 37 mm.

ANÚ BRANCO — (*Guira guira*) — Como os parentes dêsse anú são nigérrimos, achou o povo de bom alvitre chamar-lhe branco, para melhor distinguí-lo.

E', no entanto, bruno com estrias amareladas na parte dorsal e em baixo bruno-amarelado com rajas escuras ao longo das hastes.

Nota-se no vértice e daí ao occipicio um topete, arrepiado quasi sempre, e maiormente quando solta o seu aflautado e melancólico apêlo. O bico, que mede 30 mm., é amarelo, semelhante ao dos demais anús, porém sem a crista.

O uropígio, a base da cauda e as pontas das retrizes externas são brancas.

O tamanho total da ave é 40 centímetros.

Tem hábitos idênticos e constrói o ninho da mesma forma, sendo o ovo do mesmo formato elíptico, com 47 mm. por 34 mm. O ovo mostra o fundo verde marinho claro, e sôbre êle descansa, não um rebôco alvo, como nos do anú preto, mas uma fina renda branca.

Alimenta-se de grilos, gafanhotos e carrapatos e outros insetos e ácaros e bem assim de lagartixas e cobrinhas.

Pesa-lhe no entanto sôbre os ombros uma gravíssima acusação.

Conta-nos Celia B. de Pereira (164) que viu urracas, como lhe chamam na Argentina, comer filhotes de beija-flores, acrescentando:

"São muito daninhas, comem todos os filhotes que podem, até os do pombo doméstico, e por essa razão os pardais são tomados de verdadeiro pavor, mal as pressentem.

E' curioso ver-lhes o cauto cuidado com que visitam, ninho por ninho, tirando as penas do interior dêles para ver se há pintaínhos. No ninho do cochicho (*Anumbius anumbi*), por ser difícil de abrí-lo, rondava em derredor na esperança de conseguir algo.

---

(164) "Sobre la nidificación de algunas aves" — El Hornero, vol. VI, n. 1, p. 103 — 1935.

Não faz grande dano à "tijereta" e aos canários da terra, àquela porque vigia e defende seu ninho, e os outros, porque andam em lugares pouco accessíveis a elas.

Creio que essas aves também comem ovos e talvez procurem os de mais avançada incubação, porque já está bem desenvolvido o pinto."

Supõe a fertilíssima tolcima dos superticiosos que o pelincho, como também costumam chamar-lhe, cause malefícios ou, no mínimo, augure cousas tétricas.

OUTROS ANÚS — Os cuculídeos ainda encerram outras espécies vulgarmente conhecidas por chincoã, papa-lagarta, peixe frito, etc.

Geralmente os nomes de chincoã e papa lagarta são dados às espécies do gênero *Coccyzus*.

Entre êsses está *C. melanocoryphus*, o menor dos nossos anús, pois não mede mais de 27 cents. O lado dorsal é pardo acinzentado, com reflexos verdes. O alto da cabeça é bem cinzento e a região atrás dos olhos negra, desta mesma côr são as retrizes, que têm pontas brancas. A parte inferior do corpo é amarelada. Bico preto. Ocorre em todo o Brasil e, aliás, vem desde a Argentina ao México.

Registram-se sub-espécies.

E' ave utilíssima pela caça que dá aos insetos.

Com o nome de peixe frito é conhecido *Dromococcyx phasianellos* que talvez seja, devido ao seu assobio, confundido com o saci, como já aludimos; entretanto é muito diferente e até bem maior, 37 cents. com as penas da nuca alongadas, e em forma de poupa e tarsos um tanto altos.

LENDAS

Remontando às fontes mais puras da mitologia do íncola, vemos que jací (a lua), mãe da vegetação, tinha como divindades subalternas, o saci-cererê, o mboitatá, o urutau e o curupira (165).

O saci, segundo as crenças do selvagem, é um tapuio de uma só perna, que não evacúa nem urina e vive sujeito a uma horripilante velha.

---

(165) COUTO MAGALHÃES — "O Selvagem" — p. 170 — 3.ª ed. — Rio, 1935.

Pelos atalhos da mata, pelos meandros da floresta, lá anda a velha megera, cantando essa enigmática canção.

Matinta Pereira (166)
Papa terra já morreu
Quem te governa sou eu.

Essa cantiga é entoada no rítmo com que a ave, já nossa conhecida, desfere o canto.

Há, pois, entre a ave e o tapuio endiabrado, íntimas e estreitas relações, se é que ela não passa de uma das muitas transformações do endemoniado.

E' caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar;
Quando alguém o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas
Se põe a esconjurar.

O pequeno trasgo das florestas, diabrete indígena, gosta de atormentar os viajantes, pregando-lhes sustos, transviando-os dos caminhos conhecidos.

Por vezes surge, sem mais recatos, na sua forma singular e unípede, mas quasi sempre sob o disfarce de um molecote ou de um preto velho que pede fumo (Intervenção afro-brasileira).

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra o Caipora
Seu negro cachimbinho.
Servido no que pede,
A contas justas, safa-se a correr...
Do contrário, se fica descontente,
De cócegas a gente
Faz rir até morrer.

Em dias de pagodeira, desembesta pelas matas, cavalgando um porco bravo e a floresta rumoreja ao estropício de suas diabruras.

---

(166) Ocorrem muitas variantes dêsse nome, ora saci-pererê, ora matim-pererê, matim taperê, matí-saperê, matinta-pereira, etc.

E' alma de um tapuio
Fazendo diabruras no sertão
Cavalgando o queixada mais bravio
Transpõe vales e rios
Com o cachimbo na mão.

A lenda é curiosa e de tal forma se encontra misturada com elementos estranhos que já mal se pode atinar com a sua forma estreme, primitiva.

XXVI

TUCANOS E ARAÇARÍS

"Em suma, com algum estudo nos grandes museus e aprofundando-se nas obras especiais de ornitologia, chegaremos ao resultado de que no atual período da terra, se acha concentrada nas zonas tropicais do Velho e Novo Mundo, a maioria das aves assinaladas pela singularidade das formas e pela formosura do colorido".

A. Goeldi.

Se quiséssemos buscar, entre as aves do Brasil, uma que bem caracterizasse as singularidades das formas e a beleza de colorido do representante da ornisfauna neotropical, a escolha necessàriamente recaïria nos tucanos e araçarís.

Só êles, de fato, ostentam aquelas formas aberrantes dos clássicos modelos da natureza, só êles se vestem com púrpuras realengas, com o amarelo alaranjado dos frutos tropicais, com o azul dos mares brasileiros, com o verde da nossa bandeira.

São aves que parecem gritar, mesmo quando estão caladas, tal o inédito das formas e orgíaco festim de côres.

Pertencem tucanos e araçarís à ordem dos ranfastiformes (167), e se caracterizam por um bico descomunal, uma e até mais vezes maior que a cabeça, pés zigodátilos, quer dizer com dois dedos para frente e dois para trás, como os papagaios, de que

(167) H. IHERING, por cujo **"Catálogo das aves do Brasil"** me acingí na distribuição sistemática das aves, inclue tucanos e araçarís na ordem dos scansores e família dos ranfastídeos.

Os autores modernos, atendendo ás características dos grupos que formavam a ordem scansores, dividiram-na, muito razoavelmente, em ranfastiformes (tucanos, e araçarís), piciformes (picapaus) e cuculiformes (anús, etc.). Julguei preferível, nesse ponto, desviar-se de H. IHERING, por quem me venho norteando.

são aparentados, tarsos fortes e escutelados, dedos com papilas em baixo, providos de unhas longas e curvas, asas curtas, arredondadas, fúrcula em U, língua muito original, comprida, finíssima, achatada e franjada nas margens e na ponta, papo rudimentar e em algumas espécies, ausente.

A ordem comporta uma família, a dos ranfastídeos, com os seguintes gêneros:

Rhamphastos, tucanos, pròpriamente ditos, com nove espécies.

Andigena, araçarí, uma só espécie.

Pteroglossus, araçarís com onze espécies.

Selenidera, araçarís, com cinco espécies.

Além das côres berrantes, o imenso bico dá a essas aves um aspecto invulgar, escandaloso.

Descrevendo-lhes o bico, diz Goeldi: "que está cheio por dentro de tecido ósseo, esponjoso, de malhas largas, de muito pouco pêso, em conseqüência de por êle receber ar mediante o nariz, os buracos do nariz metidos no extremo da parte posterior do bico, na raiz, estão de tal maneira escondidos que não é fácil descobrí-los à primeira vista; por meio de galerias em forma de S, desembocam e levam interiormente ao véu palatino.

No bico do tucano não se nota ponta aguda, aquilina, dente ou recortes agudos; em várias espécies, porém, vemos uma série de entalhes chatos e compridos, maxime em indivíduos erados".

Os tucanos verdadeiros, do gênero *Rhamphastos,* são maiores, ostentam bico mais avantajado e têm a côr geral negra, com papo ora branco, ora amarelo, ora vermelho, a cauda sempre vermelha ou amarela; os araçarís são de tamanho menor, de mais modesto bico, tendo como côr fundamental o verde no dorso e o amarelo e o vermelho pardo no abdome, além das outras côres.

No modo de vida, no entanto, quer uns, quer os outros se comportam de forma quasi idêntica.

Habitantes igualmente todos são da mata e aí se conduzem quasi sob um só modo. Em geral reúnem-se em bandos e lá se vão de farrancho, como um grupo de ciganos, vestidos de vermelho gritante e amarelo espetaculoso.

Quem vê o grupo gárrulo sabe que há quermesse na floresta, estão naturalmente de fruto as goiabeiras silvestres, o assaízeiro, o morocototó, o sucurubeiro, etc.

Há grossa pagodeira, comilanças a tripa fôrra, falatórios e comentários pelas galhadas pejadas de frutos, namoros e maro-

teiras por entre as franças ensombradas ou em plena luz, nas grimpas altaneiras.

Não estimam sòmente a boa mesa, mas também rendem culto à arte, "fazem músiea". Êsses concertos realizam-se entre as sombras da madrugada ou ao lusco-fusco da tarde. No dia aprazado ninguém falta.

O centro da reunião é sempre bem escolhido, árvore gigantesca, galhuda, na borda da mata, sobranceira à vegetação eircundante.

Depois que estão todos acomodados, ouvem-se os primeiros compassos. O maioral da harmonia dá fogo ao rastilho e tudo canta; por vêzes nota-se o solista e o coro, ora há verdadeiros duetos e por fim uma desharmonia universal.

À proporção que cantam, parece que se animam, se entusiasmam e é um gôzo vê-los acompanhando os descompassos com a cauda, com a cabeça, e, enlevados no encantamento de suas próprias vozes, dispararem da pauta musical por aí fora.

Parece que realmente apreciam êsses concertos, a ponto de, quando nêles estão metidos, alhearem-se de tudo que os rodeiam.

Nesse ensejo é fácil, a quem os surpreenda, abatê-los a tiro.

Os caipiras, os caçadores, a gente enfim que freqüenta a mata, diz que, quando tucanos e araçarís estão batendo bieo e fazendo alarido na floresta, o tempo vai virar.

Aquí no Estado do Rio corre até o ditado: "Tucano na serra, ehuva na terra".

Na época da incubação ficam suspensas as pândegas, os grupinhos, as musicatas; cada qual cuida dos graves problemas da família.

Então são vistos os casais atarefados.

Como são aves precavidas e desconfiadas, não se lhes devassaram ainda bem certos costumes. Mas Goeldi diz que, à noite, escolhem esconderijo seguro para o sono.

Quanto à posição que tomam para dormir, essa é curiosíssima.

Entortam ou, melhor, reviram a cauda para eima do dorso e escondem a cabeça debaixo da asa, resultando assim uma figura extravagante, uma espécie de enigma pitoresco.

Os tucanos e araçarís alimentam-se especialmente de frutos, bagas, que apanham com o bico. A princípio, ao ver aquele gigantesco quebra-nozes, supomos logo que devem preferir sementes duras que por certo seriam esmagadas, trituradas, num átimo, mas puro engano. Preferem as frutas menos duras, como

Fig. 67 — TUCANOS DIVERSOS: 1) **Rhamphastos ariel** (tucano de bico preto), 2) fêmea da mesma espécie; 3) **Rhamphastos tucanus** (tucano de peito branco); 4) fêmea da mesma espécie; 5) **Rhamphastos vitelinus**; 6) **Rhamphastos toco** (tucanuçú); 7) **Rhamphastos cuvieri**; 8) Ninho de japús, cujos ovos e filhotes os tucanos furtam com o longo bico.

goiabas, etc., embora comam também as duras e até amargosas. Do bico apenas se servem para apanhar os frutos e após, como os malabaristas, jogam o que colheram para o ar e, de guela escanearada, esperam que por aí se precipite.

Singularíssima complicação.

Mas para que afinal tamanho bico? Parece que mais para diante teremos explicação dos misteriosos propósitos da natureza, sempre sagaz, em dotar essa ave com tal apêndice.

Mestre tucano, com a sua bicanca formidável, parece um cidadão pacífico, sempre vexado, com a imodéstia da bicarra, incapaz de matar uma mosca, uma boa criatura enfim.

Assim parece, mas já diziam os antigos: *Fronte nulla fides.* E assim é. Êsse cidadão do mundo alado, não passa dum refalsado velhaco, guloso de ovos e carne tenra dos passarinhos.

Salteador profissional de ninhos, o tucano é o flagêlo das pequenas aves.

Imagine-se a cena dolorosa e horripilante da chegada dêste vistoso bandido à beira de um ninho. O seu bico formidável, como duas tenazes, mergulha na alfombra do gineceu aéreo, e de lá traz, cheio de vida, esperneante de dôr, um passarito minúsculo que em vão clama pelo socorro dos pais. Êstes, loucos de dôr, atiram-se contra o depredador, contra o facínora, mas em vão. Tranqüilo, fiado na bicanca invencível, o saqueador prossegue no morticínio dos inocentes.

Diante dêste libelo, parece acertado decretar a caça impiedosa do terrível Átila de penas? Não. Não devemos intervir na entrosagem maravilhosa da Natureza.

Desde que o mundo é mundo, quer dizer, desde que apareceram tucanos e os passarinhos que êles perseguem, as cousas vão nesse pé, e assim continuarão.

Não queremos privar o leitor do depoimento de um naturalista que surpreendeu uma destas tragédias a que acima aludimos (168). Ouçámo-lo:

"Certa ocasião, nas proximidades de Inhumas, enorme alarido chamou a minha atenção para uma árvore em que nidificava numerosa colônia de japús (*Ostinops decumanus*). Pude ver então que todo aquele pânico tinha sua orígem na presença alí de um dêsses tucanos (*R. toco*), cuja magnífica estampa transparecia visível por entre a folhagem. Compreendi, também, a utilidade do bico desmedido que ostenta; com outro instrumento não lhe seria possível colher, na funda e bem tecida

---

(168) OLIVERIO PINTO — **Contribuição á ornitologia de Goiás** — Rev. Mus. Paulista, t. XX.

bolsa constituída pelo ninho do japú, os filhotes de que é corrente ser tão guloso. E' mais uma correlação interessante, a fazer pensar os que se preocupam com o problema obscuro das formas nos seres vivos".

Ora, aí temos, com a maior clareza, as razões por que de tal forma cresceu o descomunal bico dos tucanos ou mais acertadamente, como êle soube tirar partido de um dote natural que lhe coube.

Quanto ao ninho, nada se sabe ao certo. Tudo leva a crêr que, à maneira dos picapaus, ponham em cavidades dos troncos. Claro que não furam, como aqueles, tais covís, pois o bico, embora enorme, é fraco e não se presta a essa operação. Nesse caso aproveitam as cavidades e aí se aninham.

O ovo é descrito diversamente.

Recordo-me de ter visto, na coleção oológica de José Caetano Sobrinho, ovos de tucano, inteiramente redondos, brancos, com poros bem abertos, no que não concorda com as descrições que tenho lido, H. v. Ihering descreve o ovo de *Rhamphastos ariel*, que lhe enviou Krone, como branco com polo anterior bem obtuso e poros profundos. Medida: 37 × 28. Êsse mesmo autor julga duvidoso tal material.

Os tucanos e araçarís sujeitam-se fàcilmente ao cativeiro, mas não se conhece referência de que assim presos se reproduzissem. Em viveiros não podem viver juntos, pois armam desordens constantes. Goeldi diz que em seu viveiro cometeram tanto desacato cinco pequenos *R. ariel*, que se viu forçado a pô-los separados.

Os caçadores dão grande valor à carne dos tucanos, os quais, pelo inverno, quando frutificam as fruteiras silvestres, apresentam-se gordos e, o que é mais singular, com banha avermelhada e abundante.

Além do sabor da carne, temos as penas disputadas e os couros que sempre encontram cotação no mercado, e daí a perseguição que essa ave veio sofrendo.

Na arte plumária indígena as penas dos tucanos tinham o maior relêvo e com elas se confeccionou um famoso manto que pertencia a D. Pedro II.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

TUCANUÇÚ — (*Rhamphastos toco*) — E' o maior do seu grupo, o gigante da espécie, pois mede 57 centímetros de comprimento.

Descrevo-o pelo exemplar que tenho à vista. Negro, com a garganta, bochechas, parte anterior do pescoço, coberteiras superiores da cauda branca, uropígio vermelho sângue. Bico enorme, vermelho laranja, com a ponta superior negra.

Região periocular azul, tendo por limites uma mancha irregular de côr vermelha laranja. Olhos esverdeados. Patas azuladas. E' espécie da mais larga distribuição em todo o Brasil.

Em Goiás tem sido visto fora da mata, vindo até os laranjais. Olivério observou em Mato Grosso a notula: "O tucanuçú, conforme observei em Mato Grosso e agora em Goiás, ao contrário de *R. culminatus* e da generalidade dos tucanos, gosta muito mais dos cerrados e dos campos arborizados do que pròpriamente da mata". Nidifica no oco dos troncos e também, segundo alguns observadores, em galerias dos barrancos. A cavidade do ninho é forrada de grande cópia de frutos silvestres.

A voz dêsse tucano grandalhão é, como bem define o autor acima, "um mugido áspero e sonoro", que o distingue bem dos seus congêneres, mesmo sem o vermos. Resiste ao cativeiro, tornando-se sociável.

TUCANO DE PEITO BRANCO — (*Rhamphastos tucanus*) — Mede 54 a 56 cents. Tem a cabeça, nuca, dorso, coberteiras das asas rêmiges e cauda negros, uropígio amarelo canário, garganta e peito brancos, ventre vermelho sângue, região periocular azul plúmbeo, iris escuro, bico vermelho com a raiz e o cume levando larga zona amarelo pálido, tarsos plúmbeos. Habita as florestas do interior da Amazônia; onde é chamado pia pôco. Resiste muito bem ao cativeiro e aí se torna manso. Além do Brasil, sua pátria, é muito vulgar nas Guianas, onde lhe dão o nome de quirina.

TUCANO DE BICO PRETO — (*Rhamphastos ariel*) — Distingue-se bem dos demais pelo bico negro, mas em cuja base se mostra uma zona amarela pálida. O tamanho total da ave é 47 cents., tendo 12 cents. de bico.

A côr geral é preta, com a garganta, região perioftálmica, de côr amarelo gema de ovo, fita peitoral, crisso e coberteiras superiores da cauda encarnados. Encontra-se do Rio Grande ao Pará.

TUCANO DE BICO VERDE — (*Rhamphastos dicolorus*) — Côr geral preta, com o pescoço amarelo carregado, tendo em cima e em baixo duas zonas mais claras. O peito e o crisso são vermelhos. O bico, de 12 cents. pouco mais ou menos, é verde com uma zona enegrecida na base.

E' espécie do sul, do R. Grande até o Rio de Janeiro, embora Goeldi o visse na Baía.

Goeldi encontrou-o de preferência nas matas da Serra dos Órgãos e a sua presença tem sido assinalada, em S. Paulo e Minas, por vários naturalistas. Goeldi, diante da ocorrência dessa espécie, diz que ela "parece ser a mais freqüente do extremo sul e de contínuo deixa a mata pelos terrenos abertos e habitados".

Em alguns lugares essa espécie é chamada tucano de peito amarelo. Por vêzes, como sub-espécie encontram-se indivíduos com o peito vermelho. (169).

Além dêsses tucanos verdadeiros, do gênero *Rhamphastos*, que o povo conhece pelo nome, há muitos outros, especialmente na região zoogeográfica denominada hiléia, o paraíso dessas espécies.

Entre elas é fácil distinguir *R. cuvieri*, que tem bico negro e uropígio amarelo carregado; *R. culminatus*, bico verde e peito branco; *R. osculans* bico verde e peito amarelo dourado.

Ao todo, o gênero *Rhamphastos*, possue 9 espécies.

Nas aves dêste gênero os machos e as fêmeas com dificuldade se distinguem uns dos outros.

ARAÇARÍS — O povo nosso, seguindo as lições do bugre, que de zoologia infusa entendia seu bocado, extrema os tucanos dos araçarís e a ciência endossa-lhe a classificação, pondo aqueles no gênero *Rhamphastos* e êsses em três gêneros diversos.

Raríssimo é que o povo e a ciência se entendam, e já notando certa tendência para o êrro, H. Fabre, observador genial e maravilhoso narrador da odisséia dos insetos, escrevia: "Quand la foule ignorante s'accorde à dire d'une chose que c'est noir, il convient de s'informer d'abord si par hasard ce ne serait pas blanc".

Desta feita, no entanto, ambos estão de acôrdo e, ainda bem, porque na realidade os araçarís diferem bem dos tucanos, já porque são menores, já porque os bicos não são tão agigantados.

Os bicos dos tucanos são enormes e as ventas estão situadas atrás dêles e nos demais gêneros, em que se acham incluídos os araçarís as ventas estão situadas numa incisão da base dêles.

Também, há discordância entre as côres e a sua distribuição, como veremos ao descrever algumas espécies.

Outro característico é o dimorfismo sexual. Nos tucanos não se distinguem fàcilmente os machos das fêmeas; entre os

(169) GOELDI — "As aves do Brasil", p. 139 — 1894.

araçarís Goeldi faz notar que a fêmea é mais uniformemente vermelha brunácea — nuance que falta de todo ou em grande parte nos ornatos da rabadilha e papo do sexo masculino.

Pela voz também se podem distinguir. O apêlo do tucano é um *fin-fin* morrente, som que poderíamos dizer que é de um cinzento desmaiado, e o do araçarí é um *culique, culique*, em que há claridades solares, se fôsse possível dar côres aos sons.

Passaremos a descrever, entre uma vintena de espécies, as que não possuem senão a designação comum de araçarí, e entre essas as que parecem mais dignas de atenção.

Pteroglossus beauharnaisi — Um dos mais soberbos e ornamentais, com penas do alto da cabeça escamosas, pretas, brilhantes, que lhe dão ar arrepiado. A nuca e o uropígio são vermelhos; dorso, asas e caudas verde carregado, parte inferior do corpo amarela, peito e flancos encarnado claro.

Vive no alto Amazonas.

P. pluricinctus — Dorso verde escuro, uropígio encarnado, parte inferior amarela. Cabeça, pescoço e garganta negras. As duas fitas que vêm do peito ao ventre, por vezes ostentam pintalgado vermelho. Bico grande de 12 cents. com orla amarela na raiz. E' como o anterior espécie do Alto Amazonas.

No gênero *Pteroglossus*, assaz comum no Norte, restam ainda mais nove espécies por descrever.

Trataremos a seguir de três espécies que o povo conhece por nomes populares.

ARAÇARÍ-BANANA — (*Andigena bailloni*) — Única espécie deste gênero. Mede 36 a 38 cents. de comprimento e tem 7 cents. de bico. Côr verde olivácea por cima e amarela ouro por baixo. O uropígio é vermelho e o bico, que apresenta côr geral verde, é negro na base, com mancha vermelha gritante, que toma não só a parte basal da mandíbula superior como vem até a inferior. No alto do bico, nota-se côr azulada.

Os olhos, de iris amarelo, brilham na placa acobreada da região perioftálmica, desprovida de penas.

E' o tucaninho mais comum aquí no sul e Goeldi deplora tê-lo visto pendurado entre a caça na praça do mercado do Rio de Janeiro, espetáculo deplorável, a que eu também assistí, ainda não faz dez anos.

ARAÇARÍ DO MINHOCA — (*Pteroglossus aracari*) — Possue cabeça, pescoço e garganta negras, alto dorso, asas e cauda verdes, fita peitoral encarnada e parte inferior do corpo amarela. No bico, vê-se larga estria preta na cumieira.

Olivério Pinto distingue duas sub-espécies, sendo *P. aracari aracari* do sul e leste do Brasil, Baía, Espírito Santo, Minas, S. Paulo e Sta. Catarina. *Pt. a. amazonicus* do norte do Brasil: Amazônia, Maranhão e *Pt. a. atricollis* da Guiana e Venezuela.

A espécie típica é muito conhecida aqui no sul por araçari do minhoca e tucanuí.

ARAÇARÍ-POCA — Cabe essa designação aos araçarís do gênero *Selenidera,* que se distinguem dos demais por ter bico menor.

Cinco são as espécies do gênero, sendo aqui do sul *S. maculirostris,* cujo macho é verde escuro em cima, salvo a cabeça e o pescoço, que são pretos. Há, por trás dos olhos, uma fimbria larga amarela. O peito é preto, a barriga verde e o crisso vermelho. O bico não mede mais de 6 cents. A fêmea é semelhante ao macho, porém com a parte inferior parda.

Ocorre desde o R. G. do Sul até a Baía.

Olivério diz que é espécie "endêmica em todo o nordeste, desde as matas do sul da Baía até Rio G. do Sul (Novo Hamburgo) inclusive as do leste de Minas Gerais, (Teófilo Ottoni). Na Amazônia vive *S. m. gouldi,* cuja diferença mais visível consiste em ter a maxila marcada de uma única mancha negra próxima à base.

O povo, por vêzes, dá-lhe o nome de saripoca, obedecendo à lei do menor esforço, de tamnaha influência na linguagem.

XXVII

JOÃO DO MATO, CAPITÃO DO MATO E OUTROS MATEIROS

> Estremecemos só de ouvir falar em canibais e enforcamos o selvagem que não resiste a êsse hábito ancestral, mas assassinar e devorar as avezinhas é um crime impune.
>
> **Axel Munthe.**

As aves que recebem tais nomes populares pertencem à ordem dos piciformes e família dos buconídeos.

Singularizam-se por hábitos realmente exquisitos alguns dêsses indivíduos.

Mostram-se sorumbáticos, lerdos e, até, positivamente apalermados.

Não é raro vê-los pousados em galhos baixos, quando não no solo, e, aí, ficam imóveis, como se estivessem sempre dormitando.

Se nos aproximamos do seu pouso, percebemos que a ave tem os olhos bem arregalados. Vamo-nos achegando mais e ela continúa a nos fitar os olhos, sem se mexer, como tomada de invencível curiosidade, ou espantada com a presença de um ser inconcebível.

Atolada na mais espessa estupidez ou, quiçá, mergulhada em reflexões filosóficas, o certo é que assim se deixa matar.

A família dos buconídeos, além da invencível preguiça que lhe é peculiar, do gênio ensombrado e melancólico, ainda se torna notável pelo mutismo. Não se lhe ouve um pio, exceto nos indivíduos do gênero *Monasa*, os *tangurús-parás*, que soltam assobios muito característicos.

Todos são insetívoros eméritos e, por êsse feitio, se tornam úteis e merecedores de nossa proteção.

A família comporta seis gêneros e vinte e seis espécies.

Trataremos das raras espécies que o povo conhece e nomeia com designações vulgares.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CAPITÃO DE BIGODE — (*Bucco chacuru*) — Dentre os buconideos deve ser o mais conhecido do povo, pois por toda a parte lhe dão nomes vulgares. Na Amazônia mantém o posto de capitão do mato, embora também lhe nomeiem João tolo, João doido; em Minas, pelos seus hábitos, apelidam-no dormião, e fevereiro, segundo a interpretação das suas vozes; outros supõem que êle pronuncia claramente o próprio nome, que é Paulo Pires, e assim lhe chamam. Ainda são registrados outros nomes como: macurú, sucurú, ou chacurú, sendo êsse último a designação que os íncolas davam a tal ave.

O seu tamanho é mediocre, pois não vai além de 19 cents.

Mostra um bico avermelhado, relativamente grande, com 30 milímetros.

Como os demais parentes, veste-se de côres escuras, pardo, avermelhado no dorso, com faixas transversas negras.

A face é igualmente negra, mas na região do ouvido planta-se uma malha branca e dessa mesma côr é a região supra-ocular e loral.

A parte inferior do corpo é branca.

Pêlos longos e pretos implantam-se na base do bico e dai o título de capitão de bigode.

São aves, por vêzes, ingênuas e duma candura que orça pela toleima.

Não raro o caçador dela se aproxima, procurando a melhor posição para atirar, e o João tolo, espia daquí, vira a cabeça para alí, "assuntando" "maginando", como diz o caipira, até que paga com a vida a sua confiança no homem.

Mas se procede assim, doidamente, consigo próprio, o mesmo não acontece quando constrói o ninho para tratar da família. Então toma precauções e opera com uma inteligência que surpreende em criatura que se supunha tão desassisada e bronca.

Até bem pouco não se conhecia perfeitamente como se aninhava essa ave, embora Herm von Ihering já dissesse: "Não é rara perto do Ipiranga, construindo o ninho em galeria subterrânea" (170).

---

(170) "Aves de São Paulo" — Rev. do Mus. Paulista, vol. III, p. 298 — 1898.

Mais tarde êsse mesmo sábio naturalista surpreendeu o capitão de bigodes entrando em galerias subterrâneas, e escreveu, textualmente, "onde constrói o ninho" e acrescentou que Alexandre Hummel lhe comunicára que essa ave aproveita a galeria feita no barranco por uma andorinha.

Recentemente José Pinto da Fonseca (171) conseguiu realizar observações sôbre os costumes dessa ave e pôde então descrever-lhe o ninho e os ovos.

Merece transcrição integral o registro das observações, como passamos a fazê-lo.

"A ave para nidificar abre galerias subterrâneas nos barrancos, nas paredes das valas, e também no campo limpo, diretamente no solo costuma abrir galerias, mas para tal fim procura lugares onde o terreno faz elevação, formando uma espécie de tumba, nunca porém, as perfura em terrenos planos.

Fig. 68 — Ninho do capitão de bigodes (**Bucco chacuru**) aberto num barranco, no Horto Botânico do Museu Paulista.

No Horto Botânico do Museu, na parte mais limpa, onde há flora da região dos campos, numa pequena tumba à beira do caminho, escolheu o Paulo Pires para perfurar suas galerias, e há três anos consecutivos que vem fazendo aí êstes buracos. Êste ano, porém, não sei por que motivo, quis o pássaro aproveitar uma galeria antiga, talvez do ano atrasado e já a havia renovado, limpando escrupulosamente o corredor, como se raspasse as paredes de uma casa para se pintar de novo, removendo também para fora todo o material antigo, e já deteriorado, da câmara, empregado para o ninho. Ao lado de fora, a vinte centímetros da boca da galeria, toda esta imundície fôra espalhada, nela se notando até fragmentos de coleópteros, pernas de aranhas, etc. Passados alguns dias, julgando que o pássaro tivesse já posto ovos, resolvi abrir o ninho.

(171) "Notas biológicas sôbre aves brasileiras" — Rev. Mus. Paulista, t. XIII — 1923.

Qual não foi a minha decepção. Deparou-se-me apenas em começo de construção; tornei a arranjá-lo outra vez como estava, sem destruir a câmara. Julgara tudo perdido, ainda mais tratando-se de tão desconfiado pássaro que provavelmente abandonaria para sempre o lugar onde vinha nidificando desde vários anos.

Cinco dias haviam passado, quando iniciou a um metro adiante da velha galeria outra perfuração. Fôra o serviço começado num domingo de manhã, dia 16 de outubro. Logo no dia seguinte, havia muita terra posta para fora, denotando trabalho assíduo.

No terceiro dia já haviam as aves perfurado 27 centímetros. Por mais que eu prestasse atenção em constantes observações, nunca lograra surpreendê-las; só depois de várias observações descobrí a razão. E' que os Paulo Pires quando na abertura das suas galerias, empregam toda a atividade para não serem surpreendidos, usando de interessantíssimo estratagema. Trabalham quasi o dia inteiro, mas em horas em que não há pessoa alguma perto. Enquanto um com o bico perfura a mina, outro está sempre alerta, de sentinela, pousado no arbusto mais próximo. Ao aproximar-se alguém, mesmo ainda a grande distância, dá a sentinela o alarme — cr.r.r. cr. r.r. cr.r.r. Sai incontinente o mineiro do buraco, voando os dois, silenciosamente, para longe, mas voltando logo que não há mais ninguém à vista.

De 16 a 24 de outubro, a galeria media 93 cents. de profundidade, o que correspondia a uma média de 15 cents. diários Até o dia 1.° de novembro, via-se nova terra posta para fora, pois estava o casal finalizando a câmara de incubação.

Dêste dia em diante tudo cessou, sinal evidente que o serviço terminara. Também não se viam mais os pássaros, que deixaram de gritar. Passados cinco dias, resolvi enfiar uma varinha pela mina a dentro, o que fiz sem nenhum resultado, pois estava tudo em silêncio. Só notei que a ponta da vara curvara-se e despertou-me também a atenção uma folhinha sêca que saiu agarrada na ponta da vara, e a não ser isto cousa alguma mais percebí.

Após novos 4 dias de constantes observações, tudo vendo na mesma quietude, os pássaros sem dar sinal de presença, e julgando que o ninho talvez estivesse abandonado, dei o último assalto; resolví abri-lo para ver o que haviam feito.

Para isso, com uma vara, tomei primeiramente a altura em que estava localizada a câmara, medindo em seguida exteriormente e abrindo um buraco mais ou menos por cima onde julgava encontrar a dita câmara.

Havia escavado bom pedaço e, quando já ia alcançar a câmara, com grande admiração, vi saír, precipitadamente, um pássaro, em seguida outro. Eram os fevereiros. Pouco depois atingí a câmara, na qual estava alojado o ninho, que não passava duma aglomeração muito mal arranjada de folhinhas sêcas, contendo quatro ovos totalmente brancos, lisos e com os polos um tanto arredondados. Êstes ovos que estão sob o N.º 1771 da coleção do "Museu Paulista" variam de 27-28 mm. de comprimento e 23-24 mm. de largura.

Em proporção não só ao tamanho do pássaro como também em relação aos ovos de outros pássaros de seu porte, tais ovos são enormes.

As galerias que terminam numa panela ou câmara, de forma arredondada, onde se localiza o ninho, são sempre retas, sem sinuosidades, alargando ao chegar à câmara, e também sempre inclinadas, nunca paralelas à linha do solo. Segundo as que abrí no Horto do Museu, em número de três, variam nas seguintes dimensões — Comprimeiro total incluindo a câmara 100-118 cents. Largura 20-22 cents. Altura da câmara 16-18 cents., largura 20-23. O ninho como já disse, não passa de um amontoado de folhinhas sêcas de *Miconia* sp. enchendo toda a cavidade inferior da panela, ficando ao nível da galeria."

O capitão de bigode encontra-se em todo o Brasil central, desde S. Paulo à Baía, Mato Grosso e Bolívia.

JOÃO DO MATO — (*Bucco swainsoni*) — Um tanto maior que o anterior, êsse buconídeo apresenta o bico negro e mais largo na base que o do capitão de bigode já descrito.

A parte superior do corpo é preta, afora a fronte e a coleira que são brancas, sendo dessa mesma côr a garganta, o pescoço anterior e a face. O peito é negro e a barriga dum amarelo pardilho. A maxila superior tem a ponta curvada para baixo e possue, como atrás descrevemos, grandes bigodes, motivo pelo qual também é chamado capitão de bigodes.

Ocorre em S. Paulo e Rio de Janeiro. Seus hábitos devem ser semelhantes ao da espécie anterior, mas de ciência certa nada se sabe.

CAPITÃO DO MATO — (*Bucco capensis*) — Veste-se mais alegremente que os seus congêneres, pois mostra na parte superior do corpo côr vermelha, com listras pretas finas; as rêmiges são pardas, mas com margens vermelhas; garganta bran-

ca e o abdome vermelho claro. Nota-se uma fita preta que da nuca vem ao peito. O bico é vermelho com cumieira negra.

Hábitos naturalmente semelhantes.

Na Amazônia dão a essa espécie o título de rapazinho dos velhos, designação que, além de estrambótica, cabe a outras aves.

No gênero *Bucco* ainda se encontram mais 9 espécies, além das aqui referidas, na maioria sem nomes populares e até confundidas com as descritas.

Fig. 69 — Capitão do mato (Bucco hyperrhynchus).

JOÃO DOIDO — (*Melacoptila torquata*) — Menor que o João do mato e maior que o capitão de bigodes, essa ave enverga o uniforme pardo da sua grei de sonolentos e tristonhos.

Há no entanto, quebrando a monotonia do bruno da roupagem, estrias longitudinais, amarelas na cabeça e nas costas. O loro é ferruginoso e do peito desce uma larga faixa branca, orlada de preto, na parte mais baixa.

Mais sombrio e abstraído que os da sua igualha, o João doido é maluco por borboletas e outros insetos, sendo assim de absoluta utilidade.

Se há no mundo criatura abstrata, é êsse filósofo de roupas pardas e bigodes pretos, tão fornidos e vistosos, que lhe granjearam o cognome de joão barbudo.

Ensimesmado no profundo dos seus pensamentos, sonhando com borboletas azues e outras comidas de qualquer côr, o grande distraído não perecebe sequer as intenções malévolas dos que dêle se acercam e é vítima dessa parva ingenuidade. Pobre joão barbudo, tão útil e tão idiotazinho.

TANGURUPARA' — (*Monasa nigra*) — Ave pouco mais ou menos do porte de uma sabiá, negra na parte superior do corpo, exceto no encontro da asa, que é branca, e acinzentada na parte inferior do corpo.

O bico, que é vermelho côr de coral, dá singular destaque a essa ave, muito conhecida na região amazônica, que é seu *habitato*.

O canto de tangurupará, ou tamburi-pará, como escreve Stradeli, é um assovio fino.

Quando êsse assobio se faz ouvir com insistência, quebrando o quirirí da floresta, diz o amazonense que o tempo vai virar, vindo já rolando pelos céus a trovoada.

O vermelho sanguíneo do bico deste adivinhão de borrascas tem a lhe explicar a origem a seguinte história.

Fig. 70 — Tangurú-pará (**Monasa nigra**)

O japim, todos o sabem, arremeda, imita, desvirtualiza, o canto de todos os sêres alados da floresta.

Um dia imitou o canto do avô do tangurupará, e êsse, acudindo ao apêlo, julgando ser um seu parente, encontrou-se frente a frente, com o burlão do japim. Não gostando da troça, avançou contra êle e matou-o sem misericórdia.

O sângue dêste assassínio tingiu-lhe para sempre o bico, e daí em diante o japim imita todas as aves menos o tangurupará.

Martius já registrava, em seu latim, a mesma lenda, escrevendo: "Avis unica dicitur cujus cantus avis japii nequeat imitari".

Aquele naturalista, entretanto, averbava a denominação tamurupará, outra variante, além das aquí registradas.

JUIZ DO MATO — (*Monasa morpheus*) — Empertigado, sombrio e sonolento como seus primos-irmãos, o utilíssimo juiz do mato tem côr geral cinzenta escura, rêmiges e cauda negras, fronte e a parte anterior do pescoço dum branco-amarela-

do. Bico vermelho, razão por que recebe o nome de bico de brasa, que, aliás, cabe a outros seus parceiros.

Dos seus costumes muito pouco se conhece; entretanto, é sabido que têm ótimo apetite e se alimenta de insetos.

ANDORINHA DA MATA — (*Chelidoptera tenebrosa tenebrosa*) — E' negra, com a parte posterior da barriga algo ferrugínea, uropígio e crisso brancos. Goeldi encontrou nêsse buconídeo traços de pisco carvoeiro de Velho Mundo.

Gosta de se empoleirar no píncaro dos galhos, especialmente nas bordas da mata e aí, de seu observatório, vigia o ambiente e vislumbra o mundo dos insetos alados de cuja caça vive.

Aninha-se em galerias que cava nos barrancos, à maneira dos martim-pescadores.

Há uma sub-espécie, *Chelidoptera tenebrosa brasiliensis*, conhecida por tatera e miolinho que difere apenas da anterior por ter o abdome canela claro ou brancacento, enquanto o da outra é ferrugíneo.

Euler encontrou ninhos não em barrancos, mas na praia arenosa do rio Macuco, e assim os descreve: "Depois de entrar obliquamente no terreno plano, segue por baixo dêste em direção horizontal até a panela e muitas vêzes a tão pouca profundidade que, ao pisar no lugar, o pé afunda-se". O ovo é branco, esférico de casca delgada e mede 25 × 20 mm.

A andorinha da mata, a primeira descrita, é encontrada na Amazônia, onde é conhecido por urubùzinho e essa última, a tatera, vive em S. Paulo, Rio de Janeiro, e vai até Baía.

Tem sido vista em Pernambuco e é vulgaríssima em Goiás e Mato Grosso.

XXVIII

PICAPAUS

> "Aucun animal ne se soucie de l'homme; j'en excepte le chien, notre ami encore plus que notre serviteur; aucun ne se préoccupe de nos interêts; tous travaillent pour eux et leur famille. Si leur instinct est de detruire uniquement les espèces que nous sont nuisibles, rien de mieux: ce sont là des auxiliaires par excellence; mais si leurs gouts les portent à chasser indistinctement les espèces que nous sont nuisibles et celles qui nous sont utiles, nous devons mettre en balance la somme du bien et la somme du mal qu'ils nous font".
>
> **J. H. Fabre** — "Les Auxiliaires".

As aves que receberam entre nós o nome de picapaus, pinicapaus, eram pelos indígenas conhecidas sob o nome genérico de *ipecú,* merecendo certas espécies denominações que as distinguiam dentre os demais, como *ipecú-ati, ipecú-pará, ipecú-tauá,* etc.

Trata-se de um grupo de aves muito homogêneo, que apresentam os pés típicos dos trepadores, com dois dedos para frente e dois para trás, munidos de unhas fortes, arqueadas, cortantes. Os dedos anteriores são ligados entre si na base. O bico é comprido, direito, forte, paragnato, aquilhado em cima e em baixo e truncado na ponta como um cinzel.

Êste bico, colocado no eixo da cabeça, transforma esta num verdadeiro martelo vivo.

Com tal aparelho grandemente adaptado à função, a ave fura os tecidos duros das árvores.

Possue 10 rêmiges na mão e 9-12 no braço. A cauda tem 12 retrizes e apresenta uma particularidade inédita: as retrizes são recurvadas para baixo, munidas de canhões e barbas duras, quasi como escamas de peixe, e o raquis, que é a espinha dorsal da pena, termina em ponta dura como cerda de porco espinho. Vê-se aqui que a plumagem foge ao papel na-

tural que sempre apresenta, entre as aves, como órgãos de voo e transforma-se em instrumentos destinados a amparar o animal quando grimpa ou, melhor, quando se fixa perpendicularmente ao tronco e aí procura os insetos de que se alimenta, ou cava, no lenho, o abrigo para a futura prole.

Os picapaus pequenos, do gênero *Picumnus*, entretanto fazem exceção desta regra, pois têm as retrizes moles com ponta arredondada.

As coberturas exteriores das asas, em todo êsse grupo de aves, são curtas como nos pássaros.

Uma das particularidades mais notáveis dos picapaus é a organização da língua. Encerrada pelo osso hióide, de ramos posteriores excessivamente longos, sobe em curva, entre o crânio e a pele, acima da cabeça, para ir terminar na base do bico; servida ainda por músculos enrolados como uma fita em torno da traquéia, a língua, pode, devido a tal organização e segundo a vontade da ave, ser projetada para fora e atingir um corpo colocado a cinco centímetros do bico e, a seguir, ser recolhida entre as mandíbulas que então a ocultam inteiramente.

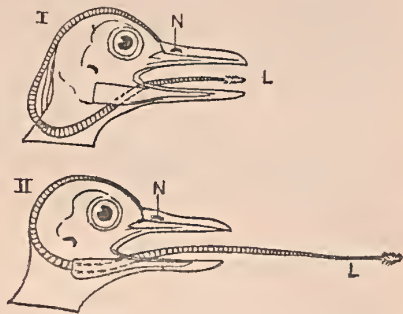



Fig. 71 — Língua de picapau.

Esta língua é triangular e denteada nas margens.

Duas glândulas volumosas, colocadas sôbre as partes laterais e inferiores da cabeça, segregam um humor viscoso, que, lançado no interior das mandíbulas, tanto serve para tornar a língua flexível como, pela sua viscosidade, facilita a retenção de larvas e insetos quando por ela atingidos.

Estas glândulas, nos picapaus ainda ninhegos, apresentam-se de tal forma volumosas e proeminentes de cada lado das comissuras do bico e sob o aspecto de uma ampola ovóide, que muda por completo a fisionomia das aves de que tratamos.

Nidificam, no oco dos paus, em cavidades que o macho e a fêmea cavam, de preferência nas espécies vegetais de lenho menos duro ou troncos já velhos e um tanto estragados pela ação de fungos, insetos, etc.

Algumas espécies contentam-se com as cavidades naturais que encontram. Na Europa alguns se aninham em buracos acaso existentes em muros abandonados.

Azara informa que *Colaptes campestris,* o nosso pica-pau do campo, na Argentina, aninha-se no chão e Darwin referindo-se à observação daquele autor, reassegura o fato, e acentúa mesmo textualmente: "posso afirmar, segundo minhas próprias observações que, aliás, confirmam, as de Azara, observador cuidadoso e exato, que, em certos distritos consideráveis, êste *Colaptes* não grimpa pelas árvores e faz seu ninho em buracos que cava no solo" (172).

Eis aí uma excelente prova de adaptação das espécies ao meio.

Convém notar que *Colaptes campestris* não ocorre no Prata, segundo R. Dabbene e H. Ihering. Azara e Darwin referiam-se a *Colaptes agricola,* espécie muito parecida e que, como *campestris,* tem a garganta branca. *C. agricola* também ocorre no Rio Grande do Sul.

Curioso, entretanto, é assinalar que *C. campestris,* também se aninha no chão em nosso meio, segundo o testemunho de J. Moojen, prof. de Zoologia na Escola de Viçosa, a quem escreví sôbre o assunto.

Aquele conspícuo naturalista, em carta particular, escreveme:

"Infelizmente não tenho senão uma observação pessoal sôbre nidificação do *Picidae.* Trata-se de *Colaptes campestris* (Vieill), cuja nidificação, por duas vezes, observei aqui em Viçosa. Nos barrancos de estradas de muito pouco transito ou abandonadas, aprofundam de cêrca de 60 cents. um canal ligeiramente inclinado, com cêrca de 10 cents. de diámetros e terminado em cavidade mais espaçosa. Forra-a muito ligeiramente com detritos vegetais e faz postura comum de 6 ovos muito alvos e brilhantes, comumente irregulares na forma e com média de 32 × 22 mm.".

H. von Ihering, no seu Cat. crítico-comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil (173) assinála o ninho dêste picapau em termiteiros, e *C. agricola,* em barrancos. Há ainda outro pica-pau pardo, o qual não pude identificar, que controi ninho em barranco, conforme minha própria observação.

---

(172) "L'Origine des Espèces", p. 193, trad. de Ed. Barbier — Paris, s/d.

(173) Rev. Mus. Paulista, vol. IV, 1900.

Nas regiões desérticas, cuja vegetação é inteiramente contrária aos hábitos dêste gênero de aves, visceralmente arborícola, lá se encontra o picapau. Bourbier informa que nos desertos do sul da Califórnia vive o *Dryobates scalaris cactophilus*, que se aninha nos vegetais, mais arbustiformes que por lá se encontram, o *agave* e a *yucca*. Nestas plantas fura êle o seu covil e aí deposita os ovos.

Os ovos dos picapaus em geral são brancos e em número de 5 a 6 e seus filhotes, nidícolas, nascem cegos e inteiramente nús e precisam dos cuidados dos pais para serem alimentados, e até se mostram imóveis nos primeiros dias.

A maioria dos picapaus são mudos; entretanto, alguns soltam gritos agudos e, por vêzes, longos e estridentes. Há alguns cujos nomes populares nasceram da onomatopéia do seu grito, tal como o *birru*, o *benedito*, o *chã-chã*.

Assinala-se o mesmo fato na Europa. *Picus viridis*, ao voar, emite um som que se pode traduzir por *pleu-pleu*, nome pelo qual é conhecido em certas regiões da França, onde supõe o povo que esse grito anuncia a chuva.

Os picapaus possuem uma ínfima faculdade de voar. O seu voo é executado aos arrancos. Em geral levantam-se por vibrações de asas, mergulham, traçando, assim, no ar, arcos ondulados.

Se é certo que a natureza não lhe concedeu a virtuosidade dos mestres cantores e lhe negou a volúpia dos grandes vôos, nem por isso deixou de aparelhá-lo muito bem para seu gênero de vida. Todos seus orgãos a ela se adaptaram maravilhosamente.

Pés, unhas, rêmiges, cauda, bico, língua apresentam a mais perfeita adaptação.

Quanto à força do bico, é extraordinária. Diz o povo que tal fiúsa põe o picapau na possança do bico, que, ao desfechar uma bicada na casca da árvore, corre logo para a parte oposta a ver se conseguiu, daquela feita, varar a árvore de lado a lado.

Ironia popular. Logo se vê que o despresumido operário se vale dum ardil, dum velho estratagema herdado de remotos caçadores seus avoengos. Ao fazer rumor, ao vibrar suas pancadas sonoras no tronco, desperta e assanha todo o mundo de insetos e bicharocos outros de pequeno porte que aí se alapam nas rugosidades.

Batendo, entretanto, na casca das árvores, êles também lhe verificaram o apodrecimento e se por baixo, como de costume, há abundância de insetos.

Na época dos amores é, igualmente, por meio de pancadas vibradas fortemente nos troncos que os machos levam o seu amoroso apêlo às companheiras extraviadas no labirinto da mata.

O ruído que se ouve então é assaz caracteristico, e uma lenda guarani interpréta-o como sendo o gênio tutelar das florestas, o Juruparí, que sonda o âmago das árvores, verificando se estão sadias e fortes, para substituir as velhas e decrépitas, pela juventude vegetal, que aguarda ansiosa, sob a terra, o momento glorioso de surgir.

Fig. 72 — Um tipo de ninho de picapau.

O aparelhamento singular que lhe deu a natureza, como estamos vendo, está servido por um instinto sublimado até o inverosímil.

Por meio dêste dom, quasi divinatório, o picapau pressente a larva do inseto adormecida no âmago do tronco, mesmo daqueles aparentemente sãos.

Adivinha-a e localiza-lhe tão certeiramente a posição, como se trabalhasse auxiliado pelos raios Roentgen.

Esta é uma velha observação popular já há muito confirmada. Quando nos Estados Unidos se acusou o picapau *Asyndesmus lewisi*, de prejudicar as maçãs, alguns cultivadores destas fruteiras tiveram ensejo de verificar que essa ave, de preferência, escolhia a maçã bichada pela larva de *Carpocapsa pomonella*, o que vem confirmar as maravilhas de seu instinto, ou, quem o pode negar, suas faculdades de vidência.

O homem do campo, que também freqüenta a mata, observando estas maravilhas do instinto, já que lhe não sabemos dar outro nome, surpreende-se e busca, fora da órbita do mundo real, uma explicação para as singularidades desta criatura, que sob aparência de ave talvez seja um avantesma benéfico, um gênio protetor da floresta, o próprio Juruparí bicudo e emplumado.

Vem daí, talvez, a fama de feiticeiro, de que goza o picapau através do folclore, que é a sabedoria popular na tradição oral.

Como certos santos da igreja, esta ave é acusada de praticar a magia e outras artes mais ou menos diabólicas.

E', pois, o bruxo, o feiticeiro, entre as aves.

VII

PICAPAUS:

1) *Celeus jumana,* 2 fêmea do mesmo. 3 PICAPAU DE CABEÇA VERMELHA *(Campephilus rubricolis)* 4 fêmea do mesmo; 5 PICAPAU AMARELO *(Crocomorphus flavus)* 6 fêmea do mesmo. 7, *Melanerpes cruentatus;* 8 *Coephloeus lineatus.* 9 PICAPAU FURA-LARANJA *(Venilionrnis ruficeps).* 10 PICAPAU PINTADO *(Celeus undatus.*

Correm lendas que, quando alguém lhe prega uma tábua na porta do ninho, feito no oco da árvore, voa o picapau à procura de certa planta e com ela toca a tábua e logo os pregos caem.

A fôlha desta planta mirífica, que os botânicos ainda não lograram determinar, o que talvez nunca venham a fazer, pelos bruxedos que envolvem tão lindo mistério, dá a quem a possue as maiores felicidades na vida.

No norte do Brasil, onde ainda juvenescem as velhas tradições, é comum ouvir dizer de quem é feliz, "que possue a fôlha do picapau".

Remonta esta lenda a uma época imprescrutável, ao alvorecer talvez das primeiras relações do homem com os seres que o cercavam.

Todos os folcloristas têm encontrado estas fábulas, já tradicionais entre gregos e romanos, pois, segundo Plutarco, Picus, por encantamentos e bruxarias da espôsa, foi transformado em ave.

A verdade é que o picapau sempre excitou a imaginação popular, pelos seus ares misteriosos e ariscos e pelo hábito singular de martelar sonoramente os troncos das árvores, como se teimasse em despertar as hamadríades adormecidas.

Pelo seu gênero de alimentação, tornam-se os picapaus utilíssimos ao homem, dando caça incessante a um grande número de insetos, quer adultos, quer na fase de larva.

Em algumas espécies nota-se determinada predileção por vespídeos.

J. Pinto da Fonseca verificou que o picapau branco *Leuconerpes candidus*, também conhecido por *biirru e cri-cri*, mostra decidido gôsto pelas formas jovens (larvas e ninfas) da abelha irapuá (*Melipona rufricrus*).

Quando se lhe depara um ninho desta abelha tão prejudicial, êle não se dá de perder dois dias de rijo trabalho para lhe alcançar o centro, onde se encontra a pestisqueira.

Em geral o ataque ao ninho é feito por dois ou mais indivíduos, e dá-se pela parte lateral. Praticado o furo, trabalho que por vezes consome dois dias, os picapaus devoram a prole.

E. Hegh, no seu trabalho "Les Termites", aponta o picapau como grande inimigo dos cupins. No estômago de uma destas aves foram encontradas centenas dêstes insetos.

Certas aves sul-americanas, escreve êste autor, atacam, parece, os termiteiros que êles abrem a bicadas.

Nêste grupo estão os picapaus.

Hagem em 1855 já assinalava que, no Brasil, *Colaptes campestris* = *Picus campestris* perfurava os montículos dos térmitas

e se nutria dêsses insetos, da mesma forma que o seu congênere europeu, o picapau verde (*Picus viridis*).

Burmeister, aliás, já havia feito esta observação.

Êste hábito de certos picapaus atacarem ninhos de cupins e de formigas também, foi verificado por Chapin entre espécies africanas desta ordem, conforme nos informa Hegh na obra acima citada.

Posto que a natureza lhes desse uma organização geral apropriada a grimpar, pois na realidade possuem essa faculdade no mais alto grau, alguns picapaus vêm ao solo procurar insetos, especialmente formigas e suas larvas.

Os criadores de faisões, na França, reputam a caça às formigas e suas larvas tão eficiente, que arrolam os picapaus como prejudiciais ao seu gênero de negócio.

Esta particularidade é, para nós outros, meritória, já porque não nos interessam os faisões, já porque nos desinteressam as formigas, que até poderiamos exportar...

Na Europa e América do Norte acusam os picapaus de prejudicar as árvores florestais, cavando-lhes o tronco para se aninharem. Pesa-lhes, outrossim, a culpa de estragarem certas espécies vegetais de cujo câmbio se nutrem.

Na América do Norte êstes prejuízos chegam a somas vultosas para a silvicultura.

Estas aves são por lá denominadas *sap suckers*, que significa bebedores de seiva.

Bréal (informa o *Bull. de la Soc. Nat. de Accl. de France*, 1.° de março de 1912), analisou o estômago de 3.453 destas aves e verificou que a acusação é fundada para certas espécies que se nutrem do câmbio das árvores, porém a maior parte presta grandes serviços à silvicultura, destruindo insetos xilófagos.

Certas espécies causam estragos nas fruteiras, furando os frutos, conforme queixas dos cultivadores de maçãs de Oregon.

Entretanto, alguns dêstes, de mais atilado espírito de observação, notaram que os picapaus preferem as maçãs bichadas, quer dizer aquelas que contêm a larva do inseto *Carpocapsa pomonella*, como já referimos.

Neste caso, em lugar de prejudicial, seria útil a ação da incriminada ave.

Entre nós o picapau fura-laranja (*Veniliornis ruficeps*) e o picapau branco (*Leuconerpes candidus*), freqüenta pomares, furando as laranjas e comendo totalmente o seu conteúdo.

Pelos estudos realizados nos Estados Unidos, conclue-se a enorme utilidade dos picapaus para a indústria florestal, e os estragos são grandemente compensados com os serviços que prestam na caça dos insetos que perseguem estas árvores.

A Comissão Entomológica, no seu V.º Relatório, calcula que 400 espécies de insetos vivem à custa do carvalho, que o olmeiro mantém 80, a nogueira da América (hickory) dá repasto a 170, a expensas da acácia vivem 41, do "erable" ou bordo 100, da bétula, 105, do salgueiro 186 e do pinho 165.

Quem na natureza se poderia encarregar da tarefa de dar caça a êste gênero de insetos, escondidos sob as cascas lenhosas das árvores, enfurados no fundo de sulcos profundos, abrigados no próprio tecido da planta, como em geral as brocas, quem senão uma ave aparelhada, especialmente, para êste fim, como o picapau?

Para os demais gêneros de insetos não lhes faltam inimigos, mas para certas espécies xilófagas, sòmente uma ave organizada da forma que vimos.

Quanto mais estudamos a natureza, mais nos surpreende o seu mecanismo regulador, o qual decerto não é menos admirável que a mecânica celeste.

Lá nas altiplanuras do firmamento é a entrosagem formidável das esferas, nas suas eternas gravitações ao redor de eixos imaginários e abstratos, sempre num encadeamento harmonioso; aqui é a poeira constituída por miríades de seres, tão pequenos diante das grandezas do universo, mas igualmente subordinados a leis inflexíveis, ditadas não sabemos por quem.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

A ordem dos piciformes e família dos picídeos, que engloba os picapaus pròpriamente ditos, é muito numerosa.

No Brasil existem, segundo o catálogo de H. von Ihering, 69 espécies de picapaus e, é bem possível, que o número seja ainda maior.

A ornitologista Emília Snethlage descreve 42 espécies, só na região amazônica.

Na descrição das espécies, limitar-nos-emos a algumas conhecidas por nomes populares, porque o nosso fito é meramente divulgar o que fica ao alcance do leitor comum, não especializado, e, entretanto, desejoso de entrar em relações mais íntimas com o reino encantado das aves.

Quem freqüenta a mata terá tido oportunidade de notar que existem picapaus de tamanho avantajado, outros muito pequenos e tantíssimos outros de tamanho médio.

PICAPAU BRANCO — (*Leuconerpes candidus*) — Tem o tamanho algo maior que um bentevi, 28 cents.; bico 34 mm. Muito

singular pela sua côr branca, invulgar entre tais aves, mas o dorso, asas, cauda e estrias ao lado do pescoço são de côr preta, o meio da barriga é amarelo, apresentando o macho uma fita nucal também dessa côr.

Habita toda a América Meridional e gosta das regiões descampadas onde aparece em grupinhos de 4 a 5 indivíduos, soltando repetidos gritos *"biirru, biirru"*, de quando em onde entremeado de cri-crís, nomes êsses por que, aliás, são tais aves conhecidas em certas regiões.

Fig. 73 — Picapau branco (**Leuconerpes candidus**) atacando o ninho de abelha irapuá.

Já anteriormente descrevemos-lhe os préstimos no combate à prejudicial abelha indígena denominada irapuá.

PICAPAU DE CABEÇA AMARELA — (*Celeus flavescens*) — Sem dúvida um dos mais decorativos do grupo. A cabeça é de um amarelo claro, com penas alongadas no vértice formando a poupa, que o pescoço estreito engrandece e destaca. O corpo é preto, salvo o uropígio, que ostenta côr amarela. As penas do dorso e as das asas têm barras amarelas. A fêmea é igual ao macho, mas nessa nota-se côr vermelha nas bochechas.

Em tamanho rivaliza com o picapau branco. Freqüenta a mata, onde faz ouvir a sua voz que, no dizer de Goeldi, muito se assemelha à de certas espécies européias.

Como aprecia muito cupins e formigas, vem caçá-las no chão e, por êsse grande serviço deve ser protegido, embora também coma frutas, no inverno.

Em alguns lugares o povo chama-lhe João Velho. Os ovos das espécies do gênero *Celeus* são brancos, mas sem o lustro característico dos ovos dos picapaus em geral.

PICAPAU DOURADO — (*Chloronerpes aurulentus*) — Mede 21 cents. de comprimento e o bico tem 25 milímetros.

O macho é verde azeitonado em cima, esbranquiçado na parte inferior, mostrando aí faixas transversas negras. A garganta é amarelo ouro e a cabeça, ao alto, vermelha, côr que aparece numa estria das bochechas.

As retrizes são pretas e desta côr as rêmiges, atravessadas, aliás, de faixas pardo-encarnadas.

A fêmea difere do macho por ter só a nuca vermelha, e restante da cabeça, em cima, preto.

O picapau dourado, quando logramos vê-lo na mata e até nas capoeiras, encanta-nos pela beleza e surpreende-nos pela quasi mansidão.

Se nos aproximamos demais, não é tão tolo que se deixe apanhar, mas foge sem grande precipitação.

Seu assovio nítido, longo, harmonioso, quando sôa, quebrando o quirirí da mata, vale por uma canção inteira, é uma composição musical em uma nota só. Ocorre tal espécie da Argentina ao Rio de Janeiro e Minas.

Há um outro picapau de cabeça amarela, que vai até o norte. Trata-se de *Chloronerpes erythropsis*, bem diferente do anterior, já porque é um tanto menor, já pela côr geral verde-amarelada.

A cabeça é, entretanto, amarela, com o vértice vermelho, nas fêmeas, côr essa que os machos mostram sôbre a fronte e garganta.

PICAPAU AMARELO — (*Crocomorphus flavus*) — E' o "ipecú tauá" dos indígenas. Plumagem amarela muito vistosa, asas pardas, cauda negra. O macho distingue-se da fêmea pela estria malar encarnada. Habita o extremo norte do Pará, Marajó, Maranhão e Ihering assinala-o no Espírito Santo.

PICAPAU CARIJO' — (*Chrysoptilus chlorozostus*) — Mede 29 cents. de comprimento, eendo de bico 28 mm. E', pois, avantajado no porte e em matéria de traje parece andar sempre de grande gala, pois enverga uniforme verde-amarelo brasileiríssimo.

Nota-se sôbre essas côres faixas pretas transversas, no lado do dorso e manchas redondas no ventre. Fronte e vértice negros, nuca vermelha, face branco-amarelada, rêmiges escuras e uropígio amarelo.

Ocorre do R. G. do Sul à Baia.

PICAPAU DO CAMPO — (*Colaptes campestris*) — Enquanto os picapaus, em geral, vivem nas florestas, êsse notabiliza-se

Fig. 74 — Ovos de picapau **Colaptes campestris** — Tamanho 32 x 22 (Foto de J. Moojen)

por ser um habitante dos campos. De seus hábitos, um tanto diferentes dos demais da família, já falámos logo ao comêço com minúcia. Aquí apenas lhe esboçamos em três linhas, a figura.

Mede 30 a 32 cents. e êsse tamanho o coloca entre os maiores. Bico 40 mm. Plumagem sem muito atrativo: dorso e parte inferior do corpo esbranquiçada, com faixas pretas, transversas; uropígio branco, com faixas negras. As hastes das rêmi-

ges são amareladas. Fronte, vértice e garganta pretos. A nuca, o pescoço e parte do peito são lavados de um amarelo ouro que lhe dão um pouco mais de vida.

PICAPAU GRANDE — (*Campephilus robustus*) — E' o gigante da espécie, pois mede 36 cents. Bico 53 mm. Quasi rivaliza em tamanho com o maior dos congêneres existentes, o "Ivorybill" norte-americano.

Sua atividade enche a floresta de pancadas sonoras, como se por todos os recantos lenhadores em revolta com o mundo vegetal estivessem derrubando a mata.

E' vistoso e belo o uniforme do valente mateiro.

Na côr geral amarelenta do corpo, notam-se faixas escuras na parte inferior. Cauda e asas negras; pescoço escarlate e da mesma côr a cabeça e a sua poupa algo colocada para trás.

Do macho se diferencia a fêmea por um topete mais discreto, e por um traço desmaiado com orlas pretas que se insinua por baixo dos olhos. Quasi sempre é visto aos casais que não se mostram muito espantados com a presença do homem.

Ocorre aquí no sul até Espírito Santo, Goiás. No Estado do Rio é chamado picapau de cabeça vermelha.

PICAPAU FURA LARANJA — (*Vaniliornis ruficeps*) — Côr geral olivácea, ostentando o macho poupa encarnada e a fêmea poupa amarela.

A parte inferior é cinzenta enegrecida, com listras transversais amarelo desmaiado.

As partes laterais do pescoço são lavadas de amarelo.

São êsses picapaus dotados de extrema atividade, gênio alacre, e algo confiados, a ponto de virem até próximo das moradias humanas.

Gostam de freqüentar os pomares, e apreciam muito as laranjas, que sabem furar.

Quando acertam em descobrir tais frutas, em breve voltam, com a família para o banquete, e então enchem o laranjal de apêlos longos e aflautados, e isto recompensa os pequenos estragos.

Quasi nada se conhece sôbre a nidificação de *Vaneliornis*.

PICAPAU DA MATA VIRGEM — (*Melanerpes flavifrons*) — Mostra o dorso preto, mas o uropígio e a cobertura superior da cauda são de côr branca, asas e cauda pretas, fronte e garganta amarelas, a face preta e o vértice, a nuca e o peito vervelhos. A fêmea tem a nuca e o vértice pretos e a fronte amarela.

O povo, em S. Paulo e Minas, conhece bem êsse picapau, que por ter a cara preta, é chamado benedito, nome que, aliás, êle mesmo profere em seus gritos, segundo pessoas de apurado ouvido. Há quem o denomine rididico, segundo outra interpretação onomatopaica.

Vive nas matas aquí do sul, mas vai até à Baía.

PICAPAUS ANÃOS — Os diversos picapaus do gênero *Picumuns* são conhecidos pelo nome de picapaus anãos, devido ao tamanho bem menor com que se distinguem dos outros.

Além dêsse, mostra outro característico típico dêste gênero de picapaus pequenos, que são as retrizes moles e de pontas arredondadas, enquanto nos diversos gêneros elas terminam em ponta e são duras, como já fizemos notar anteriormente.

São quinze o número das espécies anãs.

Os mais vulgares, aquí no Sul, são *Picumnus temminck* e *P. cirrhatus* ambos, aliás, muito parecidos.

Bastará apenas descrever o primeiro, que não mede mais de 10 cents. de comprimento.

E' de côr parda acinzentado no dôrso, e esbranquiçado com faixas negras, em baixo. A face e o lado do pescoço são pardos, puxando para o amarelo. A cauda é preta, com as pontas das retrizes exteriores brancas. A cabeça é preta, mas na fêmea as pontas das penas dessa região têm pontas brancas. O macho tem na fronte e no vértice as pontas das penas vermelhas, no resto da parte superior da cabeça pontas brancas. *P. cirrhatus*, como dissemos, é extremamente semelhante, diferindo apenas porque na parte dorsal mais se acentua um pardo avermelhado com poucas faixas transversais e, no amarelo da face, e partes laterais do pescoço, há faixas escuras transversas.

Êsses pequenos picapaus são muito graciosos e, em certas matas, abundantes. Gostam, aliás, de vir aos povoados onde visitam pomares e jardins em cujas árvores grimpam à sua maneira e aí se aninham em buracos cavados no lenho.

Há uma espécie muito pequena. *P. pygmaeus* que O. Pinto diz ser estritamente habitante da catinga nordestina.

Euler, o paciente naturalista que devassou tantos lares de aves, surpreendeu-lhe o segredo da nidificação, descobriu um casal de *P. cirrhatus* atarefados em cavar uma casa.

Começaram em 7 de novembro e a 27 já lá estavam, no ninho, dois ovos, em começo de incubação. A entrada circular media 3 cents. de diâmetro e a cavidade tinha 15 cents de fundo, tomando a forma de um saco no fundo, onde existia uma camada de farelo de pau.

A êsse mesmo naturalista coube a sorte de surpreender um casal de picapaus da espécie referida, em companhia de dois filhotes, aos quais estavam instruindo.

"Cada um dos pais, relata o observador, tinha um filhote comsigo. Quando o velho descobria a presença de uma larva, debaixo da casca da árvore, chamava o filho que o seguia, ficando êste então apreciando a operação da extração.

Aparecendo afinal a larva, o velho a deixava meio tirada e o filho concluía a obra."

Parece que os animais não nascem com instintiva sabedoria, como querem alguns. Êles aprendem, com os mais velhos, que por sua vez receberam lições dos seus antepassados. Se aprendem, é natural que se aperfeiçoem, embora muito lentamente.

Afora as espécies conhecidas por nomes populares e já descritas, muitas outras são bem encontradiças, embora não merecessem designações vulgares.

Entre elas apontamos *Celeus iumana*, da Amazônia, que é um picapau vermelho escuro com o dorso inferior, uropígio, encontro das asas e flancos amarelos; *Celeus undatus*, também da Amazônia, o qual é vermelho listrado de preto; *Campephilus rubricoles*, igualmente da Amazônia, de côr negra, tendo a fêmea faces brancas, cabeça, pescoço, peito e meio da barriga encarnados e parte do abdome vermelho; *Melánerpes cruentatus*, ainda da Amazônia, mas que é encontrado em Goiás, Mato Grossõ e Pernambuco. E' negro, com sobrancelha branca, prolongada numa fita nucal amarela, dorso inferior branco, meio do peito e barriga encarnados, flancos, parte das rêmiges e retrizes médias, listradas de branco.

A fêmea é igual ao macho, mas êste tem a fronte e o vértice encarnados enquanto naquela essas regiões mostram côr negra.

Um picapau de larga distribuição por todo o Brasil, embora raramente avistado, é *Ceophloeus lineatus*. Mede 25 cents. de comprimento. E' preto, com cabeça escarlate até a nuca, onde se forma um topete; a garganta é branca, estriada de negro, côr que ostenta no peito e pescoço anterior. A face é cinzenta. Dá-lhe certa graça uma estria branca, que corre ao lado do pescoço, vem sob o ouvido e alcança o bico, onde se nota côr amarela. A bochecha é vermelha e a barriga amarelo brancacenta com faixas negras tranversas.

A fêmea distingue-se do macho, porque tem o vértice e a fronte cinzento-pretos.

XXIX

BEIJA-FLORES

"Mais, sous le ciel brulant des regions tropicales, des oiseaux rapides come le sphinx, irisées come l'opale et simulant les feu des pierreries, disputent aux insectes le role que seuls ils remplissent dans nos contrées. Les oiseaux-mouches et les colibris sont les confident discrets des fleurs, et celles-la, sont aussi les depositaires du berceau et de l'hyménée des ces legers habitants des airs".

Henry Lecoq — "Vie des Fleurs".

Ao chegarmos, ao fim da nossa peregrinação pelo mundo das aves, ao reino encantado dos beija-flores, deveriamos, se pudéssemos, trocar a pena, aqui quasi inútil, pela palheta do pintor.

Entramos nos domínios mágicos das côres. Os habitantes dessa legião, minúsculos, liliputianos, trajam a indumentária dos mararrajás do Oriente e dos gênios fulgurantes das "Mil e Uma Noites".

Há em suas vestes um orgiaco festim de côres, que cambiam em reflexos irisados, segundo as incidências da luz.

Os beija-flores, que pertencem à família muito numerosa dos troquilideos (174), são aves minúsculos e exclusivas das regiões tropicais da América, com poucas espécies nas zonas sub-tropi-

---

(174) **Trochilus** — do grego **trécho**, correr, mover-se com rapidez. Designação dada por LINEU a todo o grupo dos beija-flores; é uma antiga denominação grega da carriça da Europa.

LESSON, traduzindo o nome popular francês dessas aves (oiseau-mouche), havia criado a denominação **Ornismyie** (do grego **ornis**, ave, e **myio**, mosca) que, aliás não prevaleceu. Essas avezinhas fazem parte de uma ordem muito heterogênea, a dos coraciiformes, ordem essa dividida em sub-ordens, com meia duzia de famílias poliformes e dispares.

cais dêste mesmo continente. Os naturalistas já classificaram cêrca de 500 espécies. A verdadeira pátria dos troquilídeos é a região sub-andina da Bolívia, Perú e Equador.

Wallace (ao seu tempo não se conheciam mais de 390 espécies destas aves) assim as distribue:

Região neo-tropical:

Sub-região chileno-patagônica	15	espécies
” ” brasileira	275	”
” ” mexicana	100	”
” ” antilhana	15	”
Região neo-ártica da América do Norte	6	”

Goeldi, de onde cito essa distribuïção, escreve: “Êsse quadro poderia induzir a erro, fazendo supôr que é especialmente o Brasil o país mais rico em colibrís (175). Bem longe disso, o Brasil por si conta apenas 80 espécies próprias”.

Emilia Snethlage, para a região amazônica, organizou em seu trabalho (176) uma chave em que figuram 28 gêneros, com 54 espécies.

Poderia parecer aos menos cientes nêstes assuntos que o paraíso dos troquilídeos fôsse a região amazônica, mas Goeldi explicando êsse fato, faz notar que as “plantas fanerogâmicas superiores, com coroas de flores que atraem a vista e o olfato, constituem o principal engôdo dos insetos pequenos e, portanto, dos beija-flores, mas exatamente essas plantas estão em notável minoria naquelas florestas”.

E' a flora alpina, da mesma latitude, que oferece aos colibrís, o maior quinhão de flôres onde vivem os milhões de insetos que lhes servem de alimento.

Eis a razão por que a região andina é a pátria dos beija-flores.

---

(175) A palavra colibrí recebemo-la dos caraíbas, que assim chamavam aos beija-flôres. GERARD, seguido por BUFFON, propunha, em França, uma divisão popular, dando o nome de beija-flores (oiseau-mouche) aos de bico reto, e colibrís, aos de bico arqueado, idéia que não vingou. Note-se que CAMILO traduziu colibrí por pica-flôr (V. Gênio do Cristianismo, v. I, p. 139). Registem-se ainda as formas primitivas, “colibre” e “colíbrio”. No poema “Colombo”, de ARAUJO PORTO ALEGRE, depara-se a cada passo:

“O mimoso colíbrio a flor beijando”.
“Dois colíbrios ardentes voejando”, etc.

(176) Obra citada.

Goeldi apresenta, aliás, a hipótese de que os colibrís são uma modificação especial do tipo pica-pau, operada por via da flora alpina dos Andes equatoriais, que êle considera, geològicamente, de data recente. Essa particularidade, mais adiante, na parte sôbre alimentação dos beija-flores, tem maior desenvolvimento.

Esboçada assim, pela rama, como convém à natureza dêsse modesto trabalho, a distribuição geográfica e a filogenia dos colibrís, prosseguiremos o seu estudo, sem esquecer, para esclarecimento do que ficou dito, que muitas espécies encontradas entre nós apenas nos visitam de passagem.

Sem serem rigorosamente aves migratórias, o inverno áspero das regiões andinas, provocando o sono vegetal, obriga êsses filhos do sol a seguir, através do continente, a farândula da primavera sempre coroada de flores.

Goeldi, de quem nos valemos a todo o instante, em sua obra assaz citada, escreve:

"Os troquilídeos são exclusivamente aves pequenas, cuja espécie maior — *Topaza pela,* do Amazonas — atinge apenas o tamanho de uma andorinha pequena. A configuração de seu corpo é bem proporcionada, relativamente robusta. As suas asas são compridas e estreitas, e têm parentesco com as dos cipselídeos (andorinhões); a primeira pena é a maior, a mais forte, e é êste um traço característico. A cauda tem dez penas, ora mais curtas, ora compridas. O bico tem a forma de sovela, e é apropriado à visita das flores, ora completamente reto, ora curvado para baixo, semelhante a um iatagã (*Phaetornis, Grypus,* no Brasil, de um modo extremo no *Eutoxeres,* em Bogotá), às vêzes até na extremidade anterior curvado para cima (*Avocetta* e *Avocettula*).

Na conformação da língua, comprida e tubular, tornam-se a verificar exatamente as condições da língua do pica-pau; notam-se também os chifres do osso hióide extraordinàriamente alongados, que se dirigem para cima, na parte occipital, voltando-se depois para a frente, em direção à região do nariz. Os pés são exíguos, mas armados de unhas fortes; em geral é preciso procurá-los antes de os descobrir entre as penas do abdome. Três dedos para diante e um para trás. Várias espécies possuem nas pernas um ornamento especial que consiste em um tufo de penugem alva, que tem o aspecto de uma bolazinha de algodão branco (espécies *Eriocnemis*).

Quanto à plumagem dos troquilídeos, podemos citar as palavras de Wallace. Diz êle:

"Não menos notável do que as côres são os variados desenvolvimentos das penas com que estas avezinhas são adornadas. A cabeça é muitas vezes provida de topete de diferente feitio: ou com gorro simples e chato, ou com penas radialmente dispostas, ou divergindo em dois chifres, ou estendendo lateralmente qual asas, ou curto e em tufo, ou recurvado e pontudo a modo de penacho do *quero-quero*.

Garganta e peito são comumente enfeitados com penas largas em forma de escamas, ou aquelas divergem à maneira de uma gorgeira, ou emitem golas pontudas, ou elegantes pregas de penas, compridas e estreitas, pintadas de salpicos metálicos de diversos matizes.

Mais variado e vistoso ornamento se torna ainda a cauda, a qual ora é curta e arredondada, mas branca de côr ou de qualquer outra tinta saliente, ou com penas curtas e pontudas, formando uma estrêla; ou com as três penas exteriores de cada lado compridas e tornando-se cada vez mais pontudas; ou com penas mais largas e então quadrada, ou redonda, ou profundamente aforquilhada, ou terminada em ponta aguda. Em outros casos vêem-se as duas penas medianas excessivamente compridas e estreitas, ou a cauda aparece muito alongada e profundamente entalhada, com penas largas e luxuosamente coloridas; em outras espécias tomam estas duas penas exteriores forma de arame e têm na ponta um alargamento muito notável, imitando uma colher. Todos êsses ornamentos, tanto da cabeça, como da nuca, do peito, ou da cauda, são invariàvelmente coloridos de qualquer maneira saliente e brilhante e contrastam às vêzes, sensivelmente, com o resto da roupagem. De outro lado, estas côres variam muitas vêzes nos seus matizes, segundo a direção pela qual são observadas.

Há espécies que é preciso vêr-se de cima, outras, de baixo, outras mais de frente, e ainda outras de trás para se apanhar o efeito cheio do lustro metálico. Se observamos estas avezinhas nas suas evoluções naturais e na sua vida livre, aquelas côres vão e vêm segundo os movimentos, produzindo espetáculo surpreendente e indescritível".

E no tocante ao colorido dos beija-flores, o mesmo naturalista dá a seguinte resenha tão concisa quão intuitiva:

"A côr fundamental pode-se qualificar como sendo verde, qual nos psitacídeos. Porém enquanto êste naquelas aves é verde sedoso, entre os troquilídeos é sempre metálico. A maioria das espécies possue algum verde na sua roupagem, especialmente no dorso; de outro lado, em número considerável, matizes riquíssimos azues, de púrpura e várias escalas de encarnado, são as tintas predominantes. A maior parte da plumagem mos-

tra um brilho metálico mais ou menos acentuado, mas há quasi sempre certa região com lustro mais intenso, como se ela fôsse de fato formada de escamas de metal brunido. Uma gorgeira, cobrindo a maior extensão da nuca e do peito, mui comumente manifesta tal colorido vistoso; mas não raras vêzes encontramo-lo também na cabeça, no dorso, nas coberteiras da cauda, tanto de cima como de baixo, do lado superior da própria cauda, nos ombros, ou mesmo nos canos das penas. A côr de todas as pedras preciosas e o lustro de cada metal, achamo-los representados aqui, e termos como topázio, ametista, berilo, esmeralda, granada, rubim, safira, dourado, verde-dourado, cúprico, côr de fogo, côr de brasa, incandescente, refulgente, celeste, cintilante, brilhante, são constantemnte usados na nomenclatura e nas descrições das diferentes espécies".

A mais bela coleção de beija-flores é encontrada no Museu de Londres. J. B. Lacerda (177), grande figura da ciência brasileira, antigo diretor do Museu Nacional, teve ensejo de se extasiar diante dessa coleção única no mundo, e escreveu:

"Nada, porém, mais curioso nem mais interessante para os olhos do visitante do que a riquíssima coleção de colibrís, que pertenceu a Gould, e que alí se ostenta com uma beleza de côres e uma variedade de formas verdadeiramente surpreendentes. Desde o *Oiseau mouche,* do tamanho de um bezouro, até os pequenos colibrís vestidos de uma penugem em que se refletem todas as côres do iris nos matizes e cambiantes os mais variados; os furta-côres de asas assetinadas e de laivos espectrais, os de pescoço afogueado como se de sob a fina penugem estivesse saindo a rubra incandescência de uma brasa, os de cauda aberta em leque com as penas matizadas de côres vivas, reluzentes, nada falta, enfim, nessa coleção, única no mundo pela diversidade numerosa de espécimes e incomparável beleza dêles, para despertar uma grande admiração no visitante.

Fica-se extático diante dela a inquirir como a natureza conseguiu fazer jóias tão preciosas e delicadas como essas, no mundo das cousas vivas".

Gould, acima referido, colecionador e ornitologista de mérito invulgar, é autor duma monografia sôbre troquilídeos, a um tempo obra de ciência e de arte (178).

---

(177) "Os Museus de História Natural" — Rio, 1912.

(178) "A Monograph of the Trochilides or Family of Humming birds" — London, printed by Taylor and Francis, Red. Lion Corut, Fleet. Street. Published by the Author 1849-1861 5 vols. in-folio 360 planchas a côres.

BEIJA-FLORES:
1 e 2 *Topaza Pella*, fêmea e macho. 3 e 4 *Lophornis chalybeus*, fêmea e macho; 5 e 6, *Phoëthornis pretrei*, macho e fêmea, 7 e 8 *Phoëthornis ruber*, macho e fêmea.

Nesta obra de preço elevado e extrema raridade, a grande maioria de beija-flores acham-se pintados com fidelidade e beleza inexcedíveis. No Rio, segundo Goeldi, só existem dois exemplares dessa preciosidade bibliográfica, um no Museu Nacional, e outro, dum particular que, ao que parece, deseja conservar-se anônimo. E tem razão o afortunado mortal, pois quem possue em sua biblioteca tal cimélio, perderá de certo o sono e a tranqüilidade para o resto da vida.

Sôbre o modo de vida e sociabilidade dos beija-flores algo se conhece. E', por excelência, ave madrugadora e dinâmica. Ainda as sombras da ante-manhã não se foram e já os vemos despertos, pousados em galhos finos, na pressa de cumprimentar o sol.

Mal lhes chega a luz solar, pelas frinchas das nuvens matinais e ei-los pairando durante minutos num mesmo ponto do espaço, cerimônia que, à tarde, quando se recolhem ao ninho ou ao pouso predileto, tornam a realizar. Não se demoram muito em tal folgança ou culto ao sol, e mal nossos olhos se enlevam no espetáculo e já o garotinho esfusiou por um lado, que não atinamos qual seja. Azougados, tudo realizando em relâmpagos de resolução, dificilmente se acompanha a ação dêstes gnomos.

Apressados, como os homens das cidades modernas, jamais se entregam ao descanso.

A sesta de que gozam quasi todos os animais, entre o pino do sol e o comêço da tarde, não na conhecem, pois nessas horas de repouso e recolhimento continuam o seu infindável trabalho de visitar as flores, como se receassem vê-las fanar de um momento para outro.

Já tarde, quando todas as aves estão recolhidas, ainda encontramos retardatários, confidenciando com as flores, desculpando-se de não tê-las visto mais cedo, segredando-lhes ao ouvido qualquer confidência misteriosa ou despedindo-se das que, pela manhã seguinte, já tenham morrido.

Sem que sejam realmente desconfiados, costumam haver-se com prudencial cuidado. Logo que um objeto estranho os perturba, dêle se afastam, e, a alguma distância, o observam com inquieta curiosidade. Reconhecendo uma razão de justificado temor, lançam um gritinho e, rápidos como um corisco, somem-se no espaço.

Quem vê essas miniaturazinhas de aves julga-as, naturalmente, indefesas e medrosas.

Redondamente se enganaria quem assim pensasse. Ao invés, podemos considerá-las como a própria incarnação da bravura. Não se lhes dá de oferecer combate a aves dez vêzes

maiores que elas; enfrentam o impávido bentevi e, num cúmulo de audácia, com um descaso sublime pela vida, até que causaria inveja a muito santo do nosso calendário, lançam-se contra as aves de rapina e, como Saul, saem vencedoras.

Sua arma principal é a destreza. Cerra em redor do adversário tal "escrimage", zumbe-lhe aos ouvidos, ameaça-lhe os olhos, isso em aparições coriscais, emboscado dentro de sua própria ligeireza, que o agredido, não sabendo como atacar aquele ser fantástico, quasi imponderável, que está em toda a parte e não pode atingir, abandona a partida antes de entrar no combate.

Além de bravos, são rixentos e brigadores.

Quando o acaso quer que se encontrem dois colibrís em visita à mesma planta, temos luta ferrada. Apenas se percebem, já voam um para o outro e nos ares se engalfinham, despenham pelo espaço, rolam pelo chão, tão acerrados na luta, tão afincados na raiva, que por vezes um gato vagabundo papa, duma assentada, os dois valentes, sem que tome com isso indigestão.

Os esfingídeos (que são mariposas noturnas) e os beija-flores não se dão muito bem, naturalmente porque a ambos confiou a Natureza a fecundação de certas espécies de plantas (179).

Um tanto exclusivistas e absorventes, acham os colibrís que sòzinhos dariam conta da tarefa e não precisariam da ajuda das mariposas.

Assim, quando as encontram, sôbre a noitinha, dão-lhe surras tremendas. Pode-se mesmo dizer que na região em que se acantonam beija-flores, qualquer ente alado que por aí se afoite encontrará, pela frente, o insolentíssimo pirralho.

Sabe-se muito menos do que se deveria em matéria de ninhos e ovos e, em se tratando de beija-flores, são ainda mais escassas as informações.

O que está patenteado a todos os que os observam, é que tais ninhos são de dois tipos bem determinados: tipo taça ou tijela e maçã "ornada de apêndices mais ou menos compridos em que termina o ninho pròpriamente dito".

O primeiro tipo é geralmente construído por espécies de bico reto e os segundos pelas de bico curvo.

Há-os que localizam o ninho na forquilha de galhos e outros atam-no à ponta das folhas ou em seus pecíolos.

---

(179) Há no voo dêstes esfingídeos e no dos beija-flores tal semelhança que até olhos experimentados os confundem. O vulgo ainda teima que essas avezinhas se transformam em mariposas. Com a denominação de bruxa-beija-flor, o povo aponta certo esfingídeo.

O material na generalidade é a paina, escamas de feto, musgo, líquenes, raízes finas, mas sempre artísticos e correspondendo à delicadeza do corpo, como notára Buffon.

Quem surpreende, na mata ou no campo, uma dessas casinhas pênseis, gineceus suspensos na ponta de uma folha, sente-se tomado da mais íntima ternura por aquelas criaturinhas tão minúsculas, que homens bárbaros e estúpidos não trepidam em sacrificar, seduzidos pela avidez do ganho.

Azara (180) observou que a fêmea põe o seu primeiro ovo quando a metade do ninho está feita e incuba continuando a construção. O macho vai em procura de mais material, e o ninho não está inteiramente acabado senão quando os filhotes vão fazer eclosão.

Euler (181) confirmou mais tarde essa observação escrevendo:

"Quando descobrí o ninho, a ave (referia-se a *Phaethornis squalidus*) ainda trabalhava em sua construção; em vista do que, deixei de verificar a presença de ovos. Esperei 3 dias para a sua conclusão e dar-lhe tempo para a postura.

No quarto dia subi e tive a grande surpresa de encontrar, no lugar do ovo, dois filhotes de idade presumível de cêrca de 8 dias. O beija-flor, portanto, tinha continuado no aformoseamento de seu ninho depois da postura, da sua incubação e do nascimento dos filhotes".

Burmeister, que também observara o caso, atribuia-o à necessidade de que a ave adulta sente em altear as bordas do ninho, para que os filhotes não caiam, pois crescem rápido e já com 20 dias, abandonam o ninho.

Parece, segundo Azara, que o macho não toma parte na construção.

Outras observações sôbre ninhos faremos quando descrevermos algumas espécies.

ALIMENTAÇÃO DOS BEIJA-FLORES

No que se refere à alimentação dos colibris, durante muito tempo não se atinou com a realidade do fato.

Buffon, quando escrevia a sua "História Natural", ainda ignorava a verdade sôbre a alimentação dessas avezinhas.

---

(180) Dict. Universel d'Hist. Naturelle — 1844.

(181) "Descrição de ninhos e ovos das aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista" — Vol. IV, 1900, pg. 71.

O grande mestre chegou a contestar o depoïmento de Badier (182), que informava ser o beija-flor insetívoro.

Buffon participava da opinião geral, que apontava o néctar das flores como alimento daquelas espécies. A palavra *chupamel*, vulgar entre os que falam a língua portuguesa, é uma prova do êrro.

Estudos minuciosos, observações feitas sôbre o conteúdo do estômago tiraram a limpo o fato (183).

As diversas necrópsias patentearam que o minúsculo estômago destas aves continha insetos quasi microscópicos, que vivem nas flores. Algumas vêzes os beija-flores chegam a tirar os insetos que caem nas teias de aranha.

Bulloch (184) teve ensejo de observar as manobras dum colibrí, a fim de tirar da teia duma aranha (Mygale, do México) as moscas que aí caíam, e, não se contentando com isso, chegou a perseguir, caçar e comer a aranha.

Assim fazendo, naturalmente se vinga, nessa espécie, de uma sua parenta, *Migale avicularia*, aracnídeo gigantêsco, *nhandú açú*, dos indígenas, que é um acérrimo inimigo, ou melhor, apreciador, de beija-flores, que caça e suga.

A língua bifurcada dos colibrís serve de pinça com que apresoam os insetos que se encontram nas flores e, com a mesma fôrça com que dardejam a língua, assim a recolhem, assemelhando-se, nisso, aos picapaus, dos quais evidentemente são aparentados.

Dado tal gênero de alimentação, bem se vê quão difícil se torna a mantença dêles em cativeiro.

---

(182) **Journal du Physique** — 1777.

(183) O assunto parece que ainda exige esclarecimentos. Não se pode negar que os beija-flores se alimentem também de néctar. Os seguintes fatos são de molde a demonstrá-lo:

—— Procuram de preferência as flores nectariferas.

E' pouco crivel que em certas flores de corolas pequenas, as quais sempre visitam, possam vêr insetos ali existentes.

—— Visitam as flores ainda fechadas e perfuram-nas, em baixo, próximo à base da corola. Naturalmente, por gula ou impaciência assim procedem, quando é certo que em tal período pouco néctar encontrarão achando-se por outro lado totalmente ausentes os insetos.

Esse hábito de violarem as flores ainda impúberes foi verificado pelo botânico KUHLMANN, que me relatou o fato pessoalmente.

Por vezes, ainda acrescentou aquele atilado naturalista, nas flores abertas de tubos alongados, nas quais seu fino bico ao fundo nunca chega, procedem da mesma forma. A êsses garotinhos gulosos o povo chama beija-flores ladrões.

(184) **"Dict. Univ. d'Hist. Naturelle"** — CHARLES D'ORBIGNY — 1844.

As tentativas feitas em tal sentido falharam sempre, e a alimentação forçada, com uma mistura de mel, ainda mais lhes abrevia a vida.

Mal se suspeita qual seja a alimentação das avezinhas ninhegas, os seus feiíssimos filhotes, que nascem pouco maiores de uma grande mosca, na expressão do padre Dutretre (185).

Azara informa que os pais lhes metem pelo bico abaixo, de um modo um tanto abrutalhado, um suco açucarado, tirado dos nectários das flores e após sofrer certa elaboração.

Uma notícia curiosa sôbre a vida em cativeiro das espécies de que tratamos, dá-nos Maurice Loyer (186).

Numa propriedade do Sr. Robert Panwels, próximo a Cortenberg, na Bélgica, entre outras maravilhas, viu em enormes viveiros envidraçados, colibrís das Antilhas e espécies afins da Ásia. Um outro viveiro já pronto, com vegetais floríferos da América, esperava hóspedes sul-americanos da família dos troquilídeos.

Aquí no "Jardim Zoológico, do Rio, acompanhei o martírio de duas dezenas dessas avezinhas engaioladas, alimentadas com um líquido açucarado. Aos poucos iam morrendo. Duraram cêrca de três meses.

Antes de abandonar o assunto sôbre alimentação dos beija-flores, não queremos deixar sem comentários o papel dessas aves na fecundação de certas flores.

A natureza, na sua verdadeira obsessão pela multiplicação das espécies, num cuidado sábio e previdente para que não degenerem e não desapareçam do orbe, procura os mais engenhosos estratagemas para alcançar essa finalidade.

Ora, Darwin já surpreendera, atiladamente, uma grande lei biológica quando disse: "nenhum ser organizado poderá fecundar a própria geração por tempo indeterminado" e em outro passo escreveu: "E' evidente que as flores dum maior número de plantas se acham construídas de forma tal, que são acidental, ou habitualmente, fecundadas por cruzamento" (187).

E' na observância dessa lei que certas espécies vegetais, que possuem flores hermafroditas, apresentam o curioso fenômeno de não amadurecerem ao mesmo tempo as anteras e o pistilo.

---

(185) **"Dict. Univ. d'Hist. Naturelle"** — CHARLES D'ORBIGNY — 1844.

(186) **"Les Oiseaux Exotiques d'Everbergh"** (Belgica) — Bull. de la Soc. Nat. d'Accl. de France — 15 de Outubro — 1912.

(187) **"Des differentes formes de fleurs dans la même espèce"** — Trad. de E. de Heckel — Paris, 1878.

Quer dizer que, quando o pólen das anteras está já apto a fecundar, o estigma já perdeu a faculdade de receber e fazer germinar êsse pólen (188).

Com isso consegue a Natureza evitar a autopolinização.

Mas como é preciso preparar a geração futura, outros agentes se encarregam de trazer o pólen específico para realizar a fecundação cruzada.

Êsses agentes são o vento, a água, os animais, etc.

Aquí na América, espécies vegetais diversas se adaptaram à fecundação pelos colibrís.

Erna Janson Schweiger apresenta, sôbre o assunto, um atraente estudo intitulado: "Sobre a acomodação das flores à polinização dos colibrís (189).

Talvez melhor fosse dizer que flores e colibrís se acomodaram à realização de um ato necessário a ambos.

Tratando da mútua acomodação das flores e de mariposas, Nageli, citado por O. Hertwig (190), escreve: "Ambos se desenvolveram, progressivamente, até o tamanho que hoje vemos: o cálice tubular, evoluido do cálice plano, ou tubo curto; e a tromba longa, da curta. Sem dúvida, percorreram as mesmas etapas, de forma tal que em todo o momento a tromba igualava, em comprimento, a longura do cálice".

Podemos citar como exemplo perfeito de recíproca acomodação, o "sangue de Adão" (*Salvia splendens*), uma labiada, que representa o tipo perfeito da flor troquilógama.

No trabalho acima citado do E. Schweiger, a autora frisa os caracteres das flores, procuradas pelos colibrís: "Tubo comprido, correspondendo ao bico comprido, contendo no fundo o néctar; cheiro fraco ou não perceptível; côr da corola do vermelho até o escarlate; situação livre, que permita a avezinha pairar voando na frente ou até por baixo da flor, quando pendente, pois o pescoço flexível possibilita ao beija-flor virar o bico verticalmente para cima".

Em seguida aquela naturalista escreve (191):

"Podemos dar como exemplos de flores adaptadas exclusivamente a colibrís, plantas da flora riograndense que constatamos serem freqüentadas por êles.

---

(188) Os botânicos denominam dicogomia a êsse fenômeno, chamando flores protândricas, quando os estames amadurecem antes do pistilo, e protogíneas, ás flores cujos pistilos já perderam a faculdade de receber o pólen, quando êsse amadurece.

(189) "Egatea" — N. 5 — 1924 — pg. 439.

(190) "Génesis de los organismos", vol. II, p. 137, 1929.

(191) "Egatea", n. 5, 1924.

Fig. 75 — Em cima: **Corytholoma igneum;** em baixo do beija-flor **Fuchsia gracilis,** e logo a seguir **Siphocampylus verticillatus** e em baixo **Calliandra Snoti Pauli,** plantas cujas flores mostram tipos de conformações diversas, todas muito visitadas pelos beija-flores.

Entre elas a flor da "batata do campo" (*Corytholoma igneum* Fritsch, da família das Gesneráceas. Uma planta muito comum nas rochas do Morro da Policia (Porto Alegre). A corola vermelha é simpétala, formando um tubo comprido, de borda lobada. No fundo pouco alargado do tubo, cinco glândulas produzem uma grande quantidade de néctar. As anteras dos quatro estames reúnem-se em um todo sobressaíndo do tubo. Depois da maturação dos pólens, os estames murcham; o estilete, até êsse tempo escondido no interior do tubo, prolonga-se e o estigma bilobado abre-se no antigo lugar das anteras. Tal organização da flor é chamada "dicogamia protândrica", porque os órgãos masculinos chegam ao estado da propagação antes da maturação do órgão feminino da mesma flor. O beija-flor, pairando defronte à corola, lança o bico ao tubo em procura do néctar. Nesta ocasião, as anteras depõem os grãos de pólen sôbre as penas na base do bico. Quando a flor de *Corytholoma*, visitada em seguida, já entrou na fase do estigma aberto, o beija-flor descarrega involuntàriamente o pólen nêle.

Citaremos os "brincos de princesa" (*Fuchsia*, várias espécies, fam. Onagráceas plantas silvestres e também cultivadas em muitas variedades nos jardins. Nesta flor, o néctar está também escondido no fundo dum tubo estreito e comprido. A sua direção mais ou menos vertical, devida à disposição pendente da flor, fá-la inaccessivel aos insetos. O colibri, porém, pairando, ergue a cabecinha e, elevando o bico no tubo, cobre as penas da garganta com os pólens das anteras pendentes. Desta maneira, a avezinha leva-os para as outras flores, onde, introduzindo o bico comprido no colo longo da corola, tem de tocar no pistilo com a garganta.

Da terceira planta que foi objeto de nossos estudos, não pudemos descobrir seu nome vulgar. Trata-se da *Siphocampylus verticillatus* G. Don. fam. Campanuláceas. Encontrámo-la em grande número nos lugares brejosos dos campos da Serra, perto de Caracol e Canela (Município de Taquara). Nos dias bonitos de verão é um espetáculo lindíssimo observar os muitos beija-flores que rodeiam as hastes altas da *Siphocampyllus*. As flores são dispostas em coroas, inseridas nos verticilos das folhas e brilham pela sua côr, vermelha da extremidade e amarela da base das corolas. Como o mostra a nossa figura, a forma da corola é bem curiosa. Pouco acima do meio do tubo sai o lábio inferior, uma língua estreita, afiada, mas tão fraca, que nem poderia sofrer o pêso duma borboleta. O resto da corola, o lábio superior, termina em quatro pontas finas, excedidas pelas cinco anteras. Os filamentos reúnem-se num tubo

estrcito, atravessado pelo estilete. O lábio inferior, recurvado, abre ao bico do passarinho a entrada para o tubo. A sua situação obriga o pássaro a tocar com o alto da cabeça as anteras, ou o estigma. Como a flor é protândrica, é garantida a heteropolinização.

Ainda a gravura aqui inserta apresenta-nos uma inflorescência, chamada "topete de cardeal" (*Calliandra Sancti Pauli Hassk*) da grande família das leguminosas, sub-família das Mimosoídeas. E' também uma flor visitada e polinizada por beija-flores, apesar de ser muito diferente do tipo das três primeiros. Só a sua côr escarlate justifica o que ficou dito acima. O que nos parece flor, à primeira vista, é um glomérulo composto de muitas florinhas, cujas corolas são tão pequenas em proporção ao tamanho do androceu, que elas quasi desaparecem. Nesta flor, os portadores da côr para a atração dos polinizadores são os filamentos dos estames intensamente tingidos. Os muitos estames compridos duma inflorecência formam como que uma escova, proïbindo que insetos penetrem até os nectários. Do mesmo modo o impedem os estames finos e moles às borboletas, acostumadas a assentar-se para sugar o néctar, a pousar sôbre êles. Os beija-flores, porém, não precisando apoio nenhum, podem atravessar com o seu bico comprido o obstáculo cabeludo. Os estames e o estilete têm o mesmo comprimento e a autopolinização é evitada pela dicogamia".

Nota, por outro lado, a naturalista citada, que a faculdade olfativa, tão notável dos insetos e pelos quais as espécies entomógamas se orientam, é pouco desenvolvida nos colibrís, cujos olhos, semelhantes aos dos homens, são atraídos pelas flores especialmente vermelhas e verdes.

Essas flores, talvez menos percebíveis pelos olhos facetados dos insetos, são por êles menos procuradas, o que não se dá com os colibrís, que de preferência as visitam.

Assim se explica a raridade das flores escarlates na Europa e zonas temperadas e o número bem notável delas nas regiões da América tropical e sub-tropical, *habitato* das aves em estudo.

Cita entre outras flores: a *Beloperone involucrata* (acantácea) o cipó de S. João, *Pyrostegia venusta* (bignoncácea), *Mitraria coccinea* (gesneráceas), a qual não só pela côr como pela forma, constitue um tipo de flor ornitógama.

Entretanto, é de observação corrente que os colibrís visitam flores de outras côres, e até claras, como as do mamoeiro, para citar testemunhalmente um exemplo.

A autora notula que assim é, mas que tais flores são indiferentemente visitadas por beija-flores e insetos, não sendo aquelas avezinhas obrigatòriamente as promotoras da fecundação.

F. C. Hoehne descreve como se dá a fecundação das flores de certas orquídeas do gênero Stanhopea (192), da seguinte forma: Em Stanhopea êste órgão (labelo) da flor desenvolve dois chifres sôbre um saco de base "mais ou menos grande e tem em seu ápice uma lâmina, que se parte com grande facilidade".

Os beija-flores menores, que exercem aí o papel de polinizadores, sugando o néctar que fica na base do labelo (193), introduzem o bico e, com êle, a cabecinha entre os dois chifres e pousam o peitinho sôbre a dita lâmina, tendo sôbre a cabeça a antera e o estigma da coluna. No momento em que recuam, as suas penas esbarram no retináculo e êste fixa-se nelas, trazendo consigo o caudículo com as massas polínicas. Com a pressão parte-se a mencionada lâmina do labelo, e o beija-flor vai-se embora carregando o polinário. Ao visitar depois uma flor em que a antera já não exista, introduz êle, ao voltar, as políneas no estigma que lhe fica por cima, e a flor está fecundada".

Damos a seguir uma pequena lista de plantas visitadas por beija-flores, segundo observação pessoal e de diferentes autores.

Ingazeiros (*Inga* sp) *Eucalyptus* diversos.

Ipés, diversos, especialmente *Tecoma chrysotricha,* chamado vulgarmente ipé de S. Paulo; paineira branca (*Chorisia speciosa*); mamoeiro (*Carica papaya*); opuncias diversas, especialmente *O. brasiliense;* maracujá-açú (*Passiflora quadrangularis*); capuchinhos (*Tropaeolum major*); mimo de Venus (*Hibiscus sinensis*); campainhas (*Abutilon* sp); bôca de leão (*Antirrhinum major*); cânhamo da Nova Zelândia (*Phormium tenax*); *Datura suaveolens; Marcgravia polyantha, Spathodea africana;* a linda *Allamanda schottis* e outras alamandas e trepadeiras de flores trombetiformes; o cipó tapé (*Camptosema grandiflorum* Benth) que lança cachos dum vermelho estrepitoso, entre julho e agosto, como um aviso às suas irmãs vegetais, de que as grandes chuvas, que as regalam, já vêm perto, rolando pelos céus tropicais.

---

(192) "As orquidáceas como elemento para a arte decorativa indígena" — Bol. de Agric. S. Paulo — 1929 — pg. 201.

(193) J. S. DECKER, na sua magnífica obra "Aspectos Biológicos da Flora Brasileira", pg. 282, escreve: "Há mesmo flores desprovidas de néctar e, apesar de tudo, frequentadas pelos colibrís, tais como os nossos (chifres de boi" (Stanhopeas), cujo hipóquilo côncavo abriga certa aranha que ali mesmo cria a sua prole, e é justamente ela que serve de alimento aos beija-flores".

BEIJA-FLORES:
1 e 2 *Popelairea langsdorffi* fêmea e macho; 3 e 4 *Eupeptomena macrura*, macho e fêmea; 5 e 6 *Chrysolampis mosquitus*, macho e fêmea; 7 e 8 *Leucochloris albicolis*, fêmea e macho.

A labiada vulgarmente chamada sângue de Adão (*Salvia splendens*) representa, como dissemos, o tipo por excelência da acomodação entre a flor e o colibri.

Abelhas e mangangas têm demasiado curtas as trombas para alcançar o néctar; as trombas das borboletas são fracas, para pôr em ação a articulação do conectivo, escreve Decker, e mesmo não encontram lugar onde pousar. Só aos colibrís é dado intervir na fecundação dessas flores.

Minudeando mais o estudo desta reciprocidade entre a sálvia e os beija-flores, o autor acima escreve:

"A polinização cruzada é garantida, já pelo simples fato de os colibrís terem o costume de visitar, primeiramente, as flores inferiores, cujo estigma é pouco saliente, e, só depois, as flores superiores, cujas anteras estão em condição e posição de assegurar o esfregamento do pólen, que é descarregado nos estigmas das flores inferiores duma outra inflorecência".

E' sem dúvida a acomodação mais perfeita que se conhece, e de tal maneira, que essas duas entidades "formam uma *unidade biológica* que se destrói, desde que se toca nas florestas, ficando alteradas, mesmo destruídas as suas condições essenciais. As duas entidades, a planta e a ave, pertencem ao termo biogenético *do mato*. A destruïção de uma das duas entidades biogenéticas significa, também, a morte segura da outra" (194).

Vamo-nos estendendo demais, por essas relações de reciprocidade entre vegetais e animais, e, à medida que se estuda e observa, mais se alarga êsse horizonte infinito. Muito há ainda a surpreender.

Pequenos fatos escapam, por certo, à observação humana, impotente talvez para dilucidar certas minúcias.

Outros fatos desorientam-nos, parecendo que a natureza, em lugar de facilitar os fins em mira, complicou-os inùtilmente. Diante de um dêsses desacêrtos, Maeterlinck (195) notula:

"Temos alí um curioso exemplo dos erros, das indecisões, das experiências, e das pequenas decepções, muito freqüentes, da natureza; pois seria preciso não a ter estudado um pouco, para afirmar que a natureza nunca se engana".

Um fato, dentro dêsse capitulo que aparentemente não se explica, é o de procurarem abelhas e colibrís as flores de bananeiras, por exemplo, sem a finalidade da fecundação.

---

(194) Obra citada.

(195) "A inteligência das flores" — 2.ª ed. — Lisbôa — 1918, — p. 18.

Aquí insetos e aves realizam, maquinalmente, um ato por fôrça de hábitos adquiridos em eras recuadas, quando aquela planta necessitava de tal auxílio.

LENDAS

O ciclo de lendas dos beija-flores inicia-se pela própria biologia dêles. Nieremberg dizia que os beija-flores eram metade ave e metade moscas e que se originavam duma mosca, e Clusius cita o relatório dum provincial dos jesuítas que pretendia ter testemunhado essa metamorfose (196).

E' de crêr que se trate do padre Simão de Vasconcelos, que escreveu: "Esta avezinha, suposto que fomente seus ovos, e dêles nasce, é cousa certa que é produzida de borboletas. Sou testemunha, que ví com os meus olhos, uma delas, meia ave e meia borboleta, ir-se aperfeiçoando debaixo da folha de uma latada até tomar vigor e voar".

Se èsse Simão de Vasconcelos não foi o mais clássico de todos os mentirosos, foi o mais mentiroso de todos os clássicos.

Herrera (197), na sua obra tão incrível quanto rara, deixou a notícia, até mais tarde ainda endossada por naturalistas, que no México, quando chegava o período invernal, os colibrís se penduravam pelo bico, ao tronco das árvores, e entravam numa espécie de sono do qual só despertavam ao início da boa estação.

Mas as tradições folclóricas são de certo mais atraentes. Humboldt (198) colheu, no Mexico, a lenda de que Toyamiqui esposa do deus da guerra, entre mexicanos, conduzia para sua mansão, no sol, as almas dos guerreiros mortos em defesa dos deuses e os transformava em colibrís (199). São numerosas as lendas mexicanas em tôrno dessa avezinha, tida como uma espécie de fênix minúscula — símbolo da ressurreição.

---

(196) "Dict. Universel d'Histoire Naturelle", CH. D'ORBIGNY — 1844.

(197) "Historia general de los hechos de los castellanos en las islas y Tierra Firme del Mar Oceano", 1601.

(198) "Histoire des monuments des peuples de l'Amerique".

(199) Igual crença existia, entre os nossos indígenas, como bem esclarece GONÇALVES MAGALHÃES na "A Confederação dos Tamoios", onde se lê, ed. 1865, II, p. 260:

"Crêem os índios que a alma dos guerreiros, separadas do corpo pela morte, vão nos corpos dos colibrís habitar os campos alegres, além das montanhas azues, isto é, além das nuvens do céu, onde gozam de contínuos deleites".

Entretanto, mais humanizada e amável, é essa lenda guaraní:

Celebrava-se a festa da primavera no mundo das aves. Acorreram ao jardim do palácio dos beija-flores, onde se realizaria. com pompa, o festival, todos os representantes do reino alado.

Como festa popular lá estavam desde o Ferreiro, o Alfaiate, o Músico, o Forneiro, até altos personagens, como o Cardeal, o Juiz do Mato, o Juiz de Paz, o Capitão de Bigodes, o Capitão da Porcaria.

Os cantores mais notabilizados lá compareceram com as suas vozes prontos a abrilhantar a grande festança racial que os jardins suspensos em frente ao palácio de residência dos beija-flores dariam desusado brilho. Viam-se já afinando os gorgeios o Sabiá, o Gaturano, a Cigarra e o Azulão. Lá estavam, muitas festeiras, a Maria Branca, a Maria Cavaleira, a Maria Faceira, a Maria-Mole, a Maria Mulata e a Maria Preta.

O Dansador já ensaiava passos; a Viùvinha, muito circunspecta, espiava de soslaio; o Casaca de Couro mostrava ufano sua casaca nova. O Tico-Tico, a Cigarra, o Dorminhoco, entraram todos juntos e mais João Barbudo, o João Bobo, a Mariquita. Vovô chegou junto ao Urubú, todo de luto.

O feiticeiro do Picapau e o Caboré misterioso conversavam cabalisticamente.

Papagaios palradores já tinham iniciado animada conversa, quando o brigão do Bentevi, com aquele ar de espadachim, pediu silêncio.

Chegava o Urubú-Rei, majestoso, com a calva imponente dum diplomata, em companhia do Cardeal, seguido pelos passos medidos do Tuiuiú, solene e calado como um túmulo.

O moleque do Assoviador e o Cara Suja, cá fóra, no sereno, espiavam.

Fazendo as honras da casa a esposa do beija-flor, com sua clámide multicôr, a todos recebia alegremente.

Nenhuma ave deixou de trazer um tributo para a festa; goiabas, maracujás, pitangas, todas as frutas das regiões vizinhas; as mais belas flores da estação evolavam perfumes, distilando néctar.

Corria animada a festa com um lindo programa de canções populares que trazia enlevado o auditório, menos os filhinhos da senhora do beija-flor.

Êsses pirralhinhos muito gulosos, aproveitaram-se das distrações gerais e lá se foram à mesa do banquete e comeram toda a sobremesa.

Entretanto, a mamã, que os tinha de ôlho, em lhes dando pela ausência, foi pé ante pé, e os pilhou com o bico na botija.
Severa, impôs-lhes imediato castigo:
— Vão já, imediatamente, corrigir a falta.
Êles saíram como um raio e por isso ainda hoje os vemos, em busca de néctar, rápidos, apressados, na sua eterna correria.

DESCRIÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES

A descrição das numerosas espécies não interessa senão ao ornitólogo para identificá-las.
O povo, em geral, engloba essas avezinhas sob a designação de beija-flores ou colibrís, especificando talvez meia dúzia de espécies com sub-denominações.
Entretanto, tentaremos a difícil tarefa de descrever algumas espécies mais vulgares ou, acaso, dignas de atenção por outros motivós.
O gênero mais rico é o *Phaethornis*, cujas espécies são bem caracterizadas pelo bico comprido e curvo e pela cauda também comprida na qual as retrizes medianas são muito alongadas. Ihering, em seu Catálogo, aponta 13 espécies nesse gênero.

Phaethornis eurynome, beija-flor de rabo branco — As penas do dorso são orladas de amarelo-pardo, sendo de côr escura na cabeça e verde no dorso. A regiãoatrás dos olhos é preta, orlada, quer em cima, quer em baixo, por uma estria amarelenta. O lado inferior é amarelo cinzento, tendo as penas da garganta o centro escuro. As retrizes são verdes na base, pretas no meio e brancas na ponta. O bico é preto, exceto a maxila inferior que é inteiramente amarela.
O comprimento total da ave é 160 mm. e o bico 31. Seu ninho, construído com finas fibras de raízes, tem a forma dum cartucho e quasi sempre é construído na ponta duma folha de palmeira. E' construído de paina branca e envolto em líquenes e musgos, fixado por teias de aranha.
Como emprega também certo líquem na construção do ninho, êsse, com o calor do corpo, acaba por tingir os ovos de vermelho. Como hábito digno de nota deve-se citar o fato de, ao iniciar o voo, soltar um gorgeio bem agudo, que pareceu soar "zo-zi-zo" aos ouvidos de Goeldi.
Essa espécie, muito comum, vive na mata, mas também vai até o descampado e visita os jardins em busca de flores de bromélias, tabaco, etc. Ocorre desde o Rio de Janeiro ao R. G. do Sul.

Ph. pretrei — Assemelha-se à espécie precedente, mas dela se distingue pela cauda, na qual, além das duas retrizes medianas mais compridas, também as que se acham ao lado delas são alongadas.

São, pois, nessa espécie as quatro retrizes munidas de pontas alongadas, estreitas e brancas.

A côr é verde em cima, até o uropígio, que é pardo vermelho. O lado inferior castanho-amarelo. Todas as retrizes têm ponta branca.

Ocorre de S. Paulo, Goiás, Mato Grosso, até Baía.

Eupetomena macroura — E' um dos maiores beija-flores, mede 170 mm. de comprimento.

"A côr é verde dourada nas costas e na barriga, azul na cabeça e no pescoço anterior".

A cauda luzente, azul metálico, abre-se em forquilha como a das andorinhas. Todo o terço anterior do corpo, sob a incidência da luz mostra um brilho violáceo e o resto do corpo é esverdeado, claro ou escuro; a região das pernas brancas. Consta seu ninho de mimosa tijelinha feita de paina e revestida exteriormente de líquenes presos por teia de aranha.

E' espécie muito freqüente em Minas, mas encontra-se em S. Paulo, Rio, Baía, Piauí. Aquí em Minas e S. Paulo costumam a dar-lhe o nome de beija-flor preto.

Popelairea langsdorffi — E' um colibrí verde dourado, com uma faixa transversal branca no uropígio, com penas da cauda alongadas, no macho.

Essa espécie aparece nos arrabaldes do Rio de Janeiro, de setembro a novembro.

E. Snethlage cita. *P. langsdorffi melanosternon* como tendo por pátria o alto Amazonas.

Leucochloris albicollis — E' o mais vulgar dos colibrís, sendo por isso conhecido do povo, que o denomina beija-flor de papo branco. E' na parte superior do corpo dum verde lustroso, ostentando os machos adultos uma mancha grande e branca na região do pescoço e no ventre. Asas e parte superior da cauda anegradas, sendo malhada de branco a parte inferior dessa.

O ninho é sempre localizado nas forquilhas das árvores.

Não aparece muito nos jardins aquí do Rio, mas é comum encontrá-los pelos arredores da cidade.

Topaza pella — Em virtude de duas penas da cauda, tão originais, êsse colibrí, é considerado o gigante do grupo, mede 20 centímetros.

Essas penas têm a forma que se vê no desenho e são pretas. "A parte superior do corpo é de côr parda cobreado, coberteiras da cauda superiores e retrizes médias verdes bronzeadas; retrizes laterais vermelhas, cabeça enegrecida, garganta e coberteiras da cauda inferiores verdes, peito e barriga côr de cobre metálico: A fêmea tem a parte superior verde brilhante e a inferior verde acinzentada.

Fig. 76 — Cauda do beija-flor **Topaza pella.**

E' espécie da região amazônica.

Lophornis magnificus — Como seu nome indica é uma espécie das mais lindas, outrossim, das mais pequenas, pois mede só 75 mm.

As aves deste gênero são todas muito ornamentais.

L. magnificus é realmente belíssimo. O macho, como em geral todos dêste gênero, possue penas alongadas no pescoço, como se vê no desenho; a parte superior do corpo é verde metálico, com uma faixa branca no uropígio e com um topete de penas castanhas. As penas alongadas do pescoço são brancas com a base castanha e ponta verde anegrada. A fêmea não tem topete. Bico avermelhado com ponta preta. Ocorre do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e nos Estados centrais, Minas a Mato Grosso.

Fig. 77 — Cabeça de **Lophornis magnificus**

O ninho é uma tijelinha de lã vegetal, com ligeiros verdes exteriormente. Goeldi, em referência a êsse colibrí, escreveu:

"Tive a felicidade, talvez rara, de presenciar no dia 19 de setembro de 1893, um casal dêste belíssimo beija-flor, ocupado com alegres jogos de voo, em uma mata da serra dos Órgãos. Era de manhã entre 8 a 9 horas, quando descobrí, na meia-luz da vegetação baixa, perseguir o macho a fêmea, que ora fugia com toda velocidade, ora pairava — engraçado brincar conjugal. Diversas vezes vi os dous amorosos pairar, suspensos no espaço

um momento, para dançar verticalmente para cima e para baixo à maneira de certas mosca e enxames de mosquitos. Pude seguí-los talvez uma meia hora, quando me perceberam. Mas, longe de fugir logo, pareciam querer atacar-me e ainda diversas vezes surgiram rente aos meus olhos, com forte zumbido das asas, interrompido por um grito de alarma singularmente agudo, como um "*gr-r*" violentamente expirado."

L. ornatus — Ainda do gênero *Lophornis*, temos no *ornatus* uma belíssima espécie, com seu topete e suas penas em forma de coleira. O topete é da côr da espécie anterior, mas a coleira é constituída por penas que se destacam em forma de raios e de tamanhos diversos, como mostra a gravura junto. E' espécie do Norte e Wied a observou nos sertões da Baía.

Fig. 78 — Cabeça de **Lophornis ornatus**

Calliphlox amethystina — E' vulgarmente chamado beija-flor bezouro. O macho é verde em cima e tem a garganta e o pescoço anterior rubim roxo e peito bruno.

Muito original é que o macho tem a cauda dividida, sendo as retrizes exteriores alongadas, enquanto a fêmea possue cauda simples.

A côr da fêmea é cinzenta no lado inferior, no meio, e castanha nos lados; as retrizes laterais pretas com pontas amarelas. Quando novo, o macho assemelha-se à fêmea. E' um lindo e petulante colibrí muito amigo das flores das laranjeiras.

Espécie de larga distribuïção, encontra-se desde o Rio Grande do Sul à Venezuela.

Discosura longicauda — Muito singular pela sua cauda longa e terminada em duas ventarolinhas, conforme se vê do desenho. E' verde com fita branca no uropígio, peito pintado de branco e preto, laranja pardilho. A cauda mede 53 mm.

Glaucis hirsuta — Verde bronzeado na parte superior do corpo, as retrizes têm pontas esbranquiçadas; as asas enegrecidas, a parte inferior do corpo é ferruginosa, tornando-se acinzentada na barriga, o mento mostra côr quasi negra. O príncipe de Wied representa em uma de suas obras o ninho e assim o descreve: "Encontrei-o preso às folhas de uma árvore, ou melhor preso aos peciolos de três folhas, conjuntamente com o galho.

Construído inteiramente de paina avermelhada, era enfeitado, exteriormente, com escamas de feto, reforçadas por fios e talozinhos. Na sua concavidade pouco funda, existiam dois ovinhos brancos".

Euler julga ser êste minúsculo beija-flor a ave mais pequena do mundo (200).

Fig. 79 — Cauda do beija-flor **Discosura longicauda**, macho.

Entre as espécies mais corriqueiramente encontradas nos mostruários dos vendedores de "la naturaleza" brasileira e mais vulgares como enfeites de chapéus de senhoras, citam-se *Chrysolampis mosquitus* e *Melanotrochilus fusco.*

C. mosquitus é de tamanho médio, e possue côr de rubim flamejante no vértice e nuca, sendo o peito amarelo dourado. A cabeça alonga-se tomando o formato muito característico de cunha. Bico curto e fino.

O seu ninho, à maneira de uma taça, acha-se magistralmente pintado na obra de Gould. Habita Goiás, Mato-Grosso, Minas, Pernambuco, Baía, Pará, Guiana e Venezuela.

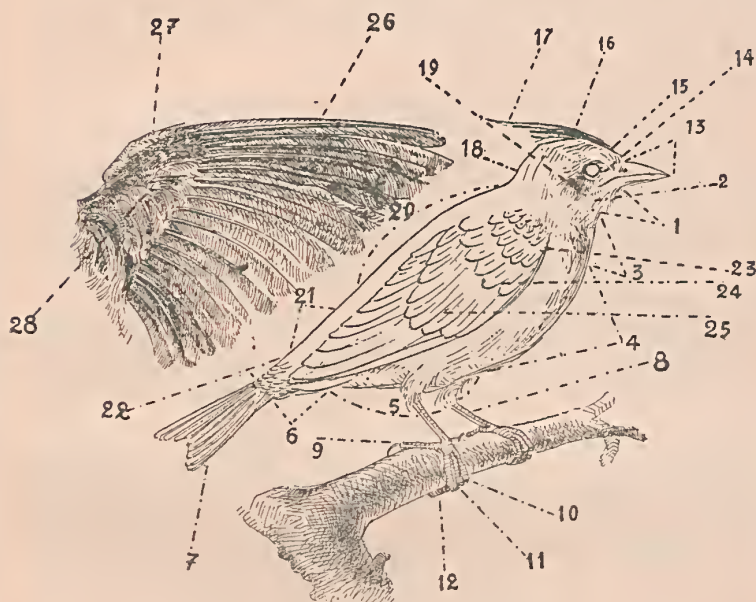
Fig. 80 — Cabeça de **Chrysolampis mosquitus**, macho.

M. fusco é uniformemente negro e de tamanho grande. O príncipe de Wied pintou-lhe o ninho, feito de lã vegetal vermelho-amarelada.

Seria alongar demasiado êsse trabalho descrever tantas outras espécies de beija-flores que vivem entre nós ou que nos visitam em certos períodos do ano.

---

(200) Vem a propósito lembrar que os vertebrados menores são os peixes conhecidos por barrigudinhos (**Poecilia** sp.) e o menor de todos, seg. A. DE MIRANDA RIBEIRO, um diminuto batráquio (**Brachycephalum ephippium**) que habita as bromélias da mata virgem e que mede pouco mais de um centímetro.

Nomenclatura das partes principais do corpo de uma ave

1, *Garganta*, nesta região, bem abaixo do bico, encontra-se o mento. Toda a região da garganta é também chamada pescoço anterior superior; — 2, *Sub-maxilar* (linha); 3 — *Pescoço* anterior inferior; — 4, *Peito;* — 5, *Abdómen* ou ventre; — 6, *Tetrizes*, ou coberteiras caudais inferiores. A região inferior, dessa parte, chama-se crisso; — 7, *Retrizes* ou timoneiras (penas da cauda); — 8, *Tarso metatarso* (os avicultores chamam canela); — 9, *Dedo posterior*, ou primeiro dedo, hálux; 10 *Dedo interno*, ou segundo dedo; — 11, *Dedo médio* ou terceiro dedo; — 12, *Dedo externo*, ou quarto dedo; — 13, *Mandíbula* superior, ou maxila propriamente dita, cuja parte mais alta é chamada cume. — A reunião das man-

díbulas, superior e inferior, é que forma o bico; — 14, *Loro ou freio*, região entre o olho e o bico; — 15, *Fronte;* — 16, *Poupa* (por vezes ausente); — 17, *Flecha;* — 18, *Pescoço posterior*, no qual se encontra a nuca e após o occipício, e mais acima fica a cabeça, e no alto desta, o vértice; — 19, *Ouvido*, ou região auricular; — 20, *Dorso*, que se pode dividir em superior e inferior; — 21, *Uropígio* ou rabadilha; — 22, *Tetrizes* ou coberteiras caudais superiores; — 23, *Tetrizes* ou coberteiras menores da asa; — 24, *Tetrizes* ou coberteiras medianas das asas; — 25, *Tetrizes* ou coberteiras maiores da asa; — 26, *Rêmiges*, remígios ou remeiras; as penas rêmiges implantam-se na mão (rêmiges primárias) ou no braço (rêmiges secundárias); — 27, *Encontro;* — 28, *Tetrizes* ou coberteiras interiores da asa.

Para estudo das aves podemos dividir-lhes o corpo da seguinte maneira:

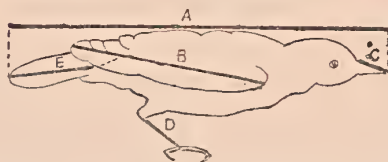
a) *Parte superior do corpo* — Aí estão compreendidas: alto da cabeça, nuca, dorso, uropígio, coberteiras superiores da cauda e retrizes.

b) *Parte inferior do corpo* — Nela estão localizadas: mento, garganta, peito, barriga, crisso, coberteiras inferiores da cauda e flancos.

c) *Asas* — As asas são compostas com as penas da mão e do braço (respectivamente rêmiges primárias e secundárias) e as que cobrem essas (coberteiras ou tetrizes) e o encontro.

d) *Cabeça* — Nessa região encontram-se as mandíbulas, superior (maxila) e inferior as quais formam o bico; cume, gonis, ventas ou narinas, fronte, vértice, occipício, freio, região auricular, faces.

Em certas aves nota-se um recorte na mandíbula superior, ao qual denominam dente, como nos gaviões e ainda nessas aves e em algumas outras, a base do bico é recoberta com uma membrana a que chamam cera, ou ceroma.

e) *Pernas* — Divide-se a perna em: coxa, tarso, dedos, unhas.

Como se mede uma ave. — **A**, comprimento total; **B**, comprimento da asa; **C**, comprimento do bico; **D**, comprimento do tarso; **E**, comprimento da cauda. (Seg. Bourbier).

BIBLIOGRAFIA

(OBRAS CONSULTADAS)

Nacionais

I

AMARAL, Afrânio do — Maximiliano, principe de Wied. — Bol. do Mus. Nac. — Vol. VII — N.° 3 — 1931.

BOWLES, J. Hooper — "Hábitos de nidificação do curiango de Tacoma — Est. de Washington — Rev. Mus. Paulista — T. XVIII — 1934, pag. 347.

CARDIM, Fernão — "Tratados da Terra e Gente do Brasil" — Introduções e Notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. — Rio, J. Leite & Comp., 1925.

CATÁLOGO DA SECÇÃO DE ZOOLOGIA AGRÍCOLA — Organizado pela Soc. Nac. de Agricultura.

CHILDE, A. — "O *ex-libris* do Museu Nacional". — Bol. do Museu Nacional — Vol. II — Março, 1926 — pag. 91.

COSTA, J. Wilson da — "Os pequenos amigos da agricultura" — S. Paulo, 1914.

COSTA, J. Wilson da — "As pombas de arribação do nordeste" — Ch. e Quintais, Abril de 1914 e Agosto de 1934.

EULER, Carlos — "Descrição dos ninhos e ovos das aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista. Vol. IV — 1900 — pags. 9-148.

FONSECA, José Pinto da — "Notas biológicas sôbre o *Bucco chacuru* (João bobo)". Rev. Mus. Paulista — Vol. XIII — pags. 795-797.

FONSECA, José Pinto da — "Novas notas biológicas sôbre saci (*Tapera naevia* L)". Rev. Mus. Paulista — Vol. XIII — pags. 785-787.

FONSECA, José Pinto da — "Ligeiras notas sôbre a biologia do urubú caçador (*Cathartes aura*)" — Rev. Mus. Paulista. Vol. XIII, pags. 781-783.

FONSECA, José Pinto da — "Notas biológicas sôbre aves brasileiras", — Rev. Mus. Paulista. Vol. XIII — (Saí, Urubú, Saci, Sabiá-una, João Bobo).

GARCIA, Rodolpho — "Nomes de aves em língua tupí" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. V, N.° 3 — 1929.

GLIESCH, Rudolf — "A Fauna de Torres" — Egatea N.° 6 — 1924 e 1, 2, 3, 4, 5 e 6 — 1925.

GLIESCH, Rudolf — "Lista das aves coligidas e observadas no Est. do R. Grande do Sul. Egatea — Vol. XV, N.° 5 — 1930.

GLIESCH, Rudolf — "Animais úteis ao homem" — Egatea N.° 3 — 1933.

GOELDI, E. A. — "A lenda amazônica do cauré" — Bol. do Mus. Paraense, n. 4, Vol. II, 1898, pag. 430.

GOELDI, E. A. — "As aves do Brasil" — Rio, 1894 — Vol. I e Vol. II em 1900.

GOELDI, E. A. — "Album das aves amazônicas" — Zurich, 1900-1906.

GOELDI, E. A. — "Destruïção das garças e guarás" — Representação dirigida ao governador do Pará. Tráz um apêndice sôbre a criação das garças. Bol. do Museu Goeldi.

GUIMARÃES Junior, Antonio Caetano — "Ensaios sôbre ornitologia" (2.ª contribuïção). — Rev. do Mus. Paulista, — Vol. XVI — 1929.

GUIMARÃES Sob., José Caetano — "Notas sôbre os ovos de *Piaya cayana*" — Rev. do Mus. Paulista — Vol. XVII — 2.ª parte, 1932 — pag. 507.

GUIMARÃES Sob., José Caetano — "Notas ornitológicas" — Rev. do Mus. Paulista, Vol. XVII — 2.ª parte, pag. 915.

IHERING, H. von — "Catálogo crítico comprativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil" — Rev. do Mus. Paulista. — Vol. IV, pags. 191-300 — 1900.

IHERING, H. von — "As aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista, 1907 — Vol. I, dos Catálogos da Fauna Brasileira, com a colaboração de R. von Ihering.

IHERING, H. von — "Necessidade de uma lei federal de caça e proteção das aves". Rev. Mus. Paulista — Vol. V, 1902 — pags. 238-260.

IHERING, H. von — "Contribuïção para o conhecimento da ornitologia de S. Paulo, 1902 — Rev. Mus. Paulista — Vol. V — pags. 261-329.

IHERING, H. von — "As aves do Estado do Rio Grande do Sul" — An. do Est. do Rio G. do Sul — 1900.

IHERING, H. von — "Aves observadas em Cantagalo e Nova Friburgo" — Rev. Mus. Paulista — N.° 4 — 1900 — pags. 149-164.

IHERING, H. von — "Novas contribuïções para a ornitologia do Brasil" — Rev. Mus. Paulista — Vol. IX — pags. 411-448.

IHERING, H. von — "Proteção às aves" — Rev. Mus. Paulista — Vol. IX — Pags. 316-332.

IHERING, H. von — "As aves do Estado de S. Paulo" — Rev. Mus. Paulista — Vol. III — pags. 113-476 — 1899.

IHERING, R. von — "O Livrinho das Aves" — S. Paulo, 1914.

IHERING, R. von — "Utilidade das nossas aves, como protegê-las". Rev. da Industria Animal — Maio — 1930.

IHERING, R. von — "Contos de um naturalista" — S. Paulo, 1924.

IHERING, R. von — "Da vida dos nossos animais" — S. Leopoldo, 1934.

IHERING, R. von — "Aves indígenas que merecem ser domesticadas". Ch. e Quintais — Fev. 1935. Já havia anteriormente tratado do assunto no Almanaque Agrícola Brasileiro — 1913.

IHERING, R. von — "Dicionário dos Animais do Brasil" — Bol. de Agric. de São Paulo — 1931-1936.

Anteriormente o autor havia publicado um ensaio desta obra, no Alm. Agr. Brasileiro — 1914.

Neste mesmo Almanaque em 1915, aduziu acréscimos ao mesmo tempo que J. W da Costa fazia algumas considerações sôbre o Dicionário anteriormente publicado. Oscar Monte em 1926 trouxe uma larga cópia de acréscimos.

LE COINT, Paul — "Oiseaux" — Amazonie Brasilienne — Vol. II — pag. 304.

LEITÃO, C. Mello — "Compendio de Zoologia" — Rio, 1924.

LIMA, José Leonardo de — "Observações feitas a propósito de um bando de curiangos" — (*Chordeiles virg. virginianus*). Rev. Mus. Paulista — T. VIII — 1934 — pag. 343.

LIMA, João Bernardo — "Aves coligidas no Est. de S. Paulo, Mato Grosso e Baía, com algumas formas novas" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XII — 1920 — pags. 93-106.

LOBO, Bruno — "Ilha da Trindade" (Conf.) Arq. do Mus. Nacional — Vol. XXII — 1919.

LUEDERWALDT, H. e Fonseca, J. Pinto da — "A ilha dos Alcatrazes" — Rev. Mus. Paulista — Tomo XIII.

MAIA, E. J. da Silva — "Duas novas espécies de beija-flores" — "Minerva Brasiliense" — 1.° de Novembro de 1843.
Foi reeditada, em adendo, na obra de H. von Ihering e R. von Ihering. "As aves do Brasil" — Vol. I, dos "Catálogos da Fauna Brasileira" — S. Paulo — 1907.

MONTE, Oscar — "Dicionário da Fauna Brasileira" — Acréscimo ao trabalho do Dr. R. von Ihering — publicado no Alm. Agr. Brasileiro de 1914 — Alm. Agr. Brasileiro — 1926.

NEIVA, Arthur — "Esboço histórico sôbre a botânica e zoologia no Brasil" — São Paulo, 1929.

OLIVEIRA, Carlos Estevão — "Os apinagés do alto Tocantins" — Costumes, crenças, artes, lendas, contos, vocabulário — Bol. do Mus. Nacional — junho, 1930 — Vol. VI — N.° 2.

ORICO, Oswaldo — "Vocabulário de crendices amazônicas" — Rio, 1937.

PINTO, Oliverio M. de O. — "Aves da Baía" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XIX — 1935, pags. 1-325.

PINTO, Oliverio M. de O. — "Resultados ornitológicos de uma excursão pelo oeste de S. Paulo e Sul de Mato Grosso" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XVII (2.ª parte) 1932 — pag. 689.

PINTO Oliverio M. de O. — "Notas de ornitologia amazônica" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XX — pag. 229.
PINTO, Oliverio M. de O. — "Contribuïção à ornitologia de Goiás" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XX — 1936.
R. Y. (R. Ihering) — "Pombas Brasileiras domesticadas" — Ch. e Quintais — Nov. 1929 — pag. 497.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Contribuïção para a ecologia e morfologia da ornis brasileira — Distinção entre o macho e a fêmea do urubú-rei. (*Gypagus papa* L) Rev. Soc. Bras. de Ciências, N.° 2 — 1918.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "A fauna vertebrada da ilha da Trindade" — Arq. Mus Nac. — Vol. XXII — 1919.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Nota apresentada à Soc. Bras. de Ciências em 8-7-1918. Sôbre a incubação do urubú-rei" — Rev. Soc. Bras. de Ciências, N.° 3 — 1919.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "A origem das aves" — "Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro" — Ano III — 1919, pag. 214.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Revisão dos psitacídeos brasileiros" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XII — 1920 — pags. 3-82.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Esboço geral da fauna do Brasil" — In. Recenseamento do Brasil — Vol. I — Rio 1922 pags. 233-375.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Notas ornitológicas" — Bol. Mus. Nac. — Vol. III — N.° 2 — 1927.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Notas ornitológicas" — Sôbre a ecologia dos Podicepidídeos — Mus. Nac. — Vol. III — N.° 3 — pag. 57 — 1927.
RIBEIRO, Alipio Miranda — "Notas ornitológicas" — Documentos para a história das coleções de aves do Mus. Nac. do Rio de Janeiro — Bol. do Museu Nacional — Vol. IV — N.° 3 — 1928.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Notas ornitologicas" (VII) "Os albatrozes da costa brasileira" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. IV — N.° 4 — 1928.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Notas ornitológicas" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. V — N.° 1, 1929.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Notas orinitológicas" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. VI — N.° 1, 1930.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "On some foetal and post — foetal characteres of mammals and birds; concerning scales, hairs and feathers" (From the Proceedings os the Zoological Society of London, 1935) Pub. em Jan., 1936.
Saiu um resumo nos Anais da Ac. Bras. de Ciências — Tomo VII — N.° 3 — 1935.
RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Lista das peles de aves trazidas pelo Gel. Rondon de sua inspeção de fronteiras em 1927" — Bol. do Mus. Nacional.

RIBEIRO, Alipio de Miranda — "Considerações preliminares sôbre Zoogeografia brasilica" — "O Campo" — Dezembro de 1937.

RIBEIRO, Alipio de Miranda — "A Seriema" — S. Paulo, 1937 — Separata da Rev. do Museu Paulista, Tomo XXIII.

RIBEIRO, Paulo de Miranda — "Da nidificação de *Chaetura cinereiventris*". Bol. do Mus. Nac. — Vol. V — N.° 4 — Dezembro, 1929.

RIBEIRO, Paulo de Miranda — "Barra do Paraopeba". Bol. do Mus. Nac. — Vol. VII — N.° 2 — 1931.
(Observações sôbre ninhos, etc.).

ROCHA, Francisco Franco da — "O extermínio da nossa avifauna" — Rev. Mus. Paulista — Vol. XVII — (2.ª parte) 1932 — pag. 931.

SANTOS, Eurico — "Dicionário de Avicultura e Ornitologia" — Rio, 1935-1938.

SANTOS, Felicio dos — "Aves úteis à lavoura" — Alm. Agric. Bras. — 1915.

SEQUEIRA, Oswaldo — "O pato selvagem sul-americano" — Ch. e Quintais — Setembro, 1929 — pag. 260.

SEQUEIRA, Oswaldo — "O gavião é o maior destruidor de pombos" — Ch. e Quintais — maio, 1933.

SCHIRCH, Paulo F. — "Observações sôbre a nidificação de algumas aves no Brasil". Bol. Mus. Nac. — Vol. IV — N.° 4 — 1928.

SCHWEIGER, E. — "Sôbre acomodação das flores à polinização por colibrís". Egatea, IX — Pag. 439 — 1924.

SILVA, Henrique — "Caça no Brasil Central" — Ed. Domingos Magalhães. Rio, s/d. 1898.

SILVA, Henrique — "Caças e Caçadas no Brasil" — Garnier editor — Rio s/d.
E' uma segunda edição da obra "Caça no Brasil Central", um pouco ampliada e ilustrada.

SILVA, Henrique — "Domesticação das pombas brasileiras" — Alm. Agr. Brasileiro — 1920 — pag. 297 — e Ch. e Quintais — Nov. 1929, pag. 497.

SNETHLAGE, Emilia — "Catálogo das aves amazônicas". Pará, 1914. Pub. do Mus. Goeldi.

SNETHLAGE (Emilia) — "Resumo dos trabalhos executados na Europa de 1924-1925, em museus de História Natural" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. II — N.° 6 — 1926.

SNETHLAGE, Emilia — "Informações sôbre avifauna do Maranhão" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. I — Tomo 6 — 1924.

SNETHLAGE, Emilia — "Novas espécies de aves do N. E. do Brasil — Bol. do Mus. Nac. — Vol. II — N.° 6 — 1926.

SNETHLAGE, Emilia — "Novas espécies e sub-espécies de aves do Brasil Central" — Bol. do Mus. Nac. — Vol. VI — N.° 1 — 1930.

STEGMANN, B. K. (Trad. de A. Childe). — "Relações mútuas dos *falconinae* da América Meridional e Nova Zelândia". Bol. do Mus. Nac. — Vol. X — 1934.

TAUNAY, Affonso de E. — "Zoologia Fantástica do Brasil" — S. Paulo — 1934.

TAUNAY, Affonso de E. — "Ernesto Garbe" — Rev. do Mus. Paulista — Vol. XIV — pags. 676-681.

TESCHAUER, Carlos — Algumas notas sôbre etnologia e folclore na flora e avifauna do Brasil". Arq. do Mus. Nac. — Vol. XII — 1919.

TESCHAUER, C. — "Avifauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas" — 3.ª ed., Porto Alegre — 1925.

TESCHAUER, P. C. — "Porque devemos proteger o beija-flor". — Alm. Agr. Bras. — 1927.

VELHO (Pedro Pinto Peixoto) — "Descrição de alguns ovos de aves do Brásil existentes nas coleções do Mus. Nacional" — Bol. do Mus. Nacional — Vol. VIII — 1932.

VIEIRA, Carlos O. C. — "Nomes vulgares das aves do Brasil" — Rev. do Mus. Paulista — Vol. XX — pag. 437.

Outras obras consultadas acham-se citadas no texto.

II

Estrangeiras

ALVAREZ, Teodoro — "Exterior y biologia de las aves uruguayas". Rev. de la Asociación Rural del Uruguay — Ano LXI — N.º 7 — Julho, 1934 — Montevidéo.

BERLIOZ, J. — "La Vie des Oiseaux" — Paris, 1931.

BOURBIER, Maurice — "L'Oiseaux et son milieu" — Paris, 1922.

BOURBIER, M. — "Les Oiseaux — L'Ornithologie et ses bases scientifiques" — Paris — 1926.

BOURBIER, Maurice — "L'Evolution de l'Ornitologie" — Nouvelle edition — Paris — 1932.

CHAPMAN, F. M. — "The distribuition of Bird, life in Colombia, a Contribution to a Biological Survey of South America. Bull. of. The American Museu of. Nat. History — Vol. XXXVI — 1917.

CATHELIN, F. — "Le nid de l'oiseau" — Paris, 1924.

DARWIN, Carlos — "L'Origine des Espèces". Trad. de Ed. Barbier — Paris. s/d.

DARWIN, Carlos — "Viagem de um naturalista ao redor do mundo" — Rio, 1937.

DANLIARD, Lacroix — "Le Plume des Oiseaux" — Paris, 1891.

DELAMIN, J. — "Pourquoi les oiseaux chantent" — Paris, 1928.

FIGUIER, Louis — "Les Oiseaux" — Paris, 1876.

HARTERT, Ernst — "Trochilidae" — Berlim, 1900.

LIEBERMANN, Jose — "Breve ensayo sobre la historia de la proteccion a la naturaleza en la Republica Argentina".
Bol. del Ministerio de Agricultura de la Nacion — Jan. a Dezembro — 1935.

LIEBERMANN, Jose — "Monografia de las tinamiformes argentinas y el problema de su domesticacion". — Buenos Aires — 1936.

MOREAU, Henri — "L'Amateur d'oiseaux de volière" — Paris, 1914.

MICHELET, J. — "L'Oiseau" 11.ª édition — Paris, 1874.

OLIVEIRA, M. Paulino D' — "Aves da Península Ibérica" — 3.ª ed., Coimbra — 1930.

PERRIER, Remy — "Cours Elémentaire de Zoologie" — 5.ª ed., Paris, 1912.

SEQUEIRA, Eduardo — "Ninhos e Ovos" — Porto, 1888.

SHUFELDT, R. W. — "Birds of Brazil" — Bull. of the Pan American Union — Agosto de 1919 — pags. 159-176.

SOLER, Frank L. "Fauna y Despoblacion faunistica" (Conferência) "Servir" — Jan., 1936 — Ano I — N.º 1 — Buenos Aires.

Índice alfabético dos nomes científicos [1]

A

---

(1) — Quando já estava impressa a metade desta obra, é que apareceu a lume o "Catálogo das Aves do Brasil", de Olivério Pinto.

Não era mais possível adotar a modernização da nomenclatura científica ali exposta.

O presente índice veio ainda a tempo de permitir as retificações. Aqui encontrará o leitor as determinações científicas constantes do livro e junto as modificações necessárias, segundo aquele trabalho recente do prof. Olivério Pinto.

B

C

(1) — B. chilensis cayennensis é sub-espécie que ocorre no Amazona e Pará.

(1) — Segundo Olivério, Ch. americana americana ocorre da Baia para o norte, a espécie do sul é Ch. am. mathewsi.

D

E

F

G

H

---

(1) — A espécie que ocorre no sul e oeste (Rio G. do Sul e Mato Grosso é Hydropsalis furcifera.).

I

L

M

N

O

P

(1) — A sub-espécie aqui do sul é N. albicolis derbyanus (Brasil central e meridional, Mato Grosso, Gias, oeste de Minas — S. Paulo, Paraná e R. G. do Sul.)

(1) — Esta é a maitaca do Nordeste, a do sul é P. m. siy.

R

S

---

(1) — R. osculans é sinonimo de R. v. culminatus, ficando assim reduzida a oito as espécies do gênero Ramphastos, seg. cat. Olivério Pinto.

(2) — Segundo o "Catálogo das Aves do Brasil", de Olivério Pinto, ocorrem no Brasil, três espécies de emas, **Rhea americana americana,** no Nordeste do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Pernambuco, e norte da Baía); **Rhea americana** intermedia, no Uruguai, Brasil central e meridional (Goias, Mato-Grosso, Minas Gerais, S. Paulo, R. G. do Sul) e **Rhea americana albescens,** na Rep. Argentina (até a Patagônia) da Bolivia e região adjacente do Brasil; sudoeste de Mato Grosso.

(3) — A sub-espécie a que se refere o texto não é **nattereri** e sim **magniplumis...**

Indice alfabético dos nomes populares

A

I

J

M

N

P

Q

R

S

T

U

V

INDICE GERAL